Home is where the heart is.

ONLY and Forever



A Bergman Brothers Novel

CHLOE LIESE

USA TODAY Bestselling Author of TWO WRONGS MAKE A RIGHT



Atenção!

Nosso grupo traduz voluntariamente livros sem previsão de lançamento no Brasil com o intuito de levar reconhecimento às obras para que futuramente sejam publicadas. Nós não aceita doações de nenhum tipo e proíbe que suas traduções sejam vendidas. Também deixamos claro que, caso os livros sejam comprados por editoras no Brasil, retiraremos de todos os nossos canais e proibiremos a circulação através de gds e grupos, descumprindo, bloquearemos o responsável. Nosso intuito é que os livros sejam reconhecidos no Brasil e fazer com que leitores que nunca comprariam as obras em inglês passem a conhecer.

Nunca diga que leu o livro em português, alguns autores (e eles estão certos) não entendem o motivo de fazermos isso e o grupo pode ser prejudicado. Não distribua os livros em grupos abertos ou blogs. Além disso, nós do grupo sempre procuramos adquirir as obras dos autores que traduzimos e também reforçamos a importância de apoiá-los, se você tem condições, por favor adquira as obras também.

Todos os créditos aos autores e editoras.

PROIBIDO A DIVULGAÇÃO DOS LIVROS TRADUZIDOS EM REDES SOCIAIS!

Aviso de Conteúdo
cedido pelo gt

Tropes do livro:

- cegos ao amor
- raio de sol x ranzinza
- leve rivais para amantes
- proximidade forçada
- segunda chance

GATILHOS: o livro trata de temas como relações familiares tóxicas, abandono emocional, baixa autoestima, crises profissionais, pressão editorial e criativa, e rompimentos difíceis. Há também menção a uso de pseudônimo, exclusão social, distanciamento emocional, e vulnerabilidade diante do fracasso pessoal e cenas sexuais explícitas.

REPRESENTATIVIDADE: a obra traz uma protagonista com TDAH, retratada com sensibilidade e nuances realistas, e um interesse romântico com diabetes tipo 1, além de diversos personagens com identidades diversas. A autora é neurodivergente e deixa claro o compromisso com representações positivas e respeitosas dessas condições. A história também apresenta relacionamentos sáficos (Charlie e Gigi) e um ambiente familiar inclusivo e caloroso.

Classificação indicativa do livro: +18

Conteúdo

Dedicatória
Querido(a) Leitor(a)
Epígrafe

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Epílogo

Agradecimentos
Sobre a autora

Para aqueles que ainda esperam e sonham com o
seu final feliz, e para aqueles que temem nunca
encontrá-lo:
Tem alguém por aí, esperando e sonhando também, que vai amar cada
pedacinho milagroso e maravilhoso de você. Eu prometo.

Querido(a) Leitor(a),

Esta história traz personagens com realidades humanas que, na minha visão, merecem ter mais destaque nos romances por meio de uma representação positiva e autêntica. Como uma pessoa neurodivergente que vive com condições crônicas, sou apaixonada por escrever romances acolhedores que afirmem minha crença de que *todes nós somos dignes e capazes de viver um "felizes para sempre"*, se é isso que o nosso coração deseja.

Especificamente, esta história retrata uma protagonista neurodivergente (TDAH) e um personagem que vive com diabetes tipo 1. Nenhuma experiência com qualquer condição ou diagnóstico será igual à outra, mas, a partir da minha vivência e da leitura sensível feita por leitores com conhecimento de causa, me esforcei para criar personagens que respeitem as nuances dessas identidades. É importante mencionar também que a história aborda o tema de relações familiares tóxicas.

Se algum desses assuntos for sensível para você, espero que encontre conforto em saber que, nesta narrativa, relações amorosas, saudáveis e afirmativas – com os outros e com nós mesmos – são celebradas.

Com carinho,
Chloe

Nós somos, sem dúvida, um milagre em todos os sentidos.

– *Jane Austen*, *Mansfield Park*

UM

Viggo

Playlist: “Everybody’s Lonely,” Jukebox The Ghost

Se tem uma coisa que você precisa saber sobre mim, é que eu amo finais felizes. Daqueles que fazem o estômago virar, que disparam serotonina, deixam você sem fôlego, eufórico, tudo embrulhado num laço bonito. A última página de um romance, enquanto meus olhos dançam sobre o *Fim*. A vista da praia ao pôr do sol, os dedos dos pés enterrados na areia, observando a luz dourada se derramar sobre as ondas azuladas, o grand finale de um dia perfeito na praia. A primeira mordida numa sobremesa caseira, finalmente acertada depois de mil ajustes na receita. E, claro, acima de tudo, minha família, lado a lado com seus finais felizes, espremidos ao redor da nossa longa mesa de madeira gasta, na nossa casa longe de casa, enfiada entre as árvores do estado de Washington, o chalé em formato de A.

Meus olhos passeiam pelo cômodo, o som das vozes animadas e das risadas adoçando o amargo do momento. Estou cercado de finais felizes – meus seis irmãos, seus parceiros, seus filhos, meus pais, ainda tão apaixonados – e, considerando meu amor por finais felizes, eu também devia estar completamente satisfeito.

Mas eu não estou.

Porque eu ainda estou esperando pelo meu final feliz. Ironia das ironias, sal na ferida, diferente desses sortudos, que, de seis formas diferentes, tropeçaram e caíram – chutando e esperneando – nos braços de

suas almas gêmeas, eu estou procurando pela minha. E sou o único que ainda não a encontrou.

— Viggo! — chama Ziggy, minha irmã caçula, a mais nova da ninhada Bergman, lá do outro lado da mesa, com aquele sorrisão, as sardas, os olhos verdes brilhantes, jogando a trança ruiva por cima do ombro. — Scrabble não precisa ser levado tão a sério. Joga logo.

Desperto do meu devaneio e olho para o tabuleiro, puxando o boné mais para baixo para esconder os olhos. Não gosto de ser pego em pensamentos melancólicos.

— "Scrabble não precisa ser levado tão a sério." — O namorado da Ziggy, Seb, vira a cabeça na direção dela. — Você realmente disse isso? A mesma mulher que me deu um soco na coxa porque usei a letra U e atrapalhei os planos dela com o Q?

Ziggy fica vermelha na hora, estreitando os olhos para ele.

— Isso é diferente.

Ele morde a língua, se divertindo.

— Diferente como, Sigrid?

Ainda não acredito que ela deixa alguém chamá-la pelo nome completo. Mas, bem, se alguém pode fazer isso, é o Seb.

— Você — ela diz, despreocupada, pegando uma bolacha do prato de petiscos — olhou as minhas peças. Você trapaceou.

Seb sorri.

— Agora, por que eu faria isso?

— Porque você vive para me provocar e sofrer as consequências.

Ele suspira, como num sonho.

— E que consequências gloriosas.

— Urgh — resmungo. — Chega das insinuações… Ah, mas peraí. — A inspiração bate, e eu me inclino para frente, soletrando *entendre* no

tabuleiro.

Todos ao redor da mesa gemem.

— Com aquele quadrado de palavra dupla — digo para minha irmã —, eu fico com dezoito pontos.

Ziggy resmunga enquanto anota a pontuação. Seb aproveita para sussurrar algo no ouvido dela, que a faz sorrir.

Desvio o olhar e tento não voltar para o meu buraco mental, mas está difícil. Mamãe se aninha no braço de papai, a mão dela repousando sobre a dele, enquanto conversam com meus irmãos mais velhos e seus parceiros – minha irmã mais velha, Freya, ao lado do marido, Aiden; meu irmão mais velho, Axel, nascido logo depois da Freya, com a esposa, Rooney, de mãos dadas sobre a mesa, tão à vontade, inclinados um para o outro, conversando e se tocando. Meus olhos seguem pela mesa até Ren, nascido depois de Axel, com o braço ao redor da esposa, Frankie, que está com as mãos repousando sobre a barriga bem grávida, enquanto manda alguma piada seca. Willa, esposa de Ryder – que nasceu depois de Ren e antes de mim –, solta uma gargalhada alta. Ryder sorri para ela, o braço estendido sobre o encosto da cadeira dela, enrolando devagar uma mecha do cabelo da esposa entre os dedos.

Tanto carinho. Tanta leveza. Tanto romance. Meu peito aperta. Uma dor aguda e azeda se instala debaixo das costelas.

Um dedão cutuca meu pé debaixo da mesa. Levanto o olhar e dou de cara com meu irmão Oliver, só um ano mais novo que eu, e tão próximo emocionalmente que a gente sempre funcionou como gêmeos. Exceto que agora ele tem o alguém dele – Gavin, que está encostado no ombro de Ollie, com nossa sobrinha Linnea sentada no colo, os dois desenhando juntos, as cabeças escuras inclinadas sobre a folha.

Os olhos dele, azul-cinza como os meus, como os da mamãe, de Freya e de Ren, se prendem aos meus. “Você está bem?”, ele articula com os lábios.

Engulo em seco e forço um sorriso. “Tô bem.”

Ele franze a testa – o que é raro, considerando como ele vive sorrindo. Mas ele sabe – sempre soube – quando eu estou mal. E quando percebe isso, Ollie faz de tudo para tentar melhorar. Só que essa é uma daquelas coisas que ele não pode consertar.

Oliver continua me encarando, a expressão preocupada. Não comprou nem um pouco meu “tô bem”. O que significa que está na hora de mudar de assunto, antes que ele resolva, teimosamente, cavar fundo até descobrir o que está acontecendo. Aponto com o queixo para o tabuleiro.

— Sua vez, Ollie.

Ele suspira, balança a cabeça e, por ora, deixa para lá, olhando para o jogo. Um sorriso travesso se forma quando ele pega a primeira peça e a posiciona ao lado do *e* no final de *entendre*.

Peça por peça, ele forma uma palavra que me dá uma sensação horrível no estômago. *E-S-C-O-N-D-I-D-O*.

Meu irmão coloca o último “o” com um estalo satisfeito. Se recosta, sorrindo com malícia, e diz:

— Escondido.

Lanço um olhar fulminante.

— Sim, obrigado. Eu sei soletrar.

— Não pode usar nomes próprios! — grita Seb.

— Pode sim — respondemos eu e Oliver ao mesmo tempo, nos encarando.

— Nem usar mais de sete peças — Seb continua. Franze a testa. — Como você conseguiu tantas peças?

— Você pode pegar uma peça extra por rodada quando puxa do saquinho — Oliver explica, ainda me encarando —, a menos que alguém perceba, aí tem que devolver.

— Regras dos Bergman — Ziggy comenta.

Gavin resmunga:

— É um *caos*.

O sorriso de Oliver se amplia.

— Mas é um caos muito divertido.

Encaro meu irmão. Ele está fazendo isso de propósito, me provocando. Como eu disse para ele na faculdade, logo depois de um coração partido: é melhor ficar com raiva do que triste. Oliver está indo nessa linha, cutucando o assunto Escondido.

Embora minhas idas de Los Angeles até Escondido não sejam segredo, o motivo delas é. E isso, vindo de mim, é um milagre – sou péssimo em guardar segredos, e minha família é tão unida e falante que manter algo escondido é praticamente impossível. Mas esse segredo... esse é o único pedaço da minha vida que mantive só para mim, porque me sinto vulnerável demais com ele – é o maior risco que já corri, o maior sonho que já me permiti nutrir e tentar realizar, o que nunca foi meu forte. Meu cérebro com TDAH adora novidades – novas ideias, novos projetos, novas habilidades. Muita coisa me dá alegria. Nunca entendi porquê teria que escolher só algumas.

Mas esse plano, essa esperança, e o que ela pode se tornar... me dão uma alegria diferente de tudo que já experimentei. Então, passo a passo, tenho tentado fazer disso realidade.

— Escondido? — pergunta Linnea, filha de Freya e de Aiden, quatro anos e meio, afiada como uma navalha e super observadora. Ela levanta a cabeça, os cabelos ondulados herdados do pai, todos desgrenhados de correr

o dia inteiro. — Mamãe diz que se ganhasse uma moeda cada vez que o tio Viggo dirige até Escondido, ela ia…

Freya salta da cadeira e pega Linnea do colo de Gavin.

— Hora do banho para você!

Aiden segura o riso enquanto entrega Theo, nosso sobrinho de um ano, para mamãe, que o recebe fazendo cócegas na barriga. Ele ri alto.

— Eu te avisei que ela estava ouvindo — Aiden comenta.

— Ela — diz Freya, fazendo cócegas em Linnea, que cai na gargalhada — devia estar dormindo quando tivemos essa conversa.

— Mas espionar você é muito mais legal! — grita Linnie.

Freya suspira e a ajeita no colo antes de subir as escadas.

— Você, mocinha, é uma encrenqueira.

A risada de Linnie ecoa pelo andar de cima.

— Já que estamos falando de Escondido, e com toda a família prestando atenção — diz Oliver, apoiando os cotovelos na mesa —, quer contar para gente por que anda queimando duas horas de gasolina para ir até lá com tanta frequência, Viggo?

— Até dois meses atrás — emenda Ziggy.

Pisco para ela, surpreso.

— O quê? — pergunta ela.

— Como você sabe onde e quando eu fui?

Ollie revira os olhos.

— V, a gente tem rastreamento mútuo dos celulares, lembra?

— Para minha tristeza eterna — resmunga Gavin.

Mando um beijo para Gavin. Ele me mostra o dedo do meio, aproveitando que Linnie já saiu de cena.

Seb dá uma gargalhada. Eu fuzilo ele com o olhar, depois viro minha raiva para Oliver.

— Ollie, a gente tem rastreamento, mas desde quando você compartilha essa informação ultra confidencial com os irmãos?

— Desde que a Ziggy queria saber onde você estava e por que estava demorando tanto para entregar os cookies sem glúten para o Seb.

Todo mundo na mesa:

— Awwww.

Ziggy fica vermelha como um tomate. Seb levanta as sobrancelhas, todo exibido, e joga o braço por cima da cadeira dela.

— Então — continua Ollie —, eu falei para ela que você não estava em Escondido. Segundo o rastreamento, você estava andando por Culver City. E, aliás, não pisa em Escondido há sete semanas.

— Vocês dois têm uma noção de limites bem distorcida — murmura Axel.

Rooney sorri para gente.

— Eu acho fofo.

Lanço um olhar mortal para Oliver. Eu também costumava achar isso fofo, até perceber que agora significa que minha família está de olho nas minhas idas e vindas. E isso quer dizer que logo vão começar a fuçar ainda mais. E se acontecer de me seguirem, me pegarem no…

Não. Eu estou me adiantando. Minha família não ia me seguir. A gente pode ser intrometido num nível debatível, mas ninguém chega *tão* longe assim.

Exceto talvez eu. E eu sou eu, então não preciso me preocupar em me acompanhar.

— Muito bem — diz Oliver, apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas, com um sorriso doce. — Estamos ouvindo. Pode falar.

Dou uma olhada ao redor da sala. As conversas paralelas da minha família cessaram. Todos os olhos estão em mim.

Por mais que eu queira confessar e tirar esse peso do peito, não consigo me obrigar a dividir esse risco que estou correndo, essa esperança que tenho e que pode dar errado e desmoronar. Ainda não. Não quando já estou tão vulnerável depois dessa estadia em família, que trouxe o namorado da Ziggy, com uma declaração de amor e tudo, tornando o relacionamento oficial e me deixando, pela primeira vez, cercado por todos os membros da minha família felizes e bem acompanhados.

— O que eu posso dizer? — Pegando um punhado de pistaches e jogando-os na boca, murmuro entre mastigadas: — O zoológico de Escondido é sensacional. Não consigo parar de ir lá.

Todo mundo geme e resmunga, voltando às conversas.

— Vocês não acreditam em mim? — pergunto.

— Não! — todos gritam em uníssono.

Dou uma risada pelo nariz enquanto mastigo meus pistaches, e aquela bolha agridoce de ser amado e ainda assim me sentir sozinho cresce dentro de mim. Eu adoro minha família. Sou grato por eles. E, ao mesmo tempo, nunca me senti tão distante deles como agora, por causa de como a vida deles mudou enquanto a minha permaneceu parada.

Por enquanto, só por mais um tempinho, eu vou manter meu segredo.

Ding-dong.

O som da campainha do chalé ecoa e silencia a conversa de novo. Ziggy salta da cadeira, dando um gritinho animado.

— Elas voltaram!

“Elas” são a melhor amiga de infância da Ziggy, Charlie, e sua parceira, Gigi. Ziggy conheceu Charlie Clarke quando éramos pequenos, logo depois que Charlie e os irmãos se mudaram para Washington com a mãe durante o primeiro divórcio conturbado dos pais (eles já se divorciaram e casaram de novo duas vezes – é meio bagunçado, segundo a Ziggy).

Sabendo do histórico da minha irmã com Charlie, não me surpreendi quando ela apareceu com Gigi no começo da semana para comemorar o aniversário de Ziggy, que, além de coincidir com um tipo de recesso de primavera, é o motivo de a família toda estar reunida. O que me surpreendeu foi Charlie me puxar de canto hoje de manhã, enquanto tomávamos café, para me pedir um favor que me deixou completamente fora de órbita.

Charlie, a melhor amiga da minha irmãzinha, olhou para mim com aqueles olhos grandes e cor de avelã e me pediu um favor ao qual eu não consegui dizer não:

— Minha irmã — disse ela — meio que viu a vida dela desmoronar recentemente, e eu estou preocupada. Então vou tentar trazê-la para cá. Preciso fazer alguma coisa, e sinto que, se eu conseguir trazer ela, isso pode ajudar. Vocês, os Bergman, conseguem deixar qualquer coisa melhor. Se ela topar vir... você me ajuda?

— Ajudar como? — perguntei.

Charlie sorriu, radiante e confiante.

— Sendo você. Faz ela sorrir por mim. Ela precisa de alguém que a faça sorrir. Se tem alguém que consegue isso, é você.

Eu estava prestes a explicar o quanto isso era mais difícil do que ela imaginava. Mas isso exigiria admitir algo que meu orgulho não permitia:

Eu já tinha tentado fazer Tallulah Clarke sorrir, anos atrás. E falhei.

— Ziggy comentou — pergunto ao Seb — se Charlie e Gigi estavam... trazendo mais alguém com elas?

Seb franze a testa pros azulejos, rearranjando-os na bandeja.

— Não. Por quê?

Não sei como responder sem me entregar, ou entregar o favor secreto que Charlie me pediu.

Seb levanta os olhos, claramente curioso com meu silêncio, e passa a mão pelo cabelo ondulado e escuro, franzindo ainda mais a testa quando os olhos cinzentos e afiados encontram os meus.

— Viggo. Por quê?

Ziggy segura a maçaneta da porta e a escancara. Me recosto na cadeira, equilibrando-a nas duas pernas traseiras, tentando ter uma visão melhor.

Gigi entra primeiro, depois Charlie, falando alto e rindo de algo que não consigo entender, enquanto tiram os casacos pesados e se livram das botas. Elas se afastam, como se estivessem abrindo espaço para mais alguém, como se não tivessem voltado sozinhas.

Como se tivesse mais alguém ali.

Me inclino mais para trás, tentando ver além delas. É quando percebo – uma sombra suave e cheia, um pigarro discreto.

Arrepios percorrem minha pele.

E então, atrás delas, tão impactante quanto uma tempestade silenciosa, entra a irmã de Charlie, o único outro segredo que já guardei na vida:

Tallulah Clarke.

Tallulah Clarke obviamente não é um segredo para minha família. Eles sabem que ela é a irmã mais velha da Charlie, quieta, reservada, que nunca deu muita bola para gente durante os anos em que Ziggy e Charlie eram melhores amigas, antes de nos mudarmos para Los Angeles.

O segredo é quem Tallulah Clarke foi para *mim*.

Então não me surpreende sentir os olhos da minha família se voltando para mim, curiosos, enquanto eu encaro Tallulah com a boca aberta e os olhos ridiculamente arregalados. Estou distraído demais com a visão dela, com o impacto avassalador de reencontrar minha primeira e amarga paixão

não correspondida, para me preocupar com os olhares da família. Ou para perceber exatamente o que meu corpo está fazendo na cadeira.

Perdido no desequilíbrio, a cadeira range e, como uma árvore sendo derrubada, tomba em câmera lenta. Meus braços giram no ar numa tentativa inútil de evitar a queda, mas é tarde demais. Despenco da cadeira e caio desajeitado, conseguindo segurá-la antes que bata no chão.

Me levanto num salto, endireito a cadeira e a empurro de volta para mesa. Meus dedos se agarram ao encosto enquanto Tallulah Clarke, sete anos mais velha do que quando a vi pela última vez, dá um passo para o lado para Ziggy fechar a porta atrás dela.

Jesus Cristo. Tallulah está mais gostosa do que nunca.

Eu não conhecia Tallulah na época em que os Clarkes moravam em Washington. Ela nunca aparecia. Charlie era levada e buscada por uma babá com um sotaque alemão carregado ou, em raras ocasiões, pela mãe; os irmãos dela eram um mistério.

Até que, de todos os lugares possíveis, Tallulah apareceu na minha primeira aula na USC.

Não percebi quem ela era até chamarem a chamada, até eu fazer uma dupla checagem no nome e juntar as peças – o cabelo escuro da Charlie, os olhos grandes, o nariz arrebitado. Aquela era *a* Tallulah Clarke.

Observo Tallulah enquanto ela permanece perto da porta do chalé, olhos baixos, tirando do ombro uma jaqueta jeans nada prática, molhada de chuva, e tirando os sapatos – sapatilhas de oncinha, ainda menos práticas. Ela torce o nariz ao ver o barro grudado nelas.

Reconheço tudo nela que fez meu corpo pular da adolescência desajeitada para uma fome adulta, lasciva. Eu já tinha sonhos molhados, fantasias, curiosidades no ensino médio, claro, mas ver Tallulah destruiu

qualquer inocência. Só olhar para ela em aula, estar perto, era tortura pura e sensual.

Aquele sinal de beleza, bem onde eu lembrava – logo acima e à esquerda da boca carnuda. Os olhos castanhos enormes, rodeados por cílios escuros e densos. A promessa de covinhas profundas nas bochechas redondas. A pele dourada, radiante. E aquele corpo. Aquele maldito corpo. Braços e coxas cheios, macios; quadris largos e exuberantes. A única diferença marcante era o cabelo, antes escuro, agora tingido de azul-aquamarine, preso num coque no alto da cabeça.

A blusa branca, listrada de amarelo-ouro, complementava perfeitamente a pele dela. Estava meio enfiada numa calça jeans larga, de cintura alta, rasgada nos lugares certos. Ela sempre se vestiu como filha da realeza de Hollywood – estilosa, artística, puro glamour de LA. Isso não mudou. E o efeito em mim também não.

Como se sentisse meu olhar, Tallulah me encara. Os olhos se arregalam por uma fração de segundo antes de voltarem àquela indiferença fria que eu lembrava bem demais.

Aquilo me irritava na época. E me irrita agora. Porque – e sei que vai soar arrogante, *mas* – todo mundo gosta de mim. Pelo menos se não fico tempo demais por perto, ou se a pessoa não fica. Se não dá tempo para eu encher o saco e desgastar minha presença. Quando me conhecem, acham graça, simpatia. Faço sorrir, rir, descubro rápido o que agrada e tento agradar mais ainda. Tento fazer gostarem de mim. E, muitas vezes, consigo. Por um tempo, pelo menos.

Menos ela. Tallulah foi a única pessoa que torceu o nariz para mim desde o primeiro dia naquele semestre.

E isso me tirava do sério.

Parado ali, encarando enquanto ela me lança outro olhar gélido, sinto o soco-surdo do meu coração martelando no peito. Igualzinho quando ela entrou na sala de aula sete anos atrás.

Não consigo parar de olhar para ela, congelado na lembrança de quando ouvi seu nome na chamada, quando me virei e juntei quem ela era. Nossos cotovelos se encostaram, e uma corrente elétrica atravessou meu corpo com tanta força que deixei cair *Mansfield Park* e perdi a página. Tallulah olhou para o livro, depois subiu o olhar até encontrar meu sorriso largo (tinha tirado o aparelho – pela segunda vez, depois de esquecer de usar a contenção da primeira – e andava empolgado exibindo os dentes finalmente alinhados). Ela agarrou a cadeira e a arrastou o máximo possível para longe de mim, sem cair no colo da pessoa do outro lado.

Lembro de encará-la, magoado, ofendido, enquanto ela abria a mochila e puxava um calhamaço de romance, a capa esticada num tecido vermelho-sangue. O cabelo escuro caía sobre o rosto, feito uma cortina fechada.

E foi isso.

Eu e Tallulah não temos um histórico. Ou melhor, temos um histórico completamente unilateral. Eu era fascinado por ela – pela beleza, pelo perfume floral e sensual, pelos livros misteriosos sempre escondidos. Mas Tallulah não me dava nem bom dia. Meu orgulho ficou ferido. E eu entendi o recado. Não ia incomodar quem claramente não queria ser incomodada.

Não vou mentir – doeu. Parecia destino, depois de nossas famílias terem se cruzado em Washington, encontrar Tallulah na minha faculdade, na minha sala. E, em vez de se surpreender de forma agradável, ela parecia profundamente entediada.

Eu era inseguro. Tinha acabado de sair da fase esquisita: alto demais para o vozeirão que me atingiu de repente, aparelho nos dentes, corpo magro demais. Mas estava começando a me encaixar – jogava futebol,

comia feito um louco, o corpo ganhando forma, aparelho fora, corte de cabelo novo. A faculdade prometia ser melhor que o ensino médio – eu não seria só o palhaço inteligente, seria respeitado, admirado, valorizado.

Tallulah fez questão de pisar em cima disso tudo.

Então fiquei na minha. E sofri em silêncio. Dias viraram semanas, e eu tentando entender o que diabos estava sentindo. Nunca tinha olhado para alguém e sentido o peito apertar, o estômago virar. Ainda mais alguém que deixava claro que me achava um idiota, com minhas perguntas nas aulas de literatura, os romances da Austen que eu lia e relia, tentando achar algo mais que não sabia nomear. Não sabia o que aquilo significava. Até o recesso de outono, quando minha família veio passar um feriadão aqui no chalé. Fiquei fuçando as estantes e puxei um romance histórico, edição velha de bolso. Li a sinopse atrás.

Ódio. Desejo. Paixão ardente e não correspondida.

Paixão. Ardente.

Eram as palavras que eu não conseguia encontrar, sentimentos que não sabia nomear. Peguei o livro, sentei no chão, encostado na estante, e comecei a ler.

Foi meu primeiro romance. Um histórico, com tudo que a Austen apenas insinuava – confissões desesperadas de amor, cenas íntimas, duelos dramáticos, beijos que duravam páginas e deixavam meu corpo inteiro em chamas. Devorei o livro, tentando entender o poder que aquela garota calada e fria exercia sobre mim. E nunca mais parei. Leio romances desde então.

— Viggo. — Ziggy franze a testa para mim enquanto tento me ajeitar, tentando parecer casual encostado na cadeira, que balança perigosamente de novo antes de eu aliviar o peso. — O que — ela sussurra pelo canto da boca — está acontecendo com você?

Vejo mamãe entregar meu sobrinho, Theo, para papai, depois ir até Tallulah com um sorriso caloroso, abrindo os braços para um abraço que Tallulah aceita com hesitação.

— Acontecendo? Comigo? Nada. Só desequilibrei na cadeira. Me assustei um pouco. Heh, rimou. Olha só, virei poeta.

Ziggy ergue uma sobrancelha ruiva.

— Você está esquisitíssimo. E não para de encarar a Tallulah. — Ela inclina a cabeça, me analisando. — Você nunca conheceu ela antes, né?

Minha família não tem ideia de que eu tive aula com a Tallulah na faculdade. Não ia chegar no jantar de domingo dizendo que a mulher que povoava meus sonhos mais sujos nem sequer olhava na minha cara.

E depois saí da faculdade, logo naquele semestre, com aquela inquietação me dizendo que eu não estava onde devia estar, mesmo sem saber para onde ir. Ziggy não sabe da minha mistura de interesse e ressentimento pela irmã mais velha da melhor amiga dela, porque eu guardei essa vergonha só para mim. Ninguém na minha família sabe. Fiz questão disso.

Graças a Deus. Porque, depois do meu histórico – com as melhores e mais amorosas intenções, diga-se de passagem – de empurrar meus irmãos para o final feliz romântico deles, eles estariam mais do que prontos para me empurrar direto para o meu.

Respiro aliviado. Minha família não sabe. Estou seguro. E só tem uma coisa mais reconfortante do que isso: a Tallulah também não sabe.

Porque, se ela soubesse, o favor que estou prestes a fazer para Charlie seria um nível novo e vergonhoso de humilhação.

Os olhos da Tallulah encontram os meus por cima do ombro da minha mãe. Ela franze a testa ao me pegar encarando de novo. Tento disfarçar com um sorriso brincalhão e uma piscadela. A testa dela se franze ainda mais.

Perfeito.

Eu sei como manter as coisas leves, descontraídas. Isso é o meu ganha-pão – desviar com piadas e palhaçadas, distrair com um charme bobo e casual. Faço isso há tanto tempo que é natural como respirar. Tallulah pode até ter me deixado no gelo naquela vez, no primeiro ano da faculdade, mas agora é diferente. Vou tornar isso divertido, leve. É quase uma dádiva – com esse favor de Charlie como guia, tenho um plano, uma estratégia para lidar com a presença dela de novo.

— Viggo. — Ziggy me cutuca com o cotovelo. — Sério, o que está rolando com você?

— Nada! — Sorrio para ela, escondendo tudo o que eu mais queria que ela não visse. — Só estou sendo um Bergman hospitaleiro.

Os olhos da minha irmã se estreitam, cheios de suspeita.

Sou salvo de mais interrogatório quando ela se vira para mesa, onde Seb está mexendo nas peças do jogo, e lança um olhar afiado de advertência.

Seb sorri para Ziggy, mas logo o olhar escapa por cima do ombro dela, quando ela começa a discutir com Oliver sobre encerrar o jogo de Scrabble para ir fazer s'mores lá fora. E eu já não estou tão certo assim de que escapei do interrogatório, no fim das contas.

Lentamente, Seb se levanta e finge se inclinar sobre o tabuleiro, juntando as peças enquanto Ziggy cede ao fim do jogo.

— Quem é aquela mulher para você? — pergunta em voz baixa.

Me abaixo também, recolhendo as peças e empurrando-as para o centro do tabuleiro enquanto ele segura o saquinho para eu despejar ali dentro.

— Ninguém.

Ele solta um riso curto.

— Conversa fiada.

— Eu estou falando sério — respondo, ríspido.

Seb ergue o olhar, fixando o meu.

— Tá bom. Mas quando você estiver pronto para agir de acordo com esse seu discurso todo bonito, seu hipócrita gigante, eu vou estar aqui.

E com isso, ele vira, puxa minha irmã pela cintura e sai com ela para o deque dos fundos, junto com o êxodo em massa da minha família.

Me deixando com a última pessoa com quem eu queria estar sozinho, a poucos passos de distância.

DOIS

Tallulah

Playlist: “Tempt My Trouble”, Bishop Briggs

Esse é o meu pior pesadelo – eu acabei de entrar numa maldita toca de amorzinho. O ar está praticamente saturado de “felizes para sempre”, romance e toda aquela baboseira açucarada que me deixa inquieta só de pensar. Fico parada bem na entrada, ainda tonta com a recepção calorosa, observando a família Bergman – todos sorridentes, unidos – e seus respectivos parceiros igualmente sorridentes e unidos indo em direção ao deque dos fundos.

Exceto Viggo.

Ele não parece estar com ninguém. Ninguém pega na mão dele, ninguém o conduz para fora. Mas talvez esteja aqui. Em algum lugar. Talvez esteja no banheiro. Ou deitado, tirando um cochilo. Pode estar em qualquer canto desse lugar gigantesco que, segundo a Charlie, assim como a família, começou pequeno e hoje é grande e bonito, cheio de memórias e história, com fotos espremidas nas paredes, velas tremeluzindo em balcões, mesinhas e peitoris, as primeiras flores da primavera explodindo em vasos descombinados.

— Tallulah Clarke.

Minha cabeça se ergue automaticamente ao ouvir a voz de Viggo. Me dou conta de como ele soa diferente. De como ele *parece* diferente.

Viggo cresceu.

Aqueles membros longos e esqueléticos se foram. Nada mais de carinha de menino. Ele está ainda mais alto do que no primeiro ano da

faculdade, ainda magro, mas agora com músculos visíveis, irradiando uma energia contida, como uma mola prestes a saltar. O rosto está escondido por uma barba espessa e desgrenhada, castanho-escura com fios acobreados, e mechas do mesmo castanho escapam de um boné azul-marinho surrado. Debaixo da aba, mesmo sombreados, os olhos ainda brilham. Aqueles malditos olhos Bergman. Tão enganosamente frios para pessoas tão calorosas. São de um azul acinzentado, cor de céu de inverno prestes a nevar, e ainda assim lançam calor como uma lareira que pode te descongelar até os ossos nos dias mais gelados.

Olhando para ele, sinto uma pontada idiota de desejo. Ele já mexia comigo quando éramos calouros, e mexe comigo agora, talvez até mais. Mas lembro a mim mesma: estou só diante de um cara bonito; são os hormônios falando; é só biologia. Estou ovulando. Sou um animal no cio, programado para estar no cio agora. Só isso.

Lembro a mim mesma que esse homem na minha frente é só a versão adulta do cara que lia Jane Austen e romances eróticos durante a aula e não calava a boca durante os seminários. Que ficava balançando as pernas e fazendo nossa mesa chacoalhar, e que tinha aquele cheiro irritantemente natalino – pinho com um toque doce de baunilha e canela. O cara que eu ignorei porque me dava medo. Era expansivo, fofo e adoravelmente esquisito, e tudo que eu pensava era: *Um dia, minha mãe provavelmente sentiu essas borboletas ridículas pelo meu pai também, e olha onde isso deu.*

— Viggo Bergman — respondo.

As sobrancelhas dele sobem.

— Então agora você me reconhece?

— Seria grosseiro não reconhecer.

— Isso não te impediu no primeiro ano da faculdade.

Solto um suspiro. É claro que ele vai trazer isso à tona. E talvez eu mereça. Mas não posso contar o verdadeiro motivo de ter agido daquele jeito.

Eu era completamente encantada por você. E morria de medo. Ficar quieta era a única opção.

Ele sorri mais largo, aparentemente satisfeito por me ver desconfortável, mesmo sem saber o motivo.

— De qualquer forma — diz ele —, bem-vinda ao chalé. Veio em busca de descanso e relaxamento?

Me remexo, sentindo a pressão das solas dos pés e dos dedos contra o piso frio de madeira, tentando me ancorar.

— Eu estou aqui só pela Charlie.

Viggo inclina a cabeça, curioso.

— Como assim?

Fico em silêncio, pensando na resposta. Não vou contar a ele o verdadeiro motivo, porque essa história não é minha para contar. Não vou dizer que minha irmãzinha me puxou para o banheiro do restaurante no meio do almoço e, tremendo, confessou que está apavorada de pedir a namorada em casamento, mas que também não aguenta esperar nem mais um segundo. Que ela precisa de mim como apoio moral. E que eu não consigo dizer não. Porque é assim que sempre foi: meus pais são um caos tóxico com quem eu tenho mais paciência do que deveria; meu irmão é um furacão destrutivo que eu vivo tentando controlar; e minha irmã, a caçula, se assusta e precisa de mim – precisa que eu esteja bem, então eu tô.

Viggo tamborila os dedos na cadeira da qual quase caiu agora há pouco, segurando o equilíbrio por pouco. Quase igual à primeira vez que entrei na nossa sala de aula, quando a cadeira dele também balançou

perigosamente antes de bater no chão – no mesmo instante em que meu coração se espatifava nas costelas.

Eu estava nervosa, era minha primeira aula na faculdade. Foi *só por isso* que aconteceu. Não foi porque a primeira coisa que vi foi um cara adorável me observando, sorrindo curioso.

Não muito diferente de como ele está me observando agora, sorrindo com curiosidade.

Deus, eu preciso fugir daqui. Sinto aquele zumbido sob a pele, igual ao da primeira vez que sentei ao lado dele. E o cheiro dele não mudou. Amadeirado e quente, tipo uma árvore de Natal recém cortada e biscoitos saindo do forno.

Eu não aguento.

Já tenho problemas demais. Uma carta editorial gigante que eu estou com medo de abrir. Um arquivo do Word com a proposta e os dez primeiros capítulos do meu novo livro que, pelo que vi ao dar uma olhada apavorada nos comentários, está coberto de sugestões destruidoras de ego. Meus pais voltaram a se engalfinhar e querem me arrastar junto. Meu irmão está emburrado mesmo depois de sair ileso da última besteira que fez. E minha irmã está prestes a fazer um pedido de casamento numa trilha “romântica” e me implorou para vir junto, como se minha presença fosse mágica e pudesse fazer esse absurdo – um relacionamento amoroso de longo prazo – dar certo.

— Eu e Charlie não nos víamos fazia tempo — digo, por fim. — Ela… queria que nós tivéssemos mais tempo para conversar.

— Vocês se encontraram hoje em Seattle — Viggo responde. — Fiquei sabendo. Fico feliz que tenha vindo com ela.

Levanto uma sobrancelha para ele.

— Está mesmo?

Ele sorri.

— Por que não estaria? Acha que eu ia guardar rancor por causa daquele gelo que você me deu anos atrás?

Meu estômago se revira. Meu ego leva outra pancada. É claro que não. Eu não significava nada para ele. Eu o ignorei, ele seguiu em frente. Literalmente. Largou a USC depois daquele semestre. Alguns colegas nossos da aula de literatura seguinte até brincavam dizendo que eu "assustei" o Viggo.

Mas não foi isso. Eu não era nada para ele. Assim como ele não era nada para mim. Era o que eu dizia para mim mesma: *nós não somos nada um para o outro*. É o que eu repito agora.

— Só para você saber — ele acrescenta quando não respondo —, minha família também não vai guardar rancor. Eles nem sabem que a gente teve aula juntos.

Dou uma piscada, surpresa. Charlie vive dizendo que os Bergman são super unidos, super comunicativos.

— Não sabem?

— Não. — Ele dá de ombros. — Nunca pareceu importante o suficiente para comentar.

Sinto meus ombros relaxarem. Eu estava com medo de ele ter contado para todo mundo o quão gelada eu fui. Não seria a primeira vez que alguém me chamava de "vaca fria".

— Nosso segredinho — ele sussurra, piscando. — Podemos manter assim.

Eu aceno com a cabeça.

— Quer uma bebida? — ele pergunta. — Posso te mostrar o lugar. As fotos da família são um show de comédia.

Eu não aguento isso. Essa gentileza dele. Essa conversa fácil. Ele é fofo demais, e eu me sinto esquisita demais, estranhamente envergonhada por ter sido tão fria antes, considerando o quão caloroso ele está sendo agora.

Eu preciso fugir.

Olho além dele para o deque, onde nossas irmãs estão sentadas, rindo. Ziggy está deitada ao lado da Charlie, que tem o braço em volta de Gigi. Charlie me vê por trás da parceira e sorri, acenando para mim com a mão livre.

— Acho melhor eu ir me juntar à Charlie no deque.

Ele olha por cima do ombro e vê minha irmã.

— Boa ideia. — Ele sorri. — Parece que ela está bem feliz por você ter vindo. — Quando olha de volta para mim, nossos olhares se encontram. Os olhos dele dançam entre os meus. O sorriso se aprofunda.

É charmoso, amigável e tão irritantemente atraente quanto era na faculdade. Pior: acho que agora está ainda mais.

Crescer caiu bem em Viggo. A pele bronzeada, um pouco castigada pelo sol; já tem umas linhas no canto dos olhos, como se ele sorrisse demais, risse demais, passasse tempo demais ao ar livre sem protetor solar.

Com os olhos ainda em mim, ele diz:

— Você continua tão quieta quanto eu lembrava.

— Não sou muito de falar.

Eu até fiquei mais falante. Tive que ficar. Depois que meu livro de estreia estourou e entrou na lista de mais vendidos, vieram as entrevistas, os podcasts, os eventos online com livreiros – em que eu até podia desligar a câmera, mas precisava usar minha voz.

— Minha teoria na faculdade — ele diz — era que você guardava as palavras todas pros seus trabalhos nota dez.

Levanto uma sobrancelha.

— Como se você não fosse um nerd naquela aula também.

Viggo dá de ombros.

— Eu nem me esforcei tanto naquela aula.

Até parece que não. Encaro ele, mordendo a resposta. Não vou morder a isca. Não vou deixar ele me fazer falar. Não vou deixar ele me encantar nem flertar comigo. Me pergunto se era isso que ele queria naquela época – uma reação da garota fria e calada. Como tantos outros antes e depois dele, será que ele só queria aquilo que não podia ter? E, como os outros, me deixaria no segundo em que eu desse uma frestinha de mim?

— Para ser sincera, nem me esforcei tanto naquela disciplina — digo, casual, catando um fiapo invisível da minha blusa. — Não foi exatamente memorável.

O canto do olho esquerdo dele se contrai.

— Para alguém que diz isso, você se dedicou bastante naquela aula, Tallulah Clarke.

Dou de ombros.

— Quem disse que eu me dediquei *tanto* assim?

— Você convenientemente esqueceu que trocamos trabalhos para crítica dos colegas? O seu texto era um exercício de perfeccionismo. As suas notas de rodapé tinham notas de rodapé.

Ainda bem que eu não sou de corar fácil. Ou estaria vermelha da cabeça aos pés. Limpo a garganta.

— Não sei do que você está falando.

— Claro que não sabe — ele responde, piscando.

Queria ter um botão para desativar essa mania dele de piscar. Isso me tira do sério.

— A aula não foi exatamente inesquecível, admito. Mas tem umas coisas que eu lembro bem. Tipo a qualidade duvidosa da sua voz. Não conheço muitos caras de dezoito anos cuja voz ainda desafina.

— Ai. — Ele leva uma mão ao peito, teatral. — Golpe baixo. Pega leve, Tallulahloo. Eu estava no limiar da vida adulta. É uma fase delicada na vida de um homem.

— *Tallulahloo*? Que diabos de nome é esse?

Viggo dá de ombros, piscando de novo. Aquela maldita piscadinha.

— Um nome fofo.

— Eu não sou fofa.

Ele estala a língua.

— Desculpa, Lula. Mas você é a definição de fofa: um metro e meio, cabelo azul brilhante, aparecendo aqui toda Reese Witherspoon em *Doce Lar*, como se tivesse esquecido que primavera no Estado de Washington exige botas e capa de chuva, não sapatilha de grife e jaqueta jeans chique. Se isso não é fofo, não sei o que é.

Faço uma careta. Como ele sabe o quanto eu detesto ser chamada de fofa? Isso é irritante demais.

— Tem um motivo pelo qual eu ignorei sua existência naquela época — falo. — E ele ainda vale. Eu sabia que você seria um pé no saco gigante.

— Então você é uma excelente juíza de caráter. — Ele cruza os braços no peito, me encarando com uma expressão um pouco mais séria, mais centrada. — E aí, como vai a carreira de escritora de thriller?

Meu estômago despenca. Tento entender a mudança brusca de assunto, o que ele sabe, como responder. Eu uso um pseudônimo. Sou super reservada. A única forma dele saber o que eu escrevo é por causa da minha irmã.

— A Charlie te contou.

Ele faz que sim.

— Não o seu nome de autora, só o gênero. Sua identidade está protegida. Mas ela se gabou que foi best-seller, e seu livro de estreia ainda por cima. Parabéns.

Fico sem saber o que fazer com o elogio. Nunca sei. Minhas bochechas queimam.

— Obrigada — sussurro.

Viggo sorri, inclina a cabeça e muda o peso para o outro pé.

— Então. Por que thrillers?

Franzo a testa para ele.

— O que é esse tanto de perguntas?

— Eu estou compensando o tempo perdido. Consegui te fazer falar. Agora não posso parar.

Olho, esperançosa, por trás dele. Estão passando cervejas na varanda, servindo vinho, e vejo copinhos sendo colocados ao lado de uma garrafa gelada que parece aquavit. Diabetes tipo 1 e bebida não combinam, mas destilado puro é mais tranquilo, e eu já tenho prática com isso. Se tem uma hora em que vale o esforço, é agora.

Volto a olhar para Viggo, que continua me observando, olhos pálidos presos no meu rosto.

— Já que estou sendo interrogada, mereço ao menos um drink.

Viggo dá seu sorriso mais largo até agora.

— Nós temos um acordo, Tallulahloo.

Eu cometi três grandes erros ontem à noite. Bebi aquavit demais; procurei meu ex-colega de quarto e amigo com benefícios no Instagram – só para ver uma foto dele com quase todos os nossos amigos da faculdade, um lembrete

visceral de que faz uma semana que ele me chutou para fora e detonou toda a amizade que construí com ele; e li a carta editorial. Dos três, esse último foi o que mais doeu:

> Até agora, a dinâmica “romântica” entre os personagens marido e mulher, que é central para o conflito e resolução da trama, carece de qualquer traço de alma ou sensualidade.

Ai. Ai, ai, ai.

Essa é minha ladainha interna enquanto tropeço pela cozinha dos Bergman, desesperada atrás de sinais de uma cafeteira. Está cedo demais para estar acordada, mas eu não consegui dormir. Minha cabeça lateja, meu estômago revira, meu ego é um desastre. E eu *preciso* de café.

— Malditos abraçadores de árvore — resmungo ao ver filtros de café compostáveis, uma chaleira no fogão soltando vapor suave pela boca aberta, e um coador de vidro com borra de café dentro. Essa família perfeita, na casa perfeita no meio do mato, tinha que ser ambientalista hardcore. Hipsters e seus métodos lentos de fazer café. Eu vou morrer. Eu preciso de uma cápsula para encaixar, um botão para apertar, e vida líquida quente derramada na caneca quinze segundos depois.

É quando avisto uma garrafa térmica mais adiante no balcão, cercada por várias canecas descombinadas.

— Obrigada, Jesus. — Corro até ela, desenrosco a tampa e quase choro de alegria. O cheiro de café forte e fresco sobe da garrafa. Encho uma caneca até a borda e dou um gole tímido.

Queimo a boca e xingo baixinho.

Lágrimas brotam nos meus olhos. Pela boca queimada. Pela ressaca. Pela dor no peito vendo o post de Clint e todos os meus ex-amigos juntos. Pelo pânico amargo no estômago, aquele nó desesperador de que não vou

conseguir terminar esse livro, que mal escrevi os primeiros dez capítulos, que nunca vai dar certo.

As lágrimas escorrem pelas bochechas e eu cerro os dentes, me obrigando a parar. Odeio chorar. Enxugo as lágrimas e os olhos com o punho da mão.

Respiro fundo, me recomponho, e atravesso a sala até as portas de correr que levam para varanda. Ainda estou com os olhos marejados e fungando, mas pelo menos ninguém vai me ver assim. Pelo menos estou sozinha.

Quando piso na varanda, o que me prende o olhar são os primeiros traços do amanhecer, o sol só uma mancha amarela no horizonte azul-preto machucado. Deslizo a porta de vidro atrás de mim e começo a me acomodar numa cadeira Adirondack ao lado.

— Bom dia para você também, Tallulahloo.

Levo um susto tão grande que derramo café na mão. *Merda*. Sacudo a mão para me livrar das gotas escaldantes e lanço um olhar furioso para a única pessoa que já usou esse nome ridículo, que está aqui, onde era para eu estar sozinha, em paz, curtindo meu drama matinal.

Viggo. Claro que é o Viggo.

Ele sorri e levanta a caneca de café.

Sinto um solavanco esquisito dentro do peito. Nada de boné hoje. Só os fios castanhos ondulados, bagunçados de sono, quase tocando os ombros, e aquela barba densa cobrindo a boca e o queixo. Ele veste uma camisa flanelada azul e verde-escura, aberta, por cima de uma camiseta branca com estampa de uma caneca de café. Na caneca, um casal abraçado. Acima, a frase: *Gosto dos meus romances como gosto do meu café – quentes e fumegantes*. Uma calça de moletom verde musgo, um pouco curta, revela

tornozelos nus e o par mais vovô de pantufas que já vi – flanela xadrez combinando com a camisa, com um lacinho de couro.

É tudo estranhamente... íntimo, ver ele assim.

Olho para mim e percebo que estou no mesmo clima: informal demais. E isso também parece... íntimo. Meus pijamas pretos largos balançam com a brisa da primavera. A blusa combinando, de manga morcego, está caída num ombro, o ar frio tocando minha pele. Tento puxar de volta. Mas ela escorrega de novo.

Os olhos de Viggo ficam nos meus. Nem por um segundo descem. Nem um relance. Nem quando uma mulher com peitos lindamente fartos, sem sutiã, aparece do nada na varanda de manhã.

Ora, ora, ora, nós temos um cavalheiro aqui.

Pensando bem, já devia ter percebido isso, considerando o café. Ele não fez só uma xícara rápida para si. Ficou no fogão, ferveu água, preparou uma garrafa inteira e ainda deixou canecas à disposição de quem precisasse.

Que coisa desprezivelmente atenciosa.

Irritada e desconcertada, resmungo:

— Claro que você acordou antes de mim.

— Não sabia que a gente estava competindo para ver quem acordava primeiro — ele retruca, irônico, levando a caneca à boca.

— Nossa história é breve, Viggo, mas inegavelmente marcada por competição.

Ele para, a caneca a um palmo da boca. Os olhos buscam os meus.

— Você me via como concorrente? Na aula?

Dou uma piscada, processando a pergunta. Isso é surpresa para ele? Ele parecia tão confiante na aula, sempre pronto para falar, debater, dar opinião. E ele escrevia *bem*. Sabia criar frases lindas – mas nem morta vou admitir isso.

— Não deixe isso subir à cabeça — falo.

O rosto dele muda da curiosidade séria para aquela expressão charmosa e brincalhona de ontem à noite.

— Já é tarde demais.

Reviro os olhos. Viggo me observa enquanto eu apoio a caneca no braço da cadeira e tento me recostar. Quase caio de costas – a cadeira é funda demais. Xingo baixinho, me ajeito até me afundar no encosto, e encaro o nascer do sol com cara feia.

Por alguns minutos, o silêncio se instala entre a gente. Espero a qualquer instante algum comentário afiado ou provocador dele – algo sobre eu não ser uma pessoa matinal, ou que acordei do lado errado da cama –, mas ele fica quieto. Confusa, olho na direção dele.

Viggo está sorrindo para mim.

Franzo a testa.

— Está olhando o quê?

Ele volta os olhos para o horizonte, ergue a caneca para o céu.

— Só apreciando uma vista deslumbrante. — Depois de uma pausa, acrescenta: — Tenho a impressão de que você não costuma acordar tão cedo.

— Como é que você adivinhou? — retruco, sarcástica, encolhendo as pernas na cadeira. Sou tão baixa que, recostada, meus pés nem tocam o chão. Cadeiras Adirondack costumam ser as únicas em que eu consigo me sentir adulta em vez de uma criança com pernas balançando. Mas esses Bergman gigantes, com suas pernas compridas, devem ter mandado fazer Adirondacks sob medida.

Viggo dá um gole, apoia a caneca no braço da cadeira, um sorriso enviesado nos lábios. Continua quieto. E isso me desconcerta de novo. Nunca conheci ele direito – fiz questão disso –, mas dividi uma sala com ele

o semestre inteiro, e ontem à noite, depois que ele me trouxe uma bebida, gastei minha energia evitando-o, mesmo totalmente consciente da presença dele. Ontem ficou claro que ele continua o tagarela de sempre. Conversando, contando piadas, rindo, criando confusão e debates barulhentos.

Mas não agora. Agora, ele está surpreendentemente quieto.

— E agora, o que você está olhando? — ele pergunta, sobrancelhas erguidas enquanto vira o rosto na minha direção.

Droga. Me pegou encarando.

— Só... inspecionando aquelas árvores ali adiante.

A boca dele se abre num sorriso.

— Ali adiante?

— Cala a boca.

Ele estala a língua.

— Você é uma péssima mentirosa, Lulaloo.

Solto um suspiro pesado.

— Eu estava te encarando porque estava tentando entender um fenômeno sobrenatural.

— Ah, é? — O sorriso dele se alarga. — E que fenômeno sobrenatural seria esse?

— Você quieto.

Ele solta uma risada profunda, rica, vinda direto do estômago. Uma risada que provoca um arrepio gostoso sob a minha pele.

— Como você sabe que isso é sobrenatural em mim? Um semestre de faculdade sem falar comigo e já me conhece tão bem assim?

— Eu não falei com você, mas não é como se isso tivesse te impedido de falar com o resto do mundo. Você sempre participava das aulas, debatia, discutia. Nunca ficava quieto.

E eu era fascinada. Pelo jeito como ele expressava as ideias, como fazia os outros falarem também, desafiando e respeitando ao mesmo tempo. Eu odiava um pouco o quanto ele era bom em conversar com as pessoas.

O canto da boca de Viggo se ergue num sorriso. Nossos olhares se encontram. O dele desce até a minha boca, depois foge, fixando-se no horizonte outra vez.

— Eu normalmente não sou quieto mesmo. Mas sou de manhã.

— Por quê? — pergunto antes que consiga me segurar.

Viggo dá de ombros, com o olhar grudado no amanhecer.

— Parece desnecessário falar enquanto o mundo está acordando. É algo que merece uma certa reverência. — Ele toma um gole do café. — Até eu consigo calar a boca por isso.

Eu o encaro, porque simplesmente não consigo evitar. Merda, aquele homem tem um perfil lindo. Nariz longo e reto, maçãs do rosto afiadas surgindo sob a barba. Fecho um olho e estreito o outro, na esperança de estar vendo coisas, mas não, é verdade: tem mesmo um leve borrifo de sardas espalhadas pela pele dourada pelo sol.

Estou só com tesão. Ovulando. Sem transar há semanas, desde que as coisas ficaram tensas e silenciosas com o Clint, antes de ele dizer umas coisas bem pesadas e me mandar sumir de casa semana passada. É só isso.

Respiro fundo e devagar, olho de volta para o sol, agora parecendo uma fatia madura de limão, com raios dourados espirrando pelo céu cada vez mais claro. Levo a caneca aos lábios e dou um gole cuidadoso.

Um gemido satisfeito escapa da minha garganta.

Viggo levanta uma perna, apoiando o pé – calçado com aquela pantufa de vovô – na beirada da cadeira Adirondack, e cruza o braço sobre o joelho, segurando a xícara pela borda com os dedos longos. Eu o observo por cima da minha caneca, dando mais um gole, e o olhar dele encontra o meu.

— Você — ele diz — sumiu ontem à noite. Prometeu que eu podia te fazer perguntas se te pagasse uma bebida, e em vez disso, pegou sua bebida e desapareceu.

— Isso vindo do cara que saiu da USC sem dar uma palavra para ninguém é engraçado.

As sobrancelhas dele se erguem.

— Você reparou?

Droga. Não queria dizer isso. Pelo menos não desse jeito, como se eu tivesse reparado... como se tivesse me importado.

— Todo mundo daquela aula de literatura reparou, quando voltamos para o semestre da primavera. Muita gente tinha aulas que se sobrepunham, mas você não estava lá. Você era um daqueles que todo mundo lembrava; e aí, de repente... sumiu.

Viggo olha para dentro da xícara de café.

— Nunca achei que alguém fosse se importar.

— Bem, se importaram, mas seguiram em frente. Assim como você, claramente, porque está aqui, vivendo a vida e — aponto para camisa dele — lendo romances.

Viggo se inclina, sorrindo.

— Você quer me perguntar sobre eles. Os romances. Não é todo dia que se encontra um espécime jovem e robusto de homem que adora o gênero dedicado ao amor. Você podia estar me fazendo perguntas agora, se não tivesse fugido das minhas ontem à noite.

— Eu não fugi — retruco.

Ele sorri docemente.

— Então o que foi?

— Estava ocupada demais conhecendo sua família inteira. São tantos de vocês que levei a noite toda.

Não vou dizer a verdade – que quando me senti sufocada com tanta gente, meu olhar buscava o dele, torcendo para que ele aparecesse com aquele sorriso espalhafatoso e uma distração qualquer. Que eu quase cedi quando o álcool bateu, quase fui até ele e disse: *Faz suas malditas perguntas. E me beija até eu esquecer meu nome.*

Mas aí me perguntei: qual seria o sentido? Para quê fazer joguinho com um romântico incurável? Ele acredita em destino, suspiros e finais felizes. Eu acho tudo isso uma grande bobagem. Sem falar nas complicações de ter um caso com o irmão da melhor amiga da minha irmã. Não. Enrosco demais. Muitas chances de dar merda.

— Bom — diz Viggo, antes de tomar mais um gole de café, com os olhos fixos no amanhecer —, se você não tem medo, tem tempo agora de manhã. Pode responder minhas perguntas agora, se não tiver medo.

— Eu não tenho medo das suas perguntas.

Ele me lança um olhar com um sorriso.

— Prova.

Reviro os olhos e afundo na cadeira.

— Vai, Lula. Me dá uma chance. Vai que você até se diverte conversando comigo.

É disso que eu tenho medo, penso, tomando mais um gole de café. *E aí você vai embora. Eu vou embora. E vou ficar de ressaca emocional quando minha vida voltar a ser triste e estressante.*

— Tá bom — resmungo. — Manda ver.

Menos de cinco minutos depois de concordar com as perguntas de Viggo, já estou me arrependendo profundamente da decisão. Agora ele sabe minha comida favorita (risoto de frutos do mar), meu primeiro bichinho de estimação (Gertrude Stein, uma sheepdog cuja morte eu nunca admiti que me destruiu), minha cor favorita (azul) e o último país que visitei (Islândia).

Cada resposta que dei parece inofensiva, mas não é. Dá a sensação de que Viggo está montando um arsenal, um estoque de fatos sobre mim que vai usar para me atrair, para me entender, como eu nunca quis que ele entendesse. E agora ele está entrando no território das perguntas bizarras. A última foi o limite.

— Eu não vou te contar a última vez que chorei — murmuro na caneca antes de virá-la de uma vez.

Os olhos de Viggo se arregalam com falsa inocência.

— Por que não? Essa é uma ótima pergunta.

— Não é, não. Além disso, eu quase nunca choro.

— Por quê?

— Porque eu odeio chorar.

— Sério? Eu adoro — ele diz. — Chorar é tão catártico. Tipo, nunca é bom na hora, mas eu sempre choro quando preciso mesmo, e sempre me sinto melhor depois. Vai, fala aí.

— Nem pensar.

Viggo rosna baixinho, frustrado. É extremamente satisfatório ver o sorriso escorregar do rosto dele e notar que ele também fica irritado.

— Tá bom, então. Vou adivinhar.

— Viggo...

— Quando você terminou seu próximo livro.

— Não. Quem dera. Eu daria tudo para já ter terminado esse livro.

Ele estreita os olhos, tentando me ler.

— Quando sua irmã fez o gol da vitória no jogo final da temporada.

Charlie, assim como Ziggy, joga no time profissional feminino de futebol de LA. Fiquei morrendo de orgulho e alegria quando ela garantiu a vitória no finzinho dos acréscimos. Mas não chorei.

— Também não.

Viggo coça a barba, olhando pras árvores, a boca franzida em concentração.

— Quando você entrou na lista dos mais vendidos.

Faço um barulho de resposta errada.

— Três tentativas, acabou. Próxima.

Ele suspira.

— Tá. Onde você mora hoje em dia? — pergunta, terminando o café também.

Meu estômago se contrai. Penso na casa em Culver City onde morava desde que o grupo de amigos se formou e dividimos o espaço. Uma casa que foi ficando vazia conforme as pessoas se envolviam, conseguiam empregos, seguiam em frente, até sobrar só eu e Clint. Penso na noite em que ele me mandou embora e saiu, dizendo que era bom eu sumir antes dele voltar.

— Passo.

Outro suspiro.

— E o último lugar onde ficou, então?

— Se a Charlie não tivesse arruinado meus planos de *staycation* em Seattle, teria sido um apê fofo bem na baía. Mas graças a ela, o último lugar onde fiquei foi num Airbnb tipo bangalô, em Escondido.

Viggo engasga com o café. Os olhos lacrimejam, ele bate no peito e larga a caneca, virando-se totalmente para mim na cadeira.

— Escondido?

Franzo a testa, respondo devagar:

— Sim. Por quê? Qual é o problema?

— Eu... — Ele limpa a garganta, batendo no peito de novo. — Nada.

— Não é nada coisa nenhuma. O que Escondido significa para você?

Viggo me encara, com uma expressão séria e incomum nele. Leva o dedo à boca e morde a unha. Está nervoso.

Instintivamente, estico o pé até tocar de leve o chinelo de vovô dele.

— Fala.

Os olhos dele se apertam, procurando os meus.

— Por que eu falaria? Você mal respondeu minhas perguntas até agora, todas a contragosto.

Sustento o olhar dele, em conflito comigo mesma. Ele tem razão. Por que ele deveria confiar em mim? Mais importante: por que eu quero que ele confie?

Viggo se recosta na cadeira, ainda virado para mim, cruzando os braços.

— Minha ligação com Escondido é um segredo. Nem minha família sabe…

Mantenho o rosto impassível, me esforçando para esconder o interesse. Eu amo um bom segredo. A antecipação acumulada até a verdade vir à tona. É uma das minhas partes preferidas ao escrever thrillers: construir o momento da revelação.

— … mas eu te conto — ele diz — se você me contar um segredo também.

Ah, de jeito nenhum. Nada de trocas de confidências com Viggo Bergman.

— Pode ficar com seu segredo, então.

Ele suspira, olhos semicerrados como se estivesse tentando me decifrar.

— *E* eu deixo de lado o restante das perguntas que ia te fazer. Só para constar, faltavam vinte e duas.

Arqueio as sobrancelhas. Agora sim, isso é tentador. Depois de deixá-lo esperando por um instante, me levanto da cadeira e digo:

— Fechado. Mas primeiro, preciso de mais café.

— Ah, não vem com essa — ele diz, pulando da cadeira. — Da última vez que eu fiz esse "acordo" com você, você saiu com uma bebida e eu fiquei a ver navios.

Tem alguma coisa no jeito que ele fala que me dá vontade de rir, e eu abaixo a cabeça, tentando segurar o riso. Mas quando levanto o olhar, toda a diversão evapora. Viggo está muito perto – não de um jeito inapropriado, só... perto. Mais perto do que alguém esteve de mim há tempo demais.

Sinto o calor que emana do corpo dele, o maldito cheiro delicioso de pinho e açúcar com canela grudado na pele. Meus olhos devoram a roupa que ele usa – gasta, macia, pendurada com carinho naquele corpo magro e firme. Consigo ver os dois peitorais definidos por baixo da camiseta, e uma das mangas da camisa xadrez está enrolada até em cima, presa no braço, revelando um bíceps redondo e tenso.

Engulo em seco.

— Eu pego os cafés — digo, tentando soar decidida.

— Eu pego. Você — ele aponta para minha cadeira — vai sentar essa bunda aí, aproveitar o nascer do sol e estar exatamente aqui quando eu voltar.

— Alguém é mandão.

Um brilho maroto aparece nos olhos dele. Ele sorri.

— Eu posso ser. Mas, em geral, prefiro muito mais quando é o contrário.

Minha boca se escancara quando ele arranca minha caneca da mão dura como pedra.

E então Viggo Bergman passa bem do meu lado, o braço roçando no meu, me deixando derreter numa poça ressentida e cheia de desejo no deque dele.

TRÊS

Viggo

Playlist: “Make a Picture”, Andrew Bird

Eu dou um passo de volta para o deque, uma caneca de café em cada mão, fechando a porta com o cotovelo. Tallulah lança um olhar por cima do ombro e ergue uma sobrancelha para mim, a boca apertada numa linha firme e gélida. Meu pau se mexe dentro da calça de moletom. Tem alguma coisa errada comigo. O olhar gelado de Tallulah não devia me deixar assim.

Mas, por Deus, tem algo nesse jeito sério e rabugento dela que meu lado mais sacana adora, que me dá vontade de provocar, de brincar, só para ver se consigo tirar alguma reação dela – ou melhor ainda, e como a Charlie implorou – fazer aquele cenho virar um sorriso.

Sorrio, entregando a ela uma caneca de café.

— Sua cafeína, madame.

Ela pega a caneca, me olhando com desconfiança.

— Valeu.

— Sempre às ordens. — Me afundo de novo na cadeira Adirondack e arrasto ela na direção dela, mantendo minha caneca firme na outra mão para não derramar. — Então. Vamos trocar segredos.

Ela revira os olhos enquanto toma um gole do café, mas por um segundo, eu juro, vejo um fiapo de sorriso escondido atrás da caneca.

— Você primeiro — digo.

Ela me lança um olhar de quem quer me expulsar dali.

— Nem fodendo.

— Com todo respeito, Tallulahloo, você já fugiu de mim ontem. Agora vai ter que ir primeiro. Ato de boa fé.

Lá vem de novo aquela carranca gelada. E eu gosto demais dela. Ela fica quieta por um instante, os olhos grandes e cercados de cílios escuros dançando entre os meus. Fixo os olhos nos dela, porque sempre quis fazer isso, sabendo, no fundo, que eles não eram só castanhos comuns.

E eu estava certo.

A luz do sol banha o rosto dela, e finalmente vejo os olhos de verdade – uma dúzia de tons cortados de âmbar, topázio e dourado – ricos e quentes, com um arco dramático de chocolate escuro ao redor. São bonitos para caralho.

Pare, Viggo. Pare de romantizar esse momento com uma mulher que mal te suporta.

Ou pelo menos suportava. Agora já não sei mais.

Tallulah diz, baixinho:

— Acho que nunca vou terminar esse livro.

As palavras dela caem dentro de mim como uma bomba d'água, reverberando pelo corpo inteiro. Pisquei para ela. Não acredito que ela confiou isso a mim – e justo isso.

— Eu estou completamente perdida — ela continua, olhando para caneca. — Eu queria escrever uma versão nova do thriller doméstico. Marido e mulher desconfiando um do outro, casamento em frangalhos… o de sempre, exceto que a ideia era exatamente não ser o de sempre. Queria subverter aquele arco previsível da narradora ciumenta e nada confiável, do marido mentiroso e manipulador, e *arrebentar* nesse livro, mas eu simplesmente não consigo...

Ela suspira e massageia a testa com a mão.

— Eu só não consigo acertar. E minha editora, que geralmente é super útil e cheia de ideias boas, dessa vez só está atrapalhando. Cada e-mail, cada ligação, só embaralha mais a minha cabeça, deixa tudo mais confuso. E a gente está com um prazo apertado, porque meu primeiro livro foi muito bem, e a editora quer aproveitar o embalo, manter o cronograma de publicação, mas eu estou tão atrasada. Eu estou fodida. — Ela suspira de novo e solta a mão. Os olhos dela encontram os meus, num raro lampejo de vulnerabilidade crua antes de desviar de novo, fixos no horizonte. — Esse é o meu maldito segredo. Agora conta o seu.

Fico olhando para ela, sentindo o calor se espalhar pelo peito.

Tallulah confiou em mim. Ela falou... muito. Bom, muito para *ela*. A mesma descarga elétrica que percorreu minha espinha quando ela entrou na sala de aula, sete anos atrás, atravessa meu corpo de novo.

É aí que eu percebo o tamanho do problema.

Se eu não tomar cuidado, vou acabar exatamente onde estava no dia em que conheci Tallulah Clarke.

Completamente e insuportavelmente apaixonado.

QUATRO

Tallulah

Playlist: “Direct Address”, Lucy Dacus

Um murmúrio pensativo vibra na garganta de Viggo. Ele me encara com aqueles olhos azul-pálido penetrantes – sinto como se estivessem perfurando o lado da minha cabeça.

— Tallulah…

— Não. — Aponto o dedo para ele. — Não vem me analisar. Nem tentar me consolar.

Ele franze a testa. Um cenho franzido parece errado em Viggo. Sinto uma fisgada aguda no peito. Algo perigosamente próximo de arrependimento. Acho que não gosto de ver Viggo assim, mas cacete, não estou aqui para ser amiga dele; estou aqui para trocar esse segredo e seguir com a minha vida.

— Eu te contei meu segredo — lembro a ele. — Agora é a sua vez.

Limpando a garganta, ele coça a nuca, depois apoia o café no braço da cadeira Adirondack. Puxa a barra da perna direita da calça de moletom mais para baixo no tornozelo e limpa a garganta de novo.

— Eu tô, ah… planejando abrir uma livraria.

Arqueio as sobrancelhas.

— E o que isso tem a ver com Escondido? Eu vomitei um parágrafo inteiro de crise profissional em cima de você. Mereço mais do que essa frase esfarrapada.

Ele solta um gemido e afunda na cadeira, enfiando as mãos no cabelo.

— No ano passado, fui dar uma volta de carro porque… precisava ir para algum lugar. Fazer alguma coisa. Estava tendo um daqueles dias em que meu cérebro gira em oitenta direções e meu corpo está inquieto, e estava quente demais para correr, então entrei no Ashbury…

— Ashbury?

— Meu carro — ele responde, impaciente, como se fosse óbvio. — Entrei no Ashbury, fui dirigindo para o sul. Peguei o caminho panorâmico, descendo pela PCH até a I-5, e depois de algumas horas, a natureza chamou. Peguei uma saída qualquer, resolvi o que tinha para resolver, e quando terminei… não estava pronto para voltar. Então fiquei dirigindo mais um pouco e acabei entrando em Escondido, bem na frente de uma livraria esquisita que simplesmente… me fez parar. Joguei o carro no estacionamento, entrei e… — ele dá de ombros, com uma expressão sonhadora — foi isso. Amor à primeira vista.

Meu Deus.

— Amor à primeira vista, é?

— Era um lugar mágico, Lula. — A voz dele sai suave, nostálgica. — Prateleiras abarrotadas de todo tipo de livro que você possa imaginar. Xícaras de porcelana lascadas empilhadas no balcão, uma chaleira elétrica enferrujada, sacos antigos de chá Lipton. Pôsteres de filmes antigos, pilhas empoeiradas de quadrinhos, janelas tão sujas que mal deixavam a luz entrar.

— Parece encantador — comento, seca, antes de tomar um gole do meu café.

Ele sorri, com o olhar preso no horizonte.

— Era. E podia ser ainda mais. Foi isso que vi quando entrei lá, o potencial.

O silêncio paira no ar. Eu estou na beira do assento agora. Para onde essa história vai? O que acontece depois?

— E? — provoco.

O sorriso do Viggo se aprofunda.

— E eu falei isso para o dono.

— Aposto que ele adorou.

Ele ri baixinho.

— Gerry foi surpreendentemente de boa com isso. Em vez de me mandar cair fora por sugerir que o lugar dele precisava de uma reforma, disse: “Bom, senhor Grandes Planos, que tal trabalhar para mim, ver a realidade de administrar uma loja e aí decidir quantas dessas ideias ainda fazem sentido?” — Ele toma um gole do café. — E foi o que fiz. Trabalhei para ele. No último ano, tenho dirigido até lá algumas vezes por semana, abrindo a loja, cuidando até fechar.

Dou uma piscada nele.

— Você tem dirigido duas horas para trabalhar numa livraria?

Ele assente.

— É.

— Duas horas. De ida. Para trabalhar numa livrariazinha em Escondido. Não pode ter valido a pena.

Finalmente, ele olha para mim, ainda sorrindo.

— Audiobooks de romance histórico me faziam companhia na estrada. O trânsito nem era ruim, porque eu sempre pegava a estrada bem cedo de manhã e voltava bem tarde. E trabalhar na loja em si, ser treinado pelo Gerry, aprender tudo sobre administrar uma livraria enquanto pensava em como faria do meu jeito? Eu amei. É assim que você sabe que ama algo de verdade, Tallulahloo. Quando vale o perrengue. Quando até as partes mais difíceis parecem um presente.

Meu coração dá um troço estranho no peito. Se arrepia e queima. Amor. Ele usa essa palavra com tanta facilidade, tanta confiança. Já eu,

recuo dela.

Endireitando a postura na cadeira, envolvo minha caneca com as mãos e me concentro no que importa: o desfecho da história.

— E então, a loja está reformada agora? — pergunto. — Gerry deixou você dar uma repaginada? Tornar o lugar sua melhor versão?

— Não. Gerry estava pronto para se aposentar. Vendeu o prédio dois meses atrás para uma firma que vai montar um escritório de seguros lá. Nem me deixou comprar dele. Disse que eu precisava começar do zero, criar algo do nada e provar para mim mesmo que dava conta.

Minha boca se abre, chocada.

— Que porra é essa? Você dirigiu quatro horas por dia, duas vezes por semana, para administrar uma livraria velha empoeirada em Escondido que acabou fechando, e para *quê*?

Um bando de pássaros sai voando das árvores, assustado com o meu tom.

Viggo pisca para mim, surpreso. Eu também pisco para ele, surpresa. Não lembro a última vez que me empolguei tanto assim com alguma coisa. Quando era pequena, aprendi que se empolgar só piorava tudo. Dava mais munição pros meus pais usarem um contra o outro; incentivava meu irmão mais novo, Harry, a se comportar ainda pior, só para me superar; e assustava a Charlie. Então parei. Aprendi a ficar quieta, a engolir, a não sentir. Sentir só complicava tudo.

Viggo apoia o cotovelo no braço da cadeira e diz:

— Decidi que vou abrir meu próprio lugar, em LA e aqui. Fico indo e voltando entre onde começar. Aqui seria mais barato, já que manteria para esses lados, em vez de Seattle. Mas, por outro lado, se eu abrir minha loja principal aqui antes da de LA, vou passar mais tempo aqui, longe das crianças…

— Crianças?

— Minha sobrinha e meu sobrinho — explica. — E tem mais um a caminho. A Frankie, esposa do meu irmão Ren, está para ganhar mês que vem. Você viu ela ontem à noite, com certeza. Alta, cabelo escuro comprido. É a única da nossa família agora que parece ter engolido uma abóbora campeã, embora eu nunca diga isso para ela, claro, valorizo minha vida.

— Então… essas crianças. Você não quer ficar longe delas.

Ele franze a testa para mim, claramente confuso.

— Claro que não. Sou o tio favorito deles.

— Até parece que é — grunhe uma voz masculina do outro lado dos arbustos que cercam o deque, assustando nós dois.

— Jesus! — engasgo, levando a mão ao peito. — De onde ele saiu?

— Ah, ele já está acordado faz horas. — Viggo toma um gole do café, depois continua, com a voz mais baixa: — Desde que se aposentou, Gavin virou madrugador. Aposto que está de pé desde as três, se é que dormiu. Não duvido que seja um vampiro.

— Eu ouvi isso — diz o homem que agora reconheço como Gavin Hayes, ex-jogador de futebol internacional e parceiro de Oliver. Ele sobe devagar os degraus do quintal até o deque, vestindo uma jaqueta cinza com zíper e uma calça preta com listra cinza na lateral, uma garrafa térmica de café preto nas mãos.

— E aí, está gostoso? — Viggo pergunta, abrindo um sorriso para ele. — Esse café misturado com uma boa dose de delírio matinal?

Ignorando Viggo, Gavin ergue a caneca num cumprimento e me oferece um educado:

— Bom dia.

— Bom dia — respondo.

Ele se vira para Viggo.

— Você acha que eu estou delirando sobre o posto de tio favorito? Então pensa nos fatos, Bergman. A Linnie brinca de unicórnio mágico e feiticeira com você?

Viggo pisca, visivelmente pego de surpresa.

— Não exatamente, mas…

— Eu imaginei — diz Gavin, abrindo a porta de correr que dá para dentro. — Aproveita esse choque de realidade com teu café hipster aguado.

A porta desliza suavemente, fechando com um clique discreto.

Viggo sorri, olhando na direção dele.

— O cara me tira do sério, mas eu amo esse desgraçado.

Olho alternadamente entre o lugar onde Gavin estava e Viggo.

— Sua família é muito estranha.

— Sem dúvida — ele concorda. — Mas a gente se ama.

Droga dessa palavra, coça como urtiga arranhando minha pele. Puxo a manga e coço em volta do CGM – o monitor contínuo de glicose preso no meu braço, que rastreia meu nível de açúcar no sangue. A cola coça às vezes, e quando coça, não consigo evitar arranhar ao redor.

Viggo observa o que estou fazendo e inclina a cabeça.

— Não lembro disso no primeiro ano.

Puxo a manga de volta para baixo.

— Diferente de você, eu não estava fazendo amizade com todo mundo. Ninguém precisava saber que eu tenho diabetes tipo 1.

— Então você já tinha sido diagnosticada?

— No primeiro ano do ensino médio.

— Isso deve ter sido meio difícil. Ainda mais passando por isso na adolescência. Colegial é cheio de idiota para essas coisas.

— E era mesmo — comento sem emoção, encarando meu café, pescando um inseto que decidiu dar um mergulho na superfície. — Mas eu superei. Segui em frente.

— Claro. Mas só porque a gente segue em frente não quer dizer que algumas feridas não fiquem.

Lanço um olhar frio e impassível.

— Não preciso da sua empatia. Estamos aqui trocando segredos, não virando amigos.

Viggo sorri devagar, um brilho maroto nos olhos.

— Ihhh. Você não sabia, né?

— Saber o quê?

O sorriso dele se alarga, e ele se inclina para frente.

— Depois que você troca um segredo com um Bergman, está ligada a ele para sempre. Agora somos amigos, Lulaloo. Quer você queira, quer não.

— Não quero. Quero o contrário. Unfriend. Cancelar inscrição. Deixar de seguir.

Viggo ri.

— Azar o seu. Agora somos amigos, e pronto. Aposto que, até essa época no ano que vem, a gente vai está fazendo dueto de karaokê no casamento.

Minha garganta seca.

— C-casamento de quem?

— Delas. — Ele aponta além dos arbustos em volta do deque, onde vejo Charlie e Gigi saindo de um bosque, mãos dadas balançando, a luz do sol refletindo nos anéis de noivado brilhantes. Gigi tem uma flor presa atrás da orelha, e o cabelo curto e escuro da Charlie está coberto de pétalas. Os sorrisos delas são incandescentes.

Algo muito próximo de lágrimas arde nos meus olhos.

— Ela conseguiu — sussurro.

— Conseguiu — diz Viggo.

Desvio o olhar da minha irmã. Tem algo na forma como ele disse isso que me faz pensar que ele estava por dentro.

— Você sabia? Que Charlie ia pedir em casamento?

— Claro que sim. Fui eu que sugeri ela a fazer isso aqui.

— Você e a Charlie… são tão próximos assim?

— Ela é a melhor amiga da minha irmã caçula — ele responde, como se fosse óbvio. — Eu sou amigo da minha irmã caçula; os amigos dela são meus amigos. Char Char Binks e eu somos parceiros. Aliás, fui eu quem fez ela começar a ler romance, quem ajudou sua irmã a reacender a crença no felizes-para-sempre.

Minha mandíbula se contrai. Claro que foi. Tem uma parte de mim, pequena e furiosa, que quer se jogar nele e dar uma bela sacudida. Dizer que ele não tem o direito de enfiar essas ideias românticas absurdas na cabeça da minha irmãzinha. Mas quando olho de novo na direção de Charlie, ouvindo a risada rouca de Gigi e logo em seguida a gargalhada cintilante de Charlie, essa bronca, essa indignação… simplesmente desaparece.

Eu não acredito em felizes-para-sempre. Mas a Charlie acredita. E se ela está feliz com a Gigi, quem sou eu para cagar em cima disso? Mesmo que eu esteja morrendo de medo de ver ela de coração partido. Mesmo que me apavore não conseguir protegê-la de algo que ela nem quer ser protegida.

De pé, coloquei meu café de lado e enxuguei os cantos dos olhos antes de levar a mão à testa, protegendo os olhos do sol.

— Então minha irmã acredita em finais felizes agora, graças aos seus romances.

— Bem... — Viggo também se levantou, as mãos na cintura, pelo menos até Charlie e Gigi nos avistarem e acenarem. Ele abriu um sorriso largo e retribuiu o aceno. — Não só por causa dos romances. Mas acho que ajudaram, sim.

Suspirei, desanimada, ainda observando Gigi e Charlie se aproximarem.

— Essa sua loja... você vai vender romances nela, né?

— Principalmente, sim. Mas tenho muitos planos para o lugar. Lugares.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Locais, no plural. Planos ambiciosos. Você é bem confiante, hein?

— Melhor do que confiantemente horrível — disse ele, piscando.

Revirei os olhos, lutando contra um sorriso.

— Que essa confiança te leve longe, Viggo Bergman.

— O mesmo para você, Tallulah Clarke. — Nossos olhos se encontraram. — Você vai terminar esse livro — disse, por fim. — Eu sei que você sabe que você sabe o que está fazendo.

Franzi a testa.

— Essa foi... uma frase confusa.

— Mas não menos verdadeira. Vamos fazer o seguinte — disse ele, virando-se completamente para mim, dando um passo mais perto. Levantou o dedo mindinho. — Vamos fazer uma promessa. Promessa de dedinho.

Quase recuei por impulso.

— Por quê?

— Porque... — Seus olhos buscaram os meus. — Ajuda, quando a gente está fazendo algo difícil, saber que tem alguém torcendo por você. Então, vamos prometer deixar o passado complicado para trás, ser parceiros de responsabilidade, de certa forma. Quando estivermos comemorando o

casamento de Charlie e Gigi, vamos prometer que teremos feito o que nos propusemos a fazer: você, dar um chute naquele livro. Levar o tempo que precisar para deixá-lo certo, fazer algo de que se orgulhe. Adiar seu prazo, dizer para sua editora: "Segura a onda e deixa eu fazer minha mágica; grandes livros exigem grande tempo…"

Grandes livros exigem grande tempo. Essa foi boa, na verdade.

— … e *eu vou* estar com minha livraria funcionando. Agora vai. — Ele ergueu o dedinho mais alto.

Fiquei olhando para o dedo dele e então disse:

— E se a gente conseguir fazer essas coisas…

— *Quando* a gente conseguir fazer essas coisas — corrigiu ele.

— … então o quê?

Viggo inclinou a cabeça, sorrindo com ternura.

— Então vamos comemorar, e vai ser bom saber que estivemos torcendo um pelo outro nesse processo. Com sorte, vamos estar mais felizes e menos estressados. E talvez, só talvez, até lá, você tenha aceitado a ideia de ser minha amiga.

— Sua amiga, Viggo? Sério? Somos como noite e dia. Por que a gente seria amigo?

— Por que não seríamos? — retrucou ele. — Pense nisso. Você conhece literatura, você ama livros. Quantas histórias incríveis são construídas sobre amizades entre pessoas completamente diferentes? Diferença é o que torna o mundo bonito, Lu, é o que faz a vida interessante. — Ele deu de ombros e completou, num tom casual: — Mas entendo que possa ser intimidador…

— Eu não fico intimidada por você. Nem pela sua promessa de dedinho.

Viggo abriu um sorriso.

— Fico feliz em ouvir isso.

Travei meu dedinho no dele, de forma meio ríspida. Um choque de eletricidade estática me atingiu no momento em que nos tocamos, mas Viggo não se mexeu. Só manteve os olhos nos meus por um instante, firmes e gentis. Depois, foi ele quem soltou primeiro.

O vento aumentou, trazendo Charlie e Gigi junto com uma rajada de pétalas, que subiram até o deque. Franzi o rosto contra as flores que giravam ao meu redor, tentando afastá-las. Viggo esticou a mão e tirou uma flor do meu cabelo.

— Eu podia ter feito isso — murmurei.

Ele sorriu, fechou a mão ao redor da flor, depois girou o pulso e abriu a palma... revelando nada. A flor havia sumido.

Pisquei para ele.

— Você tem um bico de mágico agora?

O sorriso dele se alargou.

— Um dos muitos.

Quando Charlie e Gigi se aproximaram, Viggo deu um passo para trás e disse, só alto o suficiente para que eu ouvisse:

— Lembra, a loja ainda é segredo. Então não conte para ninguém.

— Minha boca está fechada. — Fiz um gesto como se estivesse fechando um zíper nos lábios.

Ele soltou uma risada.

— Por enquanto, são só vigas e janelas velhas, mas a loja fica em Culver City. Passa lá algum dia. Faço um café para você; você pode tirar sarro do meu estoque de romances e me lançar olhares mortais.

Não pergunte. Não pergunte.

Minha maldita boca se mexeu antes que eu pudesse evitar.

— Como vai se chamar?

Ele abriu um sorriso largo.

— A ideia original era chamar de "Felizes para Sempre", mas decidi por "Livros de Romance Bergman & Cia", Bergman’s Books, para abreviar. Bem, esse vai ser o nome. Por enquanto, no Google Maps, ainda aparece como Joe’s Sandwich Shop. Enfim, entre agora e o casamento — disse ele —, se você precisar de um incentivo vindo das arquibancadas, vai saber onde me encontrar.

Antes que eu dissesse mais alguma coisa – não que eu soubesse o que dizer –, Charlie me envolveu num abraço, quebrando o momento. E então Gigi se jogou nos meus braços também. Abracei as duas e disse que estava feliz por elas.

Minha irmã e sua noiva me arrastaram para dentro, onde cada Bergman parecia já estar de pé, e a cozinha fervilhava em um caos alegre. Estouraram champanhes, brindes foram feitos, e o dia virou um borrão, um turbilhão de horas celebrando. Viggo esteve lá o tempo todo, mas manteve distância. Ficou ocupado. Cozinhou com os irmãos e a mãe na cozinha. Levou os sobrinhos para fora, rolando pela grama, fazendo cócegas nos pés deles, arrancando gargalhadas enquanto eles balançavam nos pequenos balanços pendurados numa árvore ao fundo do quintal.

Me esforcei tanto para não olhar para ele. Para não pensar no que ele disse.

Me esforcei para não pensar nele enquanto, em silêncio, arrumava minha mala naquela noite. Enquanto me sentava no carro alugado logo cedo na manhã seguinte, tão cedo que o sol nem dava sinal no horizonte, e mandava uma mensagem para minha irmã pedindo desculpas por ter ido embora antes dela acordar, junto com uma promessa – a mesma promessa que sempre faço – de que estou aqui, sempre que ela precisar de mim.

Me esforcei tanto para não pensar naquela promessa que recebi daquele homem irritante, com olhos paradoxalmente quentes e frios – a promessa de que ele estaria ali, se eu precisasse, a ideia de alguém torcendo por mim, me empurrando pela estrada.

Eu falhei miseravelmente.

CINCO

Viggo

Playlist: “Brass Band”, Jukebox The Ghost

Um ano depois

Eu não ouvi mais nada de Tallulah desde o dia daquele café de madrugada. E fiz questão de não pensar nela também.

Quer dizer, não demais.

Claro que pensei nela quando Charlie me abraçou durante um daqueles jantares de domingo com a família, no mês seguinte, tão certa de que a virada de Tallulah tinha sido graças a mim. Ela tinha conseguido um lugar só dela, disse Charlie. Adiou o prazo do livro. Tinha contado que ia fazer umas viagens sozinha e tentar priorizar o autocuidado.

Fiquei feliz em ouvir isso, mas depois de doze meses sem qualquer notícia, já tinha aceitado que a mudança de Tallulah não tinha nada a ver comigo. Afastei os pensamentos sobre ela e me concentrei em me jogar na vida que estava bem na minha frente, fazendo essa livraria acontecer.

Só estou pensando em Tallulah agora porque reservei um cantinho na livraria para livros que não são de romance, incluindo thrillers – títulos cuidadosamente selecionados que combinam com o lema da minha loja: finais felizes. Antes daquela viagem até a cabana e do meu reencontro com Tallulah, eu não lia um thriller fazia anos, depois de não ter curtido os poucos que tentei. Mas depois de vê-la no ano passado, resolvi dar outra chance: fucei na biblioteca, pedi recomendações para o pessoal e me arrisquei de novo. Para minha surpresa, achei alguns que adorei e que se

encaixavam – finais agridoces, mas cheios de esperança. E foi assim que eles ganharam lugar na prateleira de não-romance da minha loja.

Enquanto muitas livrarias exibem fila após fila de todos os gêneros, o romance costuma ficar jogado num cantinho – se é que aparece. A minha livraria é o oposto. Tem uma estante pequena, de chão ao teto, só com livros que não são de romance e todos eu li. Todos terminam com uma nota de possibilidade esperançosa. Quero cuidar dos meus clientes quando eles entram aqui. Esse lugar é sobre felizes para sempre, e não vou enganar ninguém.

Sei que romance não é o estilo de todo mundo, e respeito isso – contanto que não falem mal do gênero –, mas essa loja é para quem encontra alegria na leitura romântica. Um lugar onde possam mergulhar fileira após fileira em histórias que aquecem o coração, se perder em finais felizes até se sentirem completos.

Dito isso, sei que às vezes a gente precisa mudar de ares, ou então a pessoa vem acompanhada do parceiro, amigo, alguém da família que não curte romance, e quer levar um livro para essa pessoa também. É para isso que serve esse cantinho da loja.

Sorrio enquanto ajeito meu thriller favorito até agora, *Isochron*, virando-o para frente. A capa é linda, uma aquarela em tons de laranja e vermelho, um nascer do sol dramático que combina perfeitamente com o final da história. Tenho certeza de que o design por si só já fez muita gente pegá-lo da prateleira, virar e ler a sinopse na contracapa. Foi isso que me fisgou.

No primeiro capítulo, eu soube – eu *soube* – que era de Tallulah. A prosa elegante, enxuta – sem exposição ou descrição em excesso; diálogos bem dosados, no ritmo certo. Observações dolorosamente bonitas sobre as fraquezas e feridas humanas.

Ajeito os exemplares restantes de *Isochron* na prateleira e deixo minha mente vagar até Tallulah. Será que o segundo livro dela está indo bem? Será que terminou? Será que tirou o tempo que precisava para deixar do jeito que queria? Espero que sim. Eu estou aqui, de pé, vivendo minha própria versão disso – levando o tempo que precisei para finalmente fazer algo certo, ou pelo menos é o que eu espero.

— Isso aí não é conteúdo adulto que você está lendo na frente da minha filha, né? — Ren para do meu lado com um olhar de censura fingida.

Dou um sorriso, deixando o livro de Tallulah orgulhosamente exposto na estante. Lucia, filha de Ren e da Frankie, de onze meses, solta um gritinho de alegria quando viro com ela ainda presa ao canguru no meu peito e ela vê o pai. O rosto de Ren se derrete daquele ar sério para um sorriso bobo e apaixonado. Ele passa o dedo na bochecha da filha e limpa a baba que escorreu no queixo.

— Oi, meu amor — ele fala baixinho.

— Dada! — ela grita. As perninhas chutam para frente e para trás. Quase leva meus ovos com um chute do calcanhar.

— Vai com calma — digo para Ren, segurando os pés gordinhos dela. — Essa menina tem perna comprida e sabe bem como usar.

Ren ri, pega a mão da filha e sopra uma framboesa na palma. Lucia gargalha.

— Claro que sabe. É uma Bergman.

— *E* uma Zeferino — completa Frankie, parando ao lado dele e arqueando as sobrancelhas.

— Como se alguém tivesse dúvidas — Ren bagunça o cabelo escuro da Lucia, igualzinho ao de Frankie.

As pernas de Lucia começam a se agitar de novo quando ela vê a mãe.

— Ma! Mama, mama!

— Chega — digo, tirando Lucia com cuidado do canguru. — Vou acabar perdendo uma bola se vocês dois continuarem babando por ela desse jeito.

Ren a pega de mim com avidez, como se estivesse esperando por esse momento, e a apoia num braço, colada no peito. As mãozinhas vão direto para a barba dele, e ela puxa.

— Calma, Luce — ele murmura, afastando com delicadeza as mãos do rosto. — Devagar.

— Devagar — a Frankie resmunga. — Essa criança não sabe o que essa palavra significa.

— De onde será que ela puxou isso, hein? — pergunto.

Por pouco não tomo uma bengalada na canela de Frankie. Juro, as mulheres dessa família governam a gente com mão de ferro.

Deixo Lucia com os dois, guardo o canguru e começo a dar uma volta pela loja. Hoje é a minha pré-pré-inauguração – só minha família, mas toda a minha família – vendo meu sonho ganhar forma, que finalmente tive coragem de contar para eles no outono passado, e estou um caco de nervoso. Por isso eu estava usando a Lucia. Tem algo em segurar um bebê que faz tudo parecer melhor. O cheirinho do cabelo, a promessa de quem eles estão começando a ser, de quem vão se tornar, tudo guardado naquele corpinho pequeno. Bebês me lembram que coisas boas crescem de começos humildes; que antes de correr, a gente engatinha, depois cambaleia, depois anda. Passar esse último ano vendo Lucia crescer de um pacotinho chorão de cabelo escuro para essa pessoinha cheia de vida foi exatamente o que eu precisava enquanto me preparava para abrir a loja.

— Está tudo maravilhoso, *älskling* — diz minha mãe, baixinho, quando quase passo direto por ela para tirar minha suculenta preferida, Lorraine, do alcance de Theo. Theo tem pouco mais de dois anos e está

numa fase destruidora. Até agora não entendi porque achei sensato convidar mini tiranos para minha pré-pré-inauguração. Bom, eu sabia que não era sensato; só sabia também que não ia ser certo se a família inteira não estivesse aqui.

— Ei, você aí — Aiden aparece rápido, levantando o filho em vez da planta, e o vira de cabeça para baixo com uma agilidade impressionante. Theo cai na gargalhada. — Mãozinha longe das plantas do tio Viggo.

Aliviado por Lorraine ter sobrevivido mais um dia, me viro para minha mãe.

— Foi gentil da sua parte — digo. — Valeu, mãe.

Ela arqueia uma sobrancelha – a mesma expressão que vejo direto na minha irmã mais velha, Freya, com aquele cabelo loiro-branco ondulado, gêmea da nossa mãe na aparência, só com vinte e cinco anos de diferença.

— Não foi gentileza, Viggo. Foi verdade. Está tudo mesmo maravilhoso. Eu falo o que penso.

— Ela está certa — diz meu pai. Olhos verdes vivos que ele passou para Axel, Ryder e para Ziggy. Cabelos ruivos, que foram para Ren e Ziggy também. Mas agora o cabelo dele está cheio de fios prateados tão claros que parecem brancos. Juro que aconteceu do dia para noite. Quantos daqueles fios eu devo ter colocado ali?

Sinto um aperto de nervosismo no peito quando ele aperta meu ombro com firmeza e diz:

— Estamos orgulhosos de você.

O alívio me invade, mesmo com a dúvida rondando os cantos da mente. Olho de um para o outro. Nem sempre tornei as coisas fáceis para eles. Fui um aluno razoável, mandava bem nas matérias que curtia e só fazia o mínimo nas que não gostava, mas também aprontei demais – me meti em encrenca e bobagem sem necessidade. Fui o que floresceu por

último na família, o único a largar a faculdade depois de só dar uma testada, o último a achar um caminho profissional. Toquei fogo na cozinha da casa deles com meu “negócio” de panificação por anos, voltei a morar com eles quando tudo desandava. Dei trabalho. Quero que eles sintam que todo o estresse, a preocupação, tudo que passaram comigo, valeu a pena. Quero que tenham orgulho de mim.

Eu sei que eles têm orgulho de mim, simplesmente porque me amam e eu sou filho deles, mas eu quero que tenham orgulho de verdade — que olhem para esse lugar e, objetivamente, pensem que é bom.

Engulo a ansiedade quando minha mãe aperta minha mão e me dá um leve aperto, também.

— Obrigado — digo para os dois.

Dou uma olhada ao redor, tentando enxergar o lugar com olhos imparciais, distinguir entre o que eles dizem ver e o que realmente está ali, sem o viés de meses de planejamento moldando a forma como percebo a loja.

O sol de fim de tarde de abril invade pelas janelas, banhando o espaço com um brilho amarelo-manteiga. Estantes de carvalho que vão do chão ao teto estão abarrotadas de lombadas coloridas, fileira após fileira de romances. Ao lado do caixa, há um balcão de madeira reaproveitada que Ryder me ajudou a construir, salpicado de mini suculentas, filodendros, fícus, jiboias e clorofitos. Atrás dele, prateleiras com minhas canecas feitas à mão – cerâmica tem sido meu novo amor, dá às minhas mãos algo calmante para fazer quando a mente não para. Um arco-íris de porta-copos de crochê que fiz fica empilhado ao lado, pronto para receber xícaras de café ou chá enquanto os clientes leem suas novas aquisições, espero que beliscando algum dos meus quitutes também.

Coço a nuca, os pensamentos girando. Preciso contratar gente para algumas dessas tarefas – preparar cafés, servir os doces, ajudar os clientes pela loja, sem contar o trabalho de desembalar e repor o estoque. Mas investi cada centavo suado para deixar esse lugar do jeito que sonhei, e agora estou meio apertado para pagar salários. Por um tempo, vou ter que fazer tudo sozinho. Na raça.

Tenho amigos, tenho minha família – sei que qualquer um deles, mesmo com o tempo apertado, daria um jeito de ajudar –, mas eu quero acertar isso do meu jeito, fazer as coisas do meu jeito, sem parecer exigente demais.

Uma pontada de solidão me atravessa. Se eu tivesse a minha pessoa, seria com ela que eu dividiria isso, no mínimo seria quem ouviria tudo que está preso aqui. Não quero que meus pais se preocupem mais comigo. Não quero que meus irmãos escutem o quanto estou sobrecarregado e se sintam obrigados a ajudar, quando já têm suas vidas cheias – trabalho, relacionamentos, filhos.

— Viggo? — A voz do meu pai me arranca das preocupações e me traz de volta. Ele estreita os olhos. — Que foi, filho?

— Nada. — Forço um sorriso. — Eu estou bem. De verdade.

Meu pai inclina a cabeça.

— Tem certeza?

— Tenho! — Alargo ainda mais o sorriso e abraço os dois. — Obrigado por estarem aqui. Agora vão dar uma olhada com calma, se acomodem, tá? — digo, apontando para o cantinho aconchegante na frente da loja, com algumas poltronas verdes de veludo que eu mesmo reestofei, decoradas com almofadas cujas estampas são mosaicos de capas de romances.

Com os dois distraídos, dou outra olhada na loja e faço uma checagem mental. Só se passou uma hora desde que abrimos, e já detonaram quase toda a comida – parte eu fiz, parte minha família trouxe. As tampas já voltaram pros potes com as receitas clássicas suecas da minha mãe, biscoitos e cupcakes, incluindo versões sem glúten por causa das restrições de Seb e de Rooney. Louças sujas estão empilhadas com cuidado na bacia, esperando para entrar na lava-louças compacta. Um violão acústico toca de leve no fundo, trilha sonora suave enquanto meu olhar percorre a loja.

Willa e Ryder estão no meio da seção de romances históricos. Willa folheia livros, tirando alguns das prateleiras. Ryder se encosta na estante do outro lado, com uma pilha de livros debaixo do braço, observando ela com um sorriso no rosto.

Oliver e Gavin estão na parte de romances esportivos, no corredor dos contemporâneos. Ollie dá risada de algo que Gavin murmura enquanto lê a contracapa de um livro.

Frankie está focada na prateleira de releituras de Jane Austen, o dedo deslizando pelas lombadas, enquanto Ren está sentado no chão perto da entrada, na seção de não-romance, com Lucia no colo lendo um livrinho para ela. Pazza, a Alusky preta e branca deles, está deitada tranquila ao lado, como sempre, sem se afastar da bebê.

Ali perto, encostados no balcão de café, Rooney e Axel estão lado a lado, passando livros entre si, uma linha de produção de autógrafos, assinando uma pilha dos livros infantis que publicaram juntos – escritos por Rooney, ilustrados por Axel. Rooney tem formação em ciência, e Axel é pintor. Três anos atrás, lançaram o primeiro livro, sobre explorar a natureza e cuidar do meio ambiente. Desde então, vieram mais três, com um grupo de crianças que vive aventuras aprendendo sobre o planeta – de vida marinha a plantas nativas, de jardinagem a sistemas climáticos. Fiz questão

de encher minha prateleira infantil na seção de não-romance com os livros deles, prontos para serem autografados.

Do outro lado da loja, Ziggy está sentada no chão, pernas esticadas, encostada na estante de romance fantástico, com o nariz enterrado numa prova antecipada que peguei para ela – o primeiro de uma nova série de romantasia que a editora me mandou. Uma das melhores partes de ser livreiro: receber lançamentos antes de todo mundo.

— Você tem sorte que eu gosto de você. — Seb se encosta no balcão do café, braços cruzados. Ele aponta com o queixo para Ziggy, ainda imersa no livro. — Por sua culpa, agora sou segunda prioridade.

Reviro os olhos.

— Você sabe que ela devora livros. Em algumas horas, você volta a ser o centro do mundo dela.

— Algumas horas a mais do que o necessário — resmunga ele.

Sinto aquela pontada de inveja. *Pelo menos você só precisa esperar algumas horas até ter sua pessoa,* eu queria dizer. *Eu estou esperando, esperando e esperando... e sem ver o fim disso.*

Mas não digo. Fico quieto sobre a solidão. Me agarro àquilo que estou esperando – um romance épico, uma conexão única na vida com alguém que vire meu mundo de cabeça para baixo, que me faça sentir aquela emoção que só os romances sabem capturar. Eu sei que coisas boas levam tempo, e que o amor não aparece quando a gente quer, mas quando ele está pronto. Então estou tentando ser paciente.

E definitivamente não vou dar sinal verde para minha família interferir, já que, como mencionei, me meti demais na vida amorosa deles. Não estou nem um pouco disposto a deixá-los fazer o mesmo comigo – se já estou sofrendo assim, imagina com eles se metendo. Eles apoiam meu amor por romances, alguns com mais entusiasmo que outros, e até leem o que indico,

mas duvido que algum deles entenda o que é desejar amor romântico da forma que eu desejo – viver com essa vontade doendo no peito, como se fosse uma doença que vai se espalhando com o tempo. Já estou sofrendo o bastante. Não suportaria que eles diminuíssem isso, ou pior, tentassem empurrar alguém qualquer no meu caminho só para ver se rola alguma coisa.

Eu vou saber quando encontrar a pessoa certa. Nossos olhos vão se encontrar. Meu coração vai fazer aquele... *negócio,* me dar o sinal de que é essa pessoa que eu esperei.

Esperei. E esperei. E continuo esperando.

Um suspiro escapa de mim enquanto ajeito meu boné e puxo ele mais para baixo. Seb estreita os olhos, tentando entender o que vê nos meus.

Ao longo do último ano, desde que entrou oficialmente para os Bergmans como namorado da Ziggy, a gente se aproximou bastante. Mesmo sendo jogador profissional de hóquei do LA Kings e companheiro de time de Ren, Seb sempre dá um jeito de mandar mensagem, geralmente nas madrugadas, como eu. Já me ajudou com vários projetos na loja, sempre que o tempo permite. Já trouxe comida para gente, quando a Ziggy estava aqui, ajudou a decidir e organizar as prateleiras. E também me arrastou para o mundo das tatuagens. Agora tenho três, graças à má influência dele. Não que eu ache tatuagens ruins – só são caras para caramba, e eu não devia estar gastando com isso quando digo a mim mesmo que nem tenho como pagar um barista.

— O que foi? — ele pergunta.

— Nada.

Ele bate a mão no meu ombro, me fazendo soltar um gemido de dor. É onde tenho a tatuagem nova, e ele sabe disso.

— Tem certeza? — insiste ele.

— Obrigado pela preocupação. — Tiro a mão dele e dou um tapa no peito dele, bem onde sei que também tem tatuagem nova, já que fizemos juntos. — Mas eu estou bem.

Seb afasta minha mão.

— Você está mentindo na cara dura.

— Não estou.

— Está sim.

— Não estou…

Um *ding* alto ecoa do sino acima da porta, interrompendo nossa discussão infantil. A porta quase bate na parede quando Charlie corre até mim e me abraça, enquanto Gigi fecha a porta atrás.

— Desculpa o atraso! — ela diz.

Eu abraço Charlie de volta. Não, ela não é parente de sangue, mas no último ano, ela e Ziggy entrelaçaram ainda mais suas vidas – jantares da família Bergman, noites de jogos, festas de aniversário. Charlie e Gigi agora são família.

— Está incrível — diz Charlie, se afastando para que eu possa abraçar Gigi também.

— Sério — me diz Gigi —, Viggo, está tudo deslumbrante.

Eu sorrio.

— Obrigado, vocês duas. Fico feliz que estejam aqui.

— Claro que estamos aqui — diz Charlie. — Teríamos chegado antes, mas estávamos esperando por…

— Ei, Char — interrompe Ziggy, ofegante e corada, com um livro debaixo do braço. — Você tem que ver a seção de romances paranormais. Ele tem o mais novo da série de romance alienígena…

— Não precisa falar mais nada! — Charlie grita, toda empolgada, e então sai correndo, puxando Gigi pela mão para que ela a siga. Gigi dá de

ombros e sorri com um ar de desculpas, enquanto Charlie a arrasta pelo corredor.

Eu me viro para Ziggy.

— O que foi isso?

Ziggy dá um passo para trás, apertando a cópia antecipada do livro contra o peito.

— Ah... nada. Só queria que a Charlie visse os romances alienígenas.

Ziggy é péssima mentirosa. Ela está tramando algo.

Antes que eu consiga pressioná-la, minha irmã já desapareceu em um flash de cabelos vermelhos, indo direto para a seção de romances paranormais, onde Charlie está vasculhando os livros, dando uma olhadela rápida e nervosa na minha direção.

Eu estou tão confuso. Franzo a testa e me viro para Seb.

— O *que* está acontecendo?

Seb parece pensar por um momento, ponderando como me responder. Mas somos interrompidos antes que ele possa, quando minha sobrinha Linnea corre na direção dele, gritando: “Me pega, Problema!”. Ele a ergue no estilo Dirty Dancing, depois a lança para o alto, fazendo-a rir alto.

Eu franzo a testa para os dois.

— Essa era *nossa* coisa — digo para Linnie.

Seb a coloca de volta no chão, e então Linnie corre até mim, se jogando em meus braços e me abraçando pelas pernas.

— Ainda é nossa coisa — ela diz, olhando para cima com um sorriso super doce, agora que perdeu um dos dentes da frente. — Eu tenho muitos tios e tias, tio Viggo. Você tem que aprender a dividir melhor.

— Eu sou um dos sete filhos, Linnie. Quando eu cresci, sempre tive que dividir. Hoje em dia, eu não preciso, e dividir é tão difícil para mim quanto comer só uma fatia do *kladdkaka* da MorMor.

Linnie fica pensativa. Eu sabia que uma analogia sobre o bolo de chocolate da minha mãe ia ressoar.

— É difícil comer só uma fatia do *kladdkaka* da MorMor — ela diz. Ela pega minha mão e aperta, os olhos claros, iguais aos meus, fixos no meu rosto. — O que aconteceu, tio Viggo?

Droga. O que é isso na minha expressão hoje à noite que transmite insatisfação? Eu sou tão óbvio assim?

— Eu estou bem, Linnie.

A testa dela se franze. Ela puxa minha mão até que eu me agache, ficando no nível dela. Então ela se aproxima e coloca as palmas das mãos de cada lado do meu rosto. Seus olhos buscam os meus.

— Você está triste.

Meu coração aperta, mas eu forço um sorriso.

— Não estou triste. Tenho todos vocês aqui. O que eu teria para ficar triste?

— Papai diz que você pode ter coisas boas e ainda assim estar triste. Ele diz que tem espaço para todos os meus sentimentos. Tipo quando eu tinha todos os meus Squishmallows, mas não conseguia achar minha coelhinha para dormir. Eu estava feliz por ter meus Squishmallows... mas estava triste sem minha coelhinha. Eu sentia falta dela, mesmo com tantas coisas ao meu redor. Eu precisava da coelhinha, para ficar tudo certo.

— Aqui está você — diz Freya suavemente, tocando a bochecha de Linnie com o nó do dedo. — Eu não conseguia te encontrar.

Linnie coloca a mão na barriga de Freya, que está grávida – o bebê Bergman-MacCormack número três deve nascer no verão – e dá uma leve batidinha antes de depositar um beijo.

— Eu estou aqui — Linnie diz para a mãe. — Só estava falando sobre sentimentos com o tio Viggo.

Freya sorri, observando Linnie com carinho.

— Bom, tenho certeza de que ele realmente aprecia isso. Está pronta para ir olhar uns livros, agora que terminou de comer?

— Sim — Linnie diz, fazendo uma pirueta que termina em um gesto de jazz hands justamente quando a porta toca novamente, sinalizando que foi aberta. — Vamos — ela diz, pegando a mão de Freya.

— Vai vir? — pergunta Freya para mim.

Eu abro a boca para responder, mas Linnie me atropela:

— Acho que não. Parece que o tio Viggo tem companhia.

Eu não estava esperando mais ninguém. Confuso, eu me levanto e olho por cima do ombro.

É quando eu vejo Tallulah Clarke na entrada da minha loja.

SEIS

Tallulah

Playlist: “I’ll Be Fine”, Claire Browne & The Bangin’ Rackettes

Considerando o quanto eu me esforcei para evitá-lo desde nosso café desconfortável de madrugada, há um ano, não faço a menor ideia do porquê estou aparecendo na livraria de Viggo Bergman para a inauguração.

Quer dizer... na verdade, eu sei. Minha irmã, Charlie.

Ela fez aqueles olhos grandes e tristes de filhote, implorou para eu vir. Eu sou péssima em dizer não para ela – e ela sabe disso. Então, cá estou, na tal inauguração da livraria de Viggo. Só que, ao olhar em volta e ver apenas a família dele andando pela loja, começo a me preocupar. Isso não parece nem um pouco com uma grande inauguração.

Meus olhos vão até minha irmã, sussurrando com a Ziggy, que, supostamente, foi quem contou para Charlie sobre essa “inauguração”. Ziggy me olha, fica vermelha como um tomate e levanta um livro para esconder as duas do meu olhar fulminante. Gigi está ao lado delas com um livro na mão também, que eu acho que ela deveria estar “lendo”, exceto pelo fato de estar de cabeça para baixo. Aos poucos, as cabeças vão se virando na minha direção, me cumprimentando calorosamente, mas a maioria expressa algum grau de surpresa por eu estar aqui.

Droga. Fui enganada.

Viggo caminha em minha direção, também com uma expressão surpresa. Com o mesmo boné azul de sempre, ainda mais surrado que no ano passado. Outra camiseta, desta vez azul clara, com um taco estampado – recheado com capas de romances históricos mostrando casais seminús em

trajes da Regência, entrelaçados. Acima, os dizeres: *Eu gosto dos meus romances como gosto dos meus tacos: bem apimentados*.

Meus olhos sobem até os dele e nossos olhares se encontram. Há algo tenso nos cantos daquele sorriso brilhante, como se uma tempestade estivesse se formando na borda de um céu ensolarado.

Respiro fundo para me recompor. Detesto que é sempre assim que a gente se encontra – Viggo em casa, confortável; eu fora do meu território, desprevenida. Detesto perceber que tem algo quebrado no sorriso dele, algo que sugere que ele não está exatamente feliz em me ver. E detesto ainda mais o fato de eu me importar com isso.

— Tallulah Clarke. — Ele para a um passo de mim, mãos nos bolsos. — A que devo a honra?

— Me disseram que hoje seria a grande inauguração da sua loja. — Cruzo os braços, olhando por trás dele, direto para minha irmã, do outro lado da loja. Ela se esconde atrás do livro de Ziggy de novo.

Viggo segue meu olhar por cima do ombro, depois volta a me encarar. Seu sorriso se abre. Ele está se divertindo com isso.

— Ooh, te pegaram direitinho.

Lanço um olhar mortal para ele.

— Fico feliz que você ache engraçado.

— Sabe, Tallulah, eu acho mesmo. — Viggo estica o braço para fechar a porta atrás de mim, me encurralando entre o corpo dele e a saída. Ele está perto. Tão perto que eu poderia fechar a mão no tecido da camiseta e puxá-lo mais ainda.

Se eu quisesse.

O que eu não quero.

Ergo uma sobrancelha para ele.

— E por quê, exatamente?

— Porque você está toda irritadinha de estar aqui, no que foi claramente um “pré-lançamento”, sendo que parecia que ia vir para inauguração oficial de qualquer jeito. Então veio quando tem umas duas dúzias de pessoas a menos, grande coisa. — Ele dá de ombros. — Você está aqui agora, tem um monte de livros bons para ver, ainda tem uns petiscos se tiver fome, e gente com quem você parecia gostar de conversar, da última vez que viu. Que tal só... aproveitar? Ou estar na minha presença é assim tão desagradável?

Engulo em seco.

— Eu não acho sua presença... desagradável.

Ele cruza os braços, olhando para mim de cima.

— Então, depois da gente se esbarrar naquela cabana na primavera passada, você some por um ano. Por quê?

Meu estômago dá um nó. Um pouco de culpa, um pouco de prazer culposo por ele parecer genuinamente incomodado por eu não ter aceitado o convite, por nunca ter aparecido.

Não fui porque estava mal, respondo mentalmente. *Porque precisava me recompor, cuidar de mim. Mas pensei em você. Te desejei sorte. E senti que você me desejou sorte também.*

Me remexo, prendendo uma mecha solta de cabelo no coque.

— Eu estava estressada, com muita coisa acontecendo… o livro, questões... pessoais. Eu não seria uma boa companhia.

Algo muda na expressão dele. Amolece. Ele se encosta na parede, cabeça inclinada enquanto os olhos procuram os meus.

— Você podia ter vindo, desabafado, conversado. Eu teria escutado. Talvez colocasse um pincel na sua mão e te fizesse pintar uma parede enquanto falava, mas teria escutado.

Meu coração bate forte no peito. Como responder a isso? Como dizer que ninguém nunca fez isso por mim? Nunca ofereceu ser o lugar seguro onde eu pudesse desmoronar? Teria que admitir que nem sei como desmoronar, que só continuo empurrando, seguindo em frente, me desgastando.

— Não seria uma troca muito justa — murmuro. — Eu sou uma péssima pintora.

Ele abre um sorriso.

— Não importa. É isso que amigos fazem, Lulaloo.

Lulaloo. Ninguém me chama por esse apelido bobo – ou qualquer apelido bobo – há doze meses. Odeio admitir que senti falta.

— E eu te lembro — ele continua, abaixando um pouco a cabeça, diminuindo a enorme diferença de altura entre nós. A voz suave, quente, roça minha pele, arrepiando tudo. — Pelos estatutos do Código de Amizade da Família Bergman, desde que trocamos segredos, somos amigos.

Fico olhando para ele, lutando comigo mesma. Por que ele é tão gentil comigo, quando eu sou tão fria? Por que ele é macio, quando eu sou dura? Por que tenho essa vontade maluca de baixar a guarda, mandar tudo para o inferno e simplesmente aproveitar o quanto me divirto com as palhaçadas dele, a energia, as piadinhas bobas?

Há doze meses, venho tentando sair do modo automático: triste e estressada. Por uma noite, seria assim tão ruim me deixar curtir? Seria o fim do mundo me soltar e passar um tempo com essa família esquisita e enorme que acolheu minha irmã, fez ela se sentir amada e segura de um jeito que nossos pais, nossa família, nunca conseguiram? Seria tão terrível assim passar algumas horas com esse homem lindo – embora absurdamente barbudo – que parece enxergar algo em mim que vale a pena, mesmo

quando eu me fecho, mesmo quando sou grossa, mesmo que eu não faça ideia do que seja?

— Então, *amigo* — digo, tirando minha jaqueta bomber. — Que tal me dar um tour exclusivo?

— Essa é a Lisa. — Ele aponta para outra planta em vaso, uma samambaia elegante e delicada. Eu não entendo nada de plantas, mas até eu reconheço essa. — E, por último, mas não menos importante, Beverly. — Ele acaricia com carinho o vaso de cerâmica de uma planta alta, com folhas grandes e onduladas.

— Que planta é essa? — pergunto.

— Eu disse: essa é a Beverly.

Reviro os olhos.

— Sim, eu entendi o nome. Quero saber a espécie.

— Ah. — Ele sorri. — É uma *ficus-lira*.

— Hmm. — Toco a folha suavemente, passando o dedo pelo centro. — Eu gostei.

Um leve rubor sobe pelas bochechas dele. Viggo se vira e aponta atrás de mim.

— Por aqui, agora.

Já andamos por toda a loja, menos pela parte da frente, em frente ao cantinho de leitura, onde há mais uma fileira de estantes separada das demais. Um Alusky preto e branco, já velhinho, dorme numa caminha aos pés da estante, com um potinho de água ao lado. Mais plantas pendem do teto acima do cão, formando um jardim suspenso de folhas e cipós em vários tons de verde, do chartreuse vibrante ao jade escuro.

Viggo para e se vira de novo para mim, com uma expressão confusa.

— O que foi? — pergunto.

— Você não achou estranho eu ter dado nome pras minhas plantas.

Dou de ombros.

— Você tem toda a vibe de “pai de planta”, não me surpreende.

— Eu dei nome de autoras de romance. Lisa Kleypas. Beverly Jenkins. Tessa Dare. Lorraine Heath. Courtney Milan. Cat Sebastian…

— De novo, sem surpresas. Você batizou as plantas com nomes de autoras que ama. Não vejo problema nisso.

Ele me olha, curioso.

— Por que você está sendo legal hoje? Está com pena de mim? Acha que a loja está tão patética assim que está me tratando com dó…

— Ei. — Ergo as mãos. — Calma aí.

Viggo apoia as mãos nos quadris e olha para mim de cima.

— Tá bom. Eu estou segurando.

A insegurança crua na expressão dele faz meu estômago se contorcer.

— Eu não estou sendo legal. Não estou com pena de você. Só tô... aqui. Respondendo ao que eu vejo. Você fez algo grande, Viggo. Algo impressionante. Abriu uma maldita loja, e tem muito do que se orgulhar. Não estou aqui para cagar em cima disso.

Ele pigarreia, coça a nuca e depois puxa o boné para frente, cobrindo os olhos.

— Tá bom.

Eu sei que a gente não tem o melhor histórico, mas odeio saber que ele ficou esse tempo todo andando por aí, falando sem parar comigo, e ao mesmo tempo preocupado em silêncio que eu estivesse julgando ele. Ou pior – que eu só estivesse o tolerando. A intensidade do meu arrependimento me faz fazer algo que eu nunca faço, algo que eu detesto fazer – me explicar.

— Escuta — digo baixinho, puxando as mangas da blusa para me dar algo para fazer além de encarar aqueles olhos impressionantes e sinceros. — O jeito que eu agi com você, quando a gente estava na faculdade, ou quando te vi no ano passado, não tem a ver com você. Tem a ver comigo. Tanto na faculdade quanto na cabana, você foi acolhedor e caloroso, e eu fui... distante e fria. Mas eu sou assim. Sou assim com todo mundo. Nunca olhei para você de cima ou achei que você valia menos. Eu vim para essa que eu achei que era a inauguração da sua loja, porque você correu atrás do que é importante para você, trabalhou para caramba para conseguir, e isso merece ser comemorado. Mesmo que você claramente invista demais em romances e talvez tenha um problema sério com acumular plantas.

Ele ergue o boné um pouco e encontra meu olhar, me encarando como se eu tivesse acabado de chocar ele. E então, sorri.

— Valeu, Lu. Isso foi... muito legal da sua parte. Eu... uh... — ele pigarreia de novo e coça a nuca. — Fico feliz que você veio hoje.

— Eu também.

Incomodada com o calorzinho que está se espalhando por dentro de mim, balanço a cabeça e passo por ele, indo até a última estante, que ele ainda não tinha me mostrado.

— E aqui? Guardou o melhor para o final?

— É minha seção sem romances — ele explica, parado atrás de mim.

— Então, o melhor para o final mesmo.

Ele me lança um olhar fingindo irritação.

— Seja legal.

Dou uma olhada por cima do ombro e dou de ombros.

— Não posso ser legal demais. Aparentemente, isso levanta suspeita.

Ele suspira, balança a cabeça e volta a atenção para a estante do chão ao teto.

— São seleções feitas a dedo que, mesmo não sendo romances, ainda têm aquela esperança de um final feliz.

— Hmm.

Dou um passo mais perto, meu olhar deslizando pelas lombadas. Reconheço alguns que já li, todos que gostei. Passo o dedo por um livro que me fez chorar feito criança, outro que me deixou nervosa até a última página, e então...

Minha mão escorrega da estante. Me viro para encarar Viggo. Sei na hora que ele já sabe que é o meu livro.

— Charlie não me contou — ele diz, lendo minha expressão. — Eu descobri sozinho.

— Como?

Ele pega um exemplar, vira para contracapa e pigarreia.

— “Z.S. Ruhig escreve histórias estranhas e sombrias, porque o mundo já deu material perturbador de sobra para ela trabalhar. Ela não dá doces no Halloween, diz 'bah-humbug' no Natal e gasta todo o dinheiro com roupas caras e comida por delivery. *Isochron* é seu romance de estreia”.

— Você descobriu que era eu pela bio da autora?

— Não. A bio é envolvente, mas não entrega nada. Quando li, só soube que era sua escrita. Você tem um estilo muito vívido.

— Você reconheceu meu estilo depois de um semestre na faculdade, sete anos atrás, sendo parceiros de revisão duas vezes?

Ele inclina a cabeça.

— Memória muito boa. *Foi* duas vezes.

Meu rosto esquenta.

— Eu estava chutando. Não lembrava exatamente.

Ele sorri.

— Aham.

Solto um suspiro pesado, volto a encarar as estantes e faço uma careta.

— Não acredito que você colocou meu livro na sua loja.

O sorriso desaparece do rosto dele.

— Por que diabos você está tão brava com isso?

— Porque... — balanço as mãos, completamente sem palavras. E eu sou escritora, caramba. Devia ser melhor em me expressar. — Porque... eu não escrevo finais felizes.

Viggo dá uma risadinha e se encosta na estante, braços cruzados, sorrindo. É tão condescendente que dá vontade de agarrar os bíceps dele por cima da camisa e sacudir até ele entender.

— Tallulah, você escreve, sim. Você escreveu sobre pessoas se curando juntas, redescobrindo a esperança. Isso é um final feliz.

— Eu…

— A Lucia chegou no limite — diz o irmão dele, Ren, passando um braço em volta de Viggo enquanto um bebê preso ao peito dele, com cabelo escuro e fofo, chora. — Desculpa interromper — diz para nós dois. — Só não queria ir embora sem me despedir — completa, falando com Viggo.

Viggo ergue uma sobrancelha para mim.

— Bom ver que tem gente que não quer sumir sem aviso.

Lanço um olhar mortal para ele.

Viggo se vira, abraça o irmão e beija a testa do bebê, segurando a cabecinha com carinho. Um nó estranho se forma na minha garganta.

O choro do bebê vai diminuindo e os olhinhos vão fechando, enquanto Viggo faz movimentos circulares na cabecinha dela, como se fosse uma massagem suave. Ele repete, mais uma vez. O choro para. Os olhos dela piscam, depois fecham de vez. A boquinha se abre num ronquinho minúsculo. Está dormindo profundamente.

Ren balança a cabeça quando outro Bergman aparece – o irmão, Oliver.

— Tentei isso dois minutos atrás — Ren sussurra, indignado. — Não funcionou!

Viggo sorri com superioridade.

— Deve ser o toque mágico do tio favorito.

— Ei! — Oliver sussurra alto por cima da bebê dormindo. — Fui eu quem inventou essa técnica de acalmar.

— *Nós* inventamos — diz Viggo. — Mas fui *eu* quem aperfeiçoei. Procedimento padrão.

Oliver pisca para ele e, num piscar de olhos, dá a volta por Ren e coloca Viggo num mata-leão, indo direto para a área que, pelo grito abafado de Viggo, é o ponto de cócegas dele.

— A bebê! — ele guincha contra o corpo de Oliver. — Eu vou acordar ela!

O som sai tão alto e desesperado que escondo um sorriso atrás do punho, fingindo pigarrear.

— Eu vou gritar! — Viggo sibila, se debatendo, mas Oliver é rápido demais, prendendo os pulsos dele com firmeza.

— Devia ter pensado nisso antes de falar besteira — Oliver murmura de volta, fazendo ainda mais cócegas.

— Vocês dois — Freya, a irmã mais velha, enfia os dedos nas axilas dos dois, exatamente no ponto certo. Os dois gritam e se separam. — Comportem-se.

Os dois estão ofegantes. Viggo empurra o ombro de Oliver.

— É, Ollie. Comporte-se.

— Ele começou — Oliver empurra Viggo de volta e dá um tapa firme no ombro dele. Viggo geme de dor.

Elin, a mãe deles, se aproxima.

— Viggo Frederik. Oliver Abram. Trégua, por favor. Agora deem um abraço na mãe de vocês.

Viggo e Oliver obedecem, entrando nos braços da mãe, que os envolve e sussurra algo que parece sueco.

— Obrigado por ter vindo — Viggo diz quando seu pai, carregando uma caixa de marmitas e uma sacola no ombro que a esposa pega, o abraça e beija sua têmpora.

— Obrigado por mostrar para gente esse trabalho feito com tanto amor — diz o pai, antes de dar espaço para uma criança loira e sonolenta deitada no ombro de um homem barbudo com óculos pretos e grossos. O cunhado de Viggo, Aiden, eu reconheço depois de um segundo. Ou acho que é. São tantos Bergmans que eu já perdi a conta.

Mais parentes se juntam e vão saindo, enquanto Viggo fica perto da porta, com os bancos do bar ao lado, me encurralando no canto ao lado dos livros não-românticos. Estamos parados ali como se fosse uma linha de recepção num casamento.

Todo Bergman me oferece um “tchau” caloroso enquanto sai, como se não estivessem nem aí por eu estar ali parada com Viggo.

— Tchau! — diz a menininha de cabelo escuro e ondulado - Linnie, eu acho? — pulando para fora da loja. — Te vejo no domingo!

— Domingo? — pergunto.

— Jantar de família — explica a mãe de Viggo, pegando a mão de Linnie antes que ela corra para o estacionamento. — Você devia vir! O Viggo te passa os detalhes. Qualquer restrição alimentar, só avisar. Sempre felizes em te receber. Boa noite!

— Eu…

Encerrando a fila, estão Ziggy e o namorado, Seb, que dão abraços rápidos e evitam os sussurros de Viggo gritando em seus ouvidos, gritando por cima:

— Temos que ir! Yoga cedo amanhã!

Depois vêm minha irmã, Charlie, e Gigi. Gigi me abraça, dá um beijo na bochecha e sai correndo. Charlie joga os braços ao redor de Viggo, depois vem até mim e me abraça. Eu retribuo o abraço, mantendo ela presa contra meu corpo.

— Valeu pelo convite para a inauguração — murmuro.

Charlie, desgraçada, pode ser pequena, mas é forte. Se desvencilha, dá um passo até a porta e sorri, meio culpada.

— Uh. Então. Parece que eu confundi as datas.

— Charlie…

— Boa noite! Te amo! — ela manda um beijo e desaparece.

De repente, o lugar está assustadoramente silencioso. Viggo segue Charlie até a porta, se encosta no batente e observa a família indo para os carros. Eu vejo ele sorrindo para o escuro da noite, acenando enquanto os carros saem e os passageiros acenam de volta.

E então percebo que finalmente tenho um caminho livre – posso fugir, pegar minhas coisas, subir na Vespa e desaparecer.

Correndo atrás de Viggo, agarro minha jaqueta bomber e a bolsa, as duas largadas numa das poltronas de veludo verde. Me viro, vestindo a jaqueta e segurando a bolsa, pronta para correr. Mas então eu congelo.

Viggo está oscilando perigosamente na porta. Ele se segura no batente de madeira e balança a cabeça, como se tentasse se firmar. Mas logo começa a cambalear de novo.

— Ei. — Corro até ele, guiada pelo instinto de passar um braço ao redor de sua cintura. Ele está mais magro do que me lembrava do ano

passado, não que eu tenha lembranças específicas do que Viggo Bergman parecia há um ano. Consigo sentir suas costelas, seus ossos do quadril pontudos, enquanto minha mão tenta segurá-lo com mais firmeza. — Você está bem? — pergunto.

— Um pouco tonto — ele murmura, passando a mão pelo rosto.

— Quando foi a última vez que você comeu?

Ele franze a testa, pensativo.

— Essa... é uma excelente pergunta.

— Senta essa bunda aí. — Dou um chute leve na poltrona, fazendo ela girar na base até ficar virada para gente, e então o guio até ela. Viggo cai meio desajeitado e desaba na cadeira, olhos fechados. Vasculho minha bolsa e tiro uma mini barrinha de chocolate com pasta de amendoim. Sempre tenho dessas comigo, caso minha glicose caia. — Tem alergia a amendoim? Alguma alergia?

Ele balança a cabeça.

— Ahn-ahn.

— Come isso. — Desembrulho e dou um passo para dentro do espaço entre suas pernas abertas. A cabeça de Viggo pende para trás. — Ei. — Dou tapinhas leves em sua bochecha e seguro sua nuca, guiando sua cabeça para cima. — Come isso.

Ele abre a boca sem muita vontade, e eu deixo o chocolate cair lá dentro. Obediente, ele começa a mastigar. Desembrulho outro e coloco também.

— Esse também.

— Tão mandona — ele murmura, olhos fechados, suspirando fundo. — Não podia esperar até eu me sentir bem o suficiente para aproveitar?

Reviro os olhos.

— Pare de falar e começe a mastigar.

Ele pisca devagar, esfregando o rosto enquanto mastiga. Parece um pouco mais alerta, a cor no rosto melhorando. O chocolate está fazendo efeito.

— Eu até ia comer algo antes, mas acabei me ocupando demais tentando deixar tudo perfeito.

— Pra, e eu cito, uma ‘pré-abertura super discreta’. — Cruzo os braços sobre o peito. — Você se empolgar tanto só para mostrar o espaço para sua família não é um bom sinal para o dia da inauguração oficial.

— Eu sei — diz ele, ainda com a voz meio sonolenta. Vasculho a bolsa de novo e acho um pacotinho de gummies de fruta. Rasgo o pacote, pego sua mão, despejo os doces na palma e a levo até sua boca. Viggo mastiga devagar, dizendo com a boca meio cheia:

— Valeu.

— De nada — murmuro, enfiando o papel do pacotinho de volta na bolsa.

— Ufa. — Com a cabeça ainda para trás, ele pisca para o teto. — Eu estou me sentindo humano de novo.

— Engraçado como comer faz isso com a gente, né?

Viggo abaixa a cabeça, levanta o boné até os olhos encontrarem os meus e estica as pernas. Elas são tão longas que emolduram as minhas, onde estou parada olhando para ele.

— Você comeu alguma coisa quando chegou? — pergunta.

— Não. Eu não estava com fome.

— Bom, também não tinha muita coisa sobrando quando você chegou. — Os olhos dele me analisam. — Por que você demorou tanto?

Nem morta que eu vou admitir que estava tendo uma crise com a roupa, ocupada demais pensando na minha aparência para alguém cuja

opinião sobre mim – e sobre como eu pareço – eu definitivamente *não me importo*.

— Eu... tive uma inspiração para o livro — minto. — Precisei colocar as palavras no papel antes que escapassem. Falei para Charlie e Gigi irem na frente.

Ele sorri.

— Que bom que bateu inspiração. É o seu terceiro livro?

A vergonha e a frustração retorcem dentro de mim.

— Ainda o segundo.

As sobrancelhas dele se erguem. Devagar, ele se endireita na cadeira.

— Ah, Lu…

— Não. — Balanço a cabeça. — Sem sessão de pena aqui. Eu não estou com pena de você e dessa livraria fodona que você montou. Você não vai ter pena de mim e do meu livro ótimo que eu estou levando o tempo que for preciso para terminar.

Grandes livros levam grande tempo.

Minha editora não adorou essa frase de Viggo, que eu joguei para cima deles, mas respeitaram. Eu estou levando o tempo que preciso para fazer esse livro do jeito certo. Mesmo que ainda esteja sofrendo horrores para isso.

Viggo sorri, suavemente.

— Sem pena. Só... empatia. É difícil quando as coisas que a gente quer demoram mais do que gostaríamos. E respeito - fico feliz que você bateu o pé.

— É, bom... — Dou de ombros, ajeitando a bolsa no ombro. — Foi necessário.

Por um momento, o silêncio paira entre nós. Me mexo, inquieta. Eu devia ir.

— Ei, será que você... — Com a cabeça inclinada, Viggo olha para cima. Ele morde o lábio. — Nah, esquece.

Essa é a minha deixa. Seja lá o que ele ia dizer, ele se conteve. Recolheu o galho de oliveira, a oferta amigável que quase estendeu. Eu devia aproveitar. Ir embora. Ele está bem agora. A pré-abertura dele foi um sucesso. Eu apareci, dei parabéns. Minha consciência está limpa, o arrependimento por ter sido meio grossa com alguém tão gentil foi embora, agora que cumpri o que prometi para mim mesma.

Agora é a hora de sair e não olhar para trás.

Mas, em vez disso, vejo meu corpo, como se de fora dele, contrariar o bom senso e dar um chutinho leve na bota dele.

— Eu o quê?

Viggo sorri, devagar, cansado, afundado na cadeira, boné torto para trás.

— Eu ia perguntar se você queria comer alguma coisa. Eu estou com vontade de um pratão de macarrão. Tem um chinês ótimo aqui perto, uns dez minutos de carro. Mas aí pensei que você provavelmente não vai querer.

Diz que ele está certo. Dá tchau. Sai por aquela porta e continua andando.

Mas o que me espera se eu for embora agora? Voltar para casa da Charlie, onde estou ficando há uma semana desde que meu senhorio – muito ilegalmente – me avisou em cima da hora que vendeu a casa que eu gastei dinheiro demais alugando sozinha o ano inteiro? Encarar Charlie e Gigi, que me irritaram profundamente ao me empurrar para esse encontro íntimo? Mesmo que eu desse umas voltas de carro e voltasse depois, ainda teria que encarar o sofá-cama e o laptop com um documento do Word me julgando com uma contagem de palavras vergonhosa.

Ganhei um tempinho olhando o app do meu monitor de glicose. Está tudo em ordem, então posso dirigir tranquila e vou aguentar até decidir o que comer.

Posso dizer sim para o chinês. Pode ser só uma refeição compartilhada. Nada mais. Posso me alimentar, clarear a cabeça, voltar tarde o bastante para Charlie e Gigi já estarem dormindo e evitar uma conversa para a qual, definitivamente, não estou pronta com minha irmã sobre me empurrar para algo que eu não quero.

— Talvez você não me entenda tão bem quanto pensa, Viggo Bergman. Talvez um prato de lo mein seja exatamente o que eu estou precisando.

Um sorriso lento e malicioso toma o rosto dele, mesmo escondido por aquela barba selvagem. Tento – e falho – não me irritar com o quanto ele parece satisfeito, com a leveza com que salta da cadeira.

— Então vamos nessa, Lulaloo.

SETE

Viggo

Playlist: “Celeste”, Ezra Vine

— Onde é mesmo esse lugar? — Tallulah franze a testa para a estrada, como se sua carranca intensa fosse o suficiente para revelar nosso destino.

Tranco a porta da loja com um clique satisfatório.

— Só uma caminhada rápida de cinco minutos estrada abaixo. Anda, eu dirijo. — Caminho até meu carro e enfio a chave na fechadura. Meu carro é tão velho que não tem controle remoto nem entrada sem chave.

Tallulah dá uma olhada para o Ashbury e para de andar.

— Eu não vou entrar nessa armadilha da morte.

Arqueio as sobrancelhas, ofendido.

— Por favor, abaixe o tom. O Ashbury vai ouvir a sua crueldade.

Ela bufa e cruza os braços.

— O Ashbury precisa ouvir a verdade. Ele merece um fim misericordioso no ferro-velho.

— Tallulahloo, você está arrancando meu coração do peito. Não pode falar assim do meu carro.

Ela balança a cabeça e se vira em direção a uma Vespa vermelha-sangue brilhando alguns carros adiante. Piscar é o máximo que consigo fazer, surpreso. Sempre achei que ela fosse do tipo sensata e segura – esperava um carro híbrido com interior impecável, não uma moto sexy e perigosa. Tallulah olha por cima do ombro e me lança um olhar indiferente, sobrancelha arqueada, a boca cheia em uma linha firme e séria.

Meu corpo inteiro desperta.

— Se você gosta de dirigir esse monte de sucata com motor, tudo bem. Mas eu não vou entrar nele. Só me diz onde é que eu te encontro. E para deixar claro: eu não vou andar atrás de você. Não confio nesse trambolho para não sair perdendo peça.

Giro as chaves no dedo, de olho na Vespa enquanto Tallulah faz um pulinho fofo e passa a perna por cima dela. Com eficiência gelada, solta o coque. O cabelo azul-gelo desce como uma cachoeira até os ombros antes que ela o prenda em um rabo de cavalo baixo e coloque um capacete preto brilhante sobre o rosto.

Me sinto culpado quando olho de volta para o meu carro surrado, a pintura laranja queimada desbotada e cheia de ferrugem. Pouso uma mão no porta-malas e suspiro.

— Desculpa, Ash. Sou só um mortal. Ela é gostosa. E vai estar ainda mais gostosa dirigindo esse vrum-vrum italiano. Não dá para resistir.

— Você está falando com o carro, sério? — grita Tallulah.

— Dá licença? Estamos vivendo um momento aqui. Uma conversa de coração pra... capô.

Ela revira os olhos.

— Descansa, tá? — Dou um tapinha no porta-malas e prendo o chaveiro com mosquetão no passante do meu jeans. — Eu volto logo, velho amigo.

Quando me viro, vejo Tallulah me encarando com uma expressão irritada. Corro até ela, e sua expressão só piora.

— O que você está fazendo? — pergunta ela, desconfiada.

— Pegando carona, claro. — Me acomodo no banco atrás dela e me aproximo.

As costas de Tallulah ficam rígidas como uma tábua.

— Eu não te ofereci carona.

— E, ainda assim, tem um capacete reserva bem aqui. — Arranco meu boné, enfio no bolso de trás e coloco o capacete.

Tallulah vira devagar, me analisa de cima a baixo com frieza e depois abaixa a viseira com força.

— Pois é. Bom saber que você continua tão mandona quanto na faculdade.

Sorrio.

— Bom saber que você lembra das partes mais brilhantes da minha personalidade, mesmo depois de todos esses anos.

Ela bate na minha viseira e vira para frente. O motor ruge. Ela agarra minha coxa com força e me puxa, me arrastando para mais perto. Solto um palavrão antes que todo o ar do meu corpo desapareça. Tallulah pega minha mão, posiciona ao redor da cintura dela, passando pela curva suave do quadril e da barriga. Sinto o calor disparar dentro de mim.

— Agora faz o mesmo com o outro braço — ela ordena.

Lentamente, como se estivesse em transe, envolvo a cintura dela com o outro braço também. Estou grudado em Tallulah, que é tão baixinha que sua cabeça, mesmo com o capacete, encaixa bem debaixo do meu queixo. Ela é toda feroz e espinhuda, mas ali, colada em mim, parece tão doce e macia.

— Pare de sorrir — ela rosna.

— Como você sabe que eu estou sorrindo? — Eu estou totalmente sorrindo. Como não estaria?

— Chama-se instinto. — O motor ruge mais alto. — Agora segure firme.

Levanto o braço em saudação.

— Sim, senhora… Merda! — A Vespa dispara para frente, e meu braço volta instintivamente a se enrolar ao redor da cintura dela, grudando meu

corpo ao dela. A bunda dela, maravilhosa e cheia, está encaixada bem na minha virilha. Minhas coxas se apertam nas dela, coladas.

Seria, sem dúvidas, o momento mais quente da minha vida – se eu não tivesse certeza de que ia morrer. Ela acelera alto e faz umas curvas estilosas até chegar à rua principal.

— Tallulah — aviso.

— Viggo. — Agora *ela está* sorrindo, a pequena delinquente diabólica. Eu sinto, do mesmo jeito que a gente sente o luar antes de levantar os olhos e ver o céu todo iluminado.

— Está curtindo meu terror absoluto, sua gremlin?

— Imensamente. Mas pode confiar: iremos chegar vivos. Nada fica entre mim e meu lo mein. — Com um movimento fluido, Tallulah faz uma curva e rasga a rua.

— Tallulah Clarke. — Escancaro a porta do restaurante e seguro para minha quase executora passar.

Ela entra, torcendo o cabelo de volta num coque no topo da cabeça.

— Viggo Bergman.

— Isso foi uma experiência de quase morte.

— Aquele caminhão — diz ela, toda certinha, soltando o elástico com um estalo — precisava se manter na faixa dele.

— É, e a sua buzina de patinho ajudou muito a lembrar ele disso.

Tallulah me lança um olhar gélido enquanto sorrio para o recepcionista e peço uma mesa para dois, de preferência numa cabine.

— Por isso mesmo que eu desviei dele — responde ela.

— E foi aí que minha vida passou toda diante dos meus olhos.

Ela dá um tapa na minha barriga, e eu solto um “ai” reflexivo antes que ela passe na frente e siga o host.

— Eu tinha tudo sob controle.

— Cinco anos da minha vida evaporaram naquele instante, fácil.

— Você só está trêmulo de fome de novo. — Um mini copinho de pasta de amendoim voa por cima do ombro dela.

Agarro, arranco o papel alumínio e jogo o doce na boca.

— Chocolate não resolve todos os problemas, Lu.

Tallulah desliza com calma para dentro da cabine, escorregando até o canto, com a bolsa ao lado.

— Só come e se acalma.

— “Se acalma”, ela diz — murmuro, puxando meu boné até quase cobrir os olhos. — Como se ela não tivesse quase nos levado à morte na Venice Boulevard.

— Você só está amuado porque não deixei você me levar no seu carrinho enferrujado.

— Você — digo, apontando com o par de hashis ainda no papel — precisa parar de implicar com o Ashbury. Ele esteve comigo nos tempos difíceis, e eu sou fiel, então vou estar com ele nos tempos difíceis também. Vou dirigir esse carro até ele...

Tallulah levanta as sobrancelhas.

— Ficar incondutível? Não passar na inspeção? Desmontar inteiro? Desculpa, amigo, esse navio já zarpou.

Abro o menu e dou uma olhada, mesmo sabendo exatamente o que vou pedir.

— Eu estou encerrando essa conversa.

— Claro que está — ela diz. — Você não consegue argumentar para sair dessa.

A garçonete chega. Tallulah dá a coisa mais parecida com um sorriso que já vi nela e faz o pedido educadamente. Eu peço também.

Tallulah fica em silêncio, com as mãos dobradas na mesa. Eu encaro, com aquela mistura irritante de atração e exasperação se apertando dentro de mim. Isso não era o que era para estar acontecendo com a minha vida. Abri minha loja, realizei meu sonho. Agora era para eu estar com os olhos bem abertos, esperando a pessoa perfeita, aquele momento mágico em que a gente se encontra e o felizes para sempre começa.

Em vez disso, estou aqui, com o estômago tão vazio que está se devorando sozinho, sentada em frente a uma mulher que me dá olhares gélidos e faz meu corpo ferver. Que odeia romances e tira sarro do meu carro velho e dirige uma Vespa como se fosse possuída.

— Posso te ajudar? — pergunta ela, toda formal.

— É. Você pode começar explicando o que, em nome de Deus, te fez achar que estava apta a dirigir um veículo motorizado.

Tallulah morde a bochecha, lutando contra um sorriso. Eu tiro um prazer nada santo de saber que quase a fiz sorrir, mesmo estando irritado com ela.

— Eu gosto da autonomia que uma Vespa me dá. É muito fácil se locomover com eficiência, sem contar que dá para andar sozinha e evitar passageiros indesejados. — As sobrancelhas dela se erguem com significado.

Nosso garçom traz dois copos de água com gelo e nós dois agradecemos.

— É a escritora de suspense em você? Precisa de encontros periódicos com a morte para manter a conexão com o modo de luta-ou-fuga dos seus personagens?

— Eu fico calma e tranquila, pilotando aquela Vespa — diz ela, com suavidade. — Picos de adrenalina complicam minha saúde, que já é complicada. Não tenho tempo para isso.

Olho para ela, uma pontada de preocupação apertando meu peito.

— E como é que tá... sua saúde? Você está bem?

Ela dá de ombros e tira um aparelhinho que parece um iPhone pequeno. Ele apita enquanto ela digita algo; depois, ela guarda de volta na bolsa.

— Bem o bastante. Eu cuido direitinho. Diferente de certas pessoas, eu levo meu nível de açúcar no sangue a sério.

— Chega de bronca. Eu sei que devia ter comido. Só fiquei ocupado e nervoso, e meu remédio tira totalmente minha fome. Ela só volta quando o efeito passa, tipo agora, quando eu como o suficiente para alimentar um cavalo.

Tallulah inclina a cabeça, os olhos semicerrados. Dá para ver que ela está curiosa, mas também sei que provavelmente não vai forçar a barra.

— TDAH — explico. — Demorou para achar um remédio que me deixasse funcional sem me fazer sentir outra pessoa e que não custasse uma fortuna. Finalmente achei um que encaixa bem.

— Tirando o inibidor de apetite — diz ela.

Dou de ombros.

— Tirando isso.

— Bom, a gente tem uns dispositivos super modernos chamados celulares, que permitem configurar lembretes e alarmes. Você podia colocar alguns, e aí, quando apitassem, forçava um lanche para dentro se não conseguisse comer uma refeição completa.

— Talvez — concedo. — Mas posso te dizer que, mesmo com todos os alarmes do mundo hoje, eu estava ocupado e focado demais para parar.

Tallulah franze a testa.

— Você precisa de alguém gerenciando isso para você. Cadê sua equipe hoje? Por que não tinha ninguém lá ajudando? Você podia ter tirado cinco minutos e comido alguma coisa.

— Eu... — Limpo a garganta e passo a mão pela nuca. — Não tenho exatamente uma equipe contratada no momento... por assim dizer.

— "Por assim dizer"? Mas você está planejando contratar, né?

Me concentro em olhar pros símbolos do zodíaco chinês no meu jogo americano.

— Eventualmente.

Tallulah se inclina, os olhos arregalados.

— Viggo! "Eventualmente"? Você vai se acabar desse jeito.

— Isso se você e sua Vespa não me atropelarem antes.

Ela me lança um olhar fulminante.

— Você, meu senhor, está a um fio de ter que voltar andando para loja quando isso aqui acabar. Minha Vespa e eu vamos adorar o caminho de volta sem o seu sarcasmo.

Dou um sorriso.

— Eu estou só te zoando. Um pouco. Não ia reclamar se a gente voltasse uns dez quilômetros por hora mais devagar, mas por favor, não me deixe aqui para andar para casa com quase um quilo de lo mein no estômago. Sinceramente, nem sei se consigo pagar um táxi agora.

A conversa é interrompida brevemente quando nossa comida chega e agradecemos ao garçom.

Tallulah retoma de onde paramos, os olhos estreitos enquanto segura os hashis.

— Você tinha dinheiro de sobra num ponto, para fazer a loja acontecer. Onde foi parar, para não sobrar nada para contratar uma equipe?

Enfio um monte de macarrão na boca para não ter que responder.

— Deixa eu adivinhar — diz ela, pegando um fio de macarrão com os hashis. — Investiu tudo na loja.

— Não dava para fazer pela metade. Eu vi tudo o que ela podia ser, e não queria fazer nada mais ou menos. Fiz e construí o que pude do zero, tudo sozinho: as canecas, os porta-copos, a reforma das cadeiras, as estantes, o balcão… mas ainda assim, matéria-prima, suprimentos, demolição e reforma, e claro, os livros... tudo isso pesa.

— Pera. — Os hashis e os macarrões caem no prato. — Você fez aquelas canecas?

— Bom, elas servem para chá também. Cerâmica é muito terapêutica. Já tentou?

Sou ignorado.

— Você reformou as cadeiras?

Dou de ombros.

— Reformei.

— Costurou os porta-copos? — A voz dela sobe uma oitava.

— Crochetei, tecnicamente.

— O que mais você fez? Assoprou as luminárias à mão?

— Não, fogo e eu não nos damos muito bem. Tentei soprar vidro um verão lá no chalé e quase incendiei o ateliê do Axel antes dele ter o próprio estúdio. Nunca corri tanto na vida quanto corri daquele homem.

Ela balança a cabeça, sem acreditar.

— Eu também assei os doces que vou vender.

Ela ergue as mãos, os braços levantados num gesto de exasperação.

— Isso é trabalho de cinco pessoas.

— Eu sei. E estou fazendo tudo.

— E você está só pele e osso — ela rebate, me cutucando no peito por cima da mesa. — Você parece exausto, não está comendo e… — Ela solta um som irritado pela garganta, espeta os macarrões com os hashis e enfia uma garfada na boca.

Sorrio, um calor se espalhando por dentro.

— Tallulah Clarke. Você está soando muito como alguém que se importa com meu bem-estar.

Ela franze o nariz, me encarando.

— Eu estou apenas constatando fatos.

Observo ela, me perguntando o que é esse novo lado dela, formulando uma teoria. Tallulah posa de fria e distante. Mas talvez não seja. Ou pelo menos, não tanto quanto deixa parecer. Talvez Tallulah se importe. Talvez só não se sinta à vontade mostrando isso. Talvez tenha medo do que acontece quando perde o controle, se exalta, revela demais.

Dou uma leve esbarrada com o joelho no dela por baixo da mesa. Tallulah levanta os olhos, a expressão cautelosa.

— Você tem razão — admito. — Eu errei. Devia ter planejado melhor o orçamento. Agora estou pagando por isso.

Ela balança a cabeça, claramente horrorizada com esse desastre logístico. A prova de que ela se importa só me faz sorrir ainda mais.

— E agora? O que você vai fazer? — pergunta, num tom mais baixo.

— Não sei. — Dou de ombros. — Mas vou dar um jeito. Já fiz isso antes e posso fazer de novo. Costumo me colocar em cantos apertados, mas sempre acho uma saída, de um jeito ou de outro.

Os olhos dela procuram os meus.

— Mas isso não é exaustivo? Viver sempre nesse limite?

Mais do que consigo explicar.

Ajusto meu boné na cabeça.

— Não é à toa que durmo feito pedra.

Dessa vez, é o joelho dela que esbarra no meu. Levanto o olhar.

— E aquela sua família grande? — pergunta ela. — Os muitos amigos que eu sei que você tem. Nenhum deles pode te ajudar?

— Todos ocupados, Lu. Vidas cheias, trabalhos exigentes, filhos. Não posso pedir isso a eles. Mesmo se pudesse, não pediria. Porque fui eu que me meti nisso. É minha responsabilidade lidar com as consequências.

Tallulah fica em silêncio, mexendo nos hashis. E aí, ela diz a última coisa que eu esperava ouvir:

— *Eu* posso te ajudar.

OITO

Viggo

Playlist: “Graveclothes”, Birdtalker

Eu engasgo com o macarrão e começo a tossir forte. Depois de conseguir desobstruir a garganta, tomo um bom gole d’água.

Tallulah me encara furiosa.

— Esquece.

— Não, Lula! — respondo com a voz rouca, batendo o punho no peito enquanto pigarreio de novo. — Não sou contra. Só... a ideia de você atendendo no caixa, anotando pedidos de latte...

Tallulah fica em silêncio. O olhar dela cai sobre o macarrão, que ela cutuca com os hashis. Sua expressão é fria, dura, congelada. É a garota que me ignorava na faculdade. A mulher que tomou um drinque e sumiu no ano passado, naquela casa de campo.

Eu não gosto nada disso. Gosto da mulher que vi brevemente na manhã seguinte, tomando café comigo, a mulher que apareceu aqui hoje e deixou que eu mostrasse a livraria inteira, que provocou sem desprezar, que enfiou chocolate na minha boca quando eu fiquei tonto e me deu uma bronca por estar me negligenciando.

Quero aquela mulher de volta. Não faço ideia de como fazer isso acontecer, e isso me incomoda mais do que deveria.

— Você acha que eu sou preciosa demais para trabalhar numa livraria? — ela pergunta, tensa.

Meu coração dá um salto. Não é muito, mas... é ela, falando comigo.

— Claro que não, Lu. É que você é importante, sabe? Uma autora já estabelecida, bem-sucedida. Eu devia estar estendendo um tapete vermelho, organizando um evento para você, não te enfiando atrás do balcão para registrar livros.

— Talvez eu queira fazer isso — ela diz, com a voz baixa, mas firme. — Talvez eu esteja de saco cheio de encarar a tela do computador, odiando o que escrevo e odiando me sentir presa. Talvez eu queira fazer algo diferente, sair da minha própria cabeça.

— Bom... — apoio os cotovelos na mesa, cercando meu prato, os hashis cravados no macarrão. — Talvez a gente possa se ajudar, então. Você quer me ajudar com a loja. Por que não me deixa te ajudar com o livro? Me conta. Fala sobre ele.

Tallulah congela, os hashis parados no meio do caminho até a boca. Devagar, ela os abaixa de volta no prato.

— Não vejo como te contar sobre isso vai me ajudar.

— Você já fez terapia?

Ela ergue as sobrancelhas.

— Não.

— Recomendo fortemente. — Me recosto, esticando um braço sobre o encosto da cabine. — Falar com um terapeuta que repete de volta o que você diz te ajuda a enxergar as coisas por outro ângulo, ter mais clareza do que está enfrentando. Pode ser muito esclarecedor, conversar com um especialista.

— E você é especialista em thrillers? — ela pergunta, com sarcasmo.

— Eu amo livros. Li o seu thriller, e mais alguns que foram muito recomendados. — Dou de ombros. — Talvez isso baste. Me dá esse voto de confiança. Tenta.

Com um suspiro pesado, Tallulah mexe no macarrão. Fica em silêncio, e dá para ver que ela está pensando antes de finalmente dizer:

— Quando a história começa, os personagens principais, um casal, parecem estar felizes no casamento.

— E então...?

Ela suspira de novo.

— E então minha editora disse que o relacionamento deles “não tem uma gota de alma ou sensualidade”.

Eu faço uma careta.

— Ai.

— Pois é — murmura Tallulah, cutucando o macarrão com os hashis. Ela desenterra uma ervilha-torta e mastiga.

— Posso perguntar… para alguém que não parece muito fã de romance, a menos que eu esteja enganado…

— Não está — ela responde, ainda mastigando. — Eu sou avessa a romance. Na ficção e na vida real.

Respiro fundo e solto o ar devagar. *Não pergunte o porquê. Ela não precisa de você interrogando as filosofias dela sobre vida e amor agora.*

— Então, sendo alguém que não curte romance, por que está escrevendo um relacionamento romântico entre os protagonistas?

Ela fica em silêncio por um minuto, mastigando. Eu a observo engolir, pegar o copo e tomar um gole d’água.

— Porque eu quero provar um ponto. E esse ponto não será provado se eu não conseguir escrever um relacionamento romântico convincente desde o começo. — Seus olhos se arregalam. — Espera. Você seria a pessoa perfeita para me ajudar com esse livro. Eu preciso de alguém que adore todas essas coisas de amor para me ajudar a entender a dinâmica deles. Quem melhor que um leitor de romance?

Eu sorrio.

— Seria uma honra te ajudar a dar aos seus personagens o felizes para sempre que eles merecem. Parece ótimo. Um thriller cheio de tensão com um enredo romântico forte...

Minha voz some.

Tallulah desvia o olhar, girando o canudo na água.

— Peraí. — Eu estreito os olhos. — Você vai usar meu conhecimento em romance só para depois destruir o relacionamento deles junto com mais uma galera que você vai assassinar nesse livro?

Tallulah fica quieta. Larga o canudo. Mexe no cabelo azul vibrante, preso num coque meio torto.

— Digo, talvez...

— Ah, qual é. — Levanto as mãos. — Eu não aceito. Não posso. Poxa, Lu, custava dar um final feliz para eles?

Ela franze a testa.

— Um final feliz?

— Um “felizes para sempre”.

Tallulah me encara.

— É... complicado.

— Bom, eu ainda tenho meio quilo de lo mein para comer e um trajeto de quase morte de volta para casa numa Vespa, então vou ficar por aqui um tempo. Me dá uma chance de entender. Explica.

Suspirando, ela se inclina, os cotovelos na mesa. Essa posição valoriza absurdamente os seios dela, cheios e lindos, empurrando contra a gola da camiseta preta de decote redondo. Mantenho o olhar nos olhos dela e ordeno à minha visão periférica que pare de trabalhar em dobro.

— Escuta — ela diz. — Eu não... entendo o apelo do romance, essa ideia de amor encantado. Não acho que seja real, embora entenda que é real

para muita gente. E, sendo assim, não costumo escrever histórias que se afastem da minha visão. Mas...

— Mas?

— Mas, acho que mesmo com isso, se for bem feito e com a sua ajuda, você vai aceitar como essa história termina.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Então vamos lá. Quero ouvir.

Os olhos castanhos dela quase saltam da cara.

— Eu não posso contar o final! É spoiler!

— Preciso saber no que estou me metendo, Lulaloo.

Tallulah fecha os olhos e começa a massagear as têmporas.

— Eles terminam separados no final, mas... continuam amigos. Bons amigos. Na verdade, são melhores amigos do que quando eram casados. Tudo o que desmorona entre eles no livro, tudo o que é revelado, faz você torcer pela felicidade dos dois, e eles conseguem isso, um felizes para sempre, só que... não do jeito que os seus livros sempre mostram.

Eu a encaro, processando o que ela está dizendo. O jeito calmo com que falou, de olhos fechados, como se estivesse se preparando para levar uma patada – igual eu me preparei quando insisti para ela se abrir comigo.

— Bom... — dou de ombros, pegando os hashis de novo e mexendo no prato, só para ocupar as mãos inquietas. — Dá para trabalhar com isso. Às vezes, finais felizes acabam antes do que a gente gostaria. Não quer dizer que não foram bonitos ou felizes enquanto duraram. E não quer dizer que não haja mais beleza e felicidade pela frente.

Tallulah abre os olhos e cruza o olhar com o meu.

— Era isso que eu estava pensando.

Sorrio.

— Então, Lu, acho que estamos na mesma página.

Ela abaixa a cabeça, pega os hashis e pesca uma fatia de cenoura no macarrão.

— Então — diz. — A gente resolve depois os detalhes, como você vai me orientar e me ajudar. Por agora, vamos falar de como eu vou te compensar. Pode ser…

— Eu não quero seu dinheiro, Lula.

Ela pisca, confusa.

— Mas eu tenho que te pagar de algum jeito. E claramente, você precisa do dinheiro.

É, o dinheiro ia cair bem. Mas eu sou orgulhoso demais para aceitar. Faz parte da promessa que fiz a mim mesmo quando comecei a planejar a loja – isso aqui ia ser meu sucesso, minha conquista independente. Sem deixar a peteca cair e correr para alguém me salvar, sem administrar mal meus recursos e ter que pedir ajuda para me tirar do buraco.

— Quer a minha ajuda na loja, então? — ela oferece. — Posso te "pagar" assim?

Engulo em seco.

— Bom, não sei se é uma troca justa. O tipo de ajuda que eu preciso dá bem mais trabalho do que umas horas conversando sobre os parafusos românticos da sua história.

— Você está subestimando *muito* o quão ruim está esse rascunho. A maldição do segundo livro é real. Confia, vai ser uma troca justa.

Mordo o lábio.

— Sei lá. Tenho ideias muito específicas de como esse lugar deve funcionar, e vou ser um pé no saco com isso. Posso ser difícil de aguentar por muito tempo, especialmente quando fico obcecado com alguma coisa. Não queria que você se sentisse forçada a entrar numa situação que depois fosse se arrepender.

Tallulah franze a testa para mim.

— Quem disse?

— Quem disse o quê?

— Quem — ela responde calma, mas com uma pontinha de tensão na voz — disse que você é “difícil de aguentar por muito tempo”?

— Ah... — Sinto o rosto esquentar. Limpo a garganta. — Só... a maioria das pessoas que já passou muito tempo comigo.

— Então foda-se essas pessoas — ela diz, fria. — Foda-se qualquer um que te faz sentir que você é demais. Se elas acham isso, é porque são de menos para você.

Meu coração dispara. Um calor doce e cortante se espalha pelo meu peito.

— Tallulah — digo, com a voz rouca — é melhor você parar... de falar essas coisas legais para mim.

Ela franze o nariz.

— Não estou sendo “legal”, estou sendo lógica. Fazendo o básico do básico.

— Você está sendo legal, sim. Talvez até doce. E agora eu estou *muito* perto de te abraçar por isso.

— Nada de abraços. — Ela aponta os hashis para mim. — Primeiro, tem uma cabine e comida chinesa entre nós, e essa blusa caríssima, recém-comprada, pode acabar com molho nela.

— A gente pode levantar…

— *E* com a diferença de altura entre a gente, meu rosto ia parar no seu peitoral, não preciso de mais um lembrete amargo do meu déficit vertical.

Faço biquinho, me afundo no banco.

— Tá. Vou só aceitar suas palavras legais e doces…

— Lógicas…

— … e deixar para lá.

Ela balança a cabeça, voltando para o lo mein. Percebo um sorrisinho, só no canto da boca, subindo devagar até a pinta perto dos lábios.

O silêncio se instala. Ela come mais um pouco, e eu fico ali, encostado na parede, só observando. Normalmente, não gosto de silêncio. Me dá nervoso. Deixa espaço pros meus pensamentos caóticos, para o vazio. Mas agora... agora não me incomoda. Esse silêncio parece... cheio. Vivo. Tipo aquela pausa no meio de uma música, entre o final de um verso lindo e o começo de um refrão épico, carregado de promessa e possibilidades.

Mesmo assim, depois de uns minutos, atinjo meu limite. Endireito o corpo, pego mais uma garfada de lo mein.

— Então... se a gente for mesmo fazer isso, bora falar de logística. Onde você está morando agora? Pensando na localização, quando seria prático vir para a loja, para eu te ajudar com o livro?

Não que eu esteja stalkeando Tallulah ou algo assim, mas da última vez que ouvi – via Ziggy, por meio da Charlie – ela estava alugando um lugar em San Diego, morando sozinha.

Tallulah para de mastigar, depois volta aos poucos.

— Ah... é. Eu estou ficando na casa da Charlie agora.

— Na casa da Charlie?

— Meu senhorio era um babaca — ela diz. — Tive que sair rápido, mas por sorte o aluguel era mobiliado, então não demorou. Não sei para onde vou depois. Estava pensando em ficar na área por enquanto, com os preparativos para o casamento da Charlie e da Gigi pegando fogo, e eu ajudando elas. Eu estou flexível. Posso me adaptar à sua agenda.

— Você vai ficar por aqui? — pergunto. Meu coração dá uma acelerada. Gosto da ideia de Tallulah ficar por aqui. Muito mais do que faz sentido.

Ela concorda com a cabeça.

— Pelo menos até o casamento.

— Vai alugar de novo?

— Provavelmente. — Ela me encara. — E você? Mora onde?

— Eu moro nos fundos da loja, na real. É mais espaçoso do que parece. Ótimo para uma pessoa. Cozinha, sala e jantar tudo integradinho. Um banheiro, dois quartos e meio — esse "meio" é tipo um closet de luxo, cabe uns sapatos, uma mesa, talvez um berço — não que eu, né, esteja planejando ter filhos tão cedo, ou algum dia…

Você está tagarelando. Pare. Pare enquanto ainda dá tempo. Ou pelo menos antes de piorar. Só pare!

— Nem sei se nasci para ser pai — continuo. Minha boca virou um trem desgovernado. — Mas enfim, é isso. O que mais eu poderia querer? Luz natural, vários quartos, deslocamento mínimo. — Dou uma risada, coçando o queixo. Tallulah me olha com uma expressão curiosa, e eu olho para ela, e aí meu cérebro junta tudo de repente — *vários quartos! Deslocamento fácil! Tallulah!*

— Você poderia morar comigo, se quisesse — falo. — Quer?

Agora é a vez de Tallulah engasgar com os noodles. Meu coração vai lá no alto.

— Lula, você está bem? Consegue respirar?

Ela faz que sim, engasgada, depois crocita:

— Eu estou bem. — Pega o copo d'água e vira de uma vez só.

Fico olhando, a culpa e a vergonha se embolando dentro de mim.

— Me desculpa, Lu. Nem sei de onde veio isso…

Ela levanta a mão, me cortando, enquanto coloca o copo devagar do lado. Engole seco, pisca para enxugar a água nos cantos dos olhos.

— Pare de se desculpar. Eu engasguei. Não foi você quem fez isso acontecer.

— Mas eu te surpreendi.

— Surpreendeu. Mas não é sua culpa.

— Mesmo assim…

— Tallulah? — Uma voz grossa interrompe a conversa. Nós dois viramos para ver quem está parado no fim da nossa cabine, sorrindo para ela. Altura mediana. Forte. Tatuado. Algo ali me parece vagamente familiar.

O rosto de Tallulah muda. Fica liso, gelado.

— Clint.

Eu o reconheço. Já vi esse cara no estúdio de tatuagem onde eu e o Seb fizemos algumas. Ele trabalha lá. Se me reconheceu, não demonstrou.

O sorriso dele cresce num canto da boca, olhando para ela. Achei que fosse um sorriso amigável, mas agora percebo: tem veneno ali.

— O que você está fazendo aqui?

— Comendo — diz Tallulah, apontando pros nossos pratos. — Com meu amigo.

Sinto um orgulho besta. Ela me chamou de amigo.

Clint dá uma risada nasal, depois olha para mim.

— Não vai me apresentar para o seu amigo?

Tallulah pisca, me lançando um olhar. E agora vejo uma coisa no rosto dela que me aperta o peito. Eu conheço esse jeito de se esconder quando está doendo. Eu faço isso há anos. Me escondo quando estou sozinho. Quando alguém me acha útil ou divertido, até cansar de mim. Esse cara feriu ela. E ela está tentando disfarçar com tudo que tem.

— Certo — ela limpa a garganta. — Esse é…

— Viggo Bergman — estendo a mão, já preparado para um aperto forte.

Ele aperta firme, admito. Mas eu cresci rachando lenha, escalando, montando estrutura. Tenho mãos fortes. E faço questão que ele perceba isso.

A mandíbula dele se contrai. Solto a mão. Quem quer que ele tenha sido para Tallulah, não gostei do jeito como ela murchou quando ele apareceu. Não gostei da dor que ela mal conseguiu esconder.

— Clint Marwood — ele diz. Enfia as mãos nos bolsos, me examina de cima a baixo. O olhar dele para na minha camiseta. Dá uma risada seca. — Uau, Tallulah, seu "amigo" ama romance. Está funcionando bem para você? E eu achando que a gente era uma combinação improvável.

— Clint — Tallulah alerta. — Para…

— Você contou para ele, né? — Ele apoia as mãos na mesa, se inclina. Sinto o cheiro de álcool. — Ela contou para você, é? Que você "não acredita em amor". O que ela quer dizer é que ela é fria. Sem alma. Te encanta com esse ar distante, te leva para cama e depois te detona…

Levanto antes mesmo de perceber. Clint se afasta da mesa num reflexo quando me vê de pé, encaro ele, sangue fervendo.

— Você pode ir embora agora.

Ele solta uma risada, o bafo de álcool atingindo meu rosto.

— Quem diabos é você pra…

— Saia. — Dou um passo à frente. — E deixe a Tallulah em paz, a não ser que ela diga o contrário.

Clint olha para ela. Mas ela não está olhando para ele. Está olhando para mim. Reencontro o olhar dela.

— Você quer que esse cara continue te perturbando, Lu?

Ela engole seco e balança a cabeça.

— Não. Quero que ele me deixe em paz. — Aí sim, ela encara ele. — Vai embora.

Ele encara, depois olha de mim para ela.

Sustento o olhar dele, desafiando.

— Ela. Mandou. Ir.

A contragosto, ele dá um passo para trás. Depois outro.

— Tanto faz. — Se vira e vai para o balcão, onde ficam os pedidos para viagem.

Tallulah pega a bolsa e começa a remexer.

— Quero sair daqui.

— Tá. — Pego minha carteira. Por sorte, tenho uma nota de vinte. Coloco na mesa. Tenho certeza de que ela não quer esperar pela maquininha. Tallulah tira bem mais dinheiro do que devia, joga na mesa, enfia a carteira na bolsa.

Por fora, ela parece calma. Mas eu sei que por dentro, ela está um caos.

Ela se levanta devagar. Me viro, me colocando entre ela e Clint.

A mão dela roça na minha quando começa a andar – acho que sem querer, mas sinto que ela está tremendo. Enlaço a mão dela, querendo confortar, mostrar que estou ali. Que ela não está sozinha. Não espero que ela reaja.

Mas ela reage. Aperta firme. Segura forte. Uso a outra mão para abrir a porta, segurando para ela passar. Tallulah segue na frente, depois quase me arrasta quando me atraso para segurar a porta para um casal atrás.

Assim que viramos a esquina, ela solta a mão, gira no meu rumo. Os olhos tão úmidos, quase chorando.

Dou um passo instintivo.

— Tallulah…

— Você falou sério? — pergunta ela. A voz é baixa, mas tem algo poderoso por trás.

— Sério o quê?

— Sua oferta. De a gente se ajudar: você com meu livro, eu com sua loja… e virar colegas de casa.

Balanço a cabeça, ainda desnorteado.

— Lu, isso agora não importa. O que importa é você…

— Você falou sério? — ela insiste, se aproximando.

Procuro os olhos dela. Me faço a mesma pergunta. Falei sério?

Quando olho para ela, sinto algo forte. Toda vez que ela está por perto, sinto demais. Não é que ela me dá borboletas. Não teve luz mágica no dia em que ela apareceu. Mas sinto algo por ela. Fascínio. Pela armadura espinhenta, pela gentileza escondida. Penso em acordar com ela em casa, sem maquiagem, sem coque estiloso. De pijama, resmungando para o café. Penso na gente jantando e brigando de brincadeira como hoje. E gosto da ideia.

Muito.

Não acho que Tallulah Clarke seja *a* pessoa. Mas talvez ela seja *uma* pessoa. Alguém para agora. Uma amiga, uma parceira de teto, alguém para se apoiar e dividir o peso dessa fase difícil.

Sorrio para ela, mesmo com o nervosismo apertando o estômago. E se ela achar ridículo? E se ela me achar um ridículo?

Mas ela perguntou. Ela segurou minha mão. Está sendo corajosa. Eu também posso ser.

— Falei sim, Lula. Falei sério.

Ela morde o lábio, os olhos vasculhando os meus.

— Tem certeza? A gente mal se conhece. Vai que eu sou uma assassina do machado.

Dou de ombros.

— Não estou muito preocupado. Acho que consigo arrancar um machado dos seus bracinhos com facilidade.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Primeiro: tirando a altura, não tem nada de “pequeno” em mim. — Ela levanta o braço macio, cheio, com aquele monitor de glicose que eu já tinha notado. Não encaro o sensor. Meu olhar está preso em outra coisa: a covinha no cotovelo, que dá vontade de morder. Depois passar a língua. Fico pensando onde mais no corpo da Tallulah tem covinhas assim, fundas e macias…

O que definitivamente *não* é o que eu devia estar pensando agora.

— Segundo — ela continua, puxando minha atenção de volta —, eu sou bem mais forte do que você pensa. — Fecha o punho, flexiona o braço.

Sorrio, não consigo evitar.

— Nunca duvidei, Lu.

Ela estreita os olhos. Abaixa o braço. Me encara. E eu queria tanto saber o que tem por trás daquela expressão gelada. Os olhos castanhos dela voam entre os meus. A boca se aperta, como se estivesse decidindo algo.

Espero. Quieto. Firme. Pela primeira vez na vida.

E então, Tallulah estende a mão e diz:

— Bom, Viggo Bergman. Parece que você acabou de ganhar uma colega de casa.

NOVE

Tallulah

Playlist: “Walden Pond”, Atta Boy

Eu estou por um fio. Tive que empurrar o horror de esbarrar em Clint para debaixo do tapete e focar direto na parte prática. Porque é assim que eu funciono. Foco nos fatos. Ignoro as emoções. Só. Continuo. Indo.

Até o exato momento em que Clint apareceu, eu estava totalmente decidida a recusar a oferta de morar com Viggo. Já morei com alguém por quem me sentia atraída (e com quem acabei dormindo) – e foi um desastre épico. A ironia é que a pessoa com quem tudo deu errado foi justamente quem apareceu hoje e me fez perceber que morar com Viggo não teria nada a ver com morar com Clint.

Quando Clint invadiu nosso jantar e Viggo me defendeu, tudo o que eu conseguia pensar era: esse cara é bom. E gentil. E sim, ele também é muito gostoso e eu adoraria dormir com ele, o que, normalmente, já seria motivo suficiente para eliminá-lo da lista de colegas de quarto em potencial, mas eu não vou dormir com ele, não vou jogar meu eu-sexo-sem-sentimentos em cima de um romântico incurável. Na verdade, topar ser colega de quarto dele é a melhor forma de evitar essa tentação – se é que Viggo se interessaria por mim assim.

Mesmo que se interessasse, Viggo é um cavalheiro. Ele não vai dar em cima de mim enquanto estivermos morando juntos, enquanto eu estiver trabalhando na loja dele e ele me ajudando com meu livro, enquanto houver limites claros. Eu também vou respeitar esses limites.

Vou ser... amiga dele, talvez. E talvez ele seja meu amigo também. Isso já vai ser suficiente. Provavelmente vai ser mais apoio e constância do que eu já tive na minha vida doméstica. Posso simplesmente ser grata por isso.

Afirmando minha proposta, estendo ainda mais a mão. Coabitantes. Colegas de trabalho. Companheiros de casa amigáveis. Nada além disso.

Viggo encara minha mão, com um sorriso se formando no canto da boca.

— A gente vai selar isso com um aperto de mão? Tipo um acordo comercial?

— É um acordo comercial — digo. — Eu te ajudo com a loja. Você me ajuda com o livro; me deixa ficar na sua casa até... — Me esforço para pensar. Precisamos de uma data-limite, já está mais do que na hora de terminar esse livro, e eu não posso morar indefinidamente com alguém por quem tenho essa atração toda. — Até o casamento. Dois meses, e depois eu sigo meu caminho. Fechado.

Viggo morde o lábio, me olhando.

— Mas nós somos amigos, Lu. — Ele desliza a mão na minha, palma com palma, os dedos roçando de leve no meu pulso. — Isso não torna as coisas um pouco diferentes de um simples acordo comercial?

Engulo em seco, desconcertada com o quanto meu corpo reage só ao toque leve dos dedos dele, fazendo círculos lentos na minha pele. Nem acho que ele percebe o que está fazendo. Ele é assim – físico, falante, caloroso.

— Eu acho que sim... — solto o ar devagar, tentando me centrar. — Acho que é mais do que um acordo comercial. É... uma temporada de apoio mútuo e platônico.

O sorriso dele se aprofunda.

— Gosto de como isso soa.

— Que bom. — Dou um aceno de cabeça. Depois outro. Estou atrapalhada. Não devia estar, mas estou. Estou presa no olhar dele, na mão dele segurando a minha, no calor que ainda pulsa nas minhas veias desde que ele me defendeu no restaurante.

— Então — ele diz baixinho —, a gente vai falar sobre como você tá, depois daquele babaca ter te assediado lá dentro?

— Não. — Tento puxar minha mão, mas Viggo segura. Não forte ao ponto de eu não conseguir soltar, só o suficiente para passar uma mensagem.

Fica comigo. Fala comigo.

Estou tão acostumada a recuar, me fechar, fugir. Nunca tive alguém que me perguntasse como me sinto, o que eu preciso. Eu sempre fui quem fazia isso pelos outros. Quem esteve lá para minha mãe quando meu pai partiu o coração dela de novo, quem respondia às mensagens do meu pai pedindo ideias de viagens, presentes, qualquer coisa que o ajudasse a voltar às boas graças com a minha mãe. Quem socorreu meu irmão Harry quando ele fez merda, limpou tudo com dinheiro e promessas de que seria a última vez. Quem cuidou da Charlie, quem foi com ela experimentar vestidos de noiva e ajudou com escolhas que meus pais deveriam estar ajudando, mas os dois estão tão presos nos próprios dramas que não veem o quanto a filha precisa deles. Quem cuidou das finanças da república, das compras, do planejamento das refeições, da manutenção da casa. Quem ouviu em silêncio, ofereceu o ombro, foi o receptáculo do que todo mundo precisava.

Eu não tenho necessidades. Ou sentimentos. Nunca senti que podia me dar a esse luxo.

No último ano, enfrentei esse problema – pelo menos em teoria. Li, refleti, vivi sozinha. Estou tentando agir diferente. Talvez, morando com o Viggo, eu consiga realmente melhorar nisso.

— Clint foi um amigo que fiz na faculdade — digo ao Viggo, tateando esse terreno novo de me abrir. — A gente dividia casa com outras pessoas, todo mundo acabou saindo e nós meio que... acabamos juntos... sexualmente. Só isso. Muito sexo casual, sem romance.

A gente era só amigo com benefícios. Achei que estava claro. Até que Clint disse que me amava e eu disse que não o amava. Aí ele gritou, quebrou coisas, me expulsou.

— Não terminou bem — acrescento em voz baixa. — Só isso.

A mandíbula de Viggo se contrai – dá para ver, mesmo com toda aquela barba. Ele não gostou nada do que ouviu.

— Ele te machucou?

Engulo seco.

— Não... fisicamente.

O aperto de Viggo se intensifica. Quando ele percebe a força que está fazendo, solta minha mão. Depois, dá um passo mais perto.

— Posso te abraçar, Lu?

Mordo o lábio, sentindo os olhos se encherem de lágrimas. Odeio chorar. Odeio tanto.

— Lula — ele diz, abrindo os braços —, por favor. Está me matando te ver aí, triste, calada, machucada. Preciso fazer alguma coisa…

Me jogo no abraço dele, e os braços dele me envolvem, me puxam para perto. Minha cabeça fica debaixo do queixo dele, a mão espalmada nas minhas costas. É diferente de qualquer abraço que já recebi. Ele é quente e forte; a camiseta dele é macia como nuvem e o cheiro... é puro aconchego. Enrosco os braços na cintura dele. Enterro o rosto no peito e respiro fundo, tentando muito não chorar.

Viggo encosta o rosto no topo da minha cabeça.

— Não importa que não tenha sido físico. Ele te machucou. Me desculpa.

Fecho os olhos com força. As lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Está tudo bem.

— Não está tudo bem — ele diz com firmeza, me apertando mais. — Queria que duelo ao amanhecer ainda fosse uma coisa.

Uma risada quebrada escapa de mim.

— O quê, você desafiaria ele?

— Com certeza. Não mataria, mas faria ele se borrar de medo o suficiente para nunca mais sequer olhar para você.

Sorrio fraco contra o peito dele.

— Acho que você já conseguiu isso lá no restaurante.

Ele suspira, a mão fazendo círculos lentos nas minhas costas.

— Mas pensa como eu teria ficado ainda mais bonito colocando ele no lugar dele naquela névoa da manhã, calças de camurça coladas nas minhas pernas fabulosas.

Outra risada me escapa, rouca e alta, direto da barriga.

— Essa fantasia está bem desenvolvida, hein.

— Já li quatrocentos e noventa e um romances de época, Tallulah. Tenho muitas fantasias do período Regencial, e essa provavelmente é uma das mais “normais”.

Meu sorriso se aprofunda. Me aninho mais no peito dele, escondendo o sorriso, e suspiro, tomada por uma paz cansada que eu não sentia fazia... talvez nunca.

— Por algum motivo inexplicável, tenho que admitir que estou ansiosa para ouvir mais sobre elas.

— Quando formos colegas de casa? — Viggo pergunta.

Assinto, apertando os braços em volta dele.

— Quando formos colegas de casa.

O trajeto de Vespa até em casa – a uma velocidade consideravelmente mais lenta, por consideração à delicadeza de Viggo – é tranquilo. Paro nos fundos da loja e desligo o motor, me esforçando muito para não encarar a bunda do meu futuro colega de quarto enquanto ele caminha até a porta e a destranca. Tem plantas por todo lado aqui atrás, trepadeiras floridas subindo por um treliçado, cercas altas de madeira escondendo o que deve ser o pátio dele. Uma luz acesa lá dentro, e quando ele abre a porta, o cheiro amadeirado com especiarias doces que sempre acompanha Viggo me atinge em dobro.

O desejo me atravessa. Vou precisar investir em vibradores novos – e muito resistentes – se quiser sobreviver dois meses com esse cheiro sexy me cercando dia após dia.

— Quer entrar? — Viggo pergunta, segurando a porta aberta. — Dar uma olhada? Medir as coisas?

Os olhos dele brilham, o sorriso é largo. Acho que ele curtiu o passeio de Vespa dessa vez, já mais familiar com a experiência, nossa velocidade mais do gosto dele. Tem algo intoxicante no sorriso de Viggo, na empolgação que transborda dele. Ele está com as mãos nos bolsos e esse... brilho aquecendo o olhar, a pele, o rosto todo – o que dá para ver, com aquela barba selvagem.

Droga, tenho uma queda por ele. Pelo sorriso entusiasmado, pela energia vibrante que parece contagiar tudo. Pela forma como ele me defendeu, me segurou com força e se importou. É contagioso, esse calor. Me sinto como se estivesse numa tempestade, sendo encharcada pela chuva, e de repente o sol deu um jeito de entrar, afastar as nuvens, secar cada gota de miséria.

Respiro fundo. O ar parece cheio de possibilidades, de esperança.

Vou conseguir terminar esse livro. Vou manter limites mais saudáveis com meus pais e meu irmão, e continuar presente para Charlie, que está afogada em preparativos de casamento, oscilando entre euforia e pânico. Vou ajudar Viggo a fazer a loja dele prosperar.

Vou ser uma amiga fiel, uma colega de quarto confiável. Vou fazer algo bom por mim – e aproveitar isso.

— Lula? — Viggo se aproxima, me observando. — Que foi?

As pontas dos dedos dele tocam os meus – ásperas, calosas – e um arrepio passa pela minha pele. É o pior detalhe desse plano: o quanto eu estou com tesão por ele. Mas não vou cruzar essa linha. Não vou correr o risco de estragar algo tão bom. Vou trancar minha libido e contar com vibradores de última geração para dar conta do recado enquanto convivo com Viggo – sem me deixar cair na armadilha de tentar seduzir ele.

Não que eu tenha certeza de que ele seria sequer seduzível. Não faço ideia se ele me vê dessa forma. Ele é charmoso – era assim na faculdade, foi assim há um ano, e continua sendo agora –, mas tenho a sensação de que ele age assim com todo mundo. Não sou nada de especial para ele.

E vai continuar assim.

— Lula? — ele pergunta, franzindo a testa. Fiquei quieta por tempo demais. — Está tudo bem?

Limpo a garganta, encontro o olhar dele e me puxo para aquele lugar familiar – uma piscina calma e plácida, onde medos, desejos e preocupações são sugados para o fundo, silenciados, perdidos.

— Eu estou bem. Foi só um dia longo.

Ele assente, pensativo.

— Você está alerta o suficiente para dirigir até a casa de Charlie? Tenho uma cama no quarto de hóspedes. Vai ser sua de qualquer jeito. Você

podia dormir lá…

— Eu estou bem. Juro. — Aperto a mão dele para tranquilizar. — Passo lá amanhã, se tudo der certo. Dou uma olhada, vejo o que vou precisar levar quando me mudar.

— Me manda mensagem quando chegar em casa, então, só para eu não ficar preocupado achando que você virou uma panqueca fofa de cabelo azul na estrada.

Reviro os olhos.

— Você é um drama llama.

Viggo pega o celular ao mesmo tempo que eu. Trocamos números. Ele me manda um GIF de uma capa de romance histórico animada, com um cara que parece o Fabio, vestido com roupas da Regência, arqueando as sobrancelhas para o espectador com um olhar sedutor. Eu respondo com um GIF da Alexis Rose dizendo: “Ew, David!”

Viggo solta uma risada e guarda o celular no bolso.

— Até amanhã — digo a ele. Subo de volta na Vespa e coloco o capacete.

Viggo fica parado na porta, me observando.

— Boa noite, Lulaloo.

Ligo o motor e avanço, levantando o descanso antes de entrar na estrada. Pela primeira vez em muito, muito tempo, a noite realmente parece boa.

DEZ

Tallulah

Playlist: “Anti-hero, Versão Acústica”, Taylor Swift

— Você vai fazer o *quê*? — Charlie pisca para mim como uma coruja. O cabelo escuro dela está um ninho de pássaro, assim como o meu. Ela segura a xícara de café com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

Eu dou um gole no meu café do outro lado do sofá dela, minha cama improvisada na última semana, e ergo as sobrancelhas.

— Não me diga que você está insatisfeita com esse rumo dos acontecimentos.

Charlie cora e enterra o rosto na caneca, tomando um longo gole de café.

— Eu sei exatamente o que você fez ontem à noite — digo a ela. — Me enganou para ir ao encontro da família Bergman na loja dele, depois saiu de fininho com o rabo entre as pernas. Você está tentando nos juntar.

Minha irmã baixa a caneca, revelando aquele olhar culpado familiar, os grandes olhos pidões de cachorro.

— Não exatamente juntar vocês, mas… sabe, dar uma empurradinha?

Dou uma risada seca.

— Semântica. Você está torcendo para gente ficar junto. E isso não vai acontecer.

A expressão de Charlie desce para um biquinho.

— Então você vai morar com ele… por quê?

— Por razões práticas. Eu preciso de um lugar meu.

— Tallulah, a gente adora ter você aqui…

Levanto a mão.

— Charlie, você é a pessoa mais doce do mundo. Vai me dizer que eu não preciso sair do seu caminho e da Gigi, e vai dizer isso com as melhores intenções, mas isso não quer dizer que faz sentido. Vocês duas precisam de espaço. Vocês vão se casar em dois meses, tem um monte de coisas acontecendo, muito estresse vindo de todos os lados, vocês precisam chegar em casa à noite e se aninhar no sofá o quanto quiserem, sem se preocupar em levantar para eu poder dormir. Vocês precisam transar de todos os jeitos possíveis em qualquer superfície e sem se preocupar se eu posso entrar a qualquer momento. Vocês precisam de…

Um nó sobe na minha garganta, porque, ao dizer isso, me dou conta – finalmente me dou conta – de que minha irmãzinha vai se casar; ela tem a própria família agora; ela sobreviveu à tempestade emocional que foi nossa criação e encontrou a felicidade.

Engulo seco, depois encaro os olhos dela.

— Você precisa de espaço para viver sua vida.

Charlie morde o lábio, os olhos procurando os meus.

— Então você vai morar com o Viggo só por causa de um lugar para ficar? Só isso?

— Bem… não.

Minha irmã solta um som irritantemente satisfeito.

— Eu imaginei. Caso contrário, você teria procurado outro aluguel.

— A gente está fazendo uma troca de habilidades, por assim dizer. Ele vai me ajudar a resolver os problemas do meu livro…

— Resolver os problemas, é? Vai ajudar a “preencher suas lacunas na trama” também?

Dou uma almofadada nela.

— Não é assim. O nosso acordo é puramente profissional. Ele vai me ajudar com o livro. Eu vou ajudar na loja. É mais fácil fazer isso se a gente estiver morando nos fundos, no mesmo espaço.

Charlie sorri e encosta o pé no meu.

— Parece um belo arranjo.

Empurro o pé dela de volta.

— Para de sorrir assim.

— Só estou dizendo que talvez vocês achem que não têm perfil para namorar um ao outro, mas eu acertei em algo sim, te arrastando para a loja dele ontem. Você saiu de lá com esperança para o seu livro, que estava te dando dor de cabeça, e um lugar novo para morar.

Meu coração dá um salto no peito quando confesso minha preocupação, embrulhada em forma de pergunta:

— Você acha que vai ser bom, nós dois morando juntos?

O sorriso de Charlie se aprofunda.

— Claro que vai. O Viggo é um cara legal. Ele é tipo… o oposto do que a gente viveu: falante, carinhoso, brincalhão. Toda vez que vejo ele, fico mais feliz. Ele é a personificação humana da serotonina.

— Tem certeza de que não quer se jogar para cima dele?

Ela revira os olhos.

— Eu sou uma mulher noiva e feliz. Só gosto dele. Ele é meu amigo. E uma boa pessoa, Tallulah. Sei que vai ser um bom colega de quarto para você.

— Tá, só não inventa ideia além disso. — Dou um gole no café e encaro ela com seriedade. — Vai ser um arranjo puramente prático e platônico.

A casa de Viggo é exatamente como eu esperava – pelo menos a sala principal, que é tudo o que vi até agora. Tem pôsteres enormes de capas de romances históricos em molduras de madeira rústica. Plantas por toda parte. Um sofá amarelo-sol comprido o bastante para alguém da altura dele se esticar, coberto de almofadas fofas com capas de crochê coloridas. Talvez o único aspecto inesperado seja o quão imaculadamente limpa a casa está. Ele é um cara solteiro, e a maioria dos solteiros que conheci está mais para o lado bagunceiro da escala de limpeza. Também me lembro de como era o interior da mochila dele, espremida entre a gente nas aulas da faculdade – puro caos. Não que as pessoas não possam mudar, mas sempre tive a sensação de que ele era do tipo que precisa revirar tudo para encontrar qualquer coisa.

Dou uma olhada em volta, absorvendo o espaço, enquanto Viggo está a alguns passos de mim, com as mãos na cintura, me observando. Ele está corado e respirando pesado, como quando atendeu a porta um minuto atrás, como se estivesse se exercitando.

Numa respiração particularmente ofegante, ele pega um pote de vidro com água gelada na mesinha lateral e bebe metade de uma vez.

— Está tudo bem? — pergunto. — Interrompi um treino quando cheguei?

Viggo põe o copo de volta com certa desajeitada e limpa a boca com a gola da camiseta. Essa tem uma pilha caótica de livros estampada no peito, com lombadas escritas com frases tipo *inimigos que se apaixonam*, *cérebro e cafajeste*, *relacionamento de mentira*, *ranzinza + ensolarado*, *só tem uma cama*. Franzo a testa, tentando entender. E então o olhar desce quando percebo que, ao levantar a camisa, ele mostrou uma faixa fina de pele

bronzeada, com uma linha de pelos castanhos descendo por baixo do jeans, que está baixo no quadril.

O calor me invade. Desvio o olhar.

— Sem treino — ele solta, ainda ofegante. — Só fiquei suado movendo umas coisas por aqui.

— Espero que não tenha sido por minha causa.

— Que nada. — Ele faz um gesto com a mão. — Já precisava reorganizar umas coisas mesmo.

— Hmm. — Estreito os olhos para ele. — Você mente mal.

— Tá, eu limpei um pouco também. Me processe por querer ser atencioso com minha futura colega de casa. E eu sou um ótimo mentiroso, aliás.

— Uau, ótimo ouvir isso de alguém com quem você vai dividir o teto.

— Tallulah — ele rosna, puxando o boné para baixo e marchando para cozinha no fundo do cômodo aberto. — Pare de ser rabugenta.

— Não dá. Está no meu DNA.

— Então deve ter pulado a sua irmã. Charlie é a doçura em pessoa.

Dou de ombros.

— A exceção confirma a regra.

Viggo abre a geladeira, tira um pote de vidro com tampa de plástico transparente e o coloca no balcão.

— Talvez isso te faça reconsiderar sua rabugice.

Caminho com cautela até o recipiente enquanto ele solta a tampa. Agora consigo ver o que tem ali.

— Brownies?

Ele sorri.

— Todos para você.

Meu estômago dá um salto.

— Você fez brownies… para mim?

O sorriso dele se aprofunda.

— Claro!

— Você… não precisava fazer isso.

Ele dá de ombros, olhando pros brownies, girando o pote um quarto de volta.

— Eu gosto de cozinhar. Ainda estou ajustando a receita, mas acho que estou chegando lá. E quem melhor que minha nova colega para testar? É uma receita com pouco açúcar e — ele fuça no bolso e tira o celular, os olhos na tela enquanto digita e rola, antes de virar a tela para mim — calculei os carboidratos de cada porção. Isso ajuda, né?

Fico olhando para ele, tentando processar, tentando encontrar algo para dizer. Sei que estou quieta demais. Mas não sei como reagir.

Talvez essa seja a coisa mais atenciosa que alguém já fez por mim. Vai me estragar, me fazer querer coisas assim, mesmo depois que tudo isso acabar. E eu morro de medo de querer qualquer coisa de alguém. Isso só me machucou sempre.

Não posso dizer isso para ele. Então digo:

— Eu não sou muito fã de brownie.

Viggo pisca como se eu tivesse dado um tapa nele. Aí puxa o boné para cobrir os olhos. Um rubor sobe pelas bochechas. Eu o envergonhei.

Queria me chutar.

— Vem — ele diz, se virando e seguindo pelo corredor. — Vou te mostrar seu quarto.

Demoro um segundo, mas sigo atrás dele, em conflito comigo mesma. Morro de medo de me apegar a esse nível de gentileza vindo de alguém com quem estou determinada a não me envolver. Mas meu estômago embrulha só de saber que fiz ele se sentir mal.

— Viggo…

— Esse — ele diz, seja sem me ouvir ou, mais provável, me ignorando, tentando passar por cima do estrago — é seu quarto. Vou te deixar um tempo para dar uma olhada.

Eu tinha acabado de chegar no batente quando ele se vira para sair ao mesmo tempo que tento entrar.

Eu sou uma mulher grande. Ocupo espaço numa porta. E embora Viggo seja magro, ele é largo – ombros largos, postura mais larga ainda – e não estava de lado, desprevenido para minha entrada durante a saída dele. O cotovelo dele bate no meu peito, me fazendo chiar de dor e me jogar contra o batente. Tento me equilibrar quando cambaleio para o lado e tropeço no pé dele.

Viggo se lança e põe as mãos nos meus ombros para me impedir de cair.

— Merda. Lula, desculpa.

Instintivamente, levanto a blusa para checar meu abdômen e ver o estado do meu pod, que entrega insulina para o meu corpo – uma melhoria bem-vinda em relação à minha bomba antiga com tubos. Ele pode ter se soltado quando a gente se chocou. Passo os dedos ao redor do adesivo, aliviada ao ver que ainda está firme.

As mãos de Viggo caem dos meus ombros.

— Meu Deus, eu te machuquei? Estraguei alguma coisa…?

Eu deixo minha camiseta cair no chão e levo uma mão até a boca dele, o que exige mais esforço do que eu gostaria – o que só me lembra o quão absurdamente baixa eu sou e o quão alto ele é. Mas fico feliz por tê-lo interrompido, por ter sua atenção. Viggo fica em silêncio, os olhos buscando os meus.

— Você está bem? — ele pergunta contra os meus dedos. — Eu realmente sinto mu…

Eu pressiono meus dedos com mais força, e ele prende a respiração. Levo um segundo para encontrar as palavras, me localizar. Não estou acostumada a falar desse jeito, e definitivamente não estou acostumada com alguém como ele tão perto, me mantendo firme.

Ele cheira a suor e a um sabonete amadeirado, com um toque de açúcar e canela. O corpo firme dele está colado no meu. Meus seios estão espremidos contra o peito dele. A coxa dele está entre as minhas pernas. Ele me encara, mandíbula tensa, enquanto eu baixo a mão da boca dele, tentando mandar meu corpo se acalmar. Mas ele não quer. Ele quer se afundar nele, com meus dedos no cabelo dele, meu quadril se movendo contra o dele.

Um desejo dolorido pulsa, agudo e baixo, bem ali no meu ventre, entre as minhas coxas. O aperto das mãos de Viggo nos meus braços se intensifica por um momento, depois desliza. Os polegares dele tocam as covinhas dos meus cotovelos e fazem círculos, como se estivesse tentando me acalmar – talvez tentando acalmar a si mesmo também.

— Eu estou bem. Só precisei checar meu pod, porque a gente se esbarrou e podia ter soltado.

Os olhos dele buscam os meus.

— Seu pod?

— É o aparelho que manda insulina para o meu corpo. Então, é meio importante.

Ele engole em seco, nervoso.

— E... está tudo certo?

— Está tudo certo.

— Eu realmente sinto muito — ele começa, mas eu o interrompo.

— Por favor, pare de pedir desculpa. A gente só se esbarrou, foi um acidente, e eu estou bem. Quem devia se desculpar sou eu — digo baixinho. — Eu... — Minha voz falha, e eu me forço a engolir, molhar a garganta e encontrar coragem. — Desculpa por não ter... reagido bem aos brownies.

O rosto de Viggo esquenta de novo.

— Ah, está tudo bem! — Ele dá um passo para trás, enfiando as mãos nos bolsos. A falta que o toque dele me faz é, no mínimo, preocupante. — Eu entendo. Eles pareciam cocô de alce, sinceramente…

— Pare. — Eu saio do batente da porta, fico bem na frente dele e agarro um punhado da camiseta dele, porque, caramba, ele precisa me ouvir. — Só... deixa eu me desculpar. Eu entrei em pânico, e menti. Eu gosto de brownies, e foi muito atencioso da sua parte contar os carboidratos por porção, mesmo que nem precisassem ser com pouco açúcar; só de saber a quantidade de carboidratos já é o suficiente, para eu aplicar a insulina certa. Eu só... não estou acostumada com gente fazendo esse tipo de coisa, Viggo. Me pegou de surpresa. Eu não penso bem sob pressão. Me dou melhor com um laptop na frente, tempo para encontrar as palavras certas e... droga, estou falhando até nisso agora. Então só... por favor, por favor, promete que não vai levar meus erros para o lado pessoal. É comigo. Eu sou o problema.

Viggo sorri.

— Somos Swifties, é?

Eu estreito os olhos.

— Você é irritantemente bom em desconversar.

O sorriso dele se aprofunda, mas depois desaparece ao perceber que meu olhar continua firme, o prendendo no lugar.

— Eu, ah... eu só não quero te deixar desconfortável — ele diz. — Fiz aqueles brownies, porque queria que você se sentisse bem-vinda. Mas

entendo que foi demais. Eu sou assim. Exagero. Sou demais…

— Não foi. — Eu pressiono o punho contra o peito dele, bem sobre o coração. — Não foi demais, e você não é demais. Não assuma os problemas dos outros como se fossem culpa sua. Não carregue a bagagem dos outros, especialmente a minha, como se fosse sua, ou eu juro que esse acordo aqui termina agora.

Viggo pisca para mim como se eu tivesse deixado ele atordoado.

— Eu vou me acostumar com essa... gentileza — digo. — Provavelmente vou ser estranha com isso a maior parte do tempo, mas nem pense em interpretar isso como algo sobre você. E eu vou tentar melhorar minhas reações, está bom?

Viggo pisca mais algumas vezes, finalmente abre a boca para falar, mas antes que qualquer palavra saia, algo faz um *tum* dentro do armário do outro lado do corredor, seguido de um palavrão abafado.

Minha cabeça vira para o som, coração acelerado. Viggo... não parece nem um pouco surpreso como eu esperava.

Na verdade, Viggo parece profundamente irritado.

Curiosa, viro na direção do armário, levo a mão até a maçaneta e a giro.

— Tallulah…

Três homens enormes caem do armário, tropeçando e trombando uns nos outros. Levo um segundo para reconhecer quem são – Ren, o irmão mais velho de Viggo; Oliver, o mais novo; e Seb, namorado da irmã dele, Ziggy.

Oliver respira fundo, levantando as mãos como se estivesse louvando.

— Ar fresco e doce. Obrigado, Jesus.

Seb, com cara de poucos amigos, passa a mão pelos cabelos bagunçados.

— Me lembra de nunca mais me esconder num armário com você. Você é a pessoa menos silenciosa e menos parada que existe.

— Eu não gosto de espaços fechados — Oliver se defende. — Além disso, você que…

— Tallulah! — Ren abre um sorrisão e tenta se apoiar casualmente na porta do armário, o que não dá muito certo, a porta balança e acerta Seb no ombro. — Que coincidência boa te ver aqui.

— Cristo — Viggo resmunga, esfregando o rosto.

Viro para ele.

— Por que você estava escondendo seus irmãos no armário?

— *Nós* — diz Seb, apontando de um lado para o outro entre ele e Viggo — *não* somos parentes. Graças a Deus.

Viggo empurra Seb. Seb empurra de volta. Ren passa o braço pelo pescoço de Seb, encerrando o empurra-empurra, e sorri carinhosamente.

— Seb, agora você já está envolvido demais. Se chama status de Bergman honorário.

— É muito cedo para sentimentos sinceros, Ren — Seb implora. — Não posso me emocionar antes do meio-dia; é uma regra minha.

— Vem cá, seu sensível enrustido — Ren diz, puxando ele para um abraço.

— A gente já vai indo — diz Oliver, fazendo um *moonwalk* enquanto passa por nós e me lança um sorriso. — Tenha um ótimo dia!

— O que está acontecendo? — pergunto.

Oliver congela no meio do *moonwalk*. Ren e Seb também congelam no meio do abraço.

Viggo suspira e massageia a ponte do nariz.

— Eu meio que entrei em pânico com eles, disse que meu apartamento estava uma bagunça e que você estava vindo. Aí esses idiotas decidiram que

precisavam aparecer para me ajudar.

Seb revira os olhos.

— Que crueldade da nossa parte.

Viggo os encara.

— Eu não pedi ajuda.

— Mas claramente ele precisava — Oliver diz de lado.

Viggo avança contra Oliver como se fosse uma luta de espadas. Oliver rebate com o braço e dá um toque nas costelas dele. Viggo solta um gritinho e gira para longe.

— Doze meses mais novo, mas quem tem envergadura dois centímetros maior? — Oliver levanta os braços em vitória e faz um *jazz square* comemorativo enquanto canta — *Este cara bem aqui!*

— Espero que você puxe a virilha fazendo *box step* para sair daqui — resmunga Viggo.

— Com licença — digo para eles. — Por mais adorável que esteja esse momento abraço com cócegas, acho que a gente se desviou do assunto.

— Ah, certo — diz Oliver. — A gente ajudou o Viggo a fazer a casa parecer que não foi atingida por uma bomba, e, como forma de agradecimento, ele nos enfiou no armário.

Eu encaro os três, confusa.

— E vocês... entraram... de boa?

Viggo se vira para mim.

— Eu não vi sua mensagem dizendo que estava a caminho até você tocar a campainha. Entrei em pânico e mandei eles se esconderem. — Ele lança um olhar irritado na direção deles. — Funcionou super bem.

— Seb cutucou meu ponto de cócegas! — Oliver diz.

Seb suspira.

— Foi sem querer.

— Agora, pessoal — diz Ren, tentando apaziguar —, vamos respirar fundo e…

— Embora eu realmente aprecie a ajuda não solicitada — Viggo diz, empurrando os três pelo corredor —, por favor, por favor, vão embora.

Mordo o lábio, segurando o riso enquanto eles se despedem. Oliver aperta Viggo num abraço que ele retribui sem muito entusiasmo, dando tapinhas nas costas. Seb beija as pontas dos dedos e encosta na bochecha de Viggo, que o afasta com um tapa leve. Ren puxa o boné de Viggo para baixo, sorri e diz:

— Vira essa carranca, irmão.

— Tá, está — Viggo murmura, seguindo os três pela sala até a porta.

— Tchau, Tallulah! — eles gritam.

Oliver pisca exageradamente para Viggo. Seb levanta as sobrancelhas. Ren dá dois polegares para cima.

Viggo suspira ao fechar a porta atrás deles e se vira para mim. As bochechas dele estão coradas.

— Bom. Isso foi humilhante. E constrangedor. Desculpa por isso.

— Não tem do que se desculpar — digo. — É bom que você tenha uma família tão... presente.

— É invasivo, isso sim. — Ele tranca a porta dos fundos com ênfase.

— Isso não serve de nada! — grita Oliver do lado de fora. — Você me deu uma cópia da chave, lembra?

— Vaza daqui logo! — Viggo berra com a porta, depois joga a cabeça para trás, encarando o teto. Ele suspira com um ar desesperado, tira o boné da cabeça, passa a mão pelo cabelo e o coloca de volta. — O pior de tudo é que eu mereço.

— Como assim?

Viggo abaixa a cabeça. Os olhos dele encontram os meus.

— Talvez eu tenha... me metido demais na vida amorosa da minha família ao longo dos anos, bom, na vida deles em geral, para ser sincero e agora estou colhendo o que plantei.

Não sei o que é nesse momento – talvez o quão fofo foram os últimos cinco minutos, ou o quanto eu acho adorável esse constrangimento corado dele, ou o quão engraçado é imaginar Viggo se achando o sabichão dos romances e agora finalmente provando do próprio remédio – mas eu sinto, lá do fundo, algo subir: um sorriso largo e espontâneo, quente e feliz.

Eu jogo a cabeça para trás e dou uma gargalhada.

ONZE

Viggo

Playlist: “Wish I Knew You”, The Revivalists

Por um segundo, estou irritado demais por estar sendo zoado para processar o que está acontecendo.

Tallulah Clarke não está só rindo – e quero dizer rindo de verdade – ela está *sorrindo*.

E, caralho, isso transforma ela. As covinhas saltam nas bochechas redondas, ainda mais fundas e tentadoras do que aquelas que meus polegares encontraram nos cotovelos dela. O sorriso levanta as maçãs rosadas de seu rosto, ilumina os olhos grandes, cercados de cílios escuros, como se o sol estivesse derramando luz por dentro do âmbar.

E, de repente, meus irmãos e Seb me humilhando sem o menor pudor, a satisfação cruel de Tallulah diante da minha confissão de que estou colhendo o que plantei… nada disso importa.

O que importa é que Tallulah Clarke está parada na minha sala, rindo de verdade, com um sorriso que vai de orelha a orelha.

Meu coração dá um baque no peito. Não sei o que está acontecendo, nem por que está batendo assim. Talvez seja pela vitória de ter feito ela sorrir, mesmo que às minhas custas. Talvez seja por ter sido inesperado, esse prazer puro vindo dela – e eu amo uma boa surpresa.

É confuso para caralho. Essa mulher, o que ela me faz sentir, é confuso demais. Não são borboletas no estômago, é mais tipo formigas debaixo da pele. Não é aquela sensação leve, mágica e delirante que eu sempre achei que sentiria, mas sim um aperto no peito, um nó no estômago.

Considerando tudo que sei sobre amor – o que li em romances, o que vi na minha família –, eu não estou me apaixonando por Tallulah Clarke. Mas também não sou imune a ela.

Será que é só o tesão falando mais alto? Eu sei que sinto atração física por Tallulah, mas já senti isso antes. Só que isso… isso é diferente. Isso é mais. Não é uma coceira passageira que dá para resolver; é algo profundo, incômodo, insistente, que não consigo nomear.

E talvez eu nem precise. Talvez eu só… aproveite. Tallulah parece estar aproveitando, considerando que ainda está rindo.

— Ok, tampinha. — Cruzo os braços. — Nem é tão engraçado assim.

Tallulah para de rir na hora, com fogo nos olhos.

— O que foi que você me chamou?

Tenho duas irmãs. Conheço bem o olhar de fúria homicida feminina, e sou treinado para colocar o máximo de distância entre mim e ela. Dou um passo reflexo, de autopreservação, e coloco uma poltrona entre nós antes de dizer:

— Eu te chamei de tampinha.

Ela estreita os olhos.

— Eu não vou responder por esse apelido.

— Vou pensar em outro. A gente vai achar um bom para você.

— A gente não vai. — Ela cruza os braços, espelhando minha postura.

— Mmm, vai sim. Apelidos são obrigatórios para colegas de quarto.

Ela revira os olhos e descruza os braços.

— Eu estou começando a achar que essa vai ser sua desculpa para tudo, Viggo: “é coisa de colegas de quarto”.

Dou um sorriso, satisfeito por estar de volta a um território familiar, lembrando à Tallulah que sou tão capaz de mexer com ela quanto ela é

comigo. Mesmo que eu sinta um leve arrependimento por ver aquele sorriso maravilhoso sumir do rosto dela.

Talvez mais do que um leve arrependimento.

Me consolo com o fato de que ainda tenho tempo para reconquistar esse sorriso, durante os próximos dois meses morando juntos, e em circunstâncias menos constrangedoras. Eu vou fazer ela sorrir de novo.

— Isso aqui não é uma rua de mão única, Tallulahloo. — Digo. — Você também pode impor suas próprias regras de convivência.

Tallulah solta outra risada, mas dessa vez é baixa, saindo do peito, com um toque sinistro. Ela pega a bolsa e caminha até mim, ainda com os olhos em chamas.

— Ah, pode apostar que eu vou. — Ela cutuca meu peito. — Só espera.

Dou um sorriso para ela, de cima.

— Quanto tempo eu vou ter que esperar?

— Vinte e quatro horas. — responde, como se não fosse nada, já indo em direção à porta. — Amanhã, nesse mesmo horário, eu volto para me mudar. — Ela gira na maçaneta, mas pausa. — Quando eu chegar, vou agradecer se não tiver mais nenhum parente escondido nos armários. Eu tenho muita roupa. Vou precisar de todo o espaço possível.

— Muita roupa. — Isso sim é um eufemismo. Roupa pode muito bem ser a única coisa que Tallulah tem, a julgar pelo fato de que já se passaram *duas horas* de mudança e ela ainda está andando entre os armários, pendurando peças e resmungando sozinha.

Não tenho permissão para ajudar. Fui informado disso de forma bem clara, depois que entrei com o oitavo porta-terno que chegou. Tallulah

contratou uma empresa de mudança. Só pras roupas. Eu ri tanto depois que ela deu a gorjeta e fechou a porta, que quase puxei um músculo.

Talvez seja por isso que fui banido para a sala, proibido de ajudar com a mudança.

— Tem certeza de que não quer ajuda? — grito do sofá.

— Não! — responde ela do quarto. — Vai que você me chama de princesa mimada de novo por aceitar ajuda para mover meu guarda-roupa vasto e valioso.

— Eu não te chamei de princesa mimada.

Tallulah aparece com a cabeça para fora do quarto, me fuzilando com os olhos.

— Estava implícito. Você riu tanto dos meus carregadores que até deu um gritinho.

— Foi um chiado. — corrijo.

O olhar dela se intensifica.

— Não é à toa que você e a Charlie são amigos. Semântica. Vocês dois só sabem brincar com palavras.

— Tallulah. — Me levanto do sofá e caminho até ela, pelo corredor. — Vamos recomeçar?

— Recomeçar, é? — Ela está agarrada a um vestido como se fosse um escudo, me encarando. O tecido iridescente brilha, mudando de bronze para ametista e turquesa, parecendo um derramamento de óleo sobre seda. Consigo imaginar aquele vestido deslizando pelas curvas generosas de Tallulah. O bronze destacando os olhos dela, o turquesa refletindo seu cabelo, o roxo vibrando contra a pele dourada.

— Esse vestido é lindo, Lu.

Ela estreita os olhos com desconfiança.

— Vai precisar de mais do que um elogio à alta costura para eu te perdoar.

Suspiro, encostando no batente da porta.

— Desculpa, tá? É só que… é meio fofo, beirando o absurdo, a quantidade de roupas que você tem. Me pegou de surpresa o fato de que todas as suas outras posses vieram numa mochila, mas para roupas você precisou de um caminhão de mudança. Vai, você é escritora, sabe que isso é engraçado.

Tallulah arqueia uma sobrancelha. A boca dela se contorce um pouco, como se estivesse tentando não sorrir.

— Eu gosto das minhas roupas, tá?

Sinto uma mudança nela, a raiva glacial começando a derreter. Um calorzinho se espalha dentro de mim, e passo o dedo pelo tecido liso do vestido.

— Dá para ver por quê. Suas roupas são muito bonitas.

Ela dá um suspiro, olhando para o vestido.

— Obrigada.

— Desculpa por ter rido da quantidade. Juro que não quis zombar de você. Foi só surpresa. E, para ser sincero, fiquei encantado. Mas não devia ter rido. Foi mal.

Tallulah me encara por debaixo daqueles cílios grossos, o delineado sempre puxado, realçando ainda mais os olhos.

— Tudo bem. Eu também peço desculpas por ter rido de você ontem. Foi a mesma coisa… não era de você, era só… divertido, o drama…

— A ironia. — completo por ela.

— É. — Um sorrisinho levanta o canto da boca dela. Nem de longe tão largo quanto o de ontem, mas ainda assim é uma vitória, daquelas boas que

não são contra alguém, mas com alguém. Esse momento parece uma pequena conquista pros dois.

Tallulah pigarreia e eu dou uma piscada, percebendo que estava encarando ela. Ela está corada, alguns fios azul-claros grudados nas bochechas e na nuca. Um cacho solto se agarra à clavícula, puxando meu olhar para pele úmida revelada pela regata azul decotada. Um calor percorre meu corpo. Desvio os olhos e pigarreio.

Tá calor. Eu estou com calor. Tallulah também, pelo rubor. Desempacotar é cansativo, e o sol está castigando a casa. Acho melhor ligar o ar-condicionado para ela ficar mais confortável. Tallulah claramente está acostumada com coisas boas – e aposto que isso inclui um lugar que não pareça o inferno.

Me afastando do batente, dou um passo para trás.

— Vou ligar o ar-condicionado, depois preparo um almoço para nós. Que tal?

Tallulah abre a boca, depois a fecha, como se estivesse debatendo consigo mesma sobre como me responder. Finalmente, ela diz:

— Isso... seria ótimo. Valeu.

— Com certeza, Tallulahloo.

Assim que começo a descer o corredor em direção à sala principal, a campainha da minha casa toca. Franzo a testa. Não estou esperando ninguém.

— Ah! — grita Tallulah. — São os caras da mudança com meus sapatos. Espero que você tenha mais armários escondidos por aqui, porque eu com certeza vou precisar!

Eu, de fato, *não* tenho mais armários para os sapatos de Tallulah, e quando percebemos que precisávamos de alguma forma de armazená-los, só havia uma solução: IKEA. Tirando o A-frame e uma livraria especializada apenas em romances, a IKEA é o meu lugar mais feliz no mundo. Não é, ao que parece, o da Tallulah.

— Que cara é essa? — pergunto.

Tallulah franze a testa para mim.

— Esse lugar tem cheiro de almôndega industrializada e trapaça.

Dou uma risada.

— Trapaça?

— Eles te enganam. Mostram todos os móveis montados, aí fazem você comprar tudo em peças e montar sozinho.

— Bom, Lula, tem gente que gosta de montar as coisas.

— Bom, Viggo, essa garota gosta de pagar pessoas para montar as coisas.

Paro completamente. Tallulah se vira e olha para mim, com uma plantinha suculenta de mentira na mão.

— Tallulah, a gente não vai pagar ninguém para montar sua sapateira Ställ.

— Você tem razão. — Ela enfia a suculenta falsa dentro da sacola da IKEA e prende uma mecha azul solta de cabelo no coque. — Vamos pagar para montarem *minhas* sapateiras Ställ. Vou precisar de pelo menos três.

Engasgo de indignação enquanto Tallulah gira nos calcanhares e sai andando. Dou uma corrida e a alcanço em três passos.

— Lu, eu sou meio sueco. Não posso permitir que uma única peça de mobília da IKEA na minha casa seja montada por algum... estranho, sendo

que essas duas mãos aqui são perfeitamente aptas, com genética feita para isso.

Ela revira os olhos.

— Isso é ridículo.

— Não é, não. E não vou ceder nisso. — Enfio a mão na sacola dela, puxo a suculenta falsa e coloco num expositor de velas em pacote.

— E também não vou ceder nisso: nada de plantas de mentira.

Tallulah arqueja.

— Ei! Isso é para o meu quarto. É o único tipo de planta que eu consigo manter viva!

— Lula, tenho uma notícia difícil, mas você merece saber a verdade: ela nunca esteve viva para começo de conversa.

Ela grunhe de frustração, então avança para cima da planta de mentira e enfia de volta na sacola.

— Mas eu quero plantas no meu quarto!

Arranco a planta da sacola de novo e a bato no expositor de velas.

— Então a gente vai comprar umas de verdade!

— Eu vou matar todas! — ela grita.

— Eu não vou deixar você matar nenhuma! — grito de volta.

Um casal com algumas crianças atrás nos lança um olhar preocupado.

Tallulah tenta pegar a suculenta falsa, mas eu a levanto acima da cabeça.

— Nada. De. Planta. Falsa. Tallulah. Pelo amor de Deus.

— Você é *tão* grosseiro! — Ela me encara. — Usando minha desvantagem de altura contra mim.

— Momentos desesperados, baixinha.

Ela pisa no meu dedão. Solto um chiado, pulando, enquanto ela se afasta furiosa.

— Tudo bem! — grita por cima do ombro. — Vamos comprar plantas de verdade! Vamos comprar as sapateiras desmontadas e montar! Mas estou avisando: você vai se arrepender!

Acontece que Tallulah estava certa. Eu *me* arrependo da decisão quando, duas horas depois, estou pela metade no processo de montar o primeiro de *quatro* organizadores de sapato Ställ. Embora eu me considere um homem pacífico, estou prestes a quebrar alguma coisa.

— Isso está errado — diz Tallulah, parada ao meu lado, apontando para o organizador semi-montado. — A gente com certeza colocou isso de trás para frente.

Lanço um olhar mortal para ela.

— Tallulah, você pode deixar um homem montar uma sapateira em paz?

— Não. — Ela se senta ao meu lado. — Eu tenho que participar. São minhas sapateiras. Fui eu que paguei.

— Eu me ofereci para pagar — resmungo entre os dentes.

— Com que dinheiro? — ela pergunta.

— Dívida de cartão teria valido a pena para me poupar dessa tortura.

Ela revira os olhos.

— Quando eu me mudar e deixar eles aqui, você pode me reembolsar, mas por enquanto, são minha compra e *eu* vou ajudar a garantir que fiquem bem montados.

— "*Ajudar*" — resmungo, azedo.

Tallulah se recosta, um sorrisinho malicioso surgindo nos lábios.

— Eu te avisei que você ia se arrepender.

Balanço a cabeça, respiro fundo e volto a focar na mobília. É isso ou gritar num travesseiro – e eu não posso deixar Tallulah perceber o quanto ela está me tirando do sério.

— Talvez... montar com ajuda profissional não fosse tão ruim assim — ela sussurra, se inclinando. O hálito quente dela bate no meu pescoço, e um arrepio percorre minha espinha.

— Eu juro por Deus, Lula. — Viro a cabeça para lançar um olhar de aviso, mas ela está ali, com a boca a poucos centímetros da minha. Fico parado, lutando contra o impulso de agarrar aquele coque, puxar sua cabeça para trás e beijar até ela parar de me deixar maluco. O olhar dela desce pros meus lábios, depois volta a encontrar os meus. Ela engole em seco.

O celular de Tallulah apita, quebrando o momento. Ela pisca, depois pega o aparelho, silencia o som. Então se levanta, sacode as mãos e diz:

— Hora do jantar.

DOZE

Tallulah

Playlist: “I Think I Love You”, Donora

Viggo não veio jantar comigo, apesar do alarme que eu programei só para garantir que ele pararia de trabalhar e comeria alguma coisa. Não tive coragem de insistir quando ele não me seguiu para fora do cômodo, mesmo achando que talvez isso ajudasse a melhorar o humor dele. Sei que melhorou o meu. Entre a mudança, as caixas e as compras na IKEA, eu estava meio para baixo, e comer me fez sentir melhor. Ainda assim, não dá para culpar só a queda de açúcar no sangue pelo meu comportamento, embora provavelmente tenha tido uma pequena influência no meu mau humor. Porque eu sei que provoquei ele de propósito. Venho provocando-o desde o momento em que entramos na IKEA, lado a lado, discutindo se deveríamos cortar caminho direto pros organizadores (a minha preferência) ou andar por todo o showroom (a dele), quando me dei conta do que aquilo parecia, do que aquilo parecia ser:

Como se a gente fosse um “nós”. Como se fôssemos uma dupla, Viggo e Tallulah, andando em sincronia, com ele encurtando o passo por minha causa, enquanto a gente cedia um pouquinho cada um e concordava em dar uma olhada nas seções de sala e quarto antes de seguir pros organizadores de sapato.

Aquilo me deixou apavorada. Porque parecia – *parece* – fácil, familiar, estar com ele desse jeito. O cheiro amadeirado e adocicado dele, o braço dele roçando no meu enquanto andamos, o jeito como segura as portas para mim e me chama por apelidos idiotas; como lida com as minhas ironias e

revida na mesma moeda, sempre com aquele sorriso caloroso no rosto que começou a derreter o gelo ao meu redor.

E a gente está só começando. Ainda faltam dois meses morando juntos.

Não sou iludida a ponto de achar que sou incapaz de me importar com alguém, de querer alguém – eu só não chamo isso de amor, porque não acredito que amor exista de verdade. O que eu acredito que exista é a vulnerabilidade, esse poder que ela tem de te atrair, de baixar suas defesas, de te ensinar que é seguro depender da pessoa para quem você se abriu. E aí, é tão fácil se machucar.

Não sou do tipo que faz terapia – simplesmente não consigo imaginar me abrindo para um estranho –, mas tentei me entender melhor ao longo do último ano, li uns livros sobre disfunção familiar, sobre teoria do apego, sobre como e por que cada pessoa reage à intimidade de um jeito diferente: ansioso, evitativo, seguro.

Eu sou evitativa. Sei disso. Tenho aversão a me abrir com os outros. Tem uma pressão no meu peito que aperta toda vez que tento com o Viggo. É tentador demais confiar na bondade dele, querer mais daquele nosso vai-e-volta afiado, daquela energia que vibra entre a gente, me inclinar para cada parte do corpo dele que o meu corpo quer. Quando estou perto dele, me sinto completamente fora do meu elemento. Hoje então, foi especialmente forte.

Então eu provoquei. Discuti não no jeito divertido, mas no jeito mesquinho; interrompi a concentração dele e critiquei nossa montagem do organizador da IKEA. Porque isso me fazia sentir segura.

Agora eu só me sinto uma merda.

Eu sou melhor do que isso. Sou mais corajosa do que isso. Não, não tenho experiência em conviver de forma saudável com alguém, sem sexo ou agressividade passiva nos mantendo juntos. Não, não estou acostumada a

deixar alguém me ajudar do jeito que ele já ajudou e vai continuar ajudando, mas são só dois meses ridículos, e ontem, hoje, vão ser a exceção, não a regra. Logo Viggo vai estar ocupado com a loja totalmente aberta. Eu vou estar ocupada trabalhando lá nos bastidores, e quando não estiver, vou estar escrevendo e revisando. Isso é só um... momento difícil. Eu consigo passar por isso sem ser uma idiota com ele. Eu consigo. E eu *quero*.

Com cuidado, coloco o pão sobre o sanduíche dele, acrescento um punhado generoso de batatas chips e uma bela fatia de picles. Não é nada sofisticado como a salada fresca de frango com pesto e abacate que o Viggo preparou no almoço e que, aliás, ele mal tocou, mas é uma refeição. É o melhor que consigo fazer.

Pego uma água com gás bem gelada da porta da geladeira, fecho a porta com o quadril e ergo o prato do balcão, armada com minha oferta de paz.

Só espero que ele aceite.

TREZE

Viggo

Playlist: “Along The Way”, The Hunts

Eu estou de mau humor quando Tallulah entra. Estou de costas para ela, mas ouço seus passos, sinto o silêncio dela carregado de algo enigmático, algo que eu não consigo nem começar a decifrar. Não tem nada nessa mulher que eu consiga decifrar – nem como eu me sinto em relação a ela, nem como ela parece se sentir em relação a mim. A última hora, montando essas sapateiras, distraído seguindo as instruções da primeira e repetindo o processo na segunda, até que me acalmo um pouco, mas não tanto quanto eu queria.

Não consigo parar de pensar em Tallulah, em como estou todo embaralhado de frustração por causa dela. Isso – sermos colegas de quarto, trabalharmos juntos – não era para ser mais uma coisa difícil de lidar. Era para ser simples, tranquilo, uma troca de habilidades, morando juntos por alguns meses e depois cada um seguindo seu caminho.

Agora, dois meses parecem um tempo longo demais. E exaustivo.

— Você esqueceu um parafuso — ela diz.

Fecho os olhos e solto o ar devagar, tentando me acalmar.

— Agora não, Tallulah.

Um prato de cerâmica pousa suavemente no chão ao meu lado com um leve tilintar. Viro, só o suficiente para olhar, e sinto meu coração dar um salto estranho. Pão sourdough cortado grosso. Algumas fatias suculentas de tomate sobre rúcula e peito de peru fininho. Do lado, uma pilha generosa de batatas chips artesanais e um pedaço grande de picles.

Minha boca enche d’água e meu estômago reclama. Meu corpo acabou de perceber o quanto está com fome. Talvez parte do meu mau humor se explique pelo fato de que são – dou uma olhada no relógio – sete da noite, e quase não comi nada hoje.

— Eu estava tentando fazer uma piada — ela diz, sentando a alguns passos de mim no chão. Eu já estou pegando o sanduíche, dando uma mordida que afunda quase metade dele. — Sobre o parafuso.

— Hmph. — Encaro ela, mastigando devagar enquanto vejo ela abrir uma latinha de água com gás e colocá-la ao lado do meu prato. Caramba, esse sanduíche está bom. Muito mostarda de grão inteiro, do jeito que eu gosto, e bastante maionese. Tem mais alguma coisa ali que eu não consigo identificar, algo inesperado, mas muito bom. Faz tudo ter mais sabor... mais vida.

— Tem tempero italiano — Tallulah aponta com o queixo para o sanduíche. — É isso que você está sentindo. E muito pimenta-do-reino.

Meus olhos se estreitam. Como ela sabia que eu estava me perguntando isso?

— Você fez uma cara confusa — ela explica, como se estivesse lendo minha mente de novo. — Imaginei que estava tentando descobrir o que tinha de diferente.

Mastigo com calma, depois engulo. Pego uma batata e mordo, em seguida dou uma dentada no picles. Depois de deixar ela no vácuo tempo suficiente, digo:

— Tá bom. Valeu.

Tallulah está me encarando, olhar firme. Não fala nada, e isso me irrita. Ela é muito boa em ficar quieta, manter o controle.

— Isso foi outro momento brownie — ela diz, por fim.

Levanto as sobrancelhas e dou outra mordida no picles. Fico em silêncio. Ela que sinta o próprio remédio.

— Eu entrei em pânico — ela continua. — Não sei conviver bem com alguém como você.

— Como o quê?

Ela solta o ar com força, mas não parece irritada, mais como... perdida, procurando as palavras certas.

— Alguém amigável. Emocionalmente equilibrado. Determinadamente prestativo.

Prestativo.

Meu estômago embrulha. Já fui "prestativo" para muita gente ao longo dos anos. Gosto de ajudar. Mas também aprendi o que muitas vezes vem depois – quando a forma como tento ser útil acaba virando demais. Quando eu viro demais. Sem perceber, acabo forçando, passando dos limites. Falo mais do que devia. Sugiro mais do que foi pedido. É aí que as pessoas se afastam. Elas gostam de mim por eu ser prestativo... até que isso começa a incomodar. Aí não gostam mais. Aí acabou.

Nem todo mundo fez isso – minha família não, algumas pessoas boas ao longo da vida também não, gente que mostrou que gosta de mim inteiro – barulhento, tagarela, curioso – e ficou do meu lado. Mas o suficiente fez para me deixar desconfiado.

E acho que é por isso que estou tão puto. Porque aqui estou eu de novo, com Tallulah Clarke, que já tem um histórico de se achar melhor do que os outros, me fazendo sentir mais uma vez um idiota.

— Eu agradeço pela ajuda — Tallulah diz, franzindo a testa como se estivesse confusa, incomodada com o meu silêncio.

Tá vendo, Tallulah? Dois podem jogar esse jogo.

— Só que... não estou acostumada com isso — ela continua. — Não lido bem. E descontei sendo mesquinha. Minha glicose baixou um pouco também, o que não é desculpa, só contexto. Fico mal-humorada e irritadiça quando isso acontece. Então... fiz um sanduíche como pedido de desculpas, e sei que vivo pedindo desculpa, mas juro, vou tentar melhorar.

Fico encarando ela, digerindo as palavras, olhando de novo para o sanduíche que ela fez para mim. Não lembro da última vez que alguém me fez algo para comer, tirando minha mãe nos jantares em família – e mesmo assim, geralmente estou com ela na cozinha, cozinhando junto. Mas ainda assim... isso é raro.

E é bom.

E agora, enquanto dou mais uma mordida e penso no que dizer, já tendo comido quase tudo e me sentindo bem mais humano, percebo que eu também não fui inocente nessa situação. Impus meu jeito de fazer as coisas à Tallulah – não abri mão da planta artificial quando ela disse que só queria algo que não morresse no quarto; insisti em montarmos as sapateiras.

Fui meio babaca.

Fui insistente. Não do meu jeito leve e simpático, mas do tipo teimoso, sem consideração, que passa por cima dos outros.

Mastigo a última mordida do sanduíche e limpo os dedos no prato.

— Eu também sinto muito — digo. — Fui um babaca insistente lá na IKEA. Com a planta de mentira. Com as sapateiras. A gente nem teria discutido se eu só tivesse deixado você fazer do seu jeito e pagar para montarem aquilo.

Tallulah me encara, cabeça levemente inclinada.

— É, você está certo. Mas isso não apaga a merda que eu fiz. Eu errei. Você errou. Nós dois erramos.

Empurro o prato devagar na direção dela.

— Trégua?

Ela se inclina, mas ao invés de pegar um punhado das batatas ainda no prato, escolhe a última mordida suculenta do picles. Claro que escolhe.

Coloca na boca e diz:

— Trégua. Agora, você senta e come suas batatas. Eu vou mexendo nesse organizador.

Meu estômago aperta. Ela não quer mais a minha ajuda.

— Depois — ela acrescenta, girando o papel de instruções para poder ler — você se junta a mim quando quiser, e a gente monta juntos. Que tal?

Um sorriso que não devia ser tão grande toma meu rosto. Baixo a cabeça, puxando o boné para frente, torcendo para esconder o quanto fiquei feliz.

— Parece ótimo.

Tallulah se levanta, braços erguidos em triunfo, olhos brilhando, bochechas coradas.

— Nós conseguimos!

Sorrio para ela, depois olho para as quatro sapateiras prontas, alinhadas na parede do quarto.

— Nós conseguimos.

— E sem nos matar. — Ela se inclina e me estende a mão.

Dou um high-five, o sorriso ainda maior. Tallulah empolgada é bonitinha demais.

— Isso — ela diz — merece uma bebida de comemoração. Uísque?

Franzo a testa.

— Não tenho. Tenho umas cervejas, só.

Ela faz um gesto com a mão.

— Eu trouxe. Pode tomar cerveja se quiser, mas eu mereço um bom gole de Lagavulin, sem gelo.

— Laga-o-quê? — Me levanto de um pulo, seguindo ela até o corredor.

— Lagavulin — ela diz por cima do ombro. — Meu uísque favorito. Quando meu livro entrou na lista dos mais vendidos, meu pai me deu uma garrafa…

A voz dela vai sumindo.

Quero perguntar mais. Sou curioso, e a família de Tallulah é um mistério para mim, tirando os comentários bêbados da Charlie sobre a "família toda fodida" dela.

Desde que a Charlie voltou para vida de Ziggy, já adulta, minha irmã só me deu uma noção bem vaga do caos que é a família Clarke, e nunca achei que fosse da minha conta perguntar mais. Só que agora meio que é. Vejo Tallulah endireitar os ombros como quem tenta se livrar de alguma coisa ruim, e sinto um nó no peito. Quero saber. Quero entender. Quero estar lá por ela.

Ela é só sua colega de quarto. Mal amiga. E vai embora em dois meses. Se controla. Não força.

Essa voz da razão está certa. Não tenho direito de forçar nada, nem motivo. Posso me importar com Tallulah sem precisar saber tudo da vida dela, especialmente as partes complicadas e dolorosas da família. Se ela quisesse que eu soubesse, contaria.

— É um bom uísque — ela diz, entrando na cozinha. — Suave, rico, defumado. Pode provar, se quiser.

Dou de ombros.

— Beleza. Vou provar.

Tallulah franze a testa, olhando os balcões.

— Eu ia te oferecer, mas não estou vendo ele aqui. Juro que deixei bem aqui. — Ela aponta para o lado do fogão, onde fica a garrafa grande de azeite com bico dosador.

— Ah. — De repente, me lembro. Tallulah largou um monte de coisas no balcão quando chegou hoje, levando tudo para o quarto, menos uma garrafa alta cujo rótulo nem olhei, mas presumi que fosse bebida. Guardei no armário sem pensar muito. — Foi mal. — digo.

Alcanço e abro o armário acima da geladeira, puxando a garrafa que guardei de manhã.

Tallulah franze a testa, mãos na cintura.

— Isso não vai funcionar.

Entrego a garrafa e vejo ela ir até o outro lado da cozinha, parando em frente ao armário com porta de vidro, onde guardo os copos de vidro estilo mason jar.

— Como assim?

— Não alcanço isso aí — ela diz. — Na verdade, não sei o que eu consigo alcançar nessa cozinha.

Coço a nuca.

— Foi mal. Na reforma, instalei os armários mais altos que o padrão.

Franzo a testa, lembrando do Axel – o mais alto da nossa família – dizendo com aquela voz grave e tranquila:

— Você devia instalar os armários na altura padrão. Alguém mais pode querer usá-los um dia, e provavelmente não vai ser tão alto quanto você.

Odeio quando meu irmão está certo.

Tallulah abre a porta do armário e solta um suspiro, esticando-se na ponta dos pés. Corro até ela, alcançando por cima de suas costas os copos que parecia querer pegar.

— Aqui. — Entrego a ela.

Tallulah ergue os olhos, e de repente percebo o quão perto ela está, ali dentro dos meus braços, e como ela cheira bem – algo caro e discretamente sedutor, rico e floral, de um jeito quase enganoso. Ela desvia o olhar enquanto eu coloco os copos sobre o balcão, os olhos focados na tarefa de abrir a garrafa de uísque.

Dou um passo para trás e abro a geladeira, deixando o ar gelado me devolver um pouco de juízo. Preciso parar com isso, de deixar meu cérebro primitivo tomar o controle sempre que fico perto dela. Mas, porra, é difícil. Ela cheira tão bem. É sexy e macia, e minhas mãos doem de vontade de tocá-la, de conhecê-la, de arrastar as mãos dela pelo meu corpo para que ela me conheça também.

Colegas de casa. Nós. Somos. Apenas. Colegas de casa. Nada mais.

Me forçando a esfriar a cabeça, demoro mais do que o necessário procurando uma cerveja que me agrade. Quando encontro, abro a tampa contra a bancada.

— Ok, Viggo. — Tallulah se vira para mim, segurando dois copos de vidro, um com uma bela dose de uísque, o outro só com um dedo. — Sobrevivi à mudança. Sobrevivemos à IKEA. Montamos os móveis e ninguém morreu. Isso é uma vitória. — Ela ergue a sobrancelha, um sorrisinho quase tímido suavizando sua boca, e ergue o copo. — Eu voto por ficarmos um pouquinho bêbados.

— Isso — digo a Tallulah, pousando o copo de uísque — tem gosto de fogueira na minha boca. E isso não é um elogio.

Ela mostra a língua. Porra, que coisa fofa.

— Você — diz ela, apontando com o copo — não tem gosto nenhum.

— Com licença! — Levo a mão ao peito. — Meu gosto é impecável.

— Não quando se trata de uísque.

Dou um gole longo na cerveja, tentando apagar o gosto de cinza e fuligem do maldito uísque. Argh.

— Mudemos de assunto. A gente tinha decretado uma trégua, lembra?

Tallulah concorda com a cabeça, inclinando-se para frente e servindo mais uísque. O crepúsculo banha a sala com um brilho azul frio, e as velas que acendi tremulam ao nosso redor, aquecendo os cantos sombreados com uma luz dourada que vai se esvaindo. O cabelo dela escapou do coque – ondas azul-gelo desfeitas pelos ombros, o elástico todo enrolado e torcido, parecido com fio de telefone antigo, largado no meu sofá. Pego ele e enrolo no dedo.

— Então. — Me afundo no meu canto do sofá.

— Então. — Tallulah se afunda no canto dela, copo em mãos.

— Tenho um amigo, Wesley, que resgatou uma gata no mês passado. — Termino a cerveja. — Acontece que ela estava grávida, então agora ele tem uma ninhada de gatinhos também.

Ela me olha de canto, arqueando uma sobrancelha.

— E?

— E eu… — Coço a nuca. — Eu ia adotar todos.

Os olhos dela se arregalam.

— Todos?

— Bom, são só cinco.

— Cinco! — ela grita, se inclinando para frente.

— Cinco — confirmo. — Já estão desmamados, comem ração, usam caixa de areia. Não vão dar tanto trabalho.

Ela bufa no copo.

— Ah, claro. É exatamente disso que você precisa. Um punhado de gatinhos “tranquilos” além de uma livraria nova que você vai gerenciar

sozinho.

— Eu não estou sozinho. — Sorrio. — Tenho você.

Ela suspira.

— E tinha um ponto nessa história felina?

— Tinha. Queria ter certeza de que você não é alérgica antes de levá-los para casa.

Tallulah me lança um olhar estreito, mordendo o lábio.

Meu sorriso cresce.

— Você está seriamente pensando em fingir uma alergia para eu não pegar os gatos, né?

— Talvez — ela admite. — Mas a gente decretou uma trégua. Isso entra na regra.

— Com certeza entra.

— Então, se isso entra, digamos que eu compre mais móveis da IKEA, a trégua inclui me deixar pagar alguém para montar.

Solto um gemido dolorido.

— Droga, você negocia pesado. Tá bom.

— Cinco gatos — ela resmunga, olhando para o copo. — Só para deixar claro: cuidar daqueles diabinhos com garras não está incluso nas minhas tarefas. E, que Deus me ajude, se eles encostarem nas minhas roupas…

Sei que estou praticamente irradiando felicidade, mas não consigo evitar. Tallulah claramente nunca teve contato com gatinhos, porque eles derretem até os corações mais gelados. Mal posso esperar para vê-la caindo de amores por eles.

— Perfeito. — Abro outra cerveja e dou um gole. — Próximo item da pauta. Só confirmando: você não desenvolveu alergia a cachorro desde a Gertrude Stein, a sheepdog?

Os olhos dela se arregalam.

— Sério? Você vai adotar um cachorro?

— Só dois — justifico.

— Ah, nem fodendo.

— Vai, Lu, fala sério. Alergia a cachorro?

Ela suspira.

— Não. Não tenho alergia a cachorro. Mas você não pode achar que adotar dois cachorros além de cinco gatos é uma boa ideia agora.

— São velhinhos adoráveis. Só precisam de um canto tranquilo para dormir, umas caminhadas por dia, comida e água. Não consigo mais deixá-los no abrigo. Se você visse eles, também não conseguiria.

Tallulah olha para o teto e suspira de novo.

— Isso aqui vai virar um zoológico.

— Não é o máximo?

— O máximo — ela diz, seca.

Olho para ela, o pôr do sol e a luz das velas a banhando de um jeito suave, quase mágico. Tudo nela brilha, e com aquela blusinha azul e o jeans colado, ela está tão incrivelmente linda que não consigo não encarar.

Tallulah inclina a cabeça, notando meu olhar.

— O que foi?

Levo a cerveja à boca e tomo um gole longo.

— Nada.

Ela ergue a sobrancelha.

— E mesmo assim está me encarando.

Tô mesmo. A cerveja esquenta meu corpo, solta minha língua.

— O entardecer combina com você, Lu. Só isso.

Tallulah fica em silêncio por um instante, piscando, antes de virar o resto do uísque.

— Eu sei.

Dou uma gargalhada, daquelas que vêm do estômago.

— Combina com você também — diz ela, casual.

Minha risada morre.

— Pelo menos — continua — se três quartos do seu rosto não estivessem escondidos atrás dos restos da última visita do Pé-Grande ao cabeleireiro.

Fico boquiaberto.

— Com licença!

— Sua barba — lamenta. — Está fora de controle. Você é um par de olhos, um nariz marcante e uma barba.

— E o que tem de errado nisso?

Tallulah põe o copo sobre um dos descansos de crochê da mesa de centro, depois se arrasta pelo sofá, ficando de joelhos ao meu lado. Suas mãos seguram meu rosto, emolduram-no. Com cuidado, ela alisa a barba, contornando minha mandíbula. Os polegares passam devagar pela minha boca, como se procurassem meus lábios.

Ela se concentra, séria. Vai chegando mais perto, levanta a barba e passa os dedos pelo meu pescoço, por baixo do queixo. O ar me falta, meu cérebro dá pane com cada lugar que ela toca – os joelhos pressionando minha coxa, as pontas dos dedos roçando minha pele, os polegares desenhando meu rosto.

Seus olhos encontram os meus.

— O problema é que você está se escondendo.

Engulo em seco.

— Eu não estou me escondendo.

Mas, de certo modo, ela tem razão. Eu estou escondendo minha solidão, meu medo de fracassar, o cansaço de anos ralando, economizando,

o desejo de que alguém veja e ame tudo isso.

— Você — ela sussurra, se aproximando, segurando meu rosto — está escondendo uma estrutura óssea fodidamente gostosa debaixo dessa barba. É uma tragédia.

De repente não sei o que fazer com as mãos. Planto-as no sofá, dedos afundando no linho grosso.

— Sei não.

— Não ouse — ela diz, mais perto, a boca a um fio da minha — dizer que não sabe o quanto é gostoso.

Tento engolir de novo, mas é difícil pensar, difícil fazer qualquer coisa com ela me tocando assim, me chamando de gostoso.

— Como você sabe que eu sou? A última vez que me viu sem barba eu tinha dezoito.

— É. E você era gostoso naquela época.

Meus olhos arregalam.

— Você achava que eu era gostoso na faculdade?

Ela ri. Ri!

— Claro que achava.

— Por que isso é engraçado?

— Viggo, você sabia que era gostoso naquela época.

— Sabia nada. E, se achasse que alguém pensava isso de mim, com certeza não incluía você.

Ela dispensa meu argumento com um aceno como se fosse um mosquito.

— Besteira.

— Não é besteira — digo, firme. — Nem um pouco.

Meu coração martela, minha cabeça gira. Uma coisa é ter tido uma queda não correspondida por Tallulah. Outra bem diferente é descobrir que

ela também pode ter sentido algo.

Mas ela só disse que me achava gostoso, não que tinha um crush. Tem diferença. Para mim, pelo menos. E preciso saber se, para ela, também tem.

— Você achava que eu era gostoso — digo. — Isso quer dizer… você teve uma queda em mim?

Tallulah recua um pouco, as mãos indo pras coxas. Não está tão perto quanto antes, mas ainda perto o suficiente para eu me inclinar e beijá-la. Se eu quisesse.

Se *ela* quisesse.

Com graça, ela se encosta no sofá, descruza as pernas e as deixa cair, os joelhos roçando os meus.

— Define “queda”.

Estreito os olhos, desconfiado.

— Você define.

Tallulah dá de ombros, puxa o celular do bolso. Depois de digitar, diz, olhando a tela:

— Segundo o Merriam-Webster…

— Não quero a definição do Merriam-Webster — interrompo. — Quero a sua.

Ela me encara, silenciosa por um minuto, depois joga o celular de lado no sofá e diz:

— Eu achava você bonito, charmoso até. Mas acho que nunca me permiti te conhecer de verdade para desenvolver uma queda.

Não deixo passar o fato de que ela ainda não definiu “queda”. Mas estou absorvendo o que ela disse demais para cobrar isso agora.

— Por que você fala assim? Que não se permitiu me conhecer?

Ela olha para o encosto do sofá, onde o tecido se torceu num nó no linho.

— Porque foi uma escolha, não te conhecer. Porque, se eu tivesse… eu teria tido um crush. E eu não queria isso.

— Por quê? — pressiono. — Você ainda não respondeu. Nem disse o que "crush" significa para você.

Tallulah me olha, afiada.

— Você e suas malditas perguntas. Tá. Defino "queda" como querer alguém que não se pode ter. Satisfeito? Agora é sua vez. Você teve um crush em mim?

Meu cérebro gira, o coração dispara. Cheio dessas "malditas perguntas", como ela diz.

Por que ela achava que não podia me ter?

— Viggo. — Ela bate os joelhos nos meus. — Faz o que sabe fazer de melhor. Fala.

Mordo o lábio, tamborilo os dedos no sofá. Eles estão a um fio dos dela.

— Eu achava você deslumbrante, sofisticada, super centrada. Misteriosa e quieta, sempre com aqueles livros grossos de capa vermelha.

A boca dela se curva num meio sorriso.

— Eu vivia distraído por você — confesso. — Jurava que fazia de propósito, tentando sabotar minha nota, levar vantagem.

Ela solta uma risadinha.

— Ah, claro. Minha aparência e personalidade foram inteiramente pensadas para foder com seu GPA.

— Nunca disse que era racional. — Meus dedos tocam os dela. Os dela tocam os meus, depois escorregam por cima, entrelaçando-se.

— Você vivia distraído por mim, é? — Seus olhos nos meus. — Isso quer dizer o quê?

Olho para ela, o rosto esquentando. A parte sóbria do meu cérebro grita que isso não é coisa que se diga para uma colega de apartamento, mas o resto de mim não está nem aí.

— Pensava muito em você naquela época, Lu. Admito.

— Pensava… como? — Ela morde o lábio. — Fisicamente?

Tento resistir, mas não dá. Assinto.

As sobrancelhas dela sobem. Um sorrisinho puxa o canto da boca, realçando a pintinha.

— É meeesmo? — Ela parece adoravelmente satisfeita.

Tô excitado demais para me importar se ela tem a vantagem. Só sinto alívio por finalmente ter dito.

Ela desliza os dedos pelas minhas mãos até o meu pulso e diz, com a voz baixa e rouca:

— Continua.

— Lu, não quero deixar isso desconfortável…

— Para mim não tá. Se para você também não tiver, fala.

Engulo em seco, me ajeito no sofá, tentando esconder o que essa conversa está fazendo comigo.

— Eu pensava em como seria te tocar. Te beijar. Sentir teu gosto. Te fazer perder o controle. Ver teus olhos lindos grudados nos meus enquanto eu fazia isso.

Ela prende o fôlego. Os dedos apertam meu pulso.

— Você já… se tocou pensando em mim?

— Porra, sim. — Viro a mão e passo a palma pela dela, arrepiando ao vê-la estremecer quando envolvo seu pulso. — Muito. Eu tentava evitar, mas você era tudo que eu via quando fechava os olhos, Lula. Quando me masturbava…

Ela solta um gemido baixinho e me puxa pela camisa. Nossas bocas estão tão perto que sinto o bafo de uísque esfumaçado dela.

— Eu também — sussurra.

Um gemido escapa da minha garganta. Parece fantasia, mas não pode ser real. A menina fria e calada, se tocando por minha causa?

— Aham, sei.

— Eu me tocava, sim. — A mão dela sobe pela minha camisa até meu pescoço. Ela se aproxima e murmura no meu ouvido: — Me fazia gozar o tempo todo pensando em você. Pensava nas suas mãos nos meus peitos, no seu rosto entre minhas pernas, me fodendo com a língua. Era obcecada por você. Pelo seu corpo, suas mãos, sua boca. Era irritante.

— Caralho — gemo, encostando a testa no ombro dela. — Você escondeu isso muito bem.

— Você também — sussurra.

Os dedos dela deslizam tão suavemente pelo meu cabelo que eu quase perco a sensação. Quase. Exceto pelo fato de que arrepios dançam pela minha nuca, descendo pelas costas. Viro a cabeça, e meus lábios roçam a clavícula dela. Minha mão toca de leve sua cintura, desesperada para se enroscar nela, puxá-la contra mim e finalmente aliviar essa dor surda. O polegar dela desliza pelas minhas costelas até o quadril. Eu me contraio num reflexo, arqueando em direção ao toque.

Tallulah inclina a cabeça quando eu ergo o olhar para ela. A gente se encara, as respirações rasgando, ásperas, saindo dos nossos pulmões.

— E é por isso — diz ela, com a voz tão rouca quanto o uísque que andou bebendo — que acho essa barba uma tragédia. Eu sei o que um rosto como o seu provoca. Pelo menos pensa em dar uma aparada.

Sem dizer mais nada, ela se afasta devagar do sofá, depois puxa meu boné para baixo, num gesto provocativo, inesperadamente doce. Eu volto o

boné para o lugar e fico observando enquanto ela caminha direto pelo corredor e fecha a porta do quarto atrás de si.

E então eu fico ali no sofá, imóvel.

Por um. Longo. Tempo.

QUATORZE

Tallulah

Playlist: “Invisible Strings”, Taylor Swift

Eu nunca mais vou beber com Viggo Bergman. Nunca mais.

Minha cabeça lateja e meu estômago está embrulhado, mas esse último tem muito pouco a ver com ter bebido álcool demais e, felizmente, nenhum dos dois sintomas tem relação com minha glicose estar fora de controle – eu verifiquei; é sempre a primeira coisa que verifico quando me sinto esquisita. Estou nervosa por esbarrar com ele esta manhã, tentando sobreviver a essa interação sem meu confiável mecanismo de defesa: evitar.

Evitar não é a forma mais saudável de viver, eu sei disso. Mas ainda estou cruzando todos os dedos enquanto caminho pelo corredor saindo do meu quarto, torcendo para que Viggo esteja dormindo com a ressaca dele, assim posso pegar meu café sem ter que encará-lo ou encarar o que fizemos ontem à noite.

Ou talvez, mais precisamente, o que não fizemos.

O que claramente os dois queríamos fazer e *não* fizemos.

Ele sente atração por mim. Depois de ontem, eu sei disso. E embora, por um lado, isso seja quente, empolgante, gratificante – é uma péssima notícia para o meu compromisso de não tentar levar ele para cama.

Ao virar a esquina em direção à cozinha, faço um pedido silencioso ao universo indiferente, esperando que ele escute mesmo assim: *Que ele ainda esteja dormindo. Por favor, que ele ainda esteja dormindo.*

Quando entro na cozinha, minhas esperanças são destruídas.

Lá está Viggo, com um romance histórico de banca numa mão enquanto despeja água quente com a outra, girando sobre uma cafeteira cheia de grãos moídos. Como no ano passado, lá no deque do chalé em A-frame, ele veste uma camiseta de amante de romances (dessa vez, com os dizeres *Leitor de Romance Sem Vergonha*), cabelo despenteado de quem acabou de acordar e chinelos xadrez. Dessa vez, porém, em vez de moletom, ele está usando um par gasto de shorts esportivos cinza que não disfarçam nem um pouco o fato de que Viggo ou está lidando com um senhor tesão matinal ou está sofrendo do mesmo desejo não resolvido que eu.

Fecho os olhos com força para não ficar encarando aquele volume considerável pressionando contra o tecido. Saudável ou não, evitar ainda parece uma ótima ideia agora.

Viggo não parece ter notado minha chegada. Posso dar alguns passos para trás, virar a esquina, voltar para o meu quarto, esperar ele sair dali, comer um lanchinho da minha mesinha de cabeceira, ler por uma hora, o tempo que for até ele sumir em outra parte da casa para se trocar para o dia, talvez tomar um banho…

A imagem do corpo nu de Viggo, como eu imagino que ele seja, invade minha mente. Aqueles braços fortes e definidos se flexionando enquanto ele montava meu organizador de sapatos ontem. O vislumbre do abdômen e do quadril, quando a camiseta dele subiu no primeiro dia em que apareci ali, e o encontrei ofegante e suado. A visão das pernas longas e musculosas esta manhã. Cada fragmento visual que tenho dele se junta numa fantasia indecente. Viggo, magro e definido e molhado sob o jato do chuveiro, a água com sabão deslizando pela pele bronzeada, as gotinhas escorrendo pelo abdômen rígido, aqueles ossos do quadril, mais abaixo, onde ele está…

Faço uma careta, apertando ainda mais os olhos, tentando expulsar a imagem safada. Quando dou mais um cuidadoso passo para trás, o chão embaixo de mim solta um rangido absurdamente alto.

Meus olhos se abrem num estalo. O livro de Viggo abaixa, revelando olhos azul-claros e uma sobrancelha arqueada.

— Você depende tanto assim de café que não consegue andar para frente ou abrir os olhos até tomar?

Resmungo entre dentes e entro de vez na cozinha, passando por ele em direção à despensa embutida.

Viggo sorri, o olhar percorrendo meu corpo enquanto ele repousa a chaleira.

— O café vai ficar pronto em um minutinho.

— Valeu — murmuro, pegando uma barrinha de cereal da caixa, a mesma que eu como quase toda manhã. Tiro meu PDM (um dispositivo de gerenciamento de diabetes) da bolsa, uma espécie de clone do iPhone que facilita muito a vida de uma diabética, e insiro a quantidade de carboidratos da barrinha para calcular a dose correta de insulina. Depois rasgo o invólucro e dou uma mordida generosa.

Viggo está em silêncio, encostado no balcão enquanto lê. Me lembra o ano passado no deque, assistindo ao nascer do sol, o jeito como ele ficava parado vendo a luz invadir o chão, as copas das árvores, os olhos absorvendo tudo.

Mastigando minha barrinha, me permito fazer o mesmo. Fico ali, só... vivendo o momento. Tenho consciência de como isso é raro, de quanto tempo faz desde que estive totalmente presente no agora e *senti*.

O ar fresco da manhã entra pelas janelas abertas, ondulando as cortinas até que pareçam velas de navio. O café pinga pelo filtro e cai na jarra de

vidro num gotejar constante e tranquilizador. Viggo passa o dedo sob a borda da página do romance, fazendo um leve *shhh* ao virar.

Sinto cada detalhe como se estivesse em alta definição, quase sobrecarregada pela beleza disso tudo. E tenho a sensação de que já estive aqui antes, como se tivesse acordado de um sonho que, na verdade, não era sonho nenhum. Um arrepio me percorre. Déjà vu me dá nos nervos.

Me sento num dos banquinhos da ilha da cozinha, dou outra mordida na barrinha, cercada pelo aroma rico de café recém-passado, pela presença visceral de Viggo, roupas macias sobre um corpo duro, enquanto ele se vira, larga o livro e serve uma xícara de café. Depois, outra.

Fico olhando para ele, tão... dividida, tão confusa.

Por que me sinto tão atraída por ele? Por que não consigo controlar isso como fiz com tantas outras pessoas? Colocar em uma caixa com limites definidos, horários específicos na minha vida, nos meus pensamentos, nos meus sentimentos?

O que eu faço com isso?

Viggo se vira e coloca minha xícara de café na minha frente, depois se senta no banquinho ao meu lado. Nossos braços se tocam e eu recuo, tentando disfarçar o movimento ao levar a xícara aos lábios e apoiar os cotovelos no balcão.

Viggo toma um gole do café. Eu também. Não está fervendo dessa vez, como estava lá no chalé, e me pergunto se ele lembrou que eu me queimei – e como conseguiu acertar na temperatura. Aí vejo o cubo de gelo flutuando no meio da minha caneca, derretendo rapidamente.

Meu coração dispara. Inclino a caneca e engulo um terço do conteúdo de uma vez.

Viggo me observa enquanto baixo a xícara. Então diz:

— Agora que você está um pouco cafeinada, quero falar sobre ontem à noite.

Meus olhos se arregalam. Coloco a caneca sobre o balcão e encaro o líquido escuro.

— Tá bom.

Ele se vira devagar no banco, o joelho batendo no meu.

— Eu queria pedir desculpas pela direção que as coisas tomaram.

Minha cabeça se ergue num solavanco, meus olhos encontrando os dele.

— Viggo, eu estava tão dentro quanto você. Na real, fui eu que comecei.

— Mas você é minha convidada. Está me ajudando, está hospedada aqui, e foi babaca da minha parte falar sobre... aquilo — diz ele, com cuidado —, quando vamos trabalhar juntos, morar juntos. Eu nunca quero que você se sinta encurralada ou desconfortável…

— Viggo. — Minha voz é firme. Eu me viro de frente para ele.

Esse cara. Eu quero sacudir ele. Eu quero beijar ele. Ele é tão diferente de qualquer pessoa que já conheci. Supera qualquer um com quem já me envolvi, pensa demais, sente demais, se preocupa demais, gasta energia se torturando para fazer o certo, para fazer o certo por *mim*, quando mal somos amigos.

Ele engole em seco, os olhos vasculhando os meus.

— Sim, Lula?

Gentilmente, envolvo a mão dele com a minha e aperto.

— Você não fez nada de errado. Eu não fiquei desconfortável. Me desculpa se fui eu quem te deixou assim…

— Não — ele se apressa em dizer, se inclinando, os joelhos roçando nos meus. — Não, você não deixou.

Nossos olhos se procuram.

— Tem certeza? Porque você parece meio... desconfortável agora, se é que me entende.

Os olhos dele se estreitam enquanto tenta entender. Aponto para baixo. Ele olha para o colo, depois levanta a cabeça num estalo, o rosto pegando fogo.

— Tallulah Clarke!

— Que foi? — dou risada. — Meu filho, como é que eu *não* ia notar isso?

Viggo me lança um olhar furioso, se aproximando do balcão, o que faz pouca diferença – ele ainda está claramente excitado dentro do short.

— Nossa conversa ontem foi intensa, e o impacto ainda não... diminuiu.

— Definitivamente não tem nada de “diminuído” aí.

Viggo balança a cabeça, um sorriso surgindo em seu rosto, antes de tomar outro gole de café.

— Também pode ser porque eu estava lendo uma cena quente quando você entrou.

Minha boca se abre.

— Espera. Romances te deixam assim?

— Uhum — diz ele, me lançando um olhar por cima da borda da caneca. — Agora romances chamaram sua atenção, né? Dez dólares que você pega um antes do fim de semana.

— Dez dólares? Temos um apostador de peso aqui, pessoal.

— Estou apostando certo com você. — Ele toma mais um gole.

Fico encarando ele, fascinada.

— Eles te dão tesão mesmo?

Viggo engasga no café, enxugando a boca. Acho que escandalizei ele.

— Tallulah — ele repreende.

— Ah, qual é. Vamos parar de frescura com o fato de que você acordou de pau duro, e eu acordei encharcada…

Viggo derruba a caneca. Café para todo lado.

— Cristo, Tallulah. — Ele agarra um pano do outro lado do balcão e começa a limpar, mas só está espalhando a sujeira.

— Que foi? Não tem nada de vergonhoso nisso. — Pulo do banco, pego um pano no forno, molho um pouco, boto sabão e passo de verdade. — São só hormônios e feromônios — digo para ele. — Somos duas pessoas fisicamente atraídas uma pela outra e conversamos sobre desejo sexual; você estava lendo um livro quente; eu tive um sonho vívido…

— Tallulah — ele alerta.

Jogo o pano de lado.

— Isso vai nos afetar, é só isso que estou dizendo. Biologia simples.

Ele vira o rosto, largando o pano encharcado no balcão. Seus olhos procuram os meus.

— Você acha mesmo que tudo se resume a isso? Hormônios e impulsos animais?

— Não vou generalizar. Atração e excitação não são experiências universais, e cada pessoa tem seus próprios referenciais. Mas para mim, para o meu corpo, minha perspectiva, sim, é isso que se resume.

— Então quer dizer que — ele pergunta, inclinando-se para frente, com as mãos apoiadas ao redor da caneca — o amor é uma mentira?

— Uma construção. E, como eu disse, essa é só a minha perspectiva. Eu respeito que você pense diferente.

Viggo faz que sim com a cabeça, encarando o café.

— Então essa... atração entre nós, essa química, você atribuiria aos feromônios? E se... — ele ergue o olhar, buscando meus olhos — se um dia

você sentisse que havia algo a mais entre nós, isso seria só hormônios te fazendo se sentir aquecida e derretida por mim?

Dou de ombros.

— Uma resposta hormonal por conta de uma adaptação evolutiva que me torna predisposta a criar vínculos com pessoas que me fazem sentir bem, sim.

— Hmm. — Ele encara o café.

— Como você vê isso?

Viggo fica em silêncio por um momento, girando a caneca suavemente no balcão.

— Eu vejo o amor como... algo elementar, algo tão profundamente entrelaçado em tudo, que faz a vida parecer viva. E nem estou falando só do amor romântico. O amor assume muitas formas. Amor por nós mesmos. Pelo ambiente. Por desconhecidos. Amigos. Família. Parceiros. Para mim, reduzir isso a um mero impulso animal é prestar um desserviço profundo. Eu acho... — Ele limpa a garganta, coça a nuca. — Eu acho que o amor é... abraçar todas as emoções, até as difíceis, mesmo quando ficar anestesiado parece muito mais seguro. Amor é ter esperança, mesmo depois de já ter sido ensinado pela decepção a não ter. Amor é aquele zumbido de paz que percorre o corpo quando você recebe um abraço apertado, quando é bem ouvido, quando não é deixado sozinho na tristeza. Amor é teimoso e persistente, uma erva daninha indomável que brota nas frestas de solo macio em nossa existência de selva de concreto. É como…

Ele se inclina, encaixando nossas pernas como peças de um quebra-cabeça.

— Você lembra, nas aulas de ciências do ensino médio, quando aprendemos sobre partículas subatômicas, sobre como elas se comportam, e que isso significa que a gente nunca realmente toca o outro?

Franzo o cenho, sem saber onde ele quer chegar.

— Lembro — respondo devagar. — Repulsão eletrônica.

Ele abre a mão sobre o balcão. Hesitante, coloco a minha sobre a dele. Viggo encara nossas mãos e aperta a minha com delicadeza. Sinto cada calo em sua palma, o calor da pele. O polegar dele desliza pelo espaço sensível entre meus nós dos dedos, e o calor se espalha por mim. Fecho as coxas com força.

— É assim que eu vejo — ele diz baixinho —, que as duas coisas podem ser verdadeiras. A ciência está certa. E isso aqui também. A gente não está se tocando; isso é provado. Mas a gente está *sentindo,* e isso é tão real quanto. Eu nunca vou saber como é ser você, Tallulah…

Ele me olha, os olhos claros ainda mais intensos à luz suave da manhã.

— Qual é seu nome do meio?

— Jane — sussurro.

Ele sorri.

— Tallulah Jane Clarke. Eu nunca vou saber exatamente como, emocionalmente, mentalmente, o mundo se apresenta para você, como você o experimenta, assim como nunca vou realmente te tocar, não importa o quão perto eu tente chegar... Mas essa proximidade, esse tocar-sem-tocar…

As pontas dos dedos dele deslizam pela minha mão, me fazendo estremecer. Ele a vira, traçando as linhas da palma, desenhando espirais.

— Esse espaço carregado, impenetrável, entre duas pessoas que se sentem tão próximas: de coração, de mente, de corpo… e ainda assim nunca se tocam de verdade, esse lugar de mistério, isso é real. E eu acho que é esse impulso de sentir, conhecer e se conectar com todas as partes um do outro, apesar da distância entre nós... acho que isso é o amor, em tantas formas belas e misteriosas.

Eu o encaro, com um nó na garganta, os olhos ardendo.

Não tenho palavras. Nenhuma forma de explicar o quanto respeito profundamente a convicção que ele tem nessa crença, mesmo estando tão vazia de experiência própria para abraçá-la. Ouvindo ele falar, consigo vislumbrar os momentos em que ele conheceu o amor, a intimidade. Mas, acima de tudo, sinto o quão distante a minha vivência tem sido da dele. A tristeza me invade.

— Eu acho que... — Retiro minha mão com cuidado debaixo da dele, então viro e deslizo meus dedos sobre os nós dos seus. — Acho que isso é lindo.

— Mas você não vê assim — ele diz, após uma pausa.

Balanço a cabeça.

— Não. — Ergo o olhar e sustento os olhos dele. — Mas estou muito animada para explorar esse cérebro tão eloquente quando a gente começar a trabalhar na dinâmica do meu casal do livro.

Ele pisca.

— Você... acha que eu sou eloquente?

— Você se ouviu agora? — Tomo um gole grande de café, depois me levanto do banco e pego a garrafa, repondo o café dele, completando o meu. — Você é incrivelmente eloquente quando fala disso, Viggo. Me surpreende não estar escrevendo um livro também.

Ele franze o cenho para o café.

— Nah. Eu sou leitor. Não escritor. Só quero aproveitar, não transformar isso em trabalho, além de empurrar livros que amo pros outros.

— Justo. — Volto para o banco, dou mais um gole no café e o coloco sobre o balcão. — Então... isso foi bom. A gente limpou o ar, reconheceu que há atração...

Nossos olhos se encontram. A garganta de Viggo se move com dificuldade quando ele engole.

— É, tem sim.

O calor me atravessa enquanto fico sentada ao lado dele, os joelhos encostando, tão perto que consigo ver os fiapos prateados em suas íris, o brilho acobreado nas ondas do cabelo. Seria tão fácil tirar a caneca das mãos dele, pressioná-lo contra o balcão, deslizar meus dedos por baixo da camiseta, passar as palmas pela pele quente e beijá-lo até ele gemer, implorando por mais; cair de joelhos, puxar o shorts dele, e fazê-lo gozar ali mesmo, com as mãos agarradas à borda do banco, a cabeça tombada, os quadris se movendo…

Um carro dá um estouro lá fora, me arrancando da fantasia. Seguro a xícara com força, fecho a mandíbula, respiro fundo. Viggo me encara como se tivesse lido minha mente. Como se também estivesse se afundando em uma fantasia própria. As bochechas dele estão rubras; os olhos, brilhando. O olhar vai e volta para a minha boca, e ele estica os ombros, como se tentasse se livrar da vontade de se inclinar, de me tocar.

Nunca me senti tão atraída por alguém, nunca tão certa de que a atração era recíproca. Não tenho a menor dúvida de que o sexo entre nós seria incrível. E também não tenho a menor dúvida de que, considerando as circunstâncias – vivendo sob o mesmo teto –, seria extremamente irresponsável se acontecesse.

Viggo e eu mantemos o olhar preso um no outro, levamos o café à boca e tomamos goles longos, lentos, sincronizados.

— Mas... — Minha voz sai tão carregada de desejo que a palavra mal se forma. Limpo a garganta, endireito a coluna. — Apesar da atração, nós absolutamente não vamos transar.

Viggo engasga com o café.

Dou um tapinha nas costas dele.

— Eu estou bem — ele diz rouco, depois limpa a garganta. — Eu estou bem.

— E por que engasgou, então?

As bochechas dele estão coradas.

— Você só... fala disso de forma tão direta.

— Eu vejo isso como algo direto mesmo.

— É. — Ele olha para o café.

— E você vê como algo... emocional? — Meu olhar desliza para o romance que ele estava lendo, depois volta para ele. — Algo que você compartilha com alguém que você... ama?

Os olhos dele encontram os meus.

— Sim.

E isso não sou eu. Essa é a verdade não dita que paira entre nós.

Não era para doer – *não era* – porque, cacete, eu não acredito em amor, não quero que ele me "ame" ou queira romance comigo. E ainda assim, alguma coisa dentro de mim repuxa com força, como uma corda sendo tocada fora do tom, aguda, áspera, desconfortável.

Dou de ombros, expressão fria.

— Pois é. Desde o último desastre de colega de quarto-com-benefícios, eu não durmo com quem mora comigo. Você é um romântico que quer transar com alguém que ama. A gente pode só... reconhecer que existe atração física e seguir em frente.

Os olhos dele procuram os meus. Os dedos tamborilam no balcão.

— Você não sente que é um pouco mais complicado do que só... "seguir em frente"?

Sim.

Encaro ele.

— Como assim?

Viggo se inclina, cotovelos apoiados no balcão, olhos presos nos meus.

— Eu não sei explicar. O jeito como eu te quero, fisicamente, como meu corpo reage a você... é como uma coceira que eu nem consigo alcançar, quanto mais aliviar. Não acho que isso vai simplesmente... passar.

— Isso é só o tesão falando. Vontade de ter o que ainda não teve.

— Não é tão simples assim. Merda, Lu.

— Então, se não é tão simples assim — insisto —, se não é só biológico, como você explica estar tão... atraído por mim?

— Intensamente? — A voz dele é áspera, como lixa.

O desejo explode quente e rápido, baixo no meu ventre, entre minhas coxas. Endireito os ombros e tento me livrar da sensação.

— O que mais além de biologia? Você não me ama. Mal me conhece. Como você explica isso?

— Eu não sei. — A intensidade do olhar dele me prende no lugar. — Só sei que isso está me deixando maluco.

— Pois — levanto minha caneca —, meus pêsames. Você acha que eu gosto de estar com tesão por um mandão montador de móveis da IKEA, acumulador de plantas, romântico incurável, adotador de bichinhos resgatados?

Viggo ri, batendo a caneca na minha.

— Vou tentar manter meu apelo feromonal sob controle. Faz o mesmo, tá?

— Combinado — digo a ele. Nós dois tomamos um gole do café. — Mas olha, mesmo se continuar assim, a gente vai ficar bem — tranquilizo ele, e a mim também. — Somos pessoas razoáveis. Temos um acordo e vamos respeitar. A gente consegue sair disso ileso. São só oito semanas.

— Pff — Viggo faz um gesto com a mão. — Oito semanas não são nada. Vamos estar tão ocupados. Vai passar voando.

A gente se mexe nos banquinhos ao mesmo tempo, e nossos corpos se encostam – o joelho dele entre as minhas pernas, minhas coxas pressionadas contra ele. Os dois respiramos fundo.

Pegamos o café e bebemos em silêncio. Rosto quente.

Tento ignorar a preocupação insistente de que, pelo menos nesse caso, oito semanas não vão passar voando coisa nenhuma.

QUINZE

Tallulah

Playlist: “Riptide, Versão Ukulele”, Sessão Violão Acustica

Viggo e eu *talvez* estejamos dando umas voltas um ao redor do outro. Só um pouquinho.

Ok, um pouquinho não. Um tanto.

Na última semana, fiz o que pude para minimizar interações desnecessárias, além dele me ajudar a aprender a rotina da livraria. Decidimos dividir e conquistar. Eu fico com o caixa e com os pedidos de comida e bebida. Viggo cuida dos pedidos, a não ser que ele esteja ajudando os clientes na loja, caso em que eu assumo. Eu aprendi o que precisava: o sistema de ponto de venda, o menu de bebidas de café que ele oferece, como aquecer os produtos de padaria. Fora isso, me mantive o mais afastada possível, sem tornar a situação desconfortável.

Recusei o convite que a sobrinha dele fez, que ele repetiu, para o jantar de família de domingo. Pedi tacos e comecei a reler um livro da Karin Slaughter, que é uma obra-prima. Não fiquei olhando o relógio, imaginando quando ele voltaria.

Demais.

Arranquei o curativo e dei meu livro para ele ler – o rascunho que tenho até agora, pelo menos. Enviei por e-mail na noite de domingo, depois que ouvi ele estacionando o carro, e corri para o refúgio do meu quarto, fazendo um sermão em mim mesma sobre agir como uma medrosa.

Fiz ele jurar que não diria nada sobre o livro até que eu pedisse. Meu ego é frágil como porcelana.

Desde então, todas as manhãs têm sido assim: eu fico na cama, fervendo sobre como meu livro é terrível, como é humilhante que Viggo esteja lendo o que escrevi dessa coisa horrível. Então, faço o exame de glicose matinal, resmungando sobre meu livro enquanto sugo o lugar onde me piquei. Tomo minha insulina, um bolus estendido, e insiro os carboidratos do meu café da manhã no meu PDM.

Faço tudo isso ouvindo Viggo se mexer na cozinha. O som da chaleira sendo levantada do fogão, bem na hora que começa a apitar. O som suave da porta da geladeira se fechando depois que ele tira os ingredientes para fazer o café da manhã.

Então, assim que ouço ele andar pelo corredor para o quarto dele, me esgueiro para fora, sirvo uma xícara de café, pego uma barra de cereal na despensa e volto para o meu quarto. Sento na minha mesa, como a barra, dou goles no café e me forço a trabalhar na revisão do meu livro horrível até a hora do almoço.

Ainda estou ignorando completamente o arco romântico do casal, cuja estrutura frágil está ferrando o primeiro terço do livro, talvez até o livro todo. Vou lidar com isso depois, quando Viggo tiver lido o que escrevi até agora e meu ego puder aguentar ouvir o quanto ele também acha que está péssimo.

Meu alarme toca pontualmente ao meio-dia, e é quando me forço a (ou, mais frequentemente, suspiro de alívio por poder) terminar a escrita e revisão, deixando a tarde para qualquer ajuda que Viggo precise na loja. Verifico minha glicose novamente, agora pelo meu CGM, faço o bolus de insulina e vou até a cozinha preparar uma das minhas refeições favoritas, cujos carboidratos conheço de cor e posso inserir no meu PDM.

Normalmente, enquanto preparo a refeição, Viggo se junta a mim.

Como hoje.

A porta que liga a loja à casa se fecha, e eu olho para cima. Meu estômago dá um nó enquanto me dou permissão para observá-lo.

Viggo está um pouco suado, com o cabelo enrolado e úmido na nuca, sob o usual boné azul surrado. Ele puxa o tecido de outra camiseta de fã de romance, abanando-se. Essa tem um punho cerrado segurando uma pilha de livros de romance. Acima, lê-se: "Leia romance. Lute contra o patriarcado."

Um sorriso puxa minha boca. Eu baixo a cabeça, focada em montar meu sanduíche de salada de frango.

— Boa tarde, Tallulahloo — ele diz.

— Boa tarde, Viggo — respondo. Coloco mais uma folha de alface manteiga e depois ponho a outra fatia de pão por cima. — Vem comer.

Viggo suspira.

— Lula, tenho tanta coisa para fazer.

— E eu vou te ajudar. Pode esperar por um sanduíche de salada de frango — digo, apontando para o prato ao meu lado.

Ele passa por mim, indo até a pia, tomando cuidado para não esbarrar em mim, então começa a lavar as mãos.

— Mandona — ele murmura.

Sorrio mais ainda, porque posso, com as costas voltadas para ele, me divertindo absurdamente com esses pequenos momentos em que ele fica resmungando comigo, quando os papéis se invertem.

Quando ele se deixa cair num banco no balcão em frente a mim e tira o boné, eu empurro o prato na direção dele.

— Parece falso — ele diz, levando o sanduíche à boca. — Agradecer por me forçar a comer. Mas vou agradecer de qualquer forma.

— De nada — respondo, antes de dar uma mordida no meu sanduíche.

Viggo revira os olhos, depois dá uma mordida no sanduíche. Um suspiro sai dele enquanto ele mastiga.

— Que rude.

— O que é rude? — pergunto, com a boca cheia.

— Que isso está tão, tão bom.

— Comida feita por outra pessoa sempre tem um gosto melhor.

Viggo me observa daquele jeito que já percebi que ele me olhou algumas vezes durante essa semana, quando estamos juntos – limpando depois do jantar, sentados em extremos opostos da sala de estar, lendo em silêncio – bem, eu estou em silêncio; Viggo fica cantando para si mesmo, balançando na sua cadeira rangente, ouvindo audiolivro nos fones enquanto tricota algo que parece um cobertor. Às vezes, olho e pego ele me encarando como se eu fosse um quebra-cabeça de palavras que ele tenta resolver.

É assim que ele está me olhando agora.

— O que foi? — pergunto. Dou mais uma mordida no meu sanduíche.

Ele balança a cabeça, depois dá outra mordida no sanduíche, mastigando pensativo enquanto olha para longe. Depois de engolir, toma de uma vez o restante da água da jarra, deixando o vidro bater no balcão com um som oco.

— Só queria dizer que realmente aprecio você ter se esforçado tanto para aprender a rotina da loja e me ajudar essa semana.

Dou de ombros enquanto mastigo e engulo. Eu falei que faria isso. Ele não precisa me agradecer por fazer o que prometi.

— Claro.

— Estou quase terminando o livro — ele me diz, mantendo os olhos nos meus. — Lula, é…

— Não me conta — solto. — Só... vamos... passar pela abertura suave. Depois voltamos para o livro.

Ele franze a testa.

— Mas...

— Por favor? — imploro.

Ele suspira.

— Tá. Mas se mudar de ideia antes disso, me avisa. — Ele enfia o último pedaço do sanduíche na boca e mastiga, com uma enorme bolota de comida na bochecha.

— Não precisa correr para ler — falo. — Você está tão ocupado agora.

— Não foi à custa do meu trabalho. Tenho ouvido enquanto mexo na roda de oleiro, graças ao Microsoft Read Aloud.

— Você está dormindo, pelo menos?

— Não muito — ele admite. Eu o vejo passar as mãos no cabelo, olhos fechados. — Confia em mim, não estou correndo para ler. Eu precisei de uma distração no fim do dia, Lu. Tento dormir, mas minha cabeça fica rodando.

Olhando para ele, percebo pela primeira vez o que já estava ali a semana toda – sombras sob os olhos, ansiedade apertando a testa, tensionando os ombros. A perna dele está batendo tão forte no banco que sinto o chão tremer com o movimento.

— Ei. — Piso no pé dele debaixo do balcão.

Ele me olha, as mãos ainda congeladas no cabelo.

— Você vai ficar bem, tá? A gente vai dar conta. Não vou te decepcionar na hora de abrir.

Um sorriso levanta a boca dele.

— Sim. Eu sei. Obrigado, Lula.

Eu como o último pedaço do meu sanduíche, depois limpo as mãos com o guardanapo.

— Tá bom. Quer me mostrar mais alguma coisa na loja essa tarde?

Ele sorri timidamente.

— Bem... não tanto te mostrar. Mais... te apresentar.

Eu estreito os olhos.

— Viggo Bergman. O que você fez?

— Jesus. Cristo. — Suspirando, cruzo os braços sobre o peito. Dois labradores retriever, um marrom e um preto, ambos com pelos grisalhos no focinho, dormem, enrolados um no outro, numa cama de cachorro macia, colocada em um canto de luz quente que entra pela grande janela da frente da livraria.

— Nem perto — ele diz, apontando. — Esse é o Romeu. E aquela é a Julieta.

Olho para Viggo.

— Você está brincando. Esses são os nomes deles?

— Estou tentando não deixar isso me afetar — ele admite.

Eu seguro a risada.

— Isso é hilário. O cara cuja livraria é dedicada ao "felizes para sempre" tem dois cachorros com nomes dos personagens principais da mais famosa história de amor trágica.

— Pff. — Ele acena com a mão. — Não é isso. Eu tenho uma sessão inteira na loja só com reinterpretações de R e J com finais felizes. Isso não me incomoda.

— Então, o que te incomoda?

Ele suspira.

— Eles são irmãos.

Uma risada escapa, depois uma gargalhada. Me dobro de tanto rir, até a barriga doer.

Viggo me lança um olhar fulminante.

— Sério, isso é errado. Eu aceito todos os tipos de tropes de romance "tabus", mas incesto não. E eles são tão velhos que não posso mudar os nomes; eles nunca responderiam a outros. Estou preso.

Agora estou ofegante de tanto rir, batendo na minha coxa.

— Ah, vai se divertir, pestinha.

Maldição, esse apelido. Minha risada morre abruptamente. Puxo Viggo de lado, bem onde lembro que Oliver o pegou depois que encontrei ele, Ren e Seb no armário. Viggo grita e pula para trás, com a traição nos olhos. Os cães levantam as orelhas, nos observando curiosos.

— Mãos para si, moça — ele diz com voz séria.

— Para de me chamar de pestinha.

Ele sorri.

— Você sabe que isso só me faz querer te chamar mais ainda, né?

Reviro os olhos, me agacho e estendo a mão para a marrom, a Julieta, que está mais alerta. Ela se vira, pedindo uma massagem na barriga sem vergonha.

Viggo se agacha ao meu lado e acaricia a lateral de Romeu, dando tapinhas no flanco dele daquele jeito que os cachorros adoram.

Sorrio sozinha quando Romeu se estica e enfia o focinho sob minha mão, carente de carinho vindo de mim também. Viggo se inclina por cima de mim e coça gentilmente atrás das orelhas de Julieta. Os olhos dela se fecham enquanto ela se inclina ao toque dele. Conteúdo relacionável.

Não que Viggo e eu tenhamos nos tocado. Na última semana, temos evitado nos tocar com uma dedicação quase cômica, como se, depois de termos dito o que dissemos na noite em que me mudei – e nós dois estávamos bêbados –, depois de termos admitido na manhã seguinte a atração que sentimos um pelo outro, até mesmo o toque mais casto e platônico estivesse carregado de risco.

Mas isso nem importa. Eu ainda me lembro daquele abraço em frente ao restaurante chinês; já me satisfiz tantas vezes com essa lembrança mais do que com qualquer fantasia indecente envolvendo as mãos molhadas dele mexendo em argila, os dedos ásperos deslizando por folhas recém-regadas, cada músculo tenso e grunhido animalesco enquanto ele montava os móveis da IKEA.

Nem precisei do meu vibrador essa semana. Só minha mão, enfiada por baixo da calcinha, onde tenho sentido uma dor tão aguda no fim de cada dia, que bastam alguns movimentos circulares dos meus dedos e eu estou explodindo como um fogo de artifício com a lembrança dos braços duros e magros dele apertando meu corpo, o cheiro inebriante da pele dele, aquela camiseta macia contra a minha bochecha, minha orelha encostada no coração dele martelando no peito.

É um mau sinal.

— Bem — diz ele baixinho, arrancando-me dos pensamentos. Ele faz um gesto com a cabeça em direção aos cães. — O que você achou deles?

— Eles são uns doces — respondo, sem conseguir evitar o sorriso enquanto os filhotes disputam minha atenção. Sentado ao lado dele, Romeu se inclina e lambe meu queixo. Julieta enfia o focinho e deita a cabeça no meu braço. — Ainda mais por serem cães resgatados. Normalmente têm muitas questões. Eu estava preparada para ser bem mais difícil.

— Eu também — ele diz. — Mas temos uma certa história, nós três.

— É mesmo?

Ele faz que sim com a cabeça, se acomodando melhor e cruzando as pernas. Romeu se joga de volta na caminha e apoia uma pata na coxa dele, suspirando satisfeito.

— Eles chegaram no abrigo faz umas seis semanas. Na época, eu sabia que, por mais adoráveis que fossem, não seria inteligente adotá-los. Eu não

tinha grana, e muito menos tempo.

— Então por que você estava lá? — pergunto. — No abrigo?

— No último ano, passei a ir lá de manhã cedo e à noite para passear com os cães. Me ajuda a clarear a mente, e eles sempre precisam de voluntários para manter os bichos ativos. Quando conheci esses dois, achei que seriam adotados rapidinho, de tão fofos que são, mesmo já mais velhinhos. Me preparei para cada vez que chegasse lá, eles já não estarem mais. Mas nunca foram adotados. Estavam lá toda vez que eu voltava e, mesmo com a escolha dos cães sendo aleatória, eu continuava sendo designado para passear com eles. Eles estavam bem ariscos no começo, Julieta rosnava para mim o tempo todo, e Romeu nem olhava nos meus olhos por semanas.

Meu coração aperta.

— E depois? — pergunto, mais uma vez fisgada pelo jeito como ele conta as coisas, essa maneira que me deixa desesperada para saber o que vem depois.

— E depois... eu simplesmente continuei. Passeando com eles. Conversando com eles. Dando petiscos. Torcendo para que isso os ajudasse a se sentirem seguros, preparados para alguém que ia aparecer e amá-los. Decidi que, mesmo que eu não pudesse ficar com eles, ia ajudar os dois a estarem prontos para encontrar o par perfeito. Passei a esperar por esses passeios como quem espera uma boa notícia. Pedi descaradamente por eles toda vez que ia lá.

— E o que te fez decidir adotar? Não é como se sua situação financeira ou de tempo tivesse melhorado, né?

Ele puxa o boné mais para frente.

— É, você tem razão. Mas chegou num ponto em que, um dia, eu simplesmente não consegui deixá-los para trás. Percebi que eles tinham me

fisgado com aquelas patinhas peludas. Fiquei puto, na real. Por que justo agora eu tinha que encontrar os cachorros perfeitos, quando não estava pronto para isso?

— E... ? — me inclino.

Ele sorri pros cães, acariciando as cabeças dos dois.

— Simplesmente... caiu a ficha. Caminhando com eles pela calçada, vendo as pessoas seguindo com suas vidas, passando pelas árvores, debaixo do sol, toda essa beleza que começou de algo aleatório e absolutamente maravilhoso... Percebi que eu não precisava entender tudo, nem encontrar algum grande significado em porquê eles cruzaram meu caminho quando cruzaram. Eu só podia... amá-los. E isso bastava.

Meu coração está aos pulos. Meus olhos estão molhados. Parece que cada palavra que ele disse me serraram o peito, quentes, irregulares, me abrindo por inteiro.

E é aí que faço uma loucura. Uma coisa selvagem. Uma coisa incontrolável.

Agarro o rosto de Viggo Bergman entre as mãos e o beijo.

DEZESSEIS

Viggo

Playlist: “You Taste Like Wine”, The Collection

Por um segundo, juro que deixei meu corpo. E então percebo que nunca estive tão presente nele. Meu coração martela no peito. O ar incha nos pulmões. Cada átomo da minha pele que Tallulah toca está em chamas – os dedos abertos no meu rosto, a boca em movimento junto à minha, os lábios macios e atentos.

Oh, Deus. Isso. *Isso* não se compara a nada que eu já tenha vivido.

Já beijei e fui beijado antes. Não muitas vezes, admito. Eu tentava, achando que talvez fosse isso o que eu precisava para sentir aquela faísca com alguém. Nunca funcionava. Nunca parecia certo. Os romances faziam melhor. Sempre faziam melhor.

Até agora. Até ela.

Os lábios de Tallulah são suaves como veludo, inclinados contra os meus, pressionados com firmeza e segurança, se encaixando de um jeito tão perfeito que faz minhas mãos doerem, meus dedos se curvarem no tecido da saia dela, que se espalhou no meu colo.

Puxo o ar com força, absorvendo esse momento, a perfeição da boca dela na minha.

Tallulah se afasta bruscamente, olhos arregalados, a mão trêmula indo até a boca.

— Oh, Deus, Viggo. Desculpa. Me desculpa mesmo…

— Não. — Puxo ela de volta, e ela vem sem resistência, se encaixando no meu colo, os joelhos de cada lado do meu quadril. — Nem pense em

pedir desculpa, não se você queria fazer isso.

Ela me encara, piscando, como se estivesse atordoada.

— Eu… queria.

— Você não se arrepende? — minha voz sai rouca.

Ela balança a cabeça.

— Não. Não me arrependo.

— Então se segura, Lu. — Afundo a mão no coque dela e inclino sua cabeça para trás, arrancando um suspiro. Envolvo a cintura dela com o braço e a trago ainda mais perto. E aí eu entrego tudo de mim.

Nossas bocas se tocam, de leve, uma, duas vezes. Tallulah se derrete nos meus braços, segurando meu rosto enquanto meus dedos se aprofundam no cabelo dela, guiando sua boca a se abrir para mim. Minha língua roça a dela. Gemo ao sentir seu gosto, ao encontrar sua língua, doce, quente como veludo, lenta e terna.

Aprofundo o beijo, afundo minha boca na dela, tomo como quero tomá-la – com intensidade, num fio tênue entre o controle desesperado e o abandono total.

Não sou nenhum expert. Ela provavelmente já fez isso muito mais vezes que eu, mas tanto faz. Isso não tem nada a ver com técnica. É o simples fato de ser ela e eu. Nossos corpos se movendo juntos, os quadris dela pressionando os meus enquanto me movo embaixo dela, minha mão descendo pelas costas dela, até a curva cheia e macia da bunda, puxando ela ainda mais para perto.

Ela derruba meu boné, se apoia nos joelhos para que minha cabeça não esteja mais inclinada, mas jogada para trás, com ela se erguendo sobre mim. Seus dedos se embrenham no meu cabelo enquanto ela arranca a boca da minha e beija minha bochecha, minha testa, o canto do meu sorriso, antes de mergulhar de novo em mim. Línguas se tocando, suspiros ofegantes,

gemidos e murmúrios. Aperto ela com força, minhas mãos deslizando pelas costas dela, espalmadas. Quero cada centímetro de mim tocando cada centímetro dela.

Caímos no chão, Tallulah segurando meu rosto, minhas mãos em todo lugar – a bunda, a cintura, o cabelo, que eu solto do laço, até ele cair, azul como água fria ao nosso redor, escurecendo tudo, tornando o mundo só nosso.

Tô duro demais dentro do jeans, e cada movimento dos quadris dela é uma tortura que arde. Ela está me provocando, com beijos leves nos meus lábios, os seios pressionados contra o meu peito. Consigo sentir os mamilos dela, duros e apertados por baixo da camiseta, roçando contra os meus. Quero empurrá-la de costas, levantar aquela saia e me afundar nela, sentir seu calor, sua umidade, seu aperto ao meu redor, ouvir ela gemendo meu nome enquanto eu a preencho, enquanto eu a faço gozar, enquanto aprendo tudo o que há para saber sobre como deixar Tallulah se sentindo tão, tão bem.

E ainda assim. Um alarme soa no fundo da minha cabeça. Meu corpo está se adiantando – os nossos corpos estão. Só uma semana atrás, admitimos que somos mundos diferentes quando o assunto é sexo, intimidade... amor.

Eu me conheço. Sei que, quando fizer isso com alguém, vou precisar amar essa pessoa. Vou precisar saber que ela me ama também. Preciso dessa certeza, dessa confiança, desse chão de segurança para me segurar quando eu me jogar de um lugar tão alto e assustador, porque não tem outra opção para mim. Não sei fazer nada pela metade. Quando eu fizer amor, de verdade, vou jogar tudo de mim nisso. E vou precisar do amor para me amparar quando eu cair.

Mas, Deus, como ela é gostosa. Como cheira bem, tem gosto bom. Como ela se encaixa perfeitamente nos meus braços, toda cheia de curvas deliciosas.

Mais um beijo. Só mais um beijo, e eu paro. Claro que, no instante em que faço essa promessa, Tallulah me desmonta. Ela desacelera o beijo, o aprofunda. Os quadris dela se esfregam nos meus e o fôlego dela falha. Um sorriso surge na minha boca contra a dela. Entendo aquele som, de algum jeito sei o que significa – que ela está perto, que está se fazendo gozar em cima de mim, e, caramba, eu não estou longe disso também…

Arf!

O latido alto de Romeu nos separa num pulo, faz Tallulah se erguer num movimento atrapalhado, as mãos nos meus quadris enquanto me encara, olhos arregalados, cabelo azul todo bagunçado, respirando com dificuldade.

Devagar, eu também me sento, procurando no rosto dela qualquer pista do que ela está sentindo com tudo isso. Mas não consigo ler nada.

Ela parece alerta, cautelosa. Estende a mão para o meu cabelo, alisando os fios.

Seguro o pulso dela, passando o polegar ali enquanto tento decifrar o olhar dela. Pela primeira vez, eu também estou quieto. Porque... o que há para dizer? Ela já deixou claro como se sente. E eu também. Nossas visões são diferentes, incompatíveis. É uma batalha que não posso vencer. Mas sou teimoso demais, e me sinto atraído por ela de forma estúpida demais, para recuar por completo. Então aqui estou eu, debaixo dela, tentando manter meu chão. Não vou forçar mais do que ela já me deu. Não suportaria que ela, logo ela, reagisse da mesma forma que tantos outros:

É demais pedir, querer, esperar. Você é demais.

Ela me olha lá de cima, mordendo o lábio.

— Desculpa. Eu... meio que te ataquei com um beijo. E depois me deixei levar totalmente.

O lembrete de que foi ela quem começou tudo isso melhora um bocado meu humor, que estava indo ladeira abaixo. Sorrio, porque simplesmente não consigo evitar.

— Já te falei: não tem nada, nada mesmo, para se desculpar.

Devagar, ela desliza para fora de mim e se levanta, alisando a saia. A dúvida começa a crescer dentro de mim. Ela está arrependida? Se sente mal com isso?

Olhando para mim de cima, Tallulah estende a mão. Eu aceito, mas mal puxo — uso as pernas para me levantar num impulso. Ela ainda está tão quieta, me encarando, os punhos cerrados ao lado do corpo.

Ela *está* arrependida. Está sim.

Meu coração afunda mais a cada segundo.

Nossos olhares se mantêm. Sinto a tensão no ar inflar como um balão prestes a estourar.

O celular de Tallulah vibra no bolso da saia. Agora que percebo o mundo de novo, que meus sentidos voltaram ao normal depois de estarem todos concentrados nela – na boca dela, nas mãos, no corpo, no cheiro –, percebo que o aparelho está vibrando há um tempo.

Tallulah pega o celular e franze a testa ao ler a tela. A expressão dela se contrai, depois se acalma. Quero perguntar o que foi. Quero puxá-la nos braços.

E não faço ideia do que ela quer.

Ela guarda o celular no bolso.

— Eu tenho que ir — diz baixinho.

O pavor me invade. Ela está indo embora. Por causa do que a gente fez? Por causa do que acabou de ler no celular?

Não tenho respostas. Não tenho coragem de fazer as perguntas que poderiam me dar alguma.

Mas antes que eu entre em pânico de verdade, antes que eu me perca nesse redemoinho, Tallulah se inclina, ficando na ponta dos pés. Suas mãos seguram meus braços, e ela me puxa para perto. Depois me dá o beijo mais suave, mais doce, nos lábios. Um presente. E sussurra, quente no meu ouvido:

— Melhor beijo da porra da minha vida.

DEZESSETE

Viggo

Playlist: “I Won’t Give Up”, Noah Guthrie

Os filhotes e eu estamos no nosso segundo passeio da noite. Romeu e Julieta parecem menos entusiasmados com essa volta do que com a primeira, mas eu simplesmente não consegui ficar sentado em casa, esperando notícias da Tallulah, me preocupando com o que fez ela ir embora, lutando com essa sensação no estômago de que tem alguma coisa errada.

Na esquina, a gente para e espera nossa vez de atravessar. Romeu se joga no chão com um suspiro cansado. Julieta olha para ele e faz o mesmo.

— Vamos lá, pessoal — falo com eles. — Não desistam de mim. Está ventando, não está quente demais. É a noite perfeita para um passeio vespertino.

Romeu inclina a cabeça, a expressão de ceticismo estampada no focinho.

— Sim, eu disse "passeio vespertino". Não faz essa cara para mim, velhinho. Eu gosto dos meus romances históricos, expressões assim vão escapar de vez em quando, então é bom ir se acostumando.

Romeu solta um *hmph* canino e desvia o olhar.

Julieta choraminga.

Eu me agacho e faço carinho nela, passando a mão do focinho até o topo da cabeça, num ritmo calmo e constante.

— Desculpe por fazer a gente sair de novo. É que eu estou preocupado com a Lu...

Meu celular toca no bolso, as notas de cordas da música tema de *Bridgerton* explodindo por cima do barulho da rua. Me levanto para alcançar o celular, tropeçando nos dedos enquanto ele toca de novo. Meu coração despenca quando vejo que é Tallulah. Aconteceu alguma coisa com ela; é a única explicação para ela ligar. Nenhum millennial em sã consciência faz uma ligação se não for algo realmente grave.

Estou prestes a atender quando a ligação cai de repente. Imediatamente, toco no nome dela para retornar. Vai direto para a caixa postal. Talvez ela tenha perdido a chave e esteja trancada para fora. Talvez esteja em casa, se perguntando onde eu estou. Talvez tenha sofrido um acidente com aquela armadilha mortal que é a motinha dela. Puxo as guias dos cachorros com cuidado. Eles não perdem tempo para dar meia-volta e seguir em direção a casa.

Tento ligar de novo. Mais uma vez, vai direto para a caixa postal. O pânico começa a apertar meu peito. Acelero o passo com os cachorros, o mais rápido que consigo sem precisar correr.

Quando chego em casa, a Vespa de Tallulah não está lá fora, nenhum sinal dela enquanto começo a percorrer a casa, chamando seu nome. Estou tirando o celular do bolso para tentar ligar de novo quando chega uma mensagem dela.

> Desculpe pela ligação. Era para ser só uma mensagem. Surgiu uma coisa que eu preciso resolver. Volto depois de amanhã, a tempo de ajudar na preparação para a pré-inauguração.

Fico encarando a mensagem, o cenho franzido de preocupação, a boca num traço tenso. Respiro fundo e digito a resposta.

> Não se preocupe com a pré-inauguração. Eu cuido disso. Resolva o que precisa, Tallulahloo. Estarei aqui quando

você voltar.

Ela não responde. Mas o celular mostra na hora que a mensagem foi lida. Já é um consolo. Ela sabe que estou aqui. Que me importo. Mesmo que ela não saiba como responder a isso.

Meia hora depois, o som de uma notificação interrompe meu audiolivro nos fones, enquanto balanço na cadeira de balanço e continuo tricotando esse cobertor inacabado. Pauso a narração divina da Mary Jane Wells e sinto o coração acelerar enquanto desbloqueio o celular.

Um sorriso escapa dos meus lábios. É a menor das coisas, mas parece enorme.

Tallulah respondeu com um coração amarelo-sol.

— Uau, mano. — Oliver está de pé, mãos na cintura, encarando os gatinhos miando e se enrolando ao redor dele. — Você realmente não faz nada pela metade. Todos os cinco.

Passo a mão na nuca. Cinco gatinhos, na teoria, era fofo. Na prática... é um pouco demais.

— Eu só não consegui separar uma ninhada de irmãos. Não parecia certo.

Oliver se agacha e acaricia os filhotes.

— Pelo menos são fofos.

E barulhentos. A sala principal da casa ecoa com miados minúsculos.

Me agacho também, sentando ao lado dele no chão.

— Então — diz ele, casualmente —, onde está Tallulah?

Pigarreio.

— Não está aqui. Surgiu uma coisa que ela teve que resolver, e disse que vai ficar fora uns dias.

Oliver me observa com atenção enquanto pego um dos filhotes, uma bolinha de pelo cinza com olhos dourados enormes.

— Como estão as coisas até agora, com ela morando aqui?

Ah, ótimo. Foi só uma semana e um pouco de tensão sexual, discussões e beijos no chão da loja.

Dou de ombros.

— Ok.

— Você está a fim dela, né?

Me concentro no gatinho.

— Defina "a fim".

— Uma queda.

— Tô. Ela é afiada, meio fria, mas também pode ser doce e acolhedora, quando quer. — Franzo a testa quando o gatinho me morde. — Meio que nem um gato. E ela é sexy para caramba. É só uma coisa física. Você sabe como é, às vezes.

Oliver ergue as sobrancelhas.

— Sei. Eu me sentia assim com o Gavin.

Viro a cabeça na direção dele.

— Eu não me sinto assim com a Tallulah.

— Eu também não me sentia assim com o Gavin — ele diz. — Pelo menos não no começo. Não por um bom tempo. Ele me irritava demais, mas isso não o tornava menos atraente para mim.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. Dou uma esticada nos ombros, pegando o gatinho preto e branco de olhos verdes.

— Eu estou pensando em comprar coleirinhas para filhotes, para gente sair para passear junto.

Oliver revira os olhos.

— V, você é péssimo em mudar de assunto…

— Não é isso, tá, Oliver? — Sai mais ríspido do que eu queria, mas eu realmente quis dizer. — Eu e a Tallulah... a gente tem química, mas não... a gente não vai passar disso. Somos apenas colegas de quarto. Ela não quer romance, não acredita em amor, não está procurando por isso. E se isso não for prova suficiente de como somos incompatíveis, quando estou com ela, não sinto aquilo que estou esperando sentir.

Oliver fica quieto, fazendo carinho no gatinho laranja que sobe no colo dele.

— Que "aquilo"?

— Não zomba de mim — aviso.

Ele levanta uma das mãos, a que não está acariciando o filhote.

— Juro que não.

Coçando o queixo do preto e branco, digo:

— Aqueles... sentimentos de borboleta. A sensação de que encontrei minha melhor amiga, minha parceira ideal. O clique de quando tudo se encaixa.

Oliver não diz nada. Dou uma olhada para ele, surpreso ao vê-lo com o cenho franzido. Oliver quase nunca franze a testa.

— O que foi? — pergunto.

Ele hesita, como se estivesse pesando as palavras.

— Só fico me perguntando se talvez você não está se guiando demais pelos romances para definir suas expectativas. Não me entenda mal, tem muita coisa neles que reflete a vida real, lindamente, inclusive, mas... também tem partes que são meio... irreais?

— Eu reconheço, com profunda decepção, que os romances não refletem completamente a realidade, mas ainda acho que tem valor sentir a

mágica de encontrar a sua pessoa, saber que é certo. Eu sou alguém que precisa disso, que é programado para esperar esse tipo de amor épico. Acho que é por isso que gosto tanto de romance, por isso conheci tanta gente legal, atraente, com quem me diverti, mas nunca passei de um ou dois encontros, mesmo estando ativamente procurando por uma conexão assim.

Oliver inclina a cabeça, mordendo o lábio.

— Está certo, você se conhece melhor do que ninguém. Se é isso que você acha que está procurando e o motivo, eu respeito, V.

Enquanto ele fala, os gatinhos branco e malhado sobem no meu colo, depois pelas minhas pernas, até rolarem juntos num bolinho de pelos briguentos.

— Olha só — diz Ollie. — Somos nós.

Eu rio.

— Então, já deu nome para eles? — ele pergunta.

Não conto que estava esperando Tallulah voltar para me ajudar com isso. Que, quando o Wesley os deixou aqui ontem de manhã, a primeira coisa que pensei foi que os olhos do cinza tinham exatamente o mesmo tom âmbar iluminado de Tallulah.

— Ainda não — respondo.

— Bom, fico feliz em ajudar. — Oliver pega o laranja, examinando o rosto dele. — Que tal chamar de... Cheddar.

— Sério, cara? Queijo?

— Essa aqui... — Ele pega o branco. — Brie.

— De jeito nenhum. Não vou dar nome de queijo pros meus gatos. Não importa o quanto as cores combinem.

— Ibérico. — Aponta para o preto e branco, depois para o cinza. — Tirolês. — Coça o queixo da malhada. — Mimolette.

— Chega! Você tem uma obsessão doentia por algo que destrói seu intestino.

Oliver sorri, piscando devagar.

— Tá bom. Então dê o nome você mesmo, vai.

— Eu ia fazer isso — resmungo.

— Isso não é nada parecido com você. Quero dizer, você mal tinha pegado a chave do Ashbury e já tinha dado nome ao carro. Suas plantas tinham nome antes mesmo de saírem do viveiro. Essa demora é — ele estala a língua —, posso dizer... fora de caráter?

Lanço um olhar mortal para o meu irmão. Normalmente, adoro o quanto somos próximos. Agora, estou odiando o quanto ele me conhece bem.

— Por que será que ele ainda não deu nome para vocês, hein? — Oliver diz pros gatinhos, que agora se aglomeram ao redor dele, miando, tentando chamar sua atenção. — Será que tem a ver com o fato de que a "colega de quarto estritamente platônica" está fora desde que vocês chegaram?

— Já deu — falo. — Cai fora.

— Eu estou bem aqui onde estou — diz ele, se jogando de costas no tapete, deixando os gatos subirem no peito. — Mas valeu.

Gemo, me levantando do chão.

— Beleza. Vou me refugiar na livraria, então.

— Posso cuidar dos gatos enquanto você trabalha — meu irmão grita quando abro a porta da loja. — Imagino que você esteja ocupado com a preparação da pré-inauguração. Quando é a inauguração oficial, mesmo?

Passo a mão na nuca. Meu peito aperta só de pensar em abrir a loja. Eu sei que fico adiando, mas sempre me convenço de que vou saber quando for a hora certa. Até lá, a pré-inauguração parece um passo seguro.

— Ainda não sei.

Oliver fica em silêncio por um momento.

— Entendi. Vai ter uma "semi-inauguração" antes da inauguração oficial? Uma "quase-quase" inauguração também?

Paro no batente entre a casa e a loja, com um arrepio subindo pela coluna. Me viro e encaro meu irmão.

A expressão dele já não é mais de piada.

A minha também não.

— Se tem algo para dizer, Oliver, é melhor dizer logo.

Ollie se levanta devagar, me olhando com atenção. Finalmente, se desvencilha dos gatinhos e entra na loja, com as mãos nos bolsos. Depois de olhar ao redor, vira para mim. Tira as mãos dos bolsos e abre os braços.

— Que diabos você está esperando?

Meu estômago se retorce.

— Do que você está falando?

— Esse lugar, Viggo... — Oliver olha em volta. — Eu não sou nenhum especialista em administrar uma livraria, mas ela está pronta. Está pronta desde a noite em que a família esteve aqui. O estoque está transbordando das prateleiras. Suas receitas de doces são precisas como uma ciência, a máquina de café praticamente faz as bebidas sozinha. Suas plantas floresceram desde a última vez! — A voz dele se eleva, as bochechas coradas. Ele está inflamado. — O que você está esperando? Por que não abre logo essas malditas portas e se permite ter sucesso?

— Porque eu não sei se vou ter sucesso! — eu grito.

Os olhos dele se arregalam.

— Porque — digo, a voz trêmula — eu nunca fiz isso, Oliver. Nunca coloquei tanto de mim em uma única coisa, e estou apavorado de fracassar. Eu sou do tipo que “diversifica o portfólio existencial”, e agora apostei tudo

nesse lugar. Se isso falhar, eu falho... — Minha voz falha. Cubro o rosto com a mão, soltando um suspiro pesado. Estou perigosamente perto de chorar.

Os braços de Oliver me envolvem, apertados e reconfortantes. O queixo dele repousa no meu ombro.

— Isso não vai fracassar — ele diz, confiante, calmo. — E mesmo que, de alguma forma, não dê certo como você esperava, isso não faria de você um fracassado. Você sofreria, e depois se levantaria, sacudiria a poeira e seguiria em frente. — Ele fica quieto por um instante, me abraçando com mais força. — Mas isso não vai acontecer.

— Como você sabe? — minha voz sai rouca.

Oliver sorri. Sinto o sorriso dele na bochecha contra a minha orelha, na leveza da voz.

— Porque tudo o que você faz, Viggo, você faz com excelência. Porque desde que me entendo por gente, eu sei que meu irmão pode fazer qualquer coisa que quiser, e fazer espetacularmente bem. Porque estou olhando em volta, para esse sonho que você construiu, bonito e intencional, prestes a explodir em sucesso, e sei que a única coisa impedindo isso é a sua falta de fé em si mesmo. Abra essas portas de uma vez e acredite em você.

Cerro a mandíbula. Piscar não é o suficiente para conter as lágrimas.

— É... assustador.

Ele dá um tapinha nas minhas costas.

— Eu sei. Mas todos esses livros que nos cercam, que você devorou, não são sobre isso? Ter coragem de arriscar para ter a vida que a gente quer e ama? Seja corajoso por você, Viggo. Você merece.

Engulo seco.

— Obrigado. Te amo, irmão.

— Também te amo.

Nos afastamos. Enxugo os olhos, limpo a garganta e olho em volta da loja, sabendo que Ollie tem razão. Já passou da hora de abrir as portas e parar de adiar o inevitável, deixando o medo me travar.

— Estou vendo as engrenagens girando aí dentro — diz Oliver, com os braços cruzados, me observando de perto.

— É — deslizo a mão pelas estantes, a madeira lisa e polida que meus irmãos ajudaram a instalar e finalizar. Meus olhos percorrem o espaço. As poltronas verdes de veludo que giram, aquelas que a Freya me ligou quando viu na calçada, esperando apenas um novo estofamento. A seção de romance fantástico que a Ziggy montou com tanto carinho. A seção de romance histórico, que foi onde tudo começou, anos atrás, porque meus pais mantinham o chalé bem abastecido para que meu pai pudesse ler para minha mãe à noite, porque eu peguei um desses livros enquanto tentava entender os sentimentos que tinha por uma mulher que não queria nada comigo.

Talvez eu ainda esteja tentando entender.

Talvez, mesmo que os romances tenham me dado vocabulário para tantos sentimentos, eu ainda esteja tentando decifrar o que ela me faz sentir.

Talvez Oliver esteja certo – que eu me agarro aos romances porque eles me dão segurança, essa ideia de que se meu coração seguir uma jornada igualzinha à de um final feliz perfeitamente construído, tudo vai dar certo – eu não vou me machucar, nem ser rejeitado, nem me jogar nos braços da pessoa errada e acabar com o coração partido.

Mas talvez não exista esse sinal cristalino de que agora é o momento certo, de que tudo vai funcionar. Talvez, assim como o sucesso da loja, a felicidade do meu coração não possa ser garantida, nem com toda a

preparação do mundo. Talvez tudo o que eu possa fazer seja confiar em mim mesmo e escancarar essas portas.

Tão sábio. E tão absolutamente apavorante.

— Quando você abrir, e do jeito que decidir abrir — diz Oliver, baixinho, colocando uma mão nas minhas costas —, eu vou estar aqui, torcendo por você, tá? Todos nós vamos.

Aceno com a cabeça, esboçando um sorriso fraco. Me sinto meio fora de eixo, tonto com o impacto do amor duro do meu irmão.

— Valeu, Ollie.

Oliver me encara.

— Você está com uma cara meio acabada. Com fome? Quer sair para comer alguma coisa?

Abro a boca, depois fecho, ponderando as palavras. Eu estou com fome. E nos últimos dois dias, ansioso por causa da Tallulah, sentindo falta das exigências dela para que eu me alimentasse de verdade, comer bem ou fazer compras foram as últimas coisas na minha mente. Tenho me distraído com os gatos resgatados, obcecado com a loja.

Tentando não me preocupar com Tallulah.

Ela disse que voltaria em alguns dias. Hoje à noite faz exatamente dois dias. Eu quero estar aqui quando ela voltar – se ela voltar.

Mordo o lábio, tentando inventar uma mentira plausível no lugar da verdade. Oliver interpretaria demais se eu falasse com sinceridade.

Os miados de gatinhos do outro lado da porta me oferecem a desculpa perfeita.

— Nah. Melhor eu ficar por aqui, com os filhotes. Mas valeu.

— Faz sentido — ele diz, me seguindo enquanto abro a porta de casa e gentilmente afasto cinco gatinhos miando com o pé. — Que tal pedir alguma coisa, então?

Antes que eu possa responder, o ronco de uma Vespa corta o silêncio, ficando mais alto a cada segundo, se aproximando do beco e da porta de casa.

Os olhos de Oliver se arregalam. Ele dá um pulo para trás, afasta as cortinas da janela só o suficiente para espiar, depois solta como se estivessem em chamas.

— Quer saber? Esqueci totalmente. Hoje é noite de pôquer com os caras. Tenho que ir!

— Ollie, espera…

Estou em pânico. Não sei se ficar sozinho com Tallulah, com todos esses sentimentos que meu irmão cutucou, com toda a preocupação que venho carregando por dois dias, é uma boa ideia. Não se eu quiser evitar bagunçar ainda mais as coisas entre a gente.

— Te amo! — ele grita, correndo pela loja, fugindo. — Vou trancar a porta!

A porta da loja se fecha atrás dele, no exato momento em que a porta de casa se abre com a entrada de Tallulah.

Cabelos azul-gelo bagunçados pelo capacete. As mesmas roupas de dois dias atrás. Nenhum sinal da mulher sempre impecável que eu conheço.

Fico encarando, o coração apertado. Tem tanta coisa embaralhada, embolada dentro de mim. Tanta coisa que eu não sei. Mas sei disso:

Tallulah está sofrendo. E eu sofro por ela. Não preciso entender tudo sobre essa mulher ou sobre o que ela me faz sentir para saber que quero cuidar dela e saber o que ela me permitir, mesmo que só por esse breve tempo em que estamos aqui, sob o mesmo teto.

Quero parar de me segurar por medo do desconhecido. Quero confiar que o que tiver que vir, virá – e que eu vou sobreviver ao que vier. Quero abrir meu coração de vez, e meus braços também, e envolvê-la neles.

Tallulah caminha na minha direção, os olhos fixos nos meus. Os gatinhos correm até ela, miando, se esfregando nos tornozelos, pulando por cima das botas.

— Oi, você — digo, procurando algum sinal no olhar dela, alguma pista de como ela está.

Ela não sorri. Mas os olhos brilham, como brasas prestes a virar incêndio.

— Cinco. Gatinhos.

Sorrio.

— Isso é o que acontece quando você vai embora. Eu fico carente.

Ela revira os olhos, a boca se contorce num quase-sorriso.

— Deixa eu adivinhar — diz, tirando o casaco dos ombros enquanto caminha em direção ao corredor do quarto. — Você deu nome de títulos de nobreza para eles.

Meus olhos se arregalam.

— Caramba, Lula. Agora sim, *essa* é uma ideia!

DEZOITO

Tallulah

Playlist: “Singing My Soul”, Gin Wigmore

Eu tomo um banho quente e demorado, do tipo que deixa a pele rosada. Lavo dois dias de sujeira e cansaço.

Depois, visto minhas roupas mais macias e confortáveis, sem um pingo de maquiagem. Meu cabelo ainda está molhado, pingando nos ombros, enquanto caminho pelo corredor até o cômodo principal da casa.

Viggo está na cadeira de balanço, balançando num ritmo constante, de um lado para o outro, fones de ouvido no lugar, agulhas de tricô batendo. Os cachorros estão deitados de lado aos pés dele, cochilando. Nem se abalam com os gatinhos que brincam ao redor, dando patadas nos rabos, pulando por cima deles para atacar o novelo de lã de Viggo.

Meu peito aperta.

Dois dias. Passei dois dias dirigindo, queimando gasolina, parando em motéis imundos só o suficiente para dormir algumas horas e seguir viagem com segurança. Dirigi por dois dias, processando a conversa que veio depois da mensagem da minha mãe – “*Me liga, por favor. Precisamos conversar”* – e de ter feito o que ela pediu.

As vozes dos meus pais no viva-voz, as palavras deles, ficaram dando replay na minha cabeça durante o caminho:

Nós estamos nos divorciando. Desta vez, não temos nenhuma esperança de reconciliação.

A gente se ama, mas não se ama direito.

Os dois têm trabalhado em si mesmos, e esse trabalho fez a gente entender que precisa seguir caminhos diferentes. Para sempre.

Seu pai vai se mudar para Nova York, focar em teatro ao vivo. Sua mãe vai vender a casa e se mudar para Santa Bárbara, morar com a sua avó.

Você será bem-vinda nas casas dos dois. A gente vai se ver logo, no casamento da Charlie.

A gente sabe que magoou vocês, com nossos altos e baixos ao longo dos anos, e sentimos muito. De verdade.

Subi na Vespa e só continuei, porque não tinha coragem de encarar a tristeza da Charlie, sabendo que eu não tinha como consertar aquilo. Não tinha como lidar com qualquer reação destrutiva que o Harry fosse inventar. Deitada naquelas camas ruins, exausta, vazia, tudo que eu conseguia pensar era: *Eu quero ir para casa.* E depois de pouco mais de uma semana, quando pensei em "casa", a imagem que veio foi deste lugar. Aqui, com Viggo.

Isso me assustou para caramba. Ainda assusta. Porque eu me sinto crua, insegura, assustada e carente. O fato dos meus pais se divorciarem de novo não é o que me abalou. É o jeito como eles me contaram. O que disseram.

A gente se ama, mas não se ama direito.

Essas palavras grudaram no tecido dos meus pensamentos como um espinho. Nos últimos dois dias, tentei arrancá-las, mas quanto mais tentei me livrar do impacto delas, mais elas rasgavam por dentro, até eu me desfazer. Até sobrar só um rombo bem no meio da convicção de que o que eu sei ser verdade é mesmo verdade.

Talvez a verdade não seja que o amor está desacreditado pelo jeito ruim com que vi ele se manifestar, mas que eu queria que fosse. Porque assim eu podia me proteger da complexidade dele, da vulnerabilidade. E se o amor for como qualquer outra coisa que os humanos tentam fazer – algo

em que se pode fracassar feio, mas que, por um acaso misterioso e assustador de se compartilhar com a pessoa certa, com esforço e esperança, também pode ser algo que se faz incrivelmente bem?

Me sinto nua sem a minha velha confiança, exposta ao mundo, ao panorama maior que nunca deixei que entrasse nos meus olhos. Nunca me senti tão necessitada de algo – de alguém – que me envolvesse e me protegesse enquanto eu me costuro de volta.

Mas eu não posso pedir isso ao Viggo. Não posso. Não depois de até onde a gente foi, muito além do que estava combinado, antes de eu ir embora. Não posso pedir mais nada a ele do que já pedi, egoísta do jeito que fui.

Eu tenho que aguentar. Encarar. Lidar com isso sozinha. Como já fiz antes. Como vou fazer de novo.

Não consigo nem forçar o menor sorriso enquanto caminho até a cozinha e pego uma água com gás. Me afundo no sofá, coloco a latinha num dos descansos de crochê de Viggo e pego meu e-reader. A gente vai ler em silêncio. Os animais vão ficar espalhados por perto, e eu vou absorver esse conforto até meus olhos pesarem e eu conseguir dormir profundamente, na minha cama. No meu lar, por enquanto.

Mas Viggo parece ter outros planos. Ele ergue os olhos, faz cara de surpresa ao me ver no sofá e tira os fones.

— Ei, você.

Um sorriso ainda está além do que eu consigo, mas ergo o canto da boca, tentando.

— Oi.

Viggo toca na tela do celular, pausando o audiolivro, depois tira os fones do pescoço e os coloca na mesinha de centro. O gatinho cinza mia alto, e ele o pega, segurando contra o peito.

— Como você tá, Lu?

Mordo o lábio enquanto um nó grosso se forma na garganta.

Eu não vou chorar. Eu não vou chorar.

— Eh. — Dou de ombros. — Não muito bem. Mas vou ficar.

Ele continua balançando, acariciando o gatinho.

— Quer conversar?

— Não tudo. — Respondo baixinho, o olhar se perdendo no gatinho branco, que pula no sofá e vem até mim, subindo no meu colo. Acaricio seu pelo macio. Ela é tão leve, tão frágil. — Mas… um pouco.

Viggo gira a cadeira na minha direção, com pequenos movimentos cuidadosos, desviando dos rabos dos cachorros e dos outros gatinhos andando por ali.

— Sou todo ouvidos.

— Meus pais… você sabe a história deles?

— Só o básico. Vários casamentos e divórcios. Uma bagunça.

Dou uma risada vazia.

— “Bagunça” é a palavra certa.

Viggo fica em silêncio, me observando, esperando.

— Falei com eles — eu conto. — Depois… depois que saí da livraria. Disseram que acabou de vez. E eu acredito. E, bem… achei que ia ficar aliviada, que estava mais do que pronta para isso, sabe? Mas, no fim, só bagunçou ainda mais. — Engulo em seco, tentando manter a voz firme. — Aqui dentro.

Viggo se levanta com o gatinho no colo e senta ao meu lado no sofá. Não muito perto, mas mais próximo.

— Sinto muito, Lula.

Dou de ombros.

— Está tudo bem. A vida é bagunçada. Eu não gosto, mas é. — Fecho os olhos para conter as lágrimas. — Eu já esperava que eles fossem terminar de vez, mas o jeito como falaram… me pegou. Me fez repensar um monte de coisa. Reavaliar o rumo de partes da minha vida. Acho que é só isso que quero dizer por agora.

A mão dele envolve a minha, quente e firme.

— Você é corajosa, sabia?

Mordo o lábio. Mantenho os olhos fechados. As lágrimas escorrem mesmo assim.

— Como?

— Porque — diz ele baixinho — nem todo mundo tem um dia como o seu, dois dias atrás, e termina onde você terminou. Disposta a deixar algo difícil não te endurecer, mas te moldar para melhor.

O gatinho se enrosca no meu colo, e eu olho para ele. Tão pequeno, tão confiante, tão vulnerável. Passo a mão com cuidado pela coluna magrinha.

— Obrigada.

Viggo sorri. Aperta minha mão e depois solta.

— Lembra quando falei, no ano passado, sobre a gente ser parceiros de responsabilidade: eu com a livraria, você com o livro?

Assinto.

— Eu certamente não cumpri minha parte do trato.

— Esse não é o ponto, sua bobona. Preste atenção.

Olho para ele, e fico presa naquele olhar claro, tão atento a mim.

— Eu também — diz ele — não cumpri a minha.

Franzo a testa.

— Como assim? A gente está vivendo o seu sonho realizado.

— Bom… — Ele alonga a palavra, se ajeitando mais fundo no sofá com o gatinho cinza. O laranja pula e se junta ao amontoado de fofura. —

Mais ou menos. A verdade é que eu enrolei esse processo bem mais do que precisava. Fiquei protelando, complicando, porque era mais seguro ficar em cima do muro, dizendo para mim mesmo que estava correndo atrás do sonho sem realmente colocá-lo no mundo, onde alguém pudesse criticar. Onde ele pudesse fracassar, se não desse certo. E isso me apavorava.

Pisco, absorvendo o que ele acabou de dizer, surpresa.

— Você parece tão confiante com tudo isso. Seu sonho. Seu futuro. Seus romances. Tudo.

— Eu era. Até tentar viver tudo isso. Agora… — Ele olha pros gatinhos deitados no peito. — Agora sinto que toda essa construção, de algo em que eu realmente acredito, me levou a uma altura que eu não percebi que ia dar tanto medo. Então fiquei parado. Porque estou com medo de pular. Do mesmo jeito que acho que você também está, talvez.

Não é a primeira vez que ele diz isso, insinua que eu estou com medo de alguma coisa. Mas, pela primeira vez, eu não discordo. Porque ele está certo. Eu estou com medo.

— Eu estou — sussurro.

Ele me encara de novo e segura o meu olhar.

— Eu e você, Lu. Vamos ser corajosos juntos. Um pouquinho de cada vez, tá? Sem pressão para fazer ou ser alguma coisa até certa data. Sem "deveria," nem prazos. Só a gente, tentando, torcendo um pelo outro. Que tal esse trato?

Pela primeira vez em dois dias, um sorriso puxa minha boca. Pequeno, hesitante. Mas real. Estendo a mão, com a palma virada para cima, repousando no sofá. Viggo olha da minha mão para mim, um sorriso iluminando o rosto dele também. Devagar, ele coloca a mão sobre a minha, envolvendo-a com aquele calor firme e seguro.

Eu olho nos olhos dele quando faço a promessa – para ele, para mim.

— Fechado.

DEZENOVE

Viggo

Playlist: “Running for Cover”, Ivan & Alyosha

Entro na cozinha na manhã seguinte, esfregando a mão no rosto. Encho a chaleira, coloco no fogão, giro o botão, escuto o clique do gás. A chama acende com um *swoosh*.

Quando estico o braço para pegar o pote de grãos de café, vejo um reflexo no vidro do armário – uma pessoa na minha cozinha. Grito e me viro de uma vez, procurando freneticamente por alguma arma no pote de utensílios que eu deixo no balcão. Acabo com uma espátula de borracha na mão.

Meu cérebro finalmente processa que eu não estou prestes a ser assassinado. É só uma aparição matinal incomumente cedo de Tallulah.

Ela esfrega um dedo dentro do ouvido, fazendo uma careta.

— Que grito dos infernos, Bergman.

Com a mão ainda no peito, sentindo o coração disparado, encaro ela.

— Que susto dos infernos, Clarke.

— Foi mal. — Ela leva um copo de suco de laranja aos lábios, dá um gole pequeno, depois outro maior.

Minha carranca derrete em uma expressão preocupada quando vejo ela pousar o copo. A mão está tremendo. Meu olhar sobe para o rosto dela num estalo.

— O que houve?

— Acordei com a glicose baixa — diz ela. — Eu estou bem.

Meu peito aperta. Vejo quando ela enfia a mão trêmula por baixo do balcão, escondendo a evidência de que claramente *não* está bem.

— Tallulah.

— Viggo. — Ela se apressa em pegar o pacotinho de balas de gelatina que estava no balcão, pega um punhado, enfia na boca e esconde a mão de novo.

Algumas caem da mão instável dela, se espalhando pelo balcão. Me apoio com os cotovelos, puxo as balas para o meu lado. Pego uma e como.

— Vamos tentar de novo — digo. — O que houve?

Ela mastiga devagar, fazendo questão de não ter pressa. Só engole depois de um tempo. Os olhos se estreitam enquanto toma mais suco de laranja. Fico olhando a mão trêmula dela o tempo todo, antes de voltar para o rosto.

— Acordei com hipoglicemia. — Ela pousa o copo vazio no balcão. — Não estou me sentindo muito bem agora. Mas o suco e as balas estão ajudando. Vou ficar bem. Feliz?

— Não fico feliz que você esteja mal, mas fico feliz de saber o que está acontecendo.

— Bom, se você está feliz, minha missão do dia foi cumprida. Posso voltar para cama.

Dou uma risada pelo nariz.

— Idiota.

Tallulah sorri, e aquelas covinhas fundas aparecem nas bochechas. Bem na hora, a luz da manhã aumenta na cozinha. Tenho a sensação de que essa luz passou direto pela minha pele.

Nossos olhares se prendem. Tallulah desvia primeiro.

— Valeu por perguntar — diz ela. — Mas não precisa se preocupar. Tenho prática com isso.

— Eu respeito isso. — A chaleira começa a apitar. Baixo o fogo. Quero que a água continue quente, mas ainda tenho que moer os grãos antes de preparar nosso *pour-over*. — Só que... me importo com você, Lula. Quero saber quando você não está bem e poder ajudar, do jeito que der.

Tallulah engole em seco, mas não diz nada.

Despejo os grãos no moedor, coloco a tampa e aperto o botão. O som satisfatório e o aroma de café moído preenchem o ar. Tento me concentrar nisso, e não nesse aperto no peito, enquanto penso em quanto mais eu quero entender essa doença com a qual ela vive, e como minha pesquisa inicial parece insuficiente agora. Enquanto ela morar comigo, eu *preciso* saber mais – eu *devo* saber mais. É simplesmente... o básico da convivência responsável.

Pego o celular e coloco um lembrete para pesquisar sobre isso à noite. Se eu não anotar, vai me escapar, mesmo sendo algo importante para mim. Meu cérebro não mantém todas as bolas no ar, mesmo quando todas importam. Lembretes são meus melhores amigos.

— Então. — Tallulah limpa a garganta. — Como estamos para o *soft opening*?

Viro o moedor, despejando o pó no filtro dentro da garrafa.

— Mudança de planos. Sem soft opening.

A expressão dela se franze, confusa.

— Sem soft opening?

Penso na conversa com Oliver ontem, nas horas que passei deitado na cama, virando as palavras dele na cabeça.

— Não preciso disso. Estava só enrolando. Hora de arrancar o band-aid e abrir logo essa porcaria.

Os olhos de Tallulah se arregalam.

— Tipo, agora?

— Por Deus, não. — Despejo água nos grãos. — Mas em breve. Duas semanas, talvez. Até lá, usamos o tempo para divulgar nas redes, na comunidade, espalhar a notícia. Que tal?

— Não importa o que eu acho. A loja é sua.

Lanço um olhar para ela. Tallulah está empilhando balas de gelatina, focada. Sorrio.

— Eu sei. Mas valorizo a sua opinião.

A torre de balas dela desmorona. Ela suspira.

— Então eu diria que, pelo que eu sei, que é pouco, aliás, você está pronto. Vai fundo.

Assinto e volto a despejar mais água no café.

— Mas... — ela diz.

Viro de novo.

— Mas?

Ela dá de ombros, empilhando as balas de novo.

— Mas também acho que, se você está nervoso de pular direto de só ter sua família para uma inauguração oficial, tem um meio-termo. Algo que não envolva toda a trabalheira de um soft opening. Tipo um grupo de amigos. — Ela me lança um olhar sugestivo. — Pessoas que você *deixe* comprar alguma coisa.

— Eu não ia deixar minha família pagar.

— Justo. Mas se vierem umas pessoas que vão de fato ser clientes, dá para treinar no sistema de vendas. E também no ritmo da cozinha e do café. Convida quem venha com fome, sede, e com o braço cheio de livros e bugigangas literárias. A gente pega prática, você perde o nervosismo, e aí sim está pronto para inauguração oficial.

Uma ideia começa a coçar no fundo da cabeça.

— Hmm.

Tallulah franze a testa para mim enquanto despejo o resto da água no filtro.

— “Hmm” o quê?

— Acho uma ideia excelente. E topo, com duas condições. A primeira: você faz comigo.

A testa dela franze mais.

— Claro que eu vou fazer com você. Eu *vou* trabalhar nesse lugar pelas próximas seis semanas e meia.

— Perfeito. — Sorrio, me encostando no balcão, braços cruzados. — E segunda: a gente finalmente conversa sobre aquele trecho do seu livro que você me mandou que eu terminei anteontem e *adorei*.

A carranca vira uma careta adorável.

— Ugh. Precisa mesmo?

— Precisa. Senão você está proibida de me ajudar na livraria. Aliás, que tal começarmos hoje? Tenho umas coisas para resolver de manhã, mas depois fico livre. Consegue me encaixar?

Ela suspira.

— Tá bom, seu sueco mandão.

— Meio sueco, tampinha. — Sirvo o café dela e empurro pela bancada. — Agora, bebe aí. Temos um dia cheio pela frente.

— Então. — Rolo o documento no meu laptop até o capítulo 2, onde deixei o primeiro comentário. — Aqui, depois do primeiro capítulo no ponto de vista da esposa, entramos na cabeça do marido.

Tallulah assente ao meu lado. Estamos sentados no chão, laptop na mesinha de centro, pernas cruzadas, joelhos se encostando. Estou perigosamente ciente de um joelho tocando o meu.

Porque é o dela.

Solto o ar devagar e viro um pouco, de frente para ela.

— Essa primeira cena do ponto de vista dele é toda sobre a forma como ele vê a esposa. Você montou um ambiente que paralela o encontro inicial dos dois.

Ela pisca.

— Encontro inicial?

Gemo.

— Você está me matando, pequena.

Ela me belisca bem acima do cotovelo. Um ataque cirúrgico, digno de irmãos.

— Eu *não* sou pequena.

Esfregando o braço, falo:

— “Meet-cute” é quando eles se conhecem. Presumivelmente é…

— Fofo — completa ela.

— Certo. Claro, muitos autores de romance brincam com essa ideia de “fofura”, invertem isso, tornam cômico, criam um desastre de encontro, mas estou divagando. O ponto é: o primeiro encontro importa. Conduzir o leitor até ele, dar atenção a esse momento, faz com que ele se envolva com a ideia de que essas duas pessoas podem ser um casal, ao mostrar a química entre eles, as faíscas, o magnetismo, esse impulso de se atraírem.

Ela franze a testa, pensativa, olhando de novo para o documento.

— Então... ao invés dele dizer que isso espelha o primeiro encontro deles, eu poderia... mostrar isso? Um flashback, talvez?

— Pode, sim. Mas também pode só fazer ele reviver um pouco disso. Notar coisas na cena que remetem àquele momento. O leitor precisa ver que esse homem ama a esposa, é assim que você complica a suspeita em cima

dele mais adiante. Aliás, brilhantemente feito, por sinal, ainda não faço ideia se ele é um cretino ou um cara legal de verdade.

Tallulah sorri, radiante.

— Obrigada.

Pisco, surpreso. Aquele sorriso é... Jesus, é de tirar o fôlego. Dentes perfeitos, covinhas profundas; as maçãs do rosto coradas e cheias.

O sorriso dela desaparece.

— O quê? — Ela soa defensiva. Com razão. Eu acabei de encará-la por dez segundos em silêncio total.

Balanço a cabeça.

— Desculpa. Estava pensando.

Ela franze a testa de novo.

— Enfim. — Rolo mais para baixo o capítulo. — Acho que esse é o primeiro de vários momentos em que você pode brincar com flashbacks rápidos ou desacelerar o ritmo para descrever paralelos táteis e emocionais com o passado deles. Você até poderia, teoricamente, alternar entre passado e presente, mas imagino que você queira...

— Afastar isso do elemento de looping temporal do meu primeiro livro, correto.

— Exato. Vamos em frente. — Continuo rolando até o fim do capítulo, um momento tenso, carregado, na cozinha deles. Ou que *tem* o potencial de ser tenso e carregado. No estado atual... está meio sem química. — Aqui. — Aponto. — Você tem a chance de, mais uma vez, mostrar a conexão entre eles, não só contar que ela existe.

Ela relê o parágrafo, depois olha para mim.

— Como?

— Você tem que descrever... — Fecho os olhos, tentando encontrar a explicação. — O leitor precisa sentir, quando estiver lá, na cozinha, como

se... Ele deveria... — Gemo, frustrado. — Desculpa. Eu sou um aprendiz cinestésico. E pelo visto, um professor cinestésico também. Se importa se a gente for até a cozinha e eu te mostrar?

Tallulah fica imóvel por um segundo, franzindo a testa de confusão.

— Ok? — Ela diz, por fim. Sai lento, hesitante, mas é um sim. E eu aceito.

Pulo no chão, estendo a mão. Tallulah a segura e deixa que eu a ajude a se levantar. Pego o notebook e caminho até a cozinha do espaço principal.

— Então. — Apoio o notebook no balcão. — Fica ali onde ela estaria, mais ou menos. Sei que minha cozinha não deve ser exatamente como você imaginou a deles.

Tallulah pensa por um segundo, então se vira e fica de costas para mim, com as mãos apoiadas no balcão. Exatamente como a esposa na cena.

Dou uns passos para trás e entro andando pela cozinha, vindo do corredor. Como o marido.

— Ele entra — digo — e vê ela, certo? Vê ela de costas, com aquela postura impecável de dançarina, cortando rápido. Você escreveu uma frase ótima e perturbadora, em que ele pensa no quanto o pescoço dela parece vulnerável, imagina as vértebras empilhadas como dominós, pensa em descascar a pele dela para observar a espinha funcionando, a conexão rápida com os braços e mãos que se movem com tanta destreza.

— Referência a *Garota Exemplar* — ela diz.

— Passou batido. Nunca li.

Tallulah engasga.

— É um clássico!

— Ah, não vem se indignar comigo por não ler clássicos do seu gênero. Tenho uns trinta romances que eu podia jogar na sua direção se a gente começasse esse papo.

Tallulah suspira.

— Continue.

— Então, depois desse pensamento bem perturbador, você faz ele refletir sobre o sexo que acabaram de ter, antes dela descer para cozinhar, enquanto ele estava fazendo sabe-se lá o quê. Ele pensa no quanto foi bom. Mas aí você volta direto para a ação e diálogo entre eles. Só que você não dá espaço para os sentimentos dele sobre o sexo, o desejo, aquele... — Engulo em seco, sentindo o rosto esquentar. — Aquele calor pós-coito.

A boca dela se contrai num quase sorriso.

— "Pós-coito"? Acho que não ouço essa palavra desde a aula de educação sexual do ensino médio.

— Cale a boca, Clarke, estou tentando ajudar aqui.

Um sorrisinho escapa.

— Desculpa. Por favor, continue.

— Obrigado. Então, se o objetivo desta revisão é encontrar mais momentos em que o leitor possa se apegar à conexão romântica entre o marido e a esposa, esse é um deles. Mostra ele agindo de acordo com o que sente sobre a intimidade sexual deles, ao invés de passar por cima disso.

Tallulah franze a testa e vira para mim.

— Eu não... Eu não sei o que você quer dizer com isso.

— Como assim você não sabe o que eu quero dizer?

— Quero dizer — responde, impaciente — que eu não sei *como* eu descreveria isso acontecendo.

Fico encarando ela, tentando juntar os pedaços do que ela está dizendo. Tallulah deixou bem claro que transou com aquele babaca do Clint por anos, então não entendo por que ela não sabe do que eu estou falando, a menos que...

A menos que eles nunca tenham vivido esse tal de calor pós-coito.

Fico, ao mesmo tempo, ridiculamente satisfeito com a ideia de que Tallulah transava com ele sem nenhum romantismo, e absolutamente irritado por ter que pensar nela dando um show na cama para aquele cretino, mesmo que nunca tenham se abraçado depois.

— Viggo? — Tallulah franze a testa. — Tudo bem?

Sinto a tensão no meu rosto, a testa franzida, o maxilar travado. Forço um sorriso despreocupado.

— Tudo certo. Só pensando. Faço umas caras estranhas quando penso.

— Nem me fale — ela resmunga.

— Então... acho que vou ter que te mostrar o que eu quero dizer. Pode ser?

Ela dá de ombros.

— Por mim, tudo bem.

— Vira de costas, então, por favor.

Ela obedece.

Dou um passo atrás, na entrada do corredor para cozinha.

— Ele entra, vê ela. Insere aqui o pensamento macabro, homenagem a *Garota Exemplar*.

Tallulah sorri. Vejo só o perfil, mas dá para notar o sorriso levantando a maçã do rosto.

— Do jeito que está agora, ele pensa no sexo e já passa para ajudar no jantar. Mas se a gente estica esse momento, revisitamos o desejo, a intimidade... — Cruzo a cozinha e paro atrás dela. — Ele chega aqui. Bem perto dela.

Tallulah engole em seco.

— Tá. E depois?

— Depois... — Eu também engulo em seco. — Depois ele toca nela.

Ela fica em silêncio por um instante, até dizer:

— Mostra?

Fico olhando para ela, para o pescoço, os fios finos azul-claros caídos da trança tocando a pele dourada. Respiro fundo e sinto o perfume dela – quente, luxuoso, com um fundo floral suave.

— Tem certeza?

Ela faz que sim.

— Tenho.

Levo a mão até o pescoço dela, com a ponta dos dedos descendo devagar pelas vértebras. A pele dela se arrepia toda.

— Ele toca nela... com delicadeza — eu sussurro. — Ele acabou de ser satisfeito, né? Então o toque não tem desespero.

— Faz sentido — ela responde, a voz mais baixa, quase um sopro.

— Mas só porque ele teve ela não quer dizer que ele não a deseje de novo, que esse desejo não esteja ali, tão constante quanto o próprio pulso.

Tallulah solta o ar devagar.

— E depois?

— Depois... — Me inclino, só um pouco, até meu nariz roçar o lóbulo da orelha dela. Tallulah se arrepia. Minha mão se encaixa na cintura dela e ela se encosta em mim, a cabeça tombando para trás, com um baque suave contra o meu peito.

Meu corpo está quente, em chamas. Sei que estou perdendo o controle, mas é como se eu passasse a vida tentando sufocar esse fogo que arde por ela – e agora, finalmente, posso deixar ele respirar. E isso é bom para caralho.

É gratificante, também, saber o que sei, o que ela admitiu – que não sou o único. Tallulah arde tanto quanto eu.

— Ele a envolve com os braços — sussurro, roçando atrás da orelha dela, minha mão se tornando mais ousada ao longo da curva suave da

barriga, trazendo ela contra mim. — A faca cairia da mão dela, porque a sensação é…

— Tão boa — ela sussurra.

Faço que sim.

— E ela não consegue mais segurar. Tem que largar a faca, e tudo que o leitor vai associar a ela mais para frente no livro.

— Simbolismo sólido — ela concorda.

— Ele está com ela nos braços — continuo, envolvendo a cintura dela com o outro braço, puxando-a contra mim. Santo Cristo, ela se encaixa perfeitamente — o corpo macio contra minhas coxas, a cintura sob medida pros meus braços, a cabeça pesada no meu peito.

Tenho que pensar na vez em que Oliver e eu brigamos à toa, e ele trocou sal por açúcar quando eu estava fazendo brownies e disse que não ia dividir com ele. Comi tudo como se não estivesse sentindo nada, só para não dar o gostinho. Passei mal depois. Vomitei feito louco. Essa lembrança é a única coisa que me mantém sob controle. E mesmo assim, mal está funcionando.

— E depois? — Tallulah pergunta.

Cerro os dentes, tento regular a respiração, me esforçando para manter a linha. Ela passou por um inferno nos últimos dias, e antes disso, a gente se pegou com força na livraria – e ainda nem falamos sobre isso. Mas o que a gente diria? “Oi, é, ainda sinto muita atração por você. Ainda acho que queremos coisas diferentes sexualmente e que não devíamos transar.”

Não adianta trazer isso à tona, especialmente agora que ela está tão sensível. Mas sinto uma responsabilidade – com ela, comigo – de não deixar isso ir longe demais. De não virar eu girando ela, Tallulah subindo de novo no balcão enquanto eu levantava a saia dela e encontrava ela quente e

molhada, fazendo ela gozar com meus dedos, minha língua, de novo e de novo.

Só a ideia de sentir o gosto dela, de ver ela se desfazer, faz meu corpo perder a batalha para esconder minha reação.

Aperto um beijo suave no pescoço dela.

— E então, mesmo que seja a última coisa que ele queira, ele a solta — sussurro contra a pele dela.

Devagar, eu tiro os braços de volta. Devagar, Tallulah se vira. Ela me encara, olhos arregalados, pele corada.

— Isso... — Ela lambe os lábios, depois pigarreia. — Isso foi... muito informativo. Obrigada.

Assinto com a cabeça.

— Fico feliz por poder ajudar.

A gente se encara. O olhar de Tallulah cai pros meus lábios. O meu vai direto pros mamilos duros dela por baixo da camiseta.

Jesus Cristo, essa mulher tem os peitos mais bonitos do mundo, e eu nunca vou tocar neles. É uma tragédia com a qual eu nem sei lidar.

— Eu só vou... escrever isso, então — ela diz, dando um passo para trás e pegando o notebook no balcão. — Me chama se precisar de qualquer coisa, tipo, com a loja, os bichos, essas coisas.

— Claro. — Dou um passo para o lado, convenientemente me posicionando atrás das cadeiras altas do balcão, escondendo a evidência do efeito que tudo isso teve em mim. — Boa sorte.

— Valeu — ela responde num tom tenso, passando por mim como uma brisa. — Acho que vou precisar.

VINTE

Tallulah

Playlist: “No River!, Esmé Patterson

Bom, era inevitável. Estou morando com um leitor de romances, numa casa conectada a uma livraria especializada em romances, administrada por alguém que comanda um clube do livro de romance – era só uma questão de tempo até ser emboscada por amantes do gênero.

E aqui estou. Completamente emboscada.

Os colegas do clube do livro do Viggo circulam pela loja, termos e expressões do gênero flutuando no ar – que eu só reconheço vagamente por causa das incontáveis camisetas de leitor de romance que o Viggo tem. Estou sentada atrás do balcão, queixo apoiado na mão, enfrentando meu quinto interrogatório de um cliente – outro membro do clube do Viggo.

— Qual o seu clichê favorito? — pergunta Tad (elu/delu, segundo o crachá). Todo mundo está usando crachás, o que me parece estranho, já que todos parecem se conhecer bem. Tenho a leve suspeita de que foi ideia do Viggo, pensando em mim. O que seria até atencioso... se eu estivesse tentando me conectar com esse grupo de olhos em formato de coração. O que não estou.

— Não sou do tipo que curte clichês — respondo.

As sobrancelhas de Tad sobem num pulo.

— Desculpa, o quê?

— Não leio romances — esclareço.

Tad me olha como se eu tivesse atropelado seu cachorro.

— Posso anotar seu pedido? — pergunto.

Tad solta o ar com força.

— Ah, claro. Vou querer o... — elu franze a testa, examinando o menu lá em cima. — *Semlor*.

— Boa escolha.

Sirvo o doce para elu, mostro como usar o leitor de cartão e desejo um bom dia. Olhando em volta, percebo que todo mundo está com um doce, uma bebida, ou ambos nas mãos. Alguns já estão começando a se sentar na parte da frente da loja, onde Viggo afastou as poltronas e organizou um círculo com cadeiras dobráveis da IKEA, todas com almofadinhas. Ele com certeza fez aquelas capas de crochê.

Fico preocupada com as articulações desse homem. E com os hábitos de sono dele. Quando é que ele arranja tempo para tudo isso?

Aliviada por ninguém mais vir me bombardear com perguntas sobre romances, me recosto no banquinho atrás do balcão e dou um gole na minha água com gás sabor toranja. Vejo um membro do clube que ainda está por ali – o crachá diz que é Steph, ela/dela – lambendo creme de manteiga dos dedos antes de alcançar um livro na estante. Limpo a garganta bem alto. Steph se assusta e olha em volta, até que me vê encarando.

Com um sorriso sem graça, ela recua para o círculo de cadeiras.

— Muito bem mesmo — murmuro.

— Vai com calma, Tallulahloo. Vai acabar espantando os clientes com essa cara fechada.

Dou um pulo e me viro, vendo Viggo sorrindo para mim, boné virado para trás – o que me permite ver bem mais daqueles olhos azul-acinzentados lindíssimos. São ainda mais bonitos sob a luz da loja, longe da sombra da aba do boné. Claros como gelo, mas nada frios. Na verdade, são quentes e felizes, com linhas nos cantos se formando enquanto ele sorri. O sorriso dele vacila um pouco quando não retribuo.

Ele pega a garrafa de água, bebe fundo pelo canudo, a testa franzida enquanto analisa minha expressão. Uma expressão que estou tentando com todas as forças esconder por trás da minha fachada habitual de frieza e indiferença.

Ela se desfaz um pouco quando ele se inclina para colocar a água no balcão e sua mão roça na minha.

Odeio como gosto do toque daquelas pontas de dedos calejadas na minha pele. Odeio ter passado a última semana tentando não pensar em como adorei as mãos dele em mim naquele primeiro workshop do meu livro.

Não fizemos outro workshop prático desde então. Passamos três manhãs falando sobre os comentários dele naquele mesmo estilo – mostrar a conexão, não apenas contar; desacelerar, alongar os momentos que conectam o passado romântico ao presente desgastado, revelando ao leitor como a relação mudou.

E em todas essas vezes, Viggo manteve tudo nas palavras – sem nenhuma oferta de demonstração. Eu disse que podia tirar o que precisava dos conselhos dele, com base no que ele me mostrou naquele primeiro dia. Ele pareceu aliviado.

E isso me incomodou. O alívio dele devia me tranquilizar. Mas, bom... desejo é coisa do cérebro réptil – é primitivo, irracional, movido pela líbido. Esperar lógica disso é ridículo.

Então tenho ignorado. Ou tentado.

No fim das contas, só tenho usado meu vibrador com mais frequência.

Viggo está me encarando. Dou um peteleco no peito dele, bem no esterno, tirando-o do transe.

— Sei que a Elin Bergman te ensinou a não encarar.

— O que posso dizer? Sou um filho rebelde — o franzido preocupado se transforma num sorriso luminoso conforme ele se aproxima. — Vai, Lu — ele apoia os dedos nos cantos da minha boca e levanta com delicadeza. — Vira esse bico para cima.

— Um dia — digo, segurando os dedos dele e os afastando do meu rosto —, vou escrever um thriller sobre uma mulher que surta quando mais uma pessoa manda ela sorrir.

Viggo faz uma careta exagerada.

— Ih. Acabei de me tornar o alvo?

Dou um gole na minha água com gás, escondendo o sorriso.

— E aí, como você está se sentindo com tudo?

Ele sorri.

— Até agora, tudo ótimo. Todo mundo adorou a forma como os livros estão organizados por subgênero. Só elogios pros doces e pras bebidas também.

Faço uma reverência dramática. Insisti em preparar todos os cafés hoje, para que ele pudesse socializar e ser anfitrião.

— Fico feliz em ouvir isso.

O sorriso dele se aprofunda.

— Eu estou prestes a começar o clube do livro. Você... toparia ficar? Pode render material bom para o seu livro. A gente fala bastante sobre os aspectos práticos dos relacionamentos durante as discussões. Talvez você ouça algo que sirva.

— Ah... hum. — Limpo a garganta, focada em tirar fiapos invisíveis da calça jeans. — Acho que você já está me dando toda a orientação que preciso, sinceramente. Mas... se você quiser muito, posso ficar. Caso contrário, eu ia só...

— Eu quero.

Levanto os olhos. Nossos olhares se encontram. Agora consigo ver – o nervosismo apertando os cantos dos olhos, da boca. Franzo a testa.

— Por que você está nervoso?

Ele pisca.

— Eu? Nervoso? Pff.

— Está sim. Por quê?

Viggo lança um olhar para o círculo e depois volta para mim.

— É o nosso primeiro romance de época. E muita gente se arrastou para começar a ler. Eu estou nervoso que tenham odiado, e aí vou ter que encerrar o grupo, expulsar todo mundo e perder um monte de amigos.

Reviro os olhos.

— Bobo. Provavelmente adoraram. E mesmo que alguns não tenham curtido, tenho certeza de que vão ser respeitosos. Dá para discordar de algo e ainda assim continuar amigo, não dá?

Ouço o desespero escondido na minha própria voz, especialmente nessa última frase. O quanto eu pareço precisar da resposta.

Porque eu não posso ter o Viggo do jeito que eu quero – o corpo, a proximidade, a intimidade –, não quando ele quer muito mais do que eu sou capaz de dar. Mas, quando tudo isso acabar, eu não me importaria de tê-lo na minha vida. Alguém com quem eu possa falar sobre livros, enquanto brinco com os cachorros e gatos que veria quando fosse visitar a livraria dele. Alguém com quem eu pegaria comida chinesa e jogaria conversa fora, alguém que continuaria presente – nas festas das nossas irmãs, datas importantes, aniversários – e com quem eu dividiria... conforto, familiaridade. Mesmo que eu nunca consiga enxergar amor, romance, felizes para sempre, da forma como ele vê. Mesmo que a gente nunca concorde de verdade sobre o que tudo isso – sexo, intimidade, relacionamento – realmente significa.

Os olhos dele dançam entre os meus.

— Amigos podem discordar — ele diz. — Com certeza podem. Você está certa. — Ele balança a cabeça, desviando o olhar. — Eu estou sendo bobo.

— Você não está sendo bobo. Está apenas nervoso — aperto a mão dele com força. — E tudo bem ficar nervoso. Mas você consegue. Vai lá se divertir. E se eles não forem capazes de apreciar o charme de um duque taciturno em calças justas, você manda eles para mim. — Cerro o punho. — Eu resolvo.

Viggo ri, aperta minha mão e depois se afasta. Não era para isso parecer uma perda... mas parece.

— Valeu, Lula — ele sorri. — Então você vai ficar?

Assinto.

— Aqui atrás, mas sim. Vou ficar.

Enquanto o vejo dar a volta no balcão e se juntar àquela multidão animada – que se ilumina com a presença dele –, sinto uma tristeza afundando no peito. Não gosto de ver o Viggo entrando num mundo do qual não faço parte.

E isso não era para acontecer. Eu devia estar bem com ele lá, eu aqui, com nossas vidas e visões de mundo nunca se cruzando demais.

Olho para ele, o estômago revirando, o coração acelerado. Acho que estou começando a perceber que... não estou nem um pouco bem com isso.

Estou me afogando num mar de vestidos de noiva. Felizmente, a parte difícil já passou. Charlie escolheu o dela há meses. Agora é a primeira vez que ela o experimenta depois dos primeiros ajustes. Sento em silêncio,

tomando meu café, enquanto Charlie e a costureira discutem os detalhes do vestido. Elas estão no controle.

Charlie se olha no espelho, encontrando meus olhos.

Um sorriso surge em sua boca.

Tento sorrir de volta.

Está um pouco tenso. Charlie e eu não nos falamos desde que nossos pais anunciaram o divórcio. Ela não me procurou, e eu também não procurei por ela. Senti um alívio egoísta por ela não precisar de mim, num momento em que eu não tinha certeza de que conseguiria oferecer algo, me sentindo tão perdida e esgotada. Senti uma culpa amarga por não ter forças emocionais para dizer que estava ali. Tem tanto não dito entre nós, e eu não sei por onde começar. Charlie também não parece saber.

O olhar da minha irmã desliza até meu copo térmico, que diz: *"Gosto do meu café como gosto dos meus duques – quente e rico."* Deus me livre o Viggo de ter um copo normal.

— Bela xícara — ela comenta.

Levanto ela num brinde, depois tomo um gole.

— As alegrias de morar com um leitor de romance.

Charlie ri baixinho e, em seguida, olha para o vestido. A costureira termina de prender a bainha com alfinetes, já que o vestido ainda ficou um pouco comprido. Depois, ela dá um passo para trás.

— Pronta para o véu? — pergunta. — Assim a gente vê se gosta de como ele cai, em relação ao comprimento do vestido?

Charlie assente com a cabeça.

Assim que ficamos sozinhas, quando a costureira sai da sala, um telefone vibrando corta o silêncio. As duas checam suas bolsas, tirando os celulares. Charlie sorri e começa a digitar. A minha tela está vazia. Nada do

Viggo. Não que eu estivesse esperando. A gente geralmente não troca mensagens.

Mas acho que me perguntei se ele avisaria onde estava hoje de manhã. Acordei um pouco tarde, depois de ter virado de um lado para o outro na cama por horas na noite anterior, ouvindo vozes e risadas ainda ecoando na livraria, mesmo depois do encerramento do clube do livro. Eu saí discretamente, vi o sorriso largo de Viggo, o alívio dele. O clube adorou o primeiro romance de época. Ele conseguiu convencer todo mundo do subgênero, atraiu o grupo, vendeu livros, bebidas, doces e produtos literários. Ele não precisava mais de mim.

Quando entrei na cozinha de manhã, não havia nada que indicasse que o Viggo tinha estado ali e já tinha ido embora – exceto por uma garrafa de café me esperando e a ausência das chaves dele no ganchinho "Lar Doce Lar" ao lado da porta.

Engoli a decepção por ter perdido ele. Tomei meu café, comi uma barrinha de café da manhã e fui de Vespa para a prova do vestido de noiva de Charlie.

— Tallulah?

Levantei a cabeça num sobressalto, arrancada dos meus pensamentos.

— Desculpa, o quê?

Minha irmã está ali, com o véu na cabeça. De algum jeito, eu tinha desligado tanto que nem percebi a costureira voltando e colocando o véu nela.

Ela está perfeita.

— E aí? — os olhos da minha irmã buscam os meus.

Me levanto da cadeira e caminho até ela, um sorriso de verdade se abrindo no meu rosto.

— Char. Você está... deslumbrante.

Charlie pisca. Fungando, e então desata a chorar.

Os olhos da costureira se arregalam. Me viro para ela.

— Você se importaria de nos deixar um minutinho a sós?

— Claro. — Ela sai num piscar de olhos, nos deixando sozinhas.

Envolvo Charlie nos braços, e ela enterra o rosto no meu pescoço, soluçando. Faço o que já fiz tantas vezes antes, quando ela desmoronou. Vou embalando-a devagar, fazendo carinho nas costas dela.

— Está tudo bem, Char. Está tudo bem.

— Desculpa — ela soluça.

— Shhh, nada de desculpas.

— Estou um caco emocional.

— Você vai casar — digo. — É compreensível ficar emotiva…

— Não. Não é só isso. Quer dizer, sim, também é isso, mas... é por causa da mamãe e do papai. Eu estou aliviada. Eu estou com raiva. Eu estou exausta.

Eu estava prestes a fazer o que sempre fiz. Engolir meus próprios sentimentos, focar nos dela. Reassegurar, dizer que vai ficar tudo bem. Mas aí me lembro do que o Viggo disse no início da semana, tão sincero e gentil.

Vamos ser corajosos juntos. Um pouquinho de cada vez.

— Eu também — sussurro. — Eu estou sentindo tudo isso também.

Charlie se afasta, enxugando os olhos freneticamente.

— Você tá?

Respiro fundo e seguro a mão da minha irmã.

— Que tal a gente tomar um sorvete?

VINTE E UM

Tallulah

Playlist: “You’re Not Special, Babe”, Orla Gartland

Embora o meu lugar favorito em que já morei tenha sido lá no clima fresco e melancólico do estado de Washington, definitivamente há vantagens em chamar Los Angeles de lar. Moda. Clima ótimo. E uma infinidade de sorveterias incríveis.

Charlie e eu estamos sentadas lado a lado, sorvetes nas mãos, de frente para o Pacífico, com os dedos dos pés na areia enquanto observamos as ondas quebrando na praia.

— Eu estava mesmo precisando disso — diz minha irmã antes de dar uma grande mordida no rocky road dela.

Lambo meu sorvete de menta com chocolate e concordo com um aceno.

— Eu também.

O silêncio que se segue não é desconfortável, mas também não é fácil. Estamos em um território novo, fora dos papéis que sempre ocupamos. Acho que ambas nos sentimos um pouco perdidas.

Charlie olha para mim, os olhos procurando os meus.

— Então — diz ela —, aquilo que você me contou, lá na loja de vestidos... A gente pode conversar sobre isso?

Aperto a mão dela com firmeza.

— Eu quero tentar.

Ela assente.

— Tá bom.

Fico encarando minha irmã, tentando decidir como falar sobre isso.

— Eu só estou... tentando sentir o que eu sinto, Charlie, por mais bobo que pareça. Estou percebendo que tudo com a mamãe e o papai me bagunçou mais do que eu queria admitir. Talvez eu não seja muito boa em falar sobre isso, mas quero tentar.

— Você não... — Charlie morde o lábio, nervosa. — Você nunca falou sobre isso com suas amigas? Achei que só não falava disso comigo.

Lambo uma gota que escorre do meu sorvete e balanço a cabeça.

— Não. Nunca falei.

— Por quê? — pergunta Charlie.

Nunca contei aos meus irmãos a dimensão da minha perda quando Clint me expulsou. Ele não só tirou minha casa. Tirou o que restava dos nossos amigos. Disse a eles que eu tinha partido o coração dele, que o usei, que o rejeitei friamente.

Nunca prometi mais do que um tipo de amizade colorida; ele nunca me pediu mais do que isso. Até que pediu, no fim, e eu disse com gentileza que nada tinha mudado para mim, desde o começo. E então ele ficou quieto, ficou se arrastando pela casa, emburrado, por dias. Depois perguntou de novo. E quando eu disse não daquela vez, ele explodiu, gritou, jogou coisas, e me expulsou.

Foi isso que realmente aconteceu. A mentira dele nem é o que mais dói. O que mais dói é que os meus “amigos” acreditaram na versão dele, e não na minha.

— Ah, sabe como é — dou de ombros. — Todo mundo se mudou, seguiu com a vida. Arrumaram empregos, parceiros. Alguns até estão começando família. Estamos em fases diferentes agora. E quando ainda estavam por perto... eu não percebia. Não via o que vejo agora.

Charlie franze a testa.

— Sinto muito. Eu não sabia.

— Tudo bem. Eu estive ocupada — digo a ela. — Minha carreira tem sido meu foco. Não é como se eu tivesse tido tempo para sentir falta de amizade. Mas agora eu vejo que guardar tudo isso para mim não foi o melhor. Então pensei que esse é um bom lugar para começar. Eu e você, conversando. E o Harry também, se um dia ele estiver aberto para isso.

— É um bom lugar para começar — diz Charlie. Mas depois ela se cala. Aquele silêncio que eu sei que significa que ela está se segurando.

— Pode falar — digo a ela.

— Vai para terapia! — ela solta tão alto que até assusta as gaivotas por perto, que estavam só esperando cair alguma migalha das nossas mãos.

— Tinha a sensação de que você ia dizer isso.

— Sério?

— Sério — lambo meu sorvete. — Como você fez? — pergunto. Mas meus olhos estão no mar. — Como deu esse salto?

— Em quê? Na terapia?

— Nisso e... em tudo. Ler aqueles livros que o Viggo te deu. Abrir o coração para Gigi. Descobrir o que você acreditava, o que queria para você?

Charlie dá uma mordida no sorvete, olhando para o oceano com a testa franzida.

— Bem... foi aos poucos. Mas começou quando eu fiquei com raiva.

Viro e olho para ela.

— Com raiva?

Ela assente.

— Com muita raiva. Ziggy e eu, você lembra que a gente se reaproximou quando comecei na USC.

— Lembro.

— Então, ela me convidou para o jantar de domingo da família dela. Eu fui. Estava me sentindo ansiosa, emotiva, sobrecarregada. Sozinha. Achei que sentar com um grupo familiar, uma família feliz, me faria bem. Mas só me deixou puta da vida.

Uma pontada de reconhecimento ecoa em mim.

— Por quê?

— Porque eles têm algo que a gente nunca vai ter. Porque a falta disso me destruiu, Tallulah. Nos destruiu. Você, eu, e o Harry. E eu me senti tão... impotente. Eu não pedi para nascer da mamãe e do papai. Não tive escolha em quão disfuncionais eles eram, e em como isso moldou a gente completamente.

Mordo o lábio enquanto as lágrimas ardem nos meus olhos. Charlie está dizendo tudo que eu nunca soube como colocar em palavras, tudo que eu nunca soube o quanto sentia.

— Eu segurei até depois do jantar. Saí para correr, tão rápido e por tanto tempo que acabei vomitando o jantar na calçada. E na calçada, perto de mim, tinha um galhinho de árvore. Devia ter caído de cima. Tinha o tamanho de uma bengala. Eu peguei, levantei acima da cabeça e simplesmente comecei a bater com ele no chão, de novo e de novo, gritando o mais alto que podia.

Meus olhos se arregalam.

— Sério?

Ela ri.

— Ninguém nem chamou a polícia. Nada abala esse povo aqui. Eu amo isso — ela se vira para mim. — Foi bom, Tallulah, sentir raiva. Porque essa raiva abriu espaço para eu sentir outras coisas. Eu liberei a raiva por não poder mudar meu passado e foquei no fato de que, sim, eu podia mudar

meu futuro. Um passo de cada vez. — Ela dá de ombros. — E cá estou. Apaixonada. Noiva. Pronta para casar.

— Que jornada.

— A jornada dos nossos pais não é a nossa, Tallulah. A terapia me ajudou a entender isso — que o que eles mostraram, o que chamaram de "amor" e de "casamento", não define esses termos para mim. O que eu tenho com a Gigi... o que você talvez queira com alguém, um dia... somos nós que decidimos o que isso significa. Ninguém mais. — Ela lambe o sorvete. — Mas isso só é possível depois de muita terapia para desaprender toda a merda que internalizamos crescendo.

Fico olhando para minha irmãzinha e percebo o quanto ela cresceu, o quanto é sábia, o quanto é corajosa.

— Você é incrível, sabia? — aperto a mão dela. — Eu admiro você, Charlie. Muito.

Minha irmã me olha, surpresa.

— Sério?

— Muito. Me desculpa se nunca mostrei isso.

— Tallulah, não se desculpe por nada. Você foi muito mais para mim e para o Harry do que jamais deveria ter precisado ser. — Ela aperta minha mão de volta. — Eu estou onde estou, de tantas formas, por sua causa. Sempre admirei sua força, sua confiança. Aprendi a acreditar em mim, porque você acreditava em mim. Porque você me mostrou que, se eu colocasse a cabeça numa coisa, eu podia conseguir.

Puxo ela para perto, envolvo meu braço ao redor dela e abraço minha irmã. Sentamos em silêncio, testa com testa, olhando o mar.

— Eu te amo, Tallulah — Charlie sussurra. — Você não... não precisa dizer de volta. Eu sei que você não gosta dessa palavra.

Engulo em seco, contra o nó na garganta. Não digo isso desde que éramos pequenas. Desde que passei a odiar tanto essa palavra. Ela repousa na minha língua, cortante e assustadora, a palavra que não digo há tanto tempo. Mas, olhando minha irmã, eu sei que sinto um laço com ela como com mais ninguém – que eu mataria por ela, morreria por ela, suportaria qualquer dor para protegê-la. Se existe um tipo de "amor" com o qual eu concordo, é esse. E ela merece saber disso.

— Eu também te amo, Charlie. Desculpa por não ter dito antes. Eu devia. Esse tipo de amor, amor de família... não é com ele que eu tenho problema. Esse tipo de amor é diferente.

Minha irmã sorri para mim, os olhos brilhando com malícia.

— É mesmo?

Levanto a sobrancelha e ataco meu sorvete, me deliciando com uma grande mordida gelada.

— Não força.

A risada dela dança na brisa do mar, tão alta que supera até o som das ondas. A minha se junta à dela, mais suave, não tão forte, não tão brilhante. Ainda não.

Mas acho que, um dia, vai ser.

Desligo o motor da Vespa, franzindo o cenho. Estou olhando para um campo de futebol cheio de crianças. Cones, traves pequenas, bolas voando pelo ar.

Isso é... definitivamente não era o que eu esperava quando recebi a mensagem de SOS do Viggo: Ashbury não quer ligar.

Depois que me despedi da Charlie e a vi sair com o carro, eu estava prestes a colocar o capacete, quando senti meu celular vibrar no bolso da

calça. Peguei, li a mensagem de Viggo e respondi perguntando onde podia buscá-lo. Em seguida, acelerei rumo à localização que ele tinha marcado.

Não pensei muito sobre o destino. Só queria chegar lá. Agora que estou aqui, estou completamente confusa.

Viggo está parado na beira de um campo, usando meias brancas de futebol arriadas nos tornozelos, um short esportivo amarelo e uma camiseta branca. O mais estranho não é ele estar com roupa de futebol cercado por crianças do ensino fundamental – é a camiseta. Não tem nada escrito sobre romance, só *"Bergman Northwest Outfitters – Levando a vida ao ar livre para todos"*.

Eu aperto os olhos contra o sol enquanto caminho na direção dele. Isso é bizarro.

— Ainda bem que você veio — ele diz, me puxando para um abraço como se estivesse em um navio prestes a afundar e eu fosse o bote salva-vidas.

Dou tapinhas duros nas costas dele.

— Você está bem?

— Nunca estive melhor.

Uma bola de futebol voa na nossa direção. Viggo gira comigo ainda nos braços, nos protegendo da bola. Ele leva a bolada nas costas e xinga baixinho, quente e bem no meu ouvido. Isso faz um calor súbito correr pelo meu corpo, me levando direto a um cenário completamente diferente, onde Viggo estaria me segurando apertado, suado, xingando no vão do meu pescoço. Um cenário onde o corpo comprido dele estaria colado no meu, se movendo contra mim, me fazendo arfar e implorar por mais forte, mais rápido…

Outra bola acerta as costas dele e me tira dos pensamentos indecentes. Me afasto dos braços dele.

— O que está acontecendo?

Viggo dá um passo para o lado, se ajustando ao meu movimento, ainda me protegendo.

— Motim — ele diz com seriedade.

Franzo a testa.

— Viggo…

Outra bola acerta ele, e ele se vira.

— Ok, essa foi na bunda. Já deu.

Passo por ele no momento em que mais uma bola vem na nossa direção. Pego ela com firmeza nas mãos, meus reflexos de goleira voltando com tudo. A cabeça de Viggo vira para mim. Ele pisca, surpreso.

— Cacete, Clarke.

— Oooh, o técnico Viggo falou palavrão — diz uma criança, apontando para ele.

Viggo fica vermelho como um tomate.

— Eu…

— Uma represa é simplesmente uma barreira feita por humanos ou animais que impede a água de passar — explico para a criança, olhando firme. — O técnico Viggo estava se referindo às minhas habilidades de goleira, que param a bola como uma represa para a água. Agora corra, pequeno delinquente, antes que ele te mande correr em voltas pela sua insolência.

A criança pisca, boquiaberta, e depois sai correndo aos gritos.

Viggo morde o lábio.

— Uau, Lu. Não sabia que você tinha isso em você.

— O quê? Coragem? Todo mundo é mole demais com crianças hoje em dia. Elas aguentam uma bronca de vez em quando.

Um sorriso largo se abre no rosto dele.

— Eu estava falando das habilidades de goleira mesmo. Você jogava futebol?

Me mexo um pouco, apoiando a bola no quadril.

— Jogava.

Futebol costumava ser um dos poucos lugares felizes da minha vida. Me dava um senso de comunidade no colégio, onde a minha determinação fria e competitiva era um trunfo, algo que me rendia amigos. Me ajudava a escapar dos meus pais e da bagunça deles, viajando com o time. Também me ajudou a encontrar um grupo na faculdade, num campeonato misto super competitivo. Mas também foi onde conheci Clint e a maioria dos nossos amigos. Mais uma coisa que foi se dissolvendo conforme as pessoas se mudaram. Nunca consegui voltar a jogar de verdade.

— E você? Joga? E... é técnico?

Viggo suspira.

— Jogo. Mas fiquei meio ocupado com a loja e não consegui participar do time nessa temporada.

— E mesmo assim... arrumou tempo... para treinar... crianças?

Ele faz uma careta, coçando a nuca.

— História longa. Mas agora preciso tentar colocar essas crianças em algum tipo de caos organizado. O treino acaba em trinta minutos.

— Você ainda não terminou? Achei que ia sair e percebeu que o carro não ligava.

— Não, percebi que Ashbury não estava muito animado quando eles pararam para tomar água pela primeira vez e eu fui para o carro para me refrescar. Ele não quis ligar. Desculpa te fazer esperar, não sabia que você ia chegar tão rápido, e não queria ficar preso aqui mais tempo do que o necessário.

Atrás dele, uma dúzia de crianças pula de um lado para o outro, chutando bolas, gritando, parecendo animais selvagens.

Eu o encaro.

— Você estava pensando em fugir, né?

— Não — ele responde com ênfase demais.

Com certeza tava. E eu não o culpo.

Engulo uma risada.

— Só você? Nenhum auxiliar? — Crescendo e jogando futebol, sempre tive pelo menos dois treinadores nos treinos e nos jogos.

A expressão dele fica o mais próximo de irritado que já vi.

— Eu tinha um auxiliar. Até aquele traidor do Jeff me abandonar.

Uma bola voa em direção à cabeça de Viggo. Eu me lanço e a seguro.

— Nossa, por que será?

— Eu estou ferrado — ele diz, desolado.

Deixo a bola cair aos meus pés e apoio meu tênis branco e limpo em cima dela. Não vou dar mais munição para essas crianças.

— Por que diabos, com tudo que você tem para fazer, está treinando futebol infantil?

— O Jeff implorou para eu ajudar — Viggo responde. — E eu sou péssimo em dizer não.

— Quem é Jeff?

— Um cara que eu consertei a bicicleta no outono passado. Passei por ele na trilha e ofereci ajuda. Ele me pagou uma cerveja depois, e a gente acabou vendo futebol na TV. Começamos a conversar, descobrimos que os dois jogavam. Convidei ele para entrar no meu time, porque a gente estava com pouca gente. Aí, na primavera, ele me convidou para ajudar a treinar o time do filho dele.

Eu pisco.

— Meu amigo... você foi passado para trás.

Viggo solta uma risada sem vida.

— Espera, se esse é o time do filho do Jeff — pergunto —, cadê ele? E o filho?

— Max quebrou o pé duas semanas atrás, pulando na cama elástica, então está fora. Jeff ainda estava vindo treinar, mas... — Viggo olha para as crianças, que agora estão se atacando com bolas dentro da rede. — Hoje de manhã ele me mandou mensagem dizendo que está fora. Aparentemente, a agenda da primavera deles ‘ficou muito cheia de repente’.

— Muito cheia — repito, revirando os olhos e tirando a jaqueta.

Viggo franze a testa quando entrego a peça para ele.

— O que você está fazendo?

— Corrigindo isso aqui — digo, me aproximando até alcançar o apito pendurado no pescoço dele. — Recomendo que tape os ouvidos.

VINTE E DOIS

Viggo

Playlist: “House We Share”, Chance Emerson

Ver Tallulah Clarke treinando um time infantil de futebol é uma coisa gloriosa. Ela fica ali em pé, os olhos semicerrados contra o sol, mãos na cintura, usando uma camiseta branca com o contorno preto de um tigre, o cabelo preso no alto da cabeça e o meu apito na boca.

O som agudo corta o campo enquanto ela observa as crianças driblarem com as bolas em volta dos cones, praticando os cortes por dentro e por fora.

— Agora para o outro lado! — ela grita.

— Ei. — Dan, o coordenador da liga, para ao meu lado. Tallulah está do outro, e acho que ele fez questão de manter a maior distância possível entre ele e a presença intimidadora dela.

— E aí, Dan. — Estendo a mão, que ele aperta. — Essa é Tallulah Clarke, minha nova treinadora assistente.

Ela faz que sim com a cabeça, os olhos ainda presos no campo. O apito cai da boca dela quando ela grita:

— Mais rápido!

Nós dois levamos um susto. Dan me encara.

— Ela tem as autorizações?

Tallulah pega o celular e me entrega. Desbloqueio com o reconhecimento facial, levanto o aparelho para escanear o rosto dela e depois passo para Dan, para ele ver as fotos que ela me mostrou cinco minutos atrás.

Depois que eu disse que ela precisaria das autorizações para poder ajudar, ela me mostrou que já tinha. Não perguntei por que uma escritora de suspense, solitária, de vinte e seis anos, tem autorização contra abuso infantil e atestado de antecedentes do FBI. Cavalo dado não se olha os dentes.

Dan dá de ombros.

— Por mim, tudo certo. Prazer, treinadora Clarke.

— Igualmente — ela responde, sem desviar os olhos das crianças.

Dan vai embora, mãos nos bolsos, deixando a gente sozinho.

— Por que você tem essas autorizações? — pergunto.

— Tive uma breve passagem por uma igreja Unitarista Universalista no ano passado. Fiz trabalho voluntário nas salas de pré-escola e berçário. Fiquei meio solitária. Era algo para fazer nas manhãs de domingo.

A imagem de Tallulah rodeada por crianças da idade dos meus sobrinhos, pintando com os dedos, lendo livros e brincando de forma boba, me aquece por dentro, bem debaixo das costelas.

Ela me lança um olhar de canto.

— O quê? Não pareço do tipo que vai à igreja? Cortes mais fechados! — ela grita pros garotos.

Eles obedecem com uma rapidez impressionante.

— Não, não pensei isso.

— Pensou o quê, então? — Ela só me olha por meio segundo antes de voltar a atenção para o time.

— Pensei que tem muita coisa que eu não sei sobre você, Lula. — Engulo seco, nervoso, sentindo a garganta apertar. — Mas queria saber.

Tallulah apita, depois grita:

— Dois minutos de água! Depois, treinem até o final do horário! — Ela se vira para mim e sorri. — Engraçado. Eu estava pensando a mesma

coisa sobre você.

Do meu lugar, esticado no sofá, observo Tallulah andando pelo corredor, o cabelo roçando nos ombros, ainda molhado do banho. Um vestido tipo camiseta, da cor cinza mescla, cai lindamente pelo corpo dela, balançando nos joelhos. Está descalça, com as unhas dos pés pintadas de azul vibrante – a mesma cor do cabelo. Sem maquiagem. Ela parece relaxada. Em paz.

Em casa.

Aquela sensação quente volta, como quando a vi em campo, se espalhando pelo meu peito, se estendendo pelos meus braços, até as pontas dos dedos, até os dedos dos pés.

Fico olhando enquanto ela para na entrada da cozinha e toma um gole longo de água do copo de vidro tipo mason jar que segura. Quando abaixa o copo, olha para mim, a testa franzida.

— Tudo certo com você?

— Como assim?

Ela me dá um olhar confuso.

— O Ashbury está na oficina. Achei que, considerando seu apego emocional por ele, você estaria na bad.

É como se um raio me atingisse. De repente. Me sento no sofá, passando os dedos pelo cabelo ainda molhado, ansioso. Um pânico silencioso começa a crescer dentro de mim.

Essa... essa sensação quente que me invade quando olho para ela.

Ver ela aqui, essa impressão de que tudo está... certo.

Meu carro amado foi rebocado para o que provavelmente vai ser seu último destino, e eu não estou em frangalhos. Tive outras prioridades: segurar na cintura de Tallulah no caminho de volta para casa, sentindo o

cheiro dela, absorvendo o calor da pele dela atravessando a roupa. Tomar banho para não feder, aparar um pouco a barba para não parecer um ermitão.

Isso não é normal. Isso é... diferente. Mais.

Meu Deus.

— Viggo? — ela insiste.

Dou uma piscada, sacudindo a cabeça.

— Foi mal. — Limpo a garganta. — Eu estou bem. O Donnie, da oficina, vai cuidar bem dele. O Ashbury ainda vai rodar muito por aí. Tenho fé.

Mentira. Mas o velho Viggo teria, e é esse que Tallulah precisa achar que ainda está aqui, conversando com ela.

Porque o novo Viggo é um cara que está... mudando diante dos próprios olhos. Esse novo Viggo não manda mensagem para nenhum dos três irmãos, pros pais ou pros amigos quando o carro não liga – ele manda para Tallulah. Esse novo Viggo não fica entediado num sábado à tarde, vagando pela casa procurando o que fazer – ele senta aqui, contando os minutos até Tallulah sair do banho.

Esse novo Viggo... talvez esteja se apaixonando pela colega de casa. Talvez esteja se apaixonando por ela desde a primeira vez que viu ela entrar na sala de aula dele, sete anos atrás, e passou todo esse tempo procurando por ela sem saber, até que, por acaso, eles se esbarraram de novo.

Será que é isso? Todo esse tempo esperando e querendo, sem encontrar ninguém que realmente encaixasse... era porque eu já sabia o que queria, quem eu queria? Ela só não estava... aqui?

Não pode ser tão simples assim. Tão cruelmente simples.

Talvez o que eu esteja sentindo seja só a familiaridade que criamos nessas últimas semanas morando juntos. Talvez seja só o prazer de estar

confortável ao lado dela, trabalhando no livro dela, na minha loja, dividindo refeições, cuidando dos pets. Talvez isso seja só o que é ser amigo dela.

Fico olhando enquanto ela entra na cozinha.

— Espero que consigam consertar o Ashbury para você também — ela diz. — Porque, se não, vou ter que te carregar por Los Angeles inteira naquela Vespa, dez milhas abaixo do limite de velocidade.

A provocação de sempre alivia a tensão no meu peito, desacelera os pensamentos correndo soltos na minha cabeça. Eu sorrio.

Ela retribui. Depois de um segundo, pergunta:

— Você aparou a barba?

Levo a mão até lá, ao mesmo tempo satisfeito e meio sem graça. Ela percebeu.

— Só um pouco.

O sorriso dela se abre mais.

— Ficou bonito.

Mais calor atravessando meu peito. Parece até que ela me disse que o sol nasce quando eu acordo, de tão bom que isso me faz sentir.

— Valeu, Lula.

— Mas você esqueceu uns quatro centímetros. E usou a ferramenta errada. — Ela faz um barulho de barbeador e finge passar a lâmina na linha do maxilar.

— Não mexe com a minha barba, Clarke. Ela me dá personalidade.

Ela ri, com vontade, o riso saindo direto da barriga, e eu sorrio feito um bobo.

— Você já tem personalidade demais sem parecer um lenhador, Bergman.

Romeu late, se metendo na conversa.

— Está vendo? — digo para ela. — Ele está do meu lado.

Julieta solta um ganido manhoso e rola de barriga para cima.

— E ela está do meu — Tallulah rebate. — Não tá, Julietinha?

A cachorra levanta e vai até Tallulah, esfregando o focinho na mão dela. Tallulah faz um carinho e murmura algo baixinho e doce.

— E você, Romeu? — ela chama.

Meu cão traidor vai correndo até ela.

— Pronto — ela diz. — Três contra um. A barba tem que ir embora.

— Nem ferrando.

Ela me dá um sorriso maroto e se vira para abrir a geladeira.

— Ok, hora da comida. Deixa eu adivinhar. Você não comeu nada.

— Estava esperando você.

Ela olha por cima do ombro, os olhos nos meus.

— Não precisava fazer isso.

Meu coração começa a bater mais forte, uma tensão nova crescendo, porque sinto o peso do que vou dizer.

— Eu quis esperar por você.

Um sorriso suave, meio confuso, surge nos lábios dela.

— Tá. Bom... quer que eu faça alguma coisa?

— Pensei que... talvez a gente pudesse sair. Se mimar um pouco. A semana foi puxada. A gente ralou. Acho que merecemos.

Tallulah se vira por completo e fecha a porta da geladeira. Encosta-se nela, os olhos nos meus.

— Claro. Parece uma boa.

Um alívio me invade. Por quê, eu nem sei. É só um jantar. Quer dizer, só um jantar juntos. Não é um encontro. Só dois colegas de quarto, colegas de trabalho, co-técnicos... amigos. Dividindo uma refeição.

— Quer levar os cachorros?

— Com certeza. Que tal aquele restaurante coreano novo? Eu estou com desejo de bibimbap.

— Perfeito. — Me levanto do sofá, pronto para pegar boné, chaves, carteira e partir.

Coloco o boné e, quando me viro, vejo Tallulah parada no corredor, me olhando, a testa levemente franzida. Tenho vontade de alisar aquilo com o dedo. Mas não devo. Não se o que eu quero for só físico, não se isso for só desejo reprimido, como eu tento me convencer que é.

— Preciso ir ao banheiro antes da gente sair — digo. — Bebi muita água depois que voltamos da oficina…

A mão dela encosta no meu peito, me parando. Tallulah me encara, os olhos indo de um lado a outro do meu rosto. Sem delineador, só aquele âmbar puro nos olhos. Ela está linda assim, crua, desprotegida. Eu quero levá-la de volta até a parede, beijar ela, e continuar beijando. E depois quero levá-la direto para o quarto, deitá-la na cama, fazer ela gozar, me aliviar, finalmente matar essa maldita vontade, para poder pensar com clareza, para parar de confundir tesão com aquela outra palavra com A que assusta bem mais.

A mão dela escorrega do meu peito.

— Sem pressa. Vai tranquilo. Eu ainda tenho que me arrumar.

— Se arrumar para quê?

Ela levanta as sobrancelhas.

— Para sair, ué.

— Você já está vestida, Lu. Pega um sapato e pronto.

Ela revira os olhos.

— Tenho que passar maquiagem. Arrumar o cabelo.

— Não precisa. Quer dizer, claro que pode, é seu corpo…

— Ainda bem que ficou claro. — É o típico tom ácido dela, mas vem com uma leveza brincalhona. Nada de gelo.

— Só quis dizer que... — Tem um fio azul grudado no queixo dela, e eu não resisto. Estendo a mão, tiro o fio, deslizo o dedo pela bochecha dela até atrás da orelha. Tallulah estremece. — Você está linda. Com ou sem maquiagem. Cabelo arrumado ou bagunçado. Então, sabe... se não quiser fazer um homem esperar mais pelo bulgogi dele, é só calçar um sapato e pronto, a gente vai.

Ela me lança um olhar semicerrado. Mas um sorriso aparece nos lábios.

— Tá bom — diz, passando por mim, de volta para o quarto. — Vou só escolher um par de sapatos. Mas talvez demore. Sou bem exigente com meu calçado.

— Tallulah — aviso, numa ameaça de brincadeira.

Ela solta uma risada leve e contagiante, que ecoa pelo corredor. Olho pros cachorros, que se acomodaram aos meus pés, olhando para cima, esperando com paciência.

— Não sei o que te dizer, não. A mulher gosta mesmo dos sapatos dela.

— Eu estou zoando — ela diz, voltando apressada, com uma sandália simples nos pés. Segura minha mão e puxa. — Anda logo. Eu estou morrendo de fome.

VINTE E TRÊS

Tallulah

Playlist: “Baby Where You Are”, Mountain Man

Por uma vez, a semana realmente passou voando. Viggo e eu nos esgotamos com as tarefas: os toques finais na loja, explosões de posts nas redes sociais, distribuição de panfletos. Assar, propagar plantas, fazer canecas, crochê de porta-copos (Viggo). Escrever, revisar, escrever mais um pouco (esta que vos fala). Juntos, levamos os cachorros para passear, discutimos a logística da loja nas refeições e planejamos nosso próximo treino de futebol, traçando estratégias para o primeiro jogo do time.

Sou grata pela correria, pela distração que nos impede de ficar muito tempo naquele começo de dia suave e aconchegante em que nos acostumamos: tomando café lado a lado no balcão, Viggo lendo enquanto eu mastigo minha barrinha de cereal, piscando para acordar, traçando nossos planos para o dia.

Depois de um treino de time bem-sucedido nesta manhã e um dia disciplinado de escrita (eu) e inventário final (ele), nos presenteamos mais uma vez com o restaurante coreano que experimentamos no fim de semana passado – e adoramos.

Suspiro, satisfeita, relaxada entre as flores perfumadas e as vinhas retorcidas que compõem o oásis do pátio de Viggo, e digo:

— Eu me rendo.

Geme, fecha a tampa do pote de bibimbap na mesa e se joga de volta na cadeira.

— Idem. — Ele limpa a boca com o guardanapo antes de jogá-lo sobre a mesa também.

Tem arroz na barba dele. Me inclino e limpo. Nossos rostos estão tão próximos que consigo ver as nuvens refletidas nos olhos dele.

— Sobrou mais algum?

Assinto, deixando minha mão cair.

Viggo sorri. O olhar dele desce para a minha boca, depois se desvia. Ele se recosta no assento.

— Obrigado por cuidar de mim.

— Foi um prazer.

Ele inclina a cabeça, o sorriso se aprofundando.

— O quê? — pergunto.

— Só... tive um daqueles momentos. Déjà vu.

Um arrepio percorre meu corpo.

— Eu também já tive déjà vu com você.

As sobrancelhas dele se erguem.

— Sério?

Assinto.

— Na primeira manhã em que estive aqui.

O sorriso dele desaparece. Eu o encaro. Uma vontade muito estranha começa a crescer dentro de mim. A semana toda, desde que conversei com Charlie, remoendo tudo o que falamos, essa necessidade foi se acumulando – a de me sentir próxima dele. De tocá-lo, sentir o cheiro dele, me aninhar.

Não quero transar com ele. Bem... talvez seja mais correto dizer que não quero transar com ele agora, não ainda. Quero algo no meio do caminho. Algo que nunca quis antes.

Viggo segura meu olhar enquanto toma um gole do refrigerante. Me sinto nervosa e carente. Insegura.

Vamos ser corajosos juntos. Um pouquinho de cada vez.

— Viggo?

— Hmm?

Engulo em seco e respiro fundo.

— Sabe como a gente... reconheceu que tem atração um pelo outro? Como já agimos com base nisso algumas vezes...

Ele engole também, depois se endireita, colocando a latinha de refrigerante de lado.

— Sei, Lula. Na verdade, eu estava pensando... talvez a gente devesse conversar sobre isso.

Meu coração dispara. A ansiedade gira dentro de mim, espalhando minha coragem.

— Eu também pensei. Mas...

Os olhos dele buscam os meus.

— Mas?

— Mas antes disso, eu estava pensando... se você se sentir confortável com isso, e claro, se não quiser, está tudo bem... se a gente pudesse... se a gente pudesse se abraçar.

Um sorriso surpreso e suave surge nos lábios dele.

— Você quer um abraço?

Minha voz está trêmula quando entrelaço as mãos com tanta força que chega a doer e respondo:

— Nunca fiz isso antes. Mas pelo que ouvi falar de abraçar assim... parece algo que eu poderia usar agora.

A expressão de Viggo fica em branco.

— Você nunca se abraçou com ninguém?

Balanço a cabeça rapidamente.

— Meus pais nunca fizeram isso. Talvez eu tenha abraçado a Charlie alguma vez, quando ela era pequena e estava triste? Mas...

— Ninguém nunca te abraçou — ele diz, em voz baixa.

Assinto.

O olhar dele continua no meu. Lentamente, ele alcança minha mão e a segura.

— Então acho que está mais do que na hora da gente mudar isso.

Viggo me puxa até ficar de pé, se levanta e abre a porta para mim. Pego nossas sobras com a mão livre, vejo ele fechar a porta atrás de nós e o sigo para dentro.

Ele pega a comida da minha mão e coloca no balcão, me arrastando junto. Lança um olhar por cima do ombro e sorri.

— Você não podia ter escolhido uma pessoa melhor. Eu sou o rei dos abraços.

Isso me dá um embrulho no estômago. Não gosto de pensar em todas as pessoas com quem Viggo já se abraçou. Minha cara deve ter denunciado minha reação.

Viggo inclina a cabeça.

— Que cara é essa?

— Nada.

— "Nada." Hmm. — Ele se senta no sofá, estica as pernas e as abre. — Bem aqui. Vem, Lulaloo.

— Bem onde?

Ele bate com a mão no espaço entre as pernas.

Eu encaro com ceticismo.

Ele sorri.

— Abraços envolvem ficar pertinho. É isso que você quer, né? Se não quiser, a gente pode só sentar aqui no sofá, lado a lado…

— Assim está bom — disparo. Então me ajoelho no sofá, me viro até encostar nele, de costas para o peito dele. Estou rígida, desajeitada, meio travada. Viggo percebe.

— Relaxa em mim — ele diz baixinho, o sopro quente da voz dele passa pelo meu ouvido.

Luto contra um arrepio.

— Eu sou pesada. Vou te esmagar.

— Essa é a ideia. — Ele me puxa. — Encosta em mim.

Obedeço, pelo menos mais do que antes, tentando acreditar nele. Com delicadeza, ele envolve meu corpo com um braço, passando por cima do meu colo, me guiando até ele.

— Confia em mim, Lu. Eu aguento você.

Finalmente, relaxo por completo, como se mergulhasse em uma banheira. Viggo encosta a cabeça na minha, o maxilar na minha têmpora, e solta um suspiro profundo.

— Aí.

Fecho os olhos, absorvendo o calor que se espalha pelas minhas veias, doce e reconfortante. Ele tem cheiro do sabonete amadeirado que às vezes eu pego só para cheirar no banho feito uma louca apaixonada, e um toque de açúcar com canela que descobri ser do óleo de barba dele. O braço dele é pesado, o bíceps grosso e duro, repuxando contra a camiseta. Levanto a mão livre e traço a linha de uma veia sob a pele dele.

Ele estremece.

— Desculpa. — Retiro a mão.

Ele a pega e coloca de volta no braço.

— Foi um arrepio bom.

Um sorriso surge nos meus lábios. Estou feliz por estar de costas para ele. Assim parece mais seguro. Me pergunto se foi por isso que ele nos

posicionou desse jeito. Tenho certeza de que existem outras formas de se abraçar, talvez até mais de frente, mas essa... essa parece um bom começo.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta. Olho para cima e vejo nosso reflexo na TV. Um calafrio de autoconsciência me atravessa — ele pode me ver —, mas passa quando percebo que os olhos dele estão fechados, com um sorriso sereno no rosto.

— Bem — respondo, encostando a cabeça no ombro dele. — Você podia ser um pouquinho mais macio, mas vamos trabalhar nisso. Me dá mais um tempo para garantir que você almoce todo dia, e eu resolvo isso.

— Seja boazinha. Vai que eu tenho complexos por não ser mais forte.

Reviro os olhos. Ele é lindo, e sabe disso.

— Para de revirar os olhos para mim, Clarke.

Olho para a tela da TV e vejo nosso reflexo, com os olhos dele fixos em mim. Ele sorri.

— Para de me espionar, Bergman.

O sorriso dele se abre.

— Não estou te espionando. Só observando... tentando entender no que você está pensando.

Sustento o olhar dele.

— Estava pensando que você é lindo. Que seu corpo é perfeito.

O sorriso dele vacila. Nossos olhos se mantêm presos. O braço dele aperta mais. O meu também.

Estamos na beira de algo que prometi a mim mesma não cruzar antes de ser honesta. Antes de contar como me sinto em tentar ser alguém que vive além dos muros que construiu – assustada, curiosa, inexperiente.

Preciso puxar o freio do rumo que estamos tomando, porque preciso disso primeiro – esse toque seguro, esse carinho, esse conforto com ele. Nossos olhares ainda presos na TV. Uma ideia surge.

Viggo inclina a cabeça.

— O que foi?

— Quer... assistir a um filme?

A testa dele se franze. Eu o surpreendi. Mas então ele me dá outro daqueles sorrisos doces.

— Eu adoraria.

Um filme já foi – minha escolha. Falta um – a dele.

— Descanse em paz, Heath — Viggo diz, quando os créditos finais de *Coração de Cavaleiro* começam a subir. Levanto meu pote de água em um brinde solene, depois viro para um gole longo.

— Heath era um ótimo ator — digo.

Viggo assente.

— Brilhante. Cara, eu amo esse filme.

Sorrio.

— Um dos meus preferidos da vida.

— Por que você gosta tanto? — ele pergunta, olhando para mim.

Franzo a testa, pensando.

— Porque... é sobre buscar uma vida além da que você nasceu para ter, sobre como é difícil não só alcançar esse lugar, mas acreditar em si mesma enquanto tenta. E também pelas anacronias divertidas: roupas antigas, música e dança modernas e claro, Heath Ledger e Shannyn Sossamon são um colírio pros olhos.

— Aqueles dois, os personagens deles têm um romancezinho fofo — diz Viggo, mexendo as sobrancelhas.

Lanço um olhar de deboche.

— Ênfase no “zinho”.

— Só por isso, vou te fazer assistir o filme mais doce e romântico que já vi.

Solto um gemido dramático.

— Você ouviu. — Ele dá um tapinha no meu quadril de um jeito que me faz desejar que fosse duas vezes mais forte e direto na bunda. Tento ignorar isso e me concentrar no que senti nas últimas duas horas: um abraço, segurança, proximidade sem intenção sexual. — Vai fazer pipoca — ele diz — e volte aqui pronta para chorar.

— Você faz a pipoca. Eu não alcanço.

Ele inclina a cabeça enquanto olha para mim, depois toca gentilmente a ponta do meu nariz.

— Com o novo banquinho na cozinha, você alcança.

— Desde quando tem um banquinho na cozinha?

— Desde essa tarde.

Eu estreito os olhos para ele.

— Você fez um banquinho para mim.

As bochechas dele ficam um pouco coradas.

— Quem disse que eu fiz? — Ele coça atrás da orelha. — Eu podia ter corrido até a IKEA.

— Quando? Depois da meia-noite, quando eu finalmente ouvi você indo dormir, e antes das oito da manhã, quando acordei com você fazendo café? A gente está junto o dia todo desde então.

Ele sorri, envergonhado.

— Fui fazendo aos poucos nas últimas semanas. Não consegui dormir duas noites atrás. Foi quando finalizei o verniz. Já secou.

Eu suspiro.

— Viggo. Você pode, por favor, parar de ser tão atencioso? E dormir mais?

O olhar dele segura o meu.

— Dormir é superestimado…

— Mentira.

— E eu gosto de pensar em você, Lu. Você é minha colega de apê. Quero que consiga pegar o que precisar por aqui.

Colega de apê. É só isso que eu sou agora. Um lembrete importante. A gente combinou de manter a convivência platônica – até conversar sobre ser mais do que isso. O que ainda não aconteceu. Porque fui eu quem pediu para gente se abraçar primeiro.

— Tá bom. Pipoca, então. — Me levanto devagar, me apoiando no sofá e me ajoelhando antes de ficar de pé. Quando estou ereta, olho por cima do ombro. O olhar de Viggo está colado na minha bunda. — Gostando da vista?

Os olhos dele sobem rápido, culpados. Ele morde o lábio.

— Sou só um homem, Tallulah.

— É assim que o cara que usa uma camiseta escrito “Leia romances, combata o patriarcado” justifica me objetificar? Macho tóxico?

Ele faz uma careta.

— Humano, era isso que eu devia ter dito. E, só para constar, só agora cedi à tentação de olhar.

Cruzo os braços sobre o peito e caminho até ele, até meu vestido encostar no joelho dobrado dele. Ele me encara de baixo para cima. Eu olho para ele de cima.

— Essa foi a primeira vez que você olhou para minha bunda?

As bochechas dele coram de novo.

— Quer dizer... posso ter arredondado para baixo. Bastante.

Encosto meu joelho na mão dele, que está sobre a própria coxa. Os dedos dele tocam meu joelho, uma vez, com delicadeza. Nossos olhares não

se desviam enquanto pressiono mais o joelho contra ele. Os dedos dele sobem pela minha coxa, por baixo do vestido, roçando de leve minha pele.

A gente está brincando com fogo. Mas que se dane se eu me queimar. Eu quero ele. E ele me quer.

Fale alguma coisa, Tallulah! Você devia estar falando!

— Acho que a gente não devia fazer pipoca ainda.

Viggo engole em seco.

— Não?

— Não. — Devagar, eu seguro a coxa dele e a puxo para o lado, até abrir espaço para eu sentar de novo. Me acomodo, com um joelho dobrado e a outra perna pendendo do sofá, mantendo o olhar firme no dele. — Acho que a gente devia conversar.

VINTE E QUATRO

Tallulah

Playlist: “Nobody”, Bess Atwell

— Fala.

Viggo pisca, como se eu tivesse deixado ele atordoado.

Sorrio, nervosa.

— Te peguei desprevenido com essa, né?

— Quer dizer... um pouco.

Ele se ajeita no sofá, sentando-se mais ereto, e estende a mão na minha direção. Entrelaço nossos dedos.

— Mas eu estou aqui para conversar.

— Ótimo.

Limpo a garganta, a tensão travando minha voz.

— Porque eu quero te contar o que está acontecendo, desde aquela ligação com meus pais, desde que saí de moto na semana passada e voltei para casa. Quero falar sobre muita coisa. E quero falar sobre — faço um gesto entre nós dois — isso.

Ele engole em seco e assente.

— Ok. Eu estou ouvindo. E... eu também estou pronto para falar.

Solto a mão dele e entrelaço as minhas, inspirando fundo. E então eu conto – mais do que já contei para qualquer pessoa. Sobre minha família, meus pais, meus irmãos, toda a nossa dinâmica disfuncional. Dou uma versão resumida, condensada, um curso intensivo da minha vida, da infância até o ensino médio, a faculdade, o rompimento com Clint, a perda gradual dos meus amigos.

Quando termino, levanto os olhos, que estavam fixos nas minhas mãos entrelaçadas.

Viggo me encara, a testa franzida, a boca rígida.

— Lulaloo — diz ele baixinho.

Mordo o lábio, tentando não chorar. E então percebo... que eu posso chorar. Porque estou sentindo tudo de forma intensa, com medo, mas também com coragem. Me sinto exposta e vulnerável, como se tivesse vivido todo esse tempo envolta em camadas que abafavam as sensações, apagavam a luz, o som, o cheiro – e agora que me despi, tudo me atinge de uma vez. É muita coisa.

Viggo se inclina devagar, deslizando as mãos sobre as minhas, que ainda estão apertadas. Ele segura meu olhar.

— Obrigado.

— Pelo quê? — sussurro, chorosa.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você acabou de confiar em mim, Tallulah. Com um monte de coisa difícil. Isso é... incrivelmente corajoso e vulnerável e... — Ele engole seco. — Eu não tomo isso como garantido, você ter confiado em mim com tudo isso.

Dou de ombros.

— Alguém tem que começar, né?

Ele ri baixinho.

— Então você é uma baita de uma exagerada, porque isso aí foi um começo e tanto.

O polegar dele desliza sobre os nós dos meus dedos. Os olhos dele buscam os meus.

— Ajudaria se eu fizesse o mesmo?

— O mesmo o quê?

— Confiar em você. Te contar as minhas merdas.

— Que merdas?

Tiro minha mão da dele, enxugando o nariz que começou a escorrer.

Viggo tira um lenço do bolso. Dou uma risada chorosa. Claro que ele tem um lenço. E provavelmente é bordado à mão.

Olho melhor quando ele me entrega. Dito e feito: tem flores azuis, finas e compridas bordadas, e no canto, as iniciais VFB.

— Você é demais — eu murmuro antes de assoar o nariz.

Viggo fecha um olho, tímido. Tímido de um jeito adorável.

— Eu tive uma fase de bordado logo depois que saí da USC. Achei uma ideia super romântica, ter um lenço com minhas iniciais para dar para alguém que chorasse na minha frente.

Eu encaro ele, aquela palavra ecoando no ar, me assustando até os ossos.

Romântica.

Ele baixa o olhar pras nossas mãos ainda entrelaçadas.

— É isso que acontece quando você é um pouquinho emo, solitário e lê muito romance histórico.

Solto uma risada. Suspiro, olhando para o lenço.

— Eu acho fofo. Posso ficar com ele? Ou isso é... íntimo demais?

O olhar de Viggo sobe e prende o meu, os olhos claros me deixando paralisada.

— Porque... — solto o ar tremendo — se você quiser que seja... romântico, não posso garantir... não sei o que isso significaria, se eu ficasse com ele.

Espero que ele entenda o que estou dizendo sem eu precisar dizer. Por mais que eu saiba que deveria ser mais corajosa, dizer de uma vez: eu quero tentar te dar tudo o que você quiser de mim – se é isso que você quer –, mas

eu não faço ideia do que sei, do que posso fazer, do que posso ser com outra pessoa. Eu nunca tentei. Nunca achei que fosse possível.

Viggo aperta minha mão.

— Pode significar o que você quiser que signifique, Tallulah. Desde que saiba que para mim significa que eu... me importo. Muito.

Ele entendeu. Sinto um alívio enorme. Gratidão. Queria conseguir dizer mais, mas já disse tanto que doeu, e não tenho mais forças por hoje. Ainda não.

— Tem certeza? — pergunto baixinho. — Você não se importa de isso estar... indefinido?

Ele inclina a cabeça, o olhar sério sobre mim.

— Eu comecei a perceber, Tallulah, que a vida, as pessoas, as conexões... a maioria delas é indefinida. Eu adoro que os romances descomplicam tudo em etapas claras, lineares. Mas... não é assim que a vida funciona, nem as pessoas ou os relacionamentos; nem o jeito como a gente sente, como cura, como cresce, como arrisca.

— Você não acha?

Uma faísca de esperança acende dentro de mim, pequena, frágil, prestes a se apagar a qualquer momento.

Ele balança a cabeça.

— Eu queria que fosse assim. Mas a vida é feita de desvios, atalhos acidentais e becos sem saída, voltas e recomeços. Não é só um caminho estendido à nossa frente; eu queria que fosse. E isso porque... eu passei muito tempo tentando encontrar o meu caminho. Encontrar meu lugar. Fiz amigos e perdi alguns, tentei coisas achando que iam preencher aquele vazio, me fazer sentir melhor comigo mesmo. Quando quase fracassei, voltei atrás, mudei de trilha, achei outra coisa que parecia promissora, que

talvez me fizesse sentir como se eu finalmente estivesse no caminho certo, em paz com quem sou e para onde estou indo.

— Eu não queria que fosse tudo tão... bagunçado. Nem para mim, nem para as pessoas que amo. O caos da vida me deixa ansioso, me faz duvidar de mim. E por isso eu me agarrei às minhas histórias felizes, à ideia de uma fórmula para a minha felicidade e a dos outros, meu próprio tipo de rigidez ideológica.

Arqueio as sobrancelhas.

— Seu "próprio tipo"? Está querendo dizer que eu também tenho uma rigidez ideológica?

Ele dá de ombros, um sorriso iluminando o rosto.

— Só um pouquinho.

Entrelaço meus dedos nos dele e aperto firme.

— Eu estou tentando ser... flexível. Eu quero ser. Tudo o que aconteceu nas últimas semanas me fez perceber que eu quero estar aberta à mudança, a acreditar em coisas novas. Tenho muito trabalho pela frente para conseguir, mas quero crescer. De verdade.

— Eu também quero crescer — ele diz baixinho. Os dedos dele roçam minha palma enquanto me encara. — Não é... só você. Mas você me dá vontade de crescer, Lula.

Meu coração dispara.

— Eu dou?

Ele assente.

Aperto a mão dele, puxando ele para mais perto, me puxando também.

— É assim que você me faz sentir, também.

O olhar dele percorre meu rosto. Ele levanta a mão, acaricia minha bochecha.

— Quer tentar... juntos?

O ar me escapa dos pulmões. Inclino o rosto para cima, apoiando a mão na coxa dele, me firmando.

— Quero, mas eu sou uma bagunça, Viggo.

— Somos dois.

— Isso vai ser bagunçado.

O polegar dele desliza pela minha bochecha.

— Define “isso”.

Engulo em seco, apertando mais a coxa dele. Ele está me empurrando, só um pouquinho. Mas ele já me deu tanto, dizendo que quer me encontrar onde eu estiver, se abrir para o que está acontecendo, mesmo sendo incerto. Ele já caminhou tanto pela ponte entre a gente. Eu posso dar alguns passos também, não posso?

— Por “isso”, eu quero dizer... “nós dois”. — Solto o ar devagar, trêmula. — O que quer que esteja entre nós. Seja lá no que for dar.

O sorriso dele se aprofunda. Os olhos me envolvem, ternos, quentes.

— Lula.

Olho para ele, a voz tremendo.

— Viggo.

— Posso te beijar? — ele pergunta, rouco.

Assinto, em silêncio, acariciando o rosto dele, a barba densa fazendo cócegas na minha mão. Trago ele para perto até nossas bocas se tocarem, suaves, devagar.

Ele solta o ar com força. Viggo se inclina mais, prolongando o beijo, iniciando outro. Esse mais profundo, mais cheio de desejo.

Suspiro, feliz.

— Você tem um gosto tão bom, Lu.

Ele murmura contra o beijo, com a boca entreaberta, buscando mais. E eu

dou. Minha língua encontra a dele, minhas mãos se embrenham no cabelo dele.

Caímos de volta no sofá, e eu o sinto, já duro dentro do short, pressionado contra mim. Gemo.

— Você é tão gostoso — eu sussurro.

Ele sorri contra o beijo.

— Você também.

Os quadris dele se movem contra os meus, pressionando mais fundo à medida que o beijo se intensifica. Sinto o contato com meu pod, colado ao lado esquerdo da barriga, e apoio as mãos nos ombros dele para parar.

— Desculpa — ele sussurra, me olhando preocupado. — Rápido demais?

— É só meu pod.

Ele viu no dia da mudança, quando a gente se esbarrou, então nem me dou o trabalho de levantar o vestido.

— Fica no lado esquerdo. Não pode ser pressionado ou esfregado, senão pode soltar.

Ele assente.

— Ok. Eu vou tomar cuidado. Quer me mostrar... o melhor jeito...

Eu empurro ele de costas, e ele entende, me puxando por cima dele, segurando minha nuca. Nossos olhares se encontram enquanto ele se afasta um pouco, examinando meus olhos.

— Eu quero te fazer sentir bem, Lula.

— Eu quero te dar isso também.

— Você primeiro — ele murmura. A mão dele entra no meu cabelo, segura minha cabeça, e a gente rola para o lado. Minha coxa sobe pelo quadril dele. A outra mão dele desliza pela minha perna, aberta, possessiva, até minha bunda. Ele geme.

— Que tipo de calcinha é essa?

— Das caras.

Ele aperta a renda na mão e suspira.

— Você vai me matar.

— Melhor não. A gente tem assuntos pendentes.

— Temos mesmo.

Ele me deita de volta no sofá, apoiando-se em um cotovelo. Eu encaro ele enquanto os dedos dele traçam a linha da minha calcinha, alto no quadril, descendo pela pélvis. Me arqueio ao toque.

Os olhos dele presos nos meus, enquanto um dedo, depois dois, deslizam pela costura da calcinha, bem onde eu estou molhada, pulsando por ele.

— Eu te quis assim desde o momento em que te vi.

Ele esfrega bem em cima do meu clitóris, círculos leves e rápidos. Eu ofego.

— Eu também te quis.

— Porra, Lu.

Ele se inclina e me beija, terno, leve, seguido de uma mordida rápida no lábio inferior – tão rápida que mal percebo.

— Você me deixou louco — ele sussurra.

— Então agora está se vingando, porque isso é tortura.

Ele sorri. Os olhos procuram os meus, perguntando.

— Tortura boa?

Assinto. Balanço a cabeça. É incrível, mas eu estou desesperada para sentir tudo dele, pele na pele, alívio completo.

— Mais — sussurro.

Ele segura meu olhar, mais um círculo sobre a calcinha antes de puxar o tecido de lado. O ar frio toca onde eu estou quente, pulsante.

Estou arfando, desesperada, enquanto os dedos dele deslizam sobre mim, suaves; úmidos.

A boca dele se abre.

— Porra, você está encharcada.

Assinto, frenética.

— Deus, Lula.

Ele balança a cabeça, maravilhado, enquanto circunda meu clitóris com toques firmes e leves. Me arqueio, buscando mais.

— Me diz — ele diz baixinho. — Me diz como te deixar louca.

— Um pouco mais de pressão. E mais rápido.

— Como a senhora desejar.

Sorrio enquanto ele me beija. O toque dele muda, como pedi, e ele me observa, atento. Um gemido escapa da minha garganta quando ele acerta – exatamente como gosto.

— Perfeito — ofego. — Ah, não para, por favor. Viggo, por favor, não para…

— Eu não vou. — Ele abaixa a cabeça de novo e me beija com urgência, profundo, selvagem, os dentes se chocando, a língua acariciando minha boca. O suor brota na minha pele enquanto o calor se espalha por dentro de mim, se acumulando apertado e baixo no meu ventre, entre minhas coxas, onde ele trabalha com firmeza.

Minhas pernas começam a tremer. Meu pé tateia o sofá, buscando apoio, enquanto eu rolo os quadris contra a mão dele. Cada canto do meu corpo vibra, como uma corda repuxada, o prazer pulsando nos meus membros.

Isso não se parece com nada que já vivi, estou vestida, mas exposta, tocada por alguém que quer ver tudo de mim, e a quem eu estou permitindo ver muito mais do que jamais deixei.

Nossos olhos se encontram enquanto os gemidos escapam de mim – sons quebrados, irregulares, sobre os quais não tenho controle.

Viggo sorri suavemente para mim, uma mão me dando tanto prazer, acariciando, circulando. Quando ele desliza um dedo dentro de mim, eu grito, agarrando seu ombro.

A palma da mão dele, calejada, áspera, esfrega bem sobre meu clitóris enquanto ele curva outro dedo dentro de mim e acaricia, lenta e profundamente.

— Isso — eu imploro, minha mão agarrando o tecido da camisa dele, puxando-o para um beijo bagunçado, suplicante. — Isso. Ai, Deus, Viggo.

— Eu estou com você, Lula. — A voz dele falha no meu nome, enquanto sente a promessa do meu corpo prestes a se entregar, apertando ao redor dos dedos dele. — Se solta. Goza para mim, Lu.

O orgasmo me atravessa como uma onda de lava, obliterando toda sensação exceto a mão dele, os dedos, a boca acariciando a minha, as estocadas famintas e rápidas da língua, os quadris dele roçando em mim.

Chamo o nome dele de novo e de novo, enquanto ele arranca até a última gota daquela onda incandescente, até que ela finalmente se desfaz, amolece, e se aquieta.

Fico olhando para ele, sem fôlego e despedaçada, acolhida nos braços dele.

Viggo sorri com doçura. Engulo em seco com dificuldade.

— Essa foi a coisa mais linda que eu já vi.

O calor sobe às minhas bochechas. Eu balanço a cabeça.

— Bobagem.

— Não, Lula. — Ele me beija docemente, roçando o nariz no meu. — Essa é a mais pura verdade.

Suspirando, deslizo a mão pelo peito dele, sobre o coração que martela.

— Agora é minha vez.

Ele me encara, engolindo em seco outra vez.

— Não tem pressa. Só relaxa.

Franzo o cenho, tentando encontrar um significado oculto nessas palavras. Ele não quer que eu o toque do mesmo jeito que ele me tocou?

A preocupação começa a coçar nos meus pensamentos. Ele quer esse tipo de intimidade com alguém que ama. Ele já me disse isso. Mas também disse que queria ser... flexível, que estava tentando mudar a forma como pensava sobre essas coisas. Ele disse isso também. Será que isso se aplica agora?

Respiro fundo, me fortalecendo, reunindo coragem para perguntar, quando a campainha toca.

Os olhos de Viggo se arregalam. Os meus também.

— Merda — ele sibila, se sentando de um pulo no sofá e se desenrolando de mim. Me sinto absurdamente desamparada. Constrangida, puxo o vestido para baixo, ajeito a calcinha enquanto ele se joga por cima de mim em direção ao celular na mesinha de centro. Observo ele desbloquear o aparelho, abrir a agenda, rolar a tela.

— Puta merda.

Me sento devagar.

— O que foi?

— Meus sobrinhos. — Ele salta do sofá, dá uma olhada para baixo, para ereção enorme, e tenta (sem sucesso) escondê-la. — Convidei eles para virem conhecer os bichos. A Freya e o Aiden têm um jantar chique para ir, e eu disse para não se preocuparem com babá, que eu ficava com eles aqui, para conhecerem os pets. Merda.

— Ok. — Aliso o cabelo com a mão. — Bom, eu posso sumir, se…

— O quê? — Ele se vira, me encara. E então todo o traço de ansiedade some do rosto dele. Ele me segura pelas mãos, me puxa para cima. Caio nos braços dele e ele me aperta contra o peito, pressiona um beijo forte e doce na minha têmpora, respirando fundo perto de mim. — Eu quero que você fique. Não quero que vá embora. Só... tenho duas criancinhas prestes a entrar na minha casa, enquanto eu estou com uma baita ereção e tudo o que eu quero é deitar você de novo e te fazer gozar outra vez.

O alívio passa por mim como um vento quente.

— Vai ter tempo para isso — sussurro. — Depois.

Ele suspira contra meu cabelo, depois recua, segurando meu rosto.

— É. Você tem razão.

Olho pros shorts dele e o problema bem visível que ainda está ali.

— Avise o seu pau, então.

Ele geme.

— Não dá. Você está aqui, toda corada e sexy. Você ainda está toda na minha mão.

— Viggo Bergman!

Um sorriso levanta o canto da boca dele.

— Uau, finalmente consegui te escandalizar.

— Vai lavar as mãos — digo, me afastando, ajeitando o cabelo. — Eu cuido dos humanos pequenininhos por enquanto.

Começo a passar por ele, mas Viggo me impede, segura minha mão e me puxa de volta. Um beijo rápido, forte. Ele sorri para mim.

— Obrigado.

Sorrio de volta.

— O prazer foi meu. Em mais de um sentido.

Geme, e sai correndo na direção do banheiro. Só depois que a porta se fecha atrás dele percebo que estou rindo. Alto, feliz, satisfeita.

Como eu queria. Como eu esperava.
Sorrindo sozinha, caminho até a porta.
— Já vai!

VINTE E CINCO

Viggo

Playlist: “Mess Is Mine!, Vance Joy

Achei que a Tallulah fosse se dar bem com minha sobrinha e meu sobrinho. Ela já passou tempo com crianças pequenas voluntariamente na igreja que frequentava. Já lidou com meu time caótico de futebol sub-10 duas vezes, como se fosse profissional. Segundo Charlie, ela foi mais mãe para a irmã mais nova do que a própria mãe delas.

Mas ver isso acontecer de verdade é completamente diferente de só saber disso em teoria. É mil vezes melhor.

Estou jogado no sofá, esticado, com Theo largado no meu colo, mastigando punhados de Cheerios secos, vidrado no espetáculo que é Tallulah e Linnea inventando um toque secreto, um esforço que faz a Linnea explodir em ataques de risos.

— Não, Lula Azul! — grita Linnie.

Romeu abaixa as orelhas. Julieta solta um ganido e enfia o focinho debaixo da cabeça do irmão. Os cachorros adoraram os carinhos entusiasmados de Linnea quando ela chegou. O volume dela, por outro lado, não é muito popular.

— O que foi que eu fiz de errado? — pergunta Tallulah, com os olhos dramaticamente arregalados. Um sorriso largo ilumina o rosto dela, fazendo aquelas covinhas lindas aparecerem.

Fazendo meu coração doer.

Eu estou tão ferrado.

Linnea suspira de forma dramática e se arrasta até Tallulah, onde elas ficam sentadas no chão, encostadas na outra ponta do sofá. Ela segura a mão de Tallulah e guia o movimento do toque.

— Assim.

— Ooooh — diz Tallulah, num tom exagerado. — Nossa, isso é complicado.

— Tem que praticar bastante — diz Linnie. — Tem coisa que precisa de muita prática para melhorar. Tipo... andar de bicicleta sem rodinha. Mas a boa notícia é que quando a gente aprende, já era, os músculos lembram e você consegue andar sempre depois, não é legal? Só que é bem difícil aprender, e eu fico brava quando tento um monte e ainda não consigo. Mas a mamãe diz que eu consigo fazer coisas difíceis. Ela diz que o mais difícil das coisas difíceis nem sempre é a coisa em si, mas acreditar na gente mesmo quando tenta.

A expressão de Tallulah vacila um pouco.

— Sua mãe é muito sábia, Linnie.

— Obrigada! — Ela se joga ao lado de Tallulah, sorrindo para ela. — Eu gosto de você, Lula Azul.

— Eu também gosto de você, Linnie Loo.

— Linnie Loo! — Linnea dá risada. — Esse nome é engraçado.

— Ué, você que me deu um nome engraçado. Eu só retribuí.

Minha sobrinha se ajoelha e afunda as mãos no cabelo de Tallulah.

— Linnie — digo baixinho. — Você precisa pedir antes de tocar em alguém, lembra? ‘Por favor, posso...?’

Linnea inclina a cabeça até ficar com o rosto colado no de Tallulah.

— Lula Azul. Por favor, posso tocar no seu cabelo?

Tallulah me lança um sorriso rápido, depois encara Linnie.

— Pode sim.

— Obrigada — diz minha sobrinha, bem educada, passando os dedos pelos fios da Tallulah. — Então. Como você deixou azul? Canetinha? Tinta?

— Eu pintei — responde Tallulah. — Com química. Quer dizer, eu paguei para alguém pintar com química.

— Eu quero química de pintar cabelo azul — declara Linnea. — É isso que vou pedir de presente de aniversário.

Tallulah pigarreia, nervosa.

— Bom, isso é uma daquelas coisas que seus pais talvez prefiram que você espere para fazer quando for maior. Primeiro, tem que descolorir cabelo escuro, igual o nosso, depois colocar a cor. Isso estraga o cabelo, resseca, quebra. E você tem essas ondas escuras tão lindas.

Linnea franze a testa, olhando para o cabelo de Tallulah.

— A gente vai ver — diz ela, com aquele jeito maduro demais que me faz lembrar o quanto ela está crescendo; uma criança de jardim de infância esperta, verbal, afiada. — Sabe de uma coisa? — Linnie levanta uma mecha do cabelo de Tallulah. — Seu cabelo é da cor dos meus olhos.

Ela pega meu celular, desbloqueia – porque essa criaturinha arteira já decorou minha senha faz tempo – e abre a câmera. Com um toque, vira para selfie e tira uma foto. Depois entrega o celular para Tallulah.

— Viu?

Tallulah encara a foto, piscando rápido. Ela pigarreia.

— Uau. Olha só.

— É da mesma cor do olho do tio Viggo também! — grita Linnie.

— Quer um lanche? — Tallulah pergunta, se levantando do chão. — Você recusou um antes, e o tio Viggo disse que a regra da mamãe e do papai é lanche antes das oito. E está quase na hora.

Linnea olha de um para outro.

— Você fez seu cabelo ficar igual ao olho do tio Viggo, Lula Azul?

Tallulah cora. E não é pouco. Nunca vi ela enrubescer assim. Ela pigarreia, alisando o vestido.

— Eu... já tinha cabelo azul antes de conhecer seu tio Viggo.

Inclino a cabeça, sorrindo.

— Mentira, Lula.

Ela arregala os olhos na minha direção, piscando rápido.

— A faculdade não conta.

— Não conta? — Sustento o olhar dela, lembrando com meu sorriso lento e certeiro o que eu disse horas atrás, quando ela desmoronava sob meu toque. *Quis você assim desde o momento em que te vi.*

Lembrando o que ela respondeu. *Eu também te quis.*

O rubor dela se intensifica. Ela desvia o olhar.

— Que tal aquele lanche, Linnie?

— Agora estou com fome. Vamos, Lula Azul! — grita Linnea, puxando a mão dela e arrastando Tallulah para cozinha. — Hora do lanche! Depois a gente tem que dar nome pros gatinhos!

— Boa noite, Percival! — sussurra Linnea, embora o sussurro dela tenha o volume de uma conversa normal. Ela manda um beijo para o gato cinza que está na beirada do sofá, observando-a com a cabeça inclinada. Os outros filhotes pulam pelas almofadas e encostos, correndo atrás uns dos outros. Ela manda beijo para todos. — Boa noite, Penelope! Boa noite, Pascal! Boa noite, Pearl! Boa noite, Paisley!

Aiden sorri, segurando a mão dela e puxando na direção da porta.

— Está na hora de ir para casa, querida.

— Mas os gatinhos! — reclama ela. — Eles precisam de mim. Agora sou a mamãe deles. Não posso só dar nome e ir embora.

Freya ri baixinho.

— Esses nomes são ótimos. Vejo que nosso estudo do livro de nomes de bebê está rendendo.

— E como está — digo, ajeitando Theo, que está dormindo nos meus braços. — Quer que eu leve ele para o carro?

Minha irmã balança a mão.

— Não, deixa que eu levo.

Franzo a testa. Theo é um bebê grande de dois anos. E a Freya já está com uma barriga enorme.

— Tem certeza?

— Tenho. — Com facilidade, ela o pega de mim e encaixa ele nos braços, equilibrando com a barriga, a bochecha dele amassada contra o ombro dela.

— Eu não quero iiiiir — chora Linnea.

Freya faz uma careta.

— E esse é nosso sinal de que está na hora de levar essa sonolenta para cama.

— Eu não estou com sono! — berra Linnea.

— Obrigado, vocês dois — diz Aiden, pegando Linnea no colo. — Eles estavam empolgadíssimos para vir.

— Foi muito divertido — diz Tallulah, sorrindo enquanto faz carinho nas costas de Linnea. — Até logo, Linnie Loo. Vamos fazer isso de novo, tá?

Linnea ergue a cabeça de onde tinha enterrado no pescoço do pai enquanto chorava. Enxuga os olhos, o lábio inferior tremendo.

— Promete, Lula Azul? De novo e de novo?

Tallulah assente, séria.

— Prometo.

Linnea sorri. Eu também.

De novo e de novo.

Gosto desse som. Mais do que devia. Mas, meu Deus, é tão fácil imaginar esse quadro se estendendo por meses, anos: Tallulah e eu treinando futebol, Tallulah e eu brincando com meus sobrinhos. Tallulah e eu deitados juntos, vendo filme, passeando pela livraria, andando com os cachorros. Tallulah e eu…

Isso já é uma frase completa. É isso que eu imagino. *Tallulah e eu.*

Respiro fundo, tentando afastar o pânico.

Ficamos ali, ela e eu, na soleira da porta, acenando, vendo eles partirem.

Assim que fecho a porta, o silêncio que se instala – depois de horas de barulho delicioso de Linnea e Theo – é quase um choque.

Tallulah olha para mim, sorrindo de leve.

— Eles são adoráveis.

Assinto.

— São, sim.

— Você é bom com eles — diz ela.

Engulo em seco, o coração acelerado.

— Você também.

Ela dá de ombros.

— Apesar do que você viu no futebol, eu sou dessas pessoas que simplesmente se dá bem com crianças.

— Eu adorei o que vi no futebol.

Ela ri enquanto passa por mim e vai em direção à cozinha.

— Isso porque eu botei ordem na bagunça para você.

Eu a sigo, tentando não encarar os quadris largos e balançando... e falhando miseravelmente.

— Eu sei que meio que implorei para você me ajudar de novo essa semana, mas... você toparia continuar me ajudando a treinar eles... pela temporada inteira?

Tallulah para, um monte de canetinhas na mão. Ela levanta o olhar.

— Você quer que eu queira?

Eu quero tudo o que você quiser me dar, Lu.

— Claro que quero.

Ela sorri, os olhos voltando para o que estava fazendo enquanto organiza as canetinhas no estojo e o fecha com um clique.

— Parece divertido, sim.

— Ótimo. — Eu junto os papéis espalhados no balcão, separando os em branco dos que a Linnea desenhou, que vou colocar na geladeira. Tem um que eu não tinha reparado antes, ela ficou colorindo com Tallulah por um tempo, enquanto eu e Theo líamos no sofá. Eu encaro o desenho, o coração batendo forte.

Três bonequinhos de palito em pé sobre grama verde, todos sorrindo. Um alto, com uma barba castanha enorme, cabelo castanho e um boné azul escuro. Um baixinho, com cabelo azul-claro e um vestido em formato de triângulo. O último, o maior, em primeiro plano, com um vestido de triângulo colorido, sorriso enorme, olhos azuis, cabelo preto em zigue-zague. Eu, Tallulah, Linnea. Corações vermelhos dançam sobre os bonecos de palito, subindo até o sol grandão no alto.

Os bonequinhos de Viggo e Tallulah estão de mãos dadas, dois círculos sobrepostos.

Tallulah se aproxima, olhando o desenho.

— Criança não perde nada.

Olho para ela, sentindo uma vontade desesperada de tê-la. Quero deitá-la e fazê-la se sentir tão absurdamente bem. Quero abraçá-la, beijá-la até perder o fôlego.

Ela se vira, levanta o rosto para mim e passa os nós dos dedos no meu pulso.

— Falando em perder coisas... — Ela se aproxima mais, a mão subindo pelo meu braço. — Você perdeu a chance de um favor de volta, mais cedo.

Engulo em seco, o pânico – meu velho companheiro dessa última semana – subindo pelo meu corpo. Estou sentindo tanto, muito mais do que achei que sentiria por essa mulher na minha frente. A mulher que, um dia, jurou que a minha ideia de amor, de tudo que eu acreditava que podia me manter junto da pessoa certa, era uma mentira. A mulher que agora diz que quer tentar ver as coisas de outro jeito, se abrir para possibilidades que antes pareciam impossíveis para ela.

Tenho medo que ela mude de ideia. Tenho medo que mude de ideia sobre mim. Tenho medo de entregar meu corpo quando tanta coisa ainda está em aberto. Mas também não quero afastá-la. Não quero dizer não. Quero dizer... ainda não. Espero que ela entenda o que estou tentando dizer, o que estou pedindo, o que eu preciso.

Seguro o rosto dela, meus polegares acariciando suas bochechas.

— Você não me deve nada pelo que fizemos antes.

Tallulah franze a testa, os lábios tensos.

— Por quê?

Solto o ar, instável, me aproximando mais, arrastando os nós dos dedos pelas bochechas dela.

— O que a gente fez… não tem placar. Não estou marcando pontos. Fiz aquilo porque eu quis.

— E eu quero fazer isso por você também — ela diz, sincera.

— Eu sei.

Os olhos dela procuram os meus, e eu vejo a compreensão se formando.

— Você não tem certeza... se quer que eu faça.

Como explicar algo tão complicado? Como dizer que eu quero mais do que talvez ela esteja disposta a me dar? Que eu tenho medo de me entregar assim, de um jeito que nunca fiz antes, e acabar significando muito menos para ela do que significaria para mim?

— Eu... — Solto o ar devagar, olho nos olhos dela, encontro coragem. — Eu nunca... fiz isso antes, Tallulah.

Ela inclina a cabeça.

— Intimidade fora de um relacionamento definido?

Sinto o calor subir para o meu rosto. Balanço a cabeça.

Tallulah pisca uma vez, depois outra.

— Espera. Você nunca fez...

— Nunca — sussurro. Meu rosto está pegando fogo. Nesse aspecto, sou mesmo filho do meu pai: sem o cabelo ruivo de Ren ou Ziggy, mas com uma faixa acaju sólida e a mesma habilidade de virar uma beterraba de vergonha.

— Viggo — ela murmura, apertando minha mão. — Meu Deus, desculpe. Fui tão insensível. Devia ter perguntado. Eu não sabia…

— Não peça desculpa — solto de uma vez. — Você não tem porquê se desculpar. Eu poderia ter falado. Na hora, nem pensei em mais nada, só em fazer você se sentir bem, Tallulah. E eu amei o que a gente fez. Quis muito fazer.

Ela fica em silêncio por um instante, me olhando.

— Mas é diferente, a ideia de... ser retribuído?

Assinto.

— É.

Em que momento a gente inverteu os papéis? Quando foi que a Tallulah ficou tão boa em falar e preencher os silêncios, e eu fiquei tão perdido?

Ela levanta o olhar para mim e aperta minha mão com força.

— A gente vai com calma.

A insegurança me engole.

— A gente não precisa, por sua causa…

— *Não* termine essa frase. — Outro aperto firme na minha mão. — Não é só você. Sou eu também. Para eu conseguir explorar isso, também preciso deixar esse tipo de intimidade de lado. Vamos pisar no freio. Tem muita coisa que a gente pode curtir enquanto vai descobrindo o resto.

— Tem certeza?

Ela sorri, mantendo o olhar no meu.

— Com certeza. Vamos ficar só com... abraços? — ela sugere.

— Com certeza. Beijos também. Acho justo.

Ela morde o lábio.

— Eu nunca digo não para beijos. E abraços?

— Implícitos no abraço de conchinha, Lulaloo. Óbvio.

Rindo baixinho, ela me puxa pela camisa.

— Então vem aqui me abraçar para dormir.

Eu a envolvo com os braços. As mãos dela se encaixam na minha cintura. A cabeça no meu peito. Meu queixo no cabelo dela.

Parece certo. Como uma peça de quebra-cabeça se encaixando com um clique que ressoa dentro de mim.

Espero que ela sinta isso também. Mesmo que não agora, não ainda... um dia.

VINTE E SEIS

Viggo

Playlist: “So Tied Up”, Cold War Kids, Bishop Briggs

Eu estou uma pilha de nervos. Até cerca de meia hora atrás, estava até grato pela ansiedade avassaladora da última semana com a inauguração da livraria, porque era a única coisa que me impedia de entrar em parafuso por causa de Tallulah. Por causa do quanto eu a quero, do quanto me apavora admitir o que ela significa para mim depois de apenas um mês dividindo vida, trabalho e casa com ela.

Focando em inspirar devagar e de forma constante, fico ali parado, enraizado no chão, bem no meio da minha livraria, cuja porta estou prestes a abrir. Mais de um ano de trabalho duro dedicado a esse lugar. Uma abertura bem discreta, uma abertura suave com o clube do livro de romance. Duas semanas divulgando nas redes, distribuindo panfletos à moda antiga pela vizinhança, enquanto passeávamos com os cachorros. Um mês com a presença firme, calma e prática de Tallulah ao meu lado, enquanto eu ajustava, rearranjava e finalmente dizia que era hora.

Agora chegou.

A porta que liga minha casa à livraria se abre de repente. E então entra Tallulah, arrancando o ar dos meus pulmões. Pele dourada, radiante. Ondas azul-gelo na altura dos ombros. Delineado escuro acentuando os olhos cor de âmbar. Um vestido rosa-blush esvoaçante, com decote profundo e a saia abrindo sobre os quadris cheios e macios, terminando logo abaixo dos joelhos. Sandálias rosa-blush de tiras, com salto altíssimo.

Pela milionésima vez nas últimas duas semanas, me dá vontade de me socar por ter pisado no freio. O desejo me atravessa, quente e feroz.

A única coisa que me impede de avançar nela agora – além da inauguração da loja em quinze minutos – é lembrar que Tallulah disse que estava na mesma página que eu, convicta de que, para explorarmos o que poderíamos ter além da atração física, precisaríamos deixar a intimidade física de lado.

Bom... pelo menos *certos* tipos de intimidade física.

Penso na tarde de hoje, quando fazer o almoço virou uma sessão de amassos. Lembro da sensação maravilhosa de tê-la ali, mesmo com minhas mãos se limitando à curva da cintura dela. Meu pau dá um espasmo dentro da calça social.

Tallulah sorri, brilhante e deslumbrante. Solta um assobio.

— Uau, Bergman. Você fica um arraso arrumado.

Dou de ombros, mãos nos bolsos.

— Ora essa, Clarke. — Meu olhar se prende no dela, depois desce pelo corpo e volta aos olhos. — Você está deslumbrante, Lu.

— Nossa, obrigada. — Ela dá de ombros e gira, revelando por um segundo a renda da calcinha rosa-blush. Um gemido me escapa, preso na garganta.

— Ops. — Ela alisa o vestido. — Momento Marilyn Monroe acidental.

Balanço a cabeça.

— É bom que seja o último da noite. Vai ter gente entrando neste estabelecimento.

Ela sorri de canto.

— E se essas pessoas quiserem um show?

— Mas é claro que me incomodaria — eu rosno.

As sobrancelhas dela sobem. A boca se abre um pouco.

— Ah.

— Foi mal. — Passo as mãos no cabelo, soltando o ar com força. — Me exaltei um pouco.

Tallulah vem andando na minha direção. Sei que ela nem está tentando ser sexy, mas consegue mesmo assim. Vem com aquela expressão prática, pé no chão, de sempre, enquanto alisa o tecido da minha camisa social azul-clara, com as mangas dobradas até os cotovelos, combinando com a calça social cinza-chumbo, cinto marrom e botas chukka marrom. Profissional, mas acessível.

— Vai dar tudo certo — diz ela, em voz baixa. Suas mãos apertam meus ombros uma vez, com força, depois caem ao lado do corpo.

— E como você sabe?

Ela sorri para mim, bochechas rosadas, covinhas fundas.

— Porque você construiu muito mais do que uma loja, Viggo. Você construiu uma comunidade. E agora ela tem um lugar. Acredite em você. Todos eles acreditam. Olhe e veja.

Com o cenho franzido, olho por cima do ombro. Tallulah levanta as persianas de enrolar, revelando a vitrine da frente – depois a outra. Minha boca se abre.

Tem uma multidão do lado de fora. A calçada está cheia de gente.

— Eu disse — sussurra ela, piscando. Vai até o balcão e se posiciona atrás do caixa. — Pronta quando você estiver.

Seguro o olhar dela enquanto respiro fundo. Soltando o ar devagar, me viro de frente para a porta. Dou um passo em direção a ela. Depois outro. Mais um, até minha mão pairar sobre a maçaneta.

Agarro firme. Respiro mais uma vez. E então abro a porta escancarada.

Dez minutos antes de fechar, o lugar ainda está cheio de gente circulando entre as estantes, espremida nas poltronas, nos bancos embutidos das janelas, em cada banquinho no balcão.

Estou suando, e meu estômago ronca de fome, mas mal noto, de tanta felicidade. É um zumbido elétrico, intenso, que percorre meu corpo inteiro. Tallulah está com a mesma cara de cansada que eu. Mas também parece tão radiante quanto. Um sorriso se forma em seus lábios enquanto conversa com um cliente encostado no balcão.

Ela ri de algo que escuta, limpando farelos do balcão, recolhendo a caneca e o prato da pessoa.

Meus olhos se estreitam. Aquele sorriso. Aquela risada. Não deveriam ser para outras pessoas. Deveriam ser para mim.

— Eu avisei. — A voz do meu irmão me faz virar na hora.

Ollie está de pé, mãos nos bolsos, com um sorriso orgulhoso no rosto enquanto observa o lugar, cheio de gente, o sucesso que ele disse que sabia que viria.

— Você é a segunda pessoa que me disse isso hoje à noite, e não sei se amo ou odeio.

Ollie me puxa para um abraço.

— Acho que sei quem foi a outra.

Olho por cima do ombro enquanto a gente se afasta, encarando Tallulah. O cliente ainda está lá. Ela ainda está conversando com a pessoa. Meus lábios se contraem num princípio de careta.

Meu irmão pigarreia. Viro de volta para ele. Ele está sorrindo de orelha a orelha.

— Rapaz, você está perdidinho.

— Ah, dá um tempo. Não estou nada. — Afrouxo o colarinho, abrindo mais um botão. Estou quente demais. — Eu estou no ponto certo. Igualzinho a ela.

Oliver solta um riso pelo nariz.

— Tá bom então, irmão. Vou nessa. Só queria te dar os parabéns de novo. Eu estou muito orgulhoso de você.

Sorrio, estendendo a mão, apertando o braço dele.

— Valeu, Ollie. Por tudo. Por me incentivar. Por ter vindo. Por trazer metade do time de futebol.

Ele ergue as mãos.

— Nem fui eu. Eles é que quiseram vir. Só contei da loja. Mesma coisa com o Ren, o Seb e o pessoal do hóquei. Não devia ser surpresa. Quantos deles você já convenceu a ler romance ao longo dos anos?

As palavras de Tallulah voltam a ecoar na minha cabeça, e sorrio, tomado por orgulho e satisfação.

Você construiu uma comunidade. E agora ela tem um lugar.

Mesmo sabendo quantos caras do time de futebol e hóquei dos meus irmãos eu já influenciei a ler romance, ainda estou tentando absorver quantos atletas profissionais passaram por aqui hoje – dos times deles, do time de Ziggy e de Charlie também – comprando romances e saindo com orgulho para a noite.

Depois de mais um abraço de despedida, vejo Oliver sair, aceno para Gavin, que me responde com um gesto de queixo e um sorriso de canto antes de os dois desaparecerem pela porta. Foram os últimos da família a irem embora – todos vieram de novo, o que significou muito, mesmo eu já tendo feito uma inauguração prévia só para eles.

Alguns caras do hóquei ainda estão perto da sessão de romances esportivos, rindo com os parceiros. Os membros do clube do livro de

romance estão nas poltronas e bancos embutidos, inclinados uns na direção dos outros, conversando com entusiasmo. Uma dúzia de pessoas que nunca vi na vida explora as estantes, absorvendo o espaço enquanto bebem de suas canecas, observam velas aromáticas, marcadores, adesivos, chaveiros, as miniplantas que decidi vender de última hora, ali na seção da frente com os produtos literários.

— Ei, você aí! — Uma voz familiar me faz virar de novo.

— Charlie! — A abraço forte, e ela me aperta com a mesma força. Sorri largo, o cabelo curtinho e escuro brilhando. Está usando um top cropped verde-elétrico e uma calça larga da mesma cor. Ela está radiante.

— O noivado te caiu bem, Char.

O sorriso dela se aprofunda.

— Adoro quando você fala como personagem de romance de época. E obrigada.

Eu rio.

— Obrigado por ter vindo. Você realmente não precisava. — Baixo o tom da voz. — Eu sei que você não curte publicidade. Parte da ideia dessa inauguração discreta foi justamente essa: dar privacidade para você e pros meus irmãos famosos. Está tudo bem para você, estar aqui agora?

O sorriso de Charlie suaviza.

— Você é um fofo. Esse... medo de exposição é algo que estou trabalhando. Um passo de cada vez, né? Por isso não vou ficar muito tempo, mas estou muito feliz de estar aqui.

— A porta dos fundos é toda sua se precisar sair fora, tá?

Charlie aperta meu braço.

— Obrigada, Viggo. Você é um amor. Agora. Tenho alguém para te apresentar. — Ela se vira e segura delicadamente o cotovelo de uma garota que está por perto, inclinada, posando para uma foto com um cliente. A

garota assina um papel que ele entrega, sorri e sai correndo logo em seguida. Levo um segundo, mas finalmente reconheço quem é.

— Essa — diz Charlie — é a Nat. Ela é…

— Sua goleira. — Assinto. — Lembro sim. Bem-vinda!

Nat é alta e forte, cabelo descolorido, pele bronzeada, olhos azul-brilhante. A cara da Califórnia. Ela exala confiança e energia quando sorri para mim e me abraça de repente, me pegando de surpresa.

— Parabéns pela inauguração! — Ela se afasta e ri. — Desculpa, sou do tipo que abraça mesmo.

— Não, tranquilo. — Forço um sorriso, estranhando o quanto isso me deixou desconcertado. Normalmente, não penso duas vezes em abraçar ou ser abraçado. Sempre fui um cara carinhoso, à vontade com o contato físico. Pelo menos, era. Mas agora tem algo estranho. Uma vontade de achar Tallulah, puxar ela para perto, sentir as mãos dela no meu quadril, o rosto encostado no meu peito, soltando aquele suspiro... como tem feito tantas vezes nas últimas semanas.

— Valeu por vir, Nat — eu completo, percebendo que estou sendo grosseiramente calado.

— Está brincando? — diz ela, animada. — Eu amo romances. Quando soube que o irmão da Ziggy estava abrindo uma livraria só de romance, fiquei maluca. Eu tinha que vir.

Charlie sorri.

— Bom, vou ali dar um oi para Tallulah. Deixo vocês conversando.

Minha boca se contrai num início de careta. Fico meio intrigado com essa de Charlie me deixar com a colega de time dela. É quase como se ela... estivesse tentando me empurrar alguém. Depois do que ela e a Ziggy fizeram – forçando Tallulah a vir na inauguração discreta, jogando ela de volta na minha vida – eu jurava que Charlie seria a primeira a torcer pela

gente. Ou, pelo menos, a última a tentar enfiar outras pessoas no nosso caminho.

Olho por cima do ombro enquanto Charlie corre até Tallulah, que ainda está no balcão, conversando com aquele maldito cliente. Estão mais próximos agora, os dedos do cara desenhando infinitos no balcão, enquanto ele segura o olhar dela. Dando em cima dela, na cara dura.

Minhas mãos se fecham nos bolsos da calça. Meu estômago dá um nó. É como se eu tivesse engolido ácido de bateria.

Tallulah ergue o olhar quando Charlie se aproxima, depois olha além do ombro da irmã enquanto elas se abraçam. Os olhos dela encontram os meus, depois deslizam para Nat, ao meu lado. Uma sobrancelha arqueada. Boca tensa. Ela parece... incomodada.

O prazer me atravessa como um raio. Arqueio a sobrancelha, fazendo um leve aceno de cabeça em direção ao cliente no balcão. Quero que ela saiba que estou tão atento aos que flertam com ela quanto ela está aos que prestam atenção em mim.

— Então... — diz Nat.

Viro rápido, a culpa me atingindo. Eu estou sendo um grosso.

— Me desculpa! Só estava conferindo se estava tudo certo no caixa.

— Imagina! — Ela sorri com calor. — Então, sou muito fã de comédias românticas contemporâneas; nunca li romance de época, e quero tentar. Charlie disse que você tem as melhores recomendações. Pode me mostrar por onde começar?

— Claro. — Uso a desculpa de dar um passo para o lado e guiar Nat até a seção de romances históricos como oportunidade de olhar para Tallulah mais uma vez.

Ela agora está apoiada no balcão, Charlie sentada num banquinho ao lado do cliente, que faz zero esforço para não olhar dentro do decote de

Tallulah.

Vejo vermelho. Minha mandíbula trava.

Arranco o olhar dali e encaro Nat, colando o sorriso mais largo no rosto.

— Por aqui.

—

Tranco a porta da loja, viro o letreiro de "Aberto" para "Fechado". Quando me viro, Tallulah está no meio da loja, o vestido caindo de um ombro, os saltos pendurados pelos dedos. Fico parado, encarando, o coração batendo forte.

Ela também não desvia o olhar.

Com a mão no interruptor, mantenho o olhar nos olhos dela. E apago a luz. A escuridão preenche a loja, só restando as luzes mornas e suaves nas prateleiras.

— Então. — A voz de Tallulah é baixa, rouca nas bordas, gasta de tanto falar. Falar com tanta gente que não era eu, como aquele cliente que eu quase arrastei para fora da loja pelos fundos quando anunciei o fechamento, meia hora depois do horário.

— Então — respondo, enfiando as mãos nos bolsos. Estão fechadas em punhos. Meus dedos doem de vontade de tocar nela.

— Acho que foi bem, né? — Ela muda o peso para o outro quadril, os sapatos balançando.

— Acho que sim.

Nos encaramos. O olhar é tão intenso que parece eletricidade no ar.

— Obrigado pela força hoje — digo. — Você mandou muito bem com os clientes. Um em especial. Quantos cafés ele pediu mesmo? Três? Vai passar a noite acordado.

A luz é fraca, mas meus olhos já se acostumaram, então não perco o arquear da sobrancelha dela, o cantinho da boca subindo.

— Era descafeinado. E posso dizer o mesmo. Você e a Nat se deram super bem na seção de romances históricos.

Minhas mãos se movem nos bolsos. Tallulah aperta as tiras dos sapatos.

O olhar dela desce pros meus lábios. O meu pros dela. Não aguento mais essa distância.

Dou um passo na direção dela. Ela também dá um passo.

Minhas mãos saem dos bolsos. Os sapatos dela caem no chão. Corremos um para o outro, nos encontramos com força, com pressa, minhas mãos agarrando a cintura dela e puxando contra mim, subindo pelas costas. Tallulah enfia os dedos no meu cabelo e puxa minha cabeça para baixo. Nossas bocas se chocam, urgentes, famintas. Línguas brigando, dentes batendo, beijos abertos, arfantes, desesperados.

Solto um gemido aliviado quando ela pressiona o corpo macio contra o meu, encaixando meu pau já duro entre as coxas.

— Queria agarrar aquele merda pelo colarinho — murmuro entre beijos — e jogar ele porta afora.

— Eu queria agarrar aquela Barbie pelos cabelos — ela ofega quando mordo o pescoço dela e passo a língua logo em seguida — e mandar de volta para o mesmo lugar de onde saiu.

— Porra, Lula. — Estremeço quando ela morde minha camisa, bem em cima do peito, com força.

— Desculpa — ela sussurra.

— Nem pense em pedir desculpa. — Agarrei o cabelo dela numa das mãos e beijei o pescoço, subindo até a orelha. Ela geme. — Eu adorei. Quero que faça de novo.

Ela sorri, cabeça para trás, pescoço exposto para mim. Vou descendo beijos até o decote do vestido, onde começa o seio.

— Espera!

Paro, ofegante, encarando-a.

— Lula?

— A gente prometeu. — Ela solta um suspiro miserável. — Prometemos que ia ser devagar.

Assinto, engolindo em seco.

— Você tem razão.

As mãos dela sobem pelo meu peito e seguram o meu rosto, o polegar traçando minha boca.

— Mas eu te quero tanto, porra.

— Eu também te quero.

Ela morde o lábio, os olhos descendo pelo meu corpo.

— A gente podia... brincar com a semântica.

Arqueio uma sobrancelha, minhas mãos firmes na cintura dela, apertando aquela bunda grande e linda.

— Eu estou ouvindo.

— Você podia... se tocar. Eu podia me tocar. A gente podia fazer isso... juntos.

O calor me atravessa, deixando meu pau duro como pedra.

— Mãos em nós mesmos. Mas os olhos, não.

— Isso mesmo — sussurra.

Desabo nela de novo, num beijo faminto.

— Porra, sim.

— Quero essa mulher apagada da sua memória — ela murmura, me puxando com ela até as poltronas.

— Ela nunca nem existiu, Lu. Quero que você esqueça aquele cara metido a galã.

Ela ri. Ri!

— Ah, por favor, eu não estava nem aí. Ele tem tatuagem no pescoço. Depois do Clint, estou vacinada contra gente tatuada.

Me afasto, ofegando, abrindo os botões da minha camisa um por um.

— Então tenho más notícias para você, Clarke. — Tiro a camisa com pressa e jogo de lado. — Porque eu sou tatuado.

A boca de Tallulah se abre.

— Pooorra — ela geme. A mão dela vem parar no meu ombro, bem sobre as montanhas e os pinheiros, o rio correndo entre eles, descendo em direção ao meu peitoral.

— Acabei com o clima? — pergunto.

Ela balança a cabeça rápido.

— Esquece. Tatuagem está de boa. Está ótima, na real.

Puxo ela de volta pros meus braços e a beijo, tomando a boca dela com a língua, do jeito que eu quero tanto tomá-la com meu pau – fundo e devagar. Tallulah se afasta, ofegando, e diz:

— Senta aí.

Sorrio para ela de cima.

— Sim, senhora.

Ela me empurra com delicadeza pelo peito, a mão espalmada bem em cima do meu coração acelerado, e eu caio com um baque na poltrona. Ela gira com a força da minha queda, mas eu planto os pés bem abertos para me firmar e já vou direto para o cinto.

Tallulah engata o pé na cadeira do lado, puxa para perto e se joga nela, puxando o vestido até o alto das coxas. Ela joga uma perna por cima do braço da cadeira, revelando o contorno sutil da calcinha de renda.

— Quem diabos apagou a luz? — resmungo, irritado.

Tallulah ri, empurrando as mangas do vestido pelos ombros, passando pelo decote, revelando um sutiã rosa-blush combinando, que mal cobre os mamilos – escuros e duros sob a renda.

— Puta merda — eu gemo, meus quadris se erguendo em reflexo, enquanto abro o zíper da calça e pressiono a palma sobre meu pau latejante. — Você tem os peitos mais incríveis do mundo, Lu.

Ela sorri e desliza os dedos para dentro da calcinha. Eu xingo baixinho, bebendo a visão dela se tocando.

Os olhos dela se fixam na protuberância sob minha cueca.

— Muito obrigada — ela diz.

Empurro a cueca para baixo, cuspo na mão e me agarro. O sorriso dela desaparece na hora.

— Meu Deus — ela sussurra, me observando.

— Toque seus peitos, Clarke.

Ela morde o lábio.

— Não me diga o que fazer.

— Então diz que não quer.

Ela arqueia as costas, soltando um gemido frustrado.

— Babaca. — A mão vai direto para o peito, escapando por entre os dedos. Ela belisca o mamilo. Meus quadris sobem de novo enquanto assisto, me forçando a manter o ritmo devagar, controlando até doer, punho firme que me faz ranger os dentes.

— Toque neles — ela ordena, olhos fixos nas minhas bolas, bem apertadas.

— Merda — gemo, obedecendo. Nem finjo que não quero isso — ser mandado por ela, fazer o que ela pede.

A mão de Tallulah se move mais rápido por baixo da calcinha. Ela rosna, frustrada, levanta o quadril e arranca a peça.

— Porra — eu gemo, olhos grudados no que consigo ver. Com pouca luz, não é muita coisa; mas ainda assim, mais do que já vi, até nas sombras. Dá para ver o quanto ela está molhada, mesmo daqui. — Você vai me matar, Lula. Eu estou tão perto, caralho.

— Eu também estou — ela ofega, se esfregando de verdade agora. — Ai, Deus, Viggo.

— Isso... — rosno, me bombeando com mais força. — Esfrega essa bocetinha linda para mim, Lula. Se faça gozar.

Ela geme, os olhos colados em mim, enquanto me masturbo de verdade agora, ofegando.

— Porra, Lu. Você é linda demais. Me deixa duro para caralho.

Ela se arqueia na cadeira, os olhos presos nos meus. Eu vejo as pernas dela tremerem, a respiração falhar, meu nome escapar de seus lábios.

Essa imagem, esse som, me destroem. Um raio percorre minhas veias, pulsa pela base do meu pau. Gemo o nome dela, os quadris sacudindo enquanto continuo, jorrando forte, quente, grossas cordas de gozo no meu abdômen.

Ela arfa, ainda se tocando, os olhos tremendo. Está se fazendo gozar. De novo. A cena me faz gozar ainda mais forte, prolonga tanto meu clímax que fico sem ar, os pulmões travando até ver estrelas e puxar o ar de volta com desespero.

Tallulah grita, agudo e rouco, e desaba na cadeira.

Eu também não aguento mais. Minha mão cai, e eu me afundo na poltrona, sem fôlego, arfando.

A cabeça de Tallulah cai de lado, enquanto ela respira com dificuldade, os olhos nos meus. Um sorriso largo e satisfeito ilumina o rosto dela.

Fico ali, olhando, respirando pesado, um sorriso puxando minha boca também.

Ela suspira ao baixar a perna da cadeira e puxa o vestido de volta por cima do sutiã. Tiro um lenço do bolso, limpo meu abdômen, guardo meu pau de volta na cueca. Devagar, Tallulah se levanta da cadeira e caminha até mim, exatamente como na primeira noite, há um mês, quando apareceu aqui, do nada.

Com uma mão em cada apoio da poltrona, ela se inclina.

Com ternura, suavemente, ela me beija e respira fundo.

— Agora sim, isso que eu chamo de estreia com estilo.

Dou risada contra a boca dela, minha mão na nuca dela, afundando nos cabelos.

— Sem dúvidas.

Ela se endireita devagar e passa os nós dos dedos pela minha bochecha. Os olhos nos meus.

— Durma bem, Viggo.

Vejo ela pegar os sapatos e caminhar até a porta de casa, braços balançando devagar, quadris largos balançando com vontade. O desejo me consome de novo. Mal gozei e já estou querendo mais. Precisando.

— Bons sonhos, Lula — chamo.

Ela se vira na soleira da porta e sorri com malícia.

— Sonhar, eu vou. Mas te garanto que não vai ser nada doce.

VINTE E SETE

Tallulah

Playlist: “Can’t Buy Happiness”, Tash Sultana

Acordo descansada e relaxada. Num humor bem melhor do que estava ontem à noite, assistindo a colega de time de Charlie toda amiguinha com Viggo.

Os detalhes deliciosos do que aconteceu depois voltam correndo à minha mente, enquanto me espreguiço, piscando para o teto, sorrindo sozinha. Deus, aquilo foi bom. Muito, muito bom. Mas isso me deixa nervosa. Se o que a gente fez foi tão bom assim, quão mais intenso, satisfatório, quente, vai ser se a gente chegar ao ponto de fazer mais?

Meu sorriso vacila. Já estou na metade do meu tempo aqui. Um mês já foi, falta outro. Só mais quatro semanas até o casamento de Charlie, até a data em que prometi que o livro estaria pronto e Viggo prometeu que estaria preparado para tocar a loja sem minha ajuda. Quatro semanas até o nosso acordo de que eu me mudaria.

Eu sei que Viggo disse que não precisava de prazos nem cobranças enquanto a gente tentava entender tudo isso, mas eu tenho um prazo. Eu tenho uma necessidade. Porque eu me recuso a deixar que essa história de colegas de quarto termine do mesmo jeito de antes – pega de surpresa, machucando e sendo machucada, vendo tudo de bom que a gente construiu e compartilhou desmoronar.

Eu quero ser mais saudável, quero resolver todas as minhas questões que alimentam meus medos, apertam meu peito, fecham minha garganta, quando penso em tentar abrir meu coração de verdade, em correr atrás de

uma vida que eu nem sabia que podia ter, de uma pessoa que eu me convenci que não deveria querer.

Jogo os lençóis para trás e me sento. Começo minha rotina matinal: furo no dedo, verificação de glicose, insulina, cálculo de carboidratos da barrinha de café da manhã no PDM. Olhando pela janela, franzo a testa, pensativa. Quero um plano. Preciso de um. Por onde começo?

Meu olhar escorrega para o laptop. Uma ideia começa a florescer na minha cabeça, o começo de um novo final para o livro… um final radicalmente diferente…

Um final feliz.

Mas como escrever isso? Como acreditar? Como fazer jus? E, mais importante, como fazer isso por mim mesma?

A voz da minha irmã ecoa na minha cabeça: *Vai para terapia!*

Suspiro, me levanto da cama e vou até o laptop – o lugar onde já me perdi em palavras e mundos, uma fuga, uma catarse. Abro o aparelho, ligo, me sento. Abro o navegador e digito a palavra *terapeuta*.

Hora de parar de evitar o inevitável. Hora de começar a trabalhar.

Charlie disse que talvez eu precisasse experimentar até encontrar uma terapeuta que combinasse comigo. Não gostei da ideia. Tinha medo de, a cada tentativa frustrada, perder a coragem e desistir. Felizmente, não precisei me preocupar. Minha terapeuta, Linda – a primeira a responder um dos vários formulários de contato que preenchi duas semanas atrás –, tinha um horário já para o dia seguinte.

Ela é maternal, do jeito que eu imaginava que “maternal” seria, porém nunca conheci de verdade. Tem voz suave, cabelo prateado, e está sempre

enrolada num cardigã e meias grossas, mesmo com o calor infernal de junho.

Depois da nossa primeira sessão, ela sugeriu, com toda a delicadeza do mundo, que nos víssemos três vezes por semana. Eu não hesitei, nem pisquei. Sei que estou ferrada. Aceito toda ajuda que puder.

Linda atende cedo, e agora eu tenho os horários dela das oito da manhã nas segundas, quartas e sextas. É a coisa mais difícil que já fiz: me abrir com uma estranha, contar minhas dores mais profundas, deixar ela me guiar até dores ainda mais enterradas, confiar nela para me ajudar a me sentir segura, enquanto processo tudo isso.

Mas eu faço. Me sinto mais corajosa, mais forte, quase sem medo.

Quase.

Porque, assim que eu saio daquela sala silenciosa e com ar-condicionado gelado, de volta para realidade escaldante da vida, minha confiança balança. Uma coisa é aplicar o que estou aprendendo na terapia. Outra completamente diferente é fazer isso com as pessoas que me importam. As pessoas que eu quero por perto.

A loja abre às dez, então tenho tempo de me recompor antes do trabalho.

Viggo está sempre por ali quando chego em casa, circulando na cozinha, café fresco me esperando, outra delícia na bancada, os carboidratos calculados por porção, anotados bonitinho num post-it, para eu poder aplicar a insulina certinho antes de comer.

É assim que encontro ele ao fechar a porta atrás de mim, me sentindo exausta, porém mais leve. Encostado no balcão, nariz enfiado num romance. Ele abaixa só um pouco o livro, os olhos encontrando os meus.

— Oi, Lulaloo.

— Oi. — Penduro minhas chaves no gancho do "Lar Doce Lar", depois me abaixo para cumprimentar Romeu e Julieta, que me recebem com latidos felizes, línguas de fora e rabos abanando enquanto faço carinho. Abraço os dois, aliviada por aqueles corpos quentinhos, doces, por aquele afeto constante que sempre me faz sentir melhor.

Me levanto, os cachorros na cola, e paro no sofá, onde os gatinhos dormem, parecendo pequenas formigas em fila, espalhados pelo comprimento do estofado. Passo a mão pelas costas de cada um, sentindo o pelo macio, os ronronares vibrando. Saudações felinas feitas, sigo para cozinha.

Viggo fecha o livro e abre os braços. Eu entro neles, me encaixo nele até que meus dedos se entrelacem nas suas costas e minha bochecha repouse em seu peito.

— Como você tá, Lu?

— Exausta.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Terapia cansa. Tenho orgulho de você.

— Obrigada. — Sorrio contra o peito dele e suspiro, saboreando o conforto do abraço.

Nas últimas duas semanas, desde a inauguração da loja, a gente tem se comportado direitinho, limitando o toque a abraços e às sessões de filme no sofá. Todo dia, a loja fica cheia do começo ao fim. Eu escrevo de manhã cedo e à noite, enquanto Viggo assa e reabastece a loja. A gente não se beijou nem uma vez. Nem ficou. Digo para mim mesma que é porque estamos ocupados demais, mas sei que não é só isso. Temos nossos momentos de silêncio pela manhã, nossos encontros no sofá antes de dormir. Só que não aproveitamos. Acho que, num acordo tácito, decidimos

respeitar esse espaço – até entendermos o que somos, estamos frágeis demais para correr o risco de ir aonde os beijos nos levam.

Meu olhar escorrega para o romance histórico que ele estava lendo, o casal na capa transbordando desejo no abraço. Não é a primeira vez, desde aquela noite, desde que acordei decidida a consertar minha bagunça, que sinto uma onda profunda de insegurança. Ao fazer terapia, ao escrever o final do livro do jeito que estou, meu objetivo é, antes de tudo, me tornar alguém mais saudável, aberta à cura. Mas também – com certeza – estou tentando ser alguém capaz de ter um relacionamento íntimo e saudável. Com ele.

Só que Viggo não é qualquer pessoa, que quer alguém emocionalmente disponível. Ele é um romântico cheio de ideias, sentimentos, esperanças… por algo que eu nem sei como começar a entender. Como eu vou conseguir atender às expectativas dele?

— Receita nova — ele diz, pegando um prato de cookies. — Cookies de café da manhã, com manteiga de amendoim, gotas de chocolate e aveia. Você disse que estava com vontade de comer algo com chocolate e manteiga de amendoim.

Fecho os olhos com força, segurando as lágrimas que ameaçam descer. Ele é tão doce.

— Estão lindos — sussurro, tentando disfarçar o nó de emoção na garganta. — Obrigada.

Ele encosta o queixo na minha cabeça, carinhoso.

— De nada, Lu.

Fico em silêncio de novo, apertando ele com força. Sei que preciso soltar, seguir com o dia, com amanhã, com as próximas duas semanas. Mas está cada vez mais difícil soltar, cada vez que abraço ele.

Viggo nem se abala com meu silêncio. Seis sessões depois, ele já aprendeu a esperar por isso quando volto da terapia. Fica ali, parado, paciente, me segurando firme, respirando devagar, enquanto eu me agarro nele, calada, a cabeça a mil. Respiro fundo e tento me acalmar, organizar os pensamentos. Não posso me preocupar com o que vai acontecer entre a gente quando eu chegar ao fim do meu caminho. Tenho que focar onde estou agora.

Um passo de cada vez, Linda sempre diz. Repito isso agora, ao me afastar e olhar para ele.

Ele sorri para mim, com aquela energia vibrante de sempre, mas tem algo a mais. Como se estivesse escondendo um segredo que mal pode esperar para contar.

— O que foi? — pergunto.

Viggo puxa o laptop e gira a tela na nossa direção.

— Essas são minhas vendas até agora, nas duas primeiras semanas.

Me inclino para ver a planilha. Um sorriso começa a surgir no meu rosto.

— Viggo. Isso é incrível.

— É. — O sorriso dele cresce, enquanto ele encosta o ombro no meu. — Graças a você.

Reviro os olhos.

— Imagina. A loja é sua. Sua visão ganhando vida. Nem vem me botar nisso.

Ele ri.

— Qualé, Lulaloo. Você fez muita diferença. Se as vendas continuarem assim, no fim do primeiro mês, não tem chance de eu ter conseguido esse lucro se tivesse que pagar funcionário. Mão de obra gratuita não é pouca coisa.

— Não é mão de obra gratuita. É uma troca. Você investiu tempo e conhecimento no meu livro. Está me deixando morar aqui de graça, e nós dois sabemos o quanto custaria dividir o aluguel de um lugar desses. — Aperto a mão dele com força. Preciso que isso entre na cabeça dura dele. — Pare de diminuir o que você conquistou. Você merece comemorar, não minimizar.

O sorriso de Viggo vacila. Ele olha para nossa mão, o polegar deslizando sobre minha pele.

— Ah, mas se eu diminuo o momento feliz e abaixo a euforia, não dói tanto quando, inevitavelmente, vem a decepção e o fracasso.

Franzo a testa.

— Eu entendo isso… *profundamente*. Mas vou te dizer o que a Linda me disse: esse não é um jeito saudável de enxergar as coisas boas da vida.

— Pois saiba que meu terapeuta concorda com a sua e já me falou isso várias vezes também. — Ele dá de ombros. — Não quer dizer que entrou na cabeça ainda. Mas estou trabalhando nisso.

— Isso também… é bem familiar.

Viggo aperta minha mão de volta.

— Trabalhos em andamento, né?

Faço que sim, sorrindo de leve.

— Trabalhos em andamento.

— Falando nisso — ele diz, levando um cookie à boca e dando uma mordida generosa —, quando é que eu vou poder ler o rascunho final?

— Humm, esses parecem bons. — Afastei minha mão e a usei para pegar um dos biscoitos, analisando-o com muito mais intensidade do que fazia sentido.

— Lula — ele implorou.

Deixei o biscoito cair de volta no prato.

— Eventualmente, eu prometo. Só... ainda não.

Viggo mastigou o biscoito, os olhos semicerrados de forma brincalhona na minha direção.

— Tudo bem.

— Agora, com licença — falei —, eu tenho um dia corrido na livraria para me preparar.

— Espera, Lu. — Viggo colocou o resto do biscoito na boca, limpou as mãos e então pegou um envelope. — Isso chegou para você.

Olhei para o envelope, vendo o nome da minha editora e o endereço de retorno... Minha respiração falhou ao ver meu nome acima do endereço dele. Meu peito apertou. Aquilo parecia tão... certo. E estranho. E bom.

Mordi o lábio, virando o envelope.

— Fiquei surpreso de ver uma carta para você — disse Viggo, encostando o quadril no balcão e me dando um espaço respeitoso para abrir a correspondência em privacidade. — Você nunca tinha recebido nada antes.

Dei de ombros.

— Nunca precisei, na verdade. Sem contas de luz. Sem boletos de faculdade — mamãe e papai pagaram minha mensalidade, o que é um baita privilégio, eu sei...

Viggo mudou o peso de um pé para o outro.

— Com certeza. Mas imagino que isso venha com umas cordas complicadas.

— Quem não ama quando os pais tentam comprar absolvição por uma criação tóxica? — Rasguei o lacre. — Todo o resto eu pago e optei por receber digitalmente. Menos isso. Dei seu endereço para o meu agente, caso quisessem mandar exemplares antecipados para blurbs ou assuntos financeiros. Espero que esteja tudo bem.

Viggo ficou em silêncio. Olhei para cima. Ele me observava intensamente.

— Claro que sim, Tallulah, você está morando aqui.

Não por muito tempo, pensei. A menos que eu tenha coragem de pedir para ficar.

Ele se moveu.

— Na verdade, sobre isso, Tallulah. A gente devia conversar. Eu sei que você disse…

Segurei a mão dele com força, apertando firme, e felizmente, ele ficou quieto. Eu sabia que precisávamos ter essa conversa, que evitar era pouco saudável. Mas me convenci de que isso não era uma fuga. Era... uma pausa. Eu estava crua por causa da terapia, lutando contra meus próprios demônios que sussurravam que tentar ter algo bom ia acabar mal. Quero estar pronta para falar sobre nossos planos – quando e como eu sairia –, mas essa conversa está intrinsecamente ligada a nós, e essa é uma conversa que eu ainda não estou preparada para ter.

— A gente definitivamente precisa conversar sobre isso. — Segurei o olhar dele, esperando que ele entendesse o que eu queria dizer. — Só... ainda não, por favor?

Viggo procurou algo nos meus olhos. Finalmente, assentiu.

— Tá bom.

— Obrigada. — Apertei a mão dele mais uma vez antes de soltar e puxar o papel do envelope. Abri a folha e a virei. Pisquei para o número na minha frente.

Meu cheque de royalties por *Isochron*… era enorme.

— O que foi? — Viggo perguntou, o olhar dele percorrendo meu rosto freneticamente, tentando decifrar minha expressão.

Boa sorte para ele. Eu mesma não fazia ideia de que cara estava fazendo, nem do que estava sentindo. Em choque? Atordoada?

Puta merda.

Sempre vivi com o privilégio da segurança financeira, graças aos meus pais ricos e famosos no cinema, o que, com uma doença como diabetes, foi um alívio imenso. Tanto o plano de saúde dos meus pais, que me cobria quando era mais nova, quanto o seguro que eu mesma contratei depois, já tinham negado cobertura do meu monitor contínuo de glicose, da minha bomba, do tipo de insulina que eu uso... até meus médicos brigarem com o plano. Mas graças a essa segurança financeira, sempre consegui pagar o que precisava para me manter viva – um luxo que muitos com a minha doença não têm.

Nunca me faltou o essencial. A faculdade foi paga, meus pais deram uma quantia obscena para cada filho, quando nos formamos, e então meu livro estourou, então nem precisei esperar tanto por um cheque de royalties. Os primeiros cheques foram sólidos. Mas esse... por mais clichê que soe, é um novo mundo.

— Tallulah, você está me assustando.

A voz de Viggo me tirou do transe. Dobrei o papel apertado, depois o coloquei de volta no envelope.

— Boas notícias da editora. Não esperava por isso.

A expressão dele mudou de preocupação profunda para um sorriso largo e radiante.

— Lu, isso é incrível! — Ele me envolveu com os braços, e eu retribuí o abraço com força, apertando bem, fechando os olhos. Lágrimas de felicidade. A primeira vez que lembro de ter chorado assim. Espero que não seja a última.

Me afastando, olhei para ele, com um sorriso surgindo nos meus lábios.

Felicidade.

Senti isso, acendendo em mim. Sim, sou grata por esse cheque, pelo sucesso que ele representa, pela segurança financeira ainda maior que traz. Mas o que me faz sorrir, o que me enche de um calor borbulhante e cintilante, é a alegria de compartilhar esse momento com ele.

Viggo afastou um fio de cabelo colado na minha bochecha molhada de lágrimas, os olhos presos nos meus.

— Eu estou muito orgulhoso de você. Admiro seu esforço, seu sucesso. Mas, mais que tudo... fico feliz por ver você feliz.

Meu sorriso se abriu ainda mais.

— Obrigada.

— Esse sorriso — ele sussurrou. O olhar fixo nos meus lábios. — Isso é uma coisa linda.

A cabeça dele desceu. A minha se inclinou para cima. Nossos narizes se tocaram quando me pus na ponta dos pés. Aquele acordo silencioso de não nos beijarmos estava prestes a ir para o espaço.

Mas então o celular dele tocou, nos assustando.

Levei a mão ao peito, o coração disparado.

— Desculpe — disse Viggo, pegando o celular no bolso. — Freya ainda tem oito semanas pela frente, mas eu fico preocupado…

— Atende, por favor.

Viggo olhou a tela e sua expressão se apagou.

Agora era minha vez de me preocupar, de torcer as mãos, tentando entender o que ele estava sentindo.

— Viggo? O que foi?

Ele engoliu seco.

— É Donnie. Ele... está ligando. Ele normalmente só manda mensagem.

Seis semanas atrás, provavelmente eu teria feito alguma piada sarcástica sobre como ele estava tratando a atualização do carro como se fosse algo sério. Mas agora eu sabia que, no último mês, enquanto Viggo esperava notícias de Donnie sobre peças, sobre o que podia ser feito para salvar o carro, a preocupação dele só crescia. Agora eu sabia que o Ashbury era muito mais que um carro ao qual ele tinha apego. Era o carro que o levava para cima e para baixo de Escondido enquanto ele construía um sonho naquela mente brilhante, enquanto fazia entregas dos doces que vendia, enquanto ia de bico em bico durante o dia, e ainda dirigia até os pais à noite e de madrugada para assar mais e guardar dinheiro, sempre trabalhando para transformar o sonho em realidade.

— Atende — falei. — Eu posso te dar espaço, se quiser.

Já estava recuando quando Viggo segurou meu pulso, firme.

— Fica, por favor.

Congelei, depois dei um passo lento na direção dele.

— Tá bom.

Os dedos dele entrelaçaram com os meus. Ele atendeu com a outra mão, levando o celular ao ouvido.

— Oi, Donnie.

Não consegui ouvir o que Donnie dizia. Mas vi o rosto de Viggo cair. Vi ele se recompor e forçar um sorriso tranquilizador na minha direção.

Olhei para ele, ainda segurando sua mão, enquanto ele agradecia ao Donnie e desligava. Eu já sabia que era uma má notícia. A pior.

Ele engoliu em seco ao guardar o celular. Apertei sua mão.

— Viggo — disse baixinho.

Não precisei dizer mais nada. Ele sabia que eu sabia. Acho que ele ficou grato por não ter que colocar em palavras. Talvez tornasse mais fácil fingir que estava tudo bem, quando claramente não estava. Eu estava

prestes a insistir, a dizer que tudo bem chorar porque o carro morreu, que pela primeira vez eu podia ser quem segurava ele enquanto ele desabava.

Mas ele deu um passo para trás antes que eu encontrasse coragem.

— A loja abre em cinco minutos — disse. — Melhor eu ir lá preparar tudo.

— Tá. Já vou. — Cruzei as mãos na frente do corpo, observando ele sair, com Romeu e Julieta trotando atrás dele pela porta da loja, antes de ele fechá-la com um clique suave.

Mordi o lábio, o coração apertado por ele. Eu faria qualquer coisa para fazer ele se sentir melhor, para consertar isso. Mas não se conserta um carro inconsertável.

A não ser que…

Peguei o celular e abri o navegador, procurando a oficina de Donnie e o telefone. Donnie atendeu, e depois que me apresentei e expliquei porquê estava ligando, minhas suspeitas se confirmaram.

Ashbury não era inconsertável. Só era caro demais de arrumar, pelas peças que seriam necessárias para ele voltar a funcionar.

— Eu me sinto péssimo — disse Donnie na linha. — Fui um covarde. Já sabia há duas semanas que era esse o caso, mas fiquei tentando achar uma saída. Eu sei o quanto ele ama aquele carro, e olha, ele sempre foi um príncipe desde que o conheço. Queria poder ajudar. Ele merece. Eu devo muito a ele.

Franzi a testa, confusa, antes de lembrar que Donnie não podia me ver.

— Como assim?

— Ele morava no apartamento ao lado do meu pai. Eu estava ocupado com umas reformas na oficina na época, não aparecia tanto quanto devia. Meu pai tinha uma doença cardíaca que escondeu de mim, orgulhoso

demais, não queria ajuda; mas tinha consultas, remédios para pegar. Viggo levava ele para tudo, no Ashbury, até ser internado. Depois, morreu.

Um nó se formou na minha garganta.

— Isso é a cara do Viggo.

— Nos aproximamos no funeral, trocamos contato. Ofereci uma revisão no carro como forma de agradecimento. Ele não queria, mas eu insisti. As revisões viraram cerveja, janta em casa. Quando minha esposa sofreu um acidente, ele me ajudou sem parar com as adaptações para deixar a casa acessível. Eu faria qualquer coisa por ele, até consertar de graça…

— Mas as peças — completei. — Elas são caras demais.

O suspiro dele foi pesado na linha.

— Isso. Me sinto péssimo. Estava esperando ter um mês bom para bancar, mas não consegui.

— Isso é muito gentil, Donnie, mas Viggo nunca deixaria você fazer isso por ele.

— Não quer dizer que ele não mereça — disse Donnie, com a voz embargada de emoção.

Olhei para o envelope sobre o balcão. O envelope com meu cheque de royalties.

— Donnie, será que você pode me dizer quanto custariam as peças e a mão de obra?

— As peças eu digo, mas não tem chance no céu de Deus que eu vá cobrar de alguém para consertar o carro de Viggo Bergman, então pode esquecer isso.

Sorri.

— As peças, então. Quanto seria?

Donnie disse um número que me fez entender perfeitamente a expressão de Viggo. Era muito dinheiro para investir em consertos

paliativos de um carro que, na lógica, já devia ter ido para o ferro-velho.

Mas todos os carros não estão eventualmente destinados ao ferro-velho? E quem pode dizer que tipo de nova vida é possível, com um pouco de tempo, amor e força de vontade? Nada é irrecuperável. Eu preciso acreditar nisso. Por Ashbury. Por mim mesma.

— Donnie — pergunto, batucando com o envelope no balcão, um sorriso aquecendo meu rosto —, quanto mais, não só para consertar aquele carro, mas para deixá-lo como novo?

VINTE E OITO

Viggo

Playlist: “Cherry Wine - Ao Vivo”, Hozier

Eu não consigo dormir. Nunca fui de dormir profundamente ou por muito tempo – meu cérebro costuma me acordar no meio da noite, fervilhando de ideias, meu corpo inquieto, querendo fazer algo com elas. Mas, nas últimas duas semanas, tudo ficou pior como nunca antes.

Mal consegui dormir, mesmo com os dias sendo exaustivos – a livraria mais movimentada do que eu jamais ousei esperar; treinos de futebol com as crianças às quartas, depois que a loja fecha, e jogos nas manhãs de sábado, antes de abrir; acordar cedo para assar coisas e me preparar para o dia seguinte tarde da noite; tudo isso com Tallulah ao meu lado, na loja, no campo, no sofá, digitando sem parar no laptop dela.

Mas não importa o quanto eu esteja cansado, porque minha cabeça não para de girar em torno do que vem pela frente, do que eu venho temendo – o fim do nosso acordo, o fim de sermos colegas de quarto, colegas de trabalho, de dividirmos a vida e a casa.

E a Tallulah ainda não está pronta para falar sobre isso.

Nas últimas duas semanas, tenho acordado no meio da noite, encarando o teto, tentando lembrar do que prometi a ela, do que a gente combinou, quando dissemos que queríamos tentar, juntos, ver onde isso tudo daria – sem obrigações, sem prazos.

Mas estou aprendendo, do jeito mais difícil, que às vezes as coisas parecem boas na teoria, mas na prática... são um desastre.

Mais uma noite de insônia, me pego sentado na escuridão da sala, às duas da manhã, tricotando o cobertor do bebê Bergman-MacCormack número três, embalando na minha cadeira de balanço, fones de ouvido ligados enquanto ouço a releitura de um dos meus romances históricos favoritos – um dos lados meio solto para eu conseguir ouvir os cachorros no fim do corredor, caso eles comecem a latir no meio da noite, como às vezes acontece. Não quero que acordem Tallulah, que tem se desgastado demais, trabalhando comigo o dia todo na loja, escrevendo à noite, acordando cedo comigo de manhã, dividindo o café e os planos para o nosso dia.

— Capítulo vinte e dois — anuncia Mary Jane Wells.

Murmuro um palavrão e toco a seta de voltar no aplicativo. Me perdi em meus pensamentos. Perdi o capítulo inteiro. Tem acontecido muito. É assim que estou mal. Nem consigo me concentrar num romance.

Tô um caos.

Justo quando o capítulo recomeça, Julieta entra trotando na sala, com o Romeu atrás. Ela dá um ganido e corre pelo corredor, na direção do quarto de Tallulah.

Franzo a testa, largando as agulhas e o cobertor pela metade, tirando os fones de ouvido. É quando escuto o que deve ter atraído Julieta: um apito agudo e suave vindo do quarto de Tallulah.

Meu coração dispara. Sei o que esse apito significa. Já vi o celular de Tallulah apitar – o aplicativo conectado ao monitor contínuo de glicose dela – e ela me explicou que aquele som avisa quando os níveis estão muito altos ou muito baixos. Disse que, se eu ouvir o apito durante a noite e ele não parar, posso bater na porta e garantir que ela acordou, antes que piore.

O apito para – um pequeno alívio. Percebo que estou prendendo a respiração, então solto o ar com força, forço meu corpo a inspirar devagar e profundamente. Conto os segundos, ouvindo com atenção, tentando não me

desesperar. Ela só disse para eu intervir se o apito continuar, mas... e se o aparelho falhou? E se ela ainda não estiver bem?

Começo a tirar o tricô do colo, puxando os fones de onde estavam apoiados no meu pescoço, quando escuto o som abafado de choro – Tallulah chorando. Disparo da cadeira, corro pelo corredor, passo pelos cachorros. Bato firme na porta dela.

— Lula? Está tudo bem?

A voz dela responde na mesma hora, mas fraca e rouca.

— S-sim.

Encosto a testa na porta, soltando o ar com força. Alívio por ela ter respondido, por estar bem o bastante para dizer que está bem. Mas, ao mesmo tempo, a ansiedade me consome. Ficar parado aqui, com uma porta entre nós, com só aquela confirmação trêmula... não parece suficiente.

— Lula — digo, alto o bastante para ela me ouvir — Posso...

Engulo em seco, depois respiro fundo.

— Posso entrar?

Silêncio por um segundo. Depois, outra resposta rouca e instável:

— Sim.

Abro a porta na hora e corro até ela. Ela está deitada de lado, encolhida na cama, o cabelo azul espalhado no travesseiro, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto segura uma caixinha de suco e suga o canudinho com força. Meu coração despenca até a sola dos pés.

— Lula. — Me ajoelho ao lado dela.

Ela funga enquanto me aproximo. Quero tocá-la, fazer alguma coisa, ajudar de alguma forma, mas não sei o que seria bom, o que poderia piorar.

— Eu estou bem — murmura. O som do suco acabando ecoa pelo quarto.

Olho para ela, minha mão indo devagar pelo lençol até a dela, que está largada ao lado do corpo.

— Posso... — olho nos olhos dela — Posso fazer algo? Ajudar?

O mindinho dela roça no meu, depois se entrelaça devagar. Exausta, ela estende a caixinha de suco para mim. Pego e deixo no criado-mudo.

Ela tateia o colchão até achar o celular, destrava, olha o aplicativo e suspira.

— Balas? — pergunta baixinho. — Na gaveta do criado-mudo?

Aliviado por ter algo para fazer, por poder ajudar de algum modo, me viro e abro a gaveta, puxando um pacotinho de balas de goma.

— Mais um — ela pede, quase sussurrando. — Por favor.

Pego outro pacote, coloco os dois na cama. Abro um e entrego para ela. Ela enfia a mão no pacote, joga tudo de uma vez na boca. Fecha os olhos enquanto mastiga, soltando um suspiro pesado. Parece tão... cansada. Tão esgotada.

Meu peito aperta. Com cuidado, solto o mindinho e envolvo a mão dela com a minha.

— Assim está bom? — eu sussurro.

Ela responde com um leve aperto. Os cães soltam ganidos na porta. Olho para trás e vejo Romeu e Julieta esperando, obedientes, no batente, os olhos fixos nela.

Tallulah também os vê e sorri fraco, depois levanta a mão e os chama. Eles correm e passam por cima de mim, enfiando os focinhos na mão dela, lambendo com carinho.

Ela volta a fungar. O sorriso cansado desaparece, e novas lágrimas surgem nos olhos dela.

— Lula, o que eu posso fazer? Quer mais balas?

Ela assente. Abro o segundo pacote. A mão dela se afasta dos cachorros só para fazer o mesmo de antes: pega tudo e joga na boca. Ela fecha os olhos de novo, suspira, mastigando devagar.

Os cães cheiram os pacotes vazios, a mim, a ela. Faço carinho na cabeça deles para acalmar.

Ela engole, depois suspira e se deita de costas. Os cachorros parecem relaxar com ela, se deitando ao lado, soltando suspiros contentes.

Devagar, Lula vira a cabeça na minha direção e cruza o olhar comigo.

— Obrigada — sussurra.

Ainda segurando a mão dela, acaricio os dedos com o polegar.

— Não me agradece por isso, Lu.

Ela fecha os olhos. Mas seu aperto se intensifica. Os olhos se abrem de novo, cravados nos meus.

— Fica? — sussurra.

Ela não precisa pedir duas vezes. De joelhos, começo a me ajeitar no chão para sentar ao lado da cama, mas ela puxa minha mão.

— Aqui — diz, indicando o espaço vazio do outro lado da cama — Se não se importar.

Olho do espaço vazio para ela.

— Tem certeza?

Ela assente, os olhos fechando de novo.

— Uhum.

Subo com cuidado na cama, por cima dos lençóis. Me deito de lado, apoiando a cabeça no braço dobrado, observando-a. Tallulah se vira e se aninha em mim, encostando a cabeça no meu braço também.

— Me abraça? — pede.

Envolvo o braço ao redor dela, acariciando devagar suas costas.

— Assim está bom?

Ela assente.

Sinto as lágrimas dela antes de perceber que ela voltou a chorar. Está tão quieta, tão imóvel nos meus braços. Paro de acariciar e me afasto só o suficiente para olhar em seu rosto, levando o polegar com delicadeza até debaixo dos olhos dela, enxugando as lágrimas.

— Lula — eu sussurro.

Queria dizer tanto. Que sinto muito que ela passe por isso. Perguntar se ela está mesmo bem. Dizer que me parte ver ela assim, chorando, e que eu trocaria de lugar com ela se pudesse. Mas despejo tudo naquele sussurro *Lula*, na escuridão, e de algum jeito eu sei que ela entende.

Ela me olha, suspira tremendo, mais lágrimas se formando.

— Eu só fico tão cansada, porra — murmura — Cansada desse pod estúpido descolar e ferrar tudo. Cansada de acordar com hipoglicemia. Cansada de ficar com hiperglicemia do nada, num dia que estava indo tão bem, sem motivo nenhum. Cansada de tentar fazer tudo certo e mesmo assim essa doença conseguir puxar meu tapete. É sufocante, não tem escapatória. E é solitário, tão solitário, quando só eu entendo, só eu carrego esse peso, essa imprevisibilidade. Eu estou tão cansada...

A voz dela falha, e ela se aninha mais em mim.

— Sinto muito, Lula. — Apoio o rosto na cabeça dela, voltando a acariciar suas costas. — Não consigo imaginar o quanto é difícil, o quanto deve ser exaustivo. Eu sei... nunca vou entender de verdade como é ser você, como é viver com isso, mas... se tiver qualquer maneira de eu carregar um pouco disso com você, se contar mais, me mostrar, se depender mais de mim para ajudar em algo... eu... eu quero fazer isso. Seria... uma honra.

Ela funga, encostando a testa no meu peito.

— Falar assim, às vezes, já ajuda. Ajuda você não ter surtado agora, vendo minha glicose baixa; você me deu o que eu precisava, ficou, ainda... está aqui.

— Claro que estou. — Abraço-a mais forte, meu braço ao redor da cintura dela, e ela dá um pulo.

— Cuidado com meu pod. — Ela se afasta rápido e levanta a blusa.

— Merda, desculpa, Lu. — Um nó se forma no meu estômago. Será que descolei o adesivo? Piorei as coisas?

A mão dela vai até o disco colado na barriga. Ela passa os dedos na borda do adesivo. Depois, se inclina para trás, pega o PDM no criado-mudo e clica nas opções.

— Tudo certo. Tá ok.

— Tem certeza? Desculpa mesmo, Lu, era a última coisa que eu queria...

A mão dela aperta a minha.

— Está tudo bem. Prometo.

— E sua glicose? Está normal agora também?

Tallulah confere o celular, abrindo o aplicativo. Ela franze a testa, concentrada. Seu rosto relaxa um pouco antes de ela colocar o celular e o PDM de volta no criado-mudo.

Ela se aproxima de novo, me encarando.

— A glicose também está boa. — Seguro seu olhar enquanto ela pega minha mão, até estarmos perto do pod. Com cuidado, ela guia meu dedo pela borda do adesivo. — Tudo seguro e no lugar — sussurra. — Você não tirou ele do lugar.

Engulo em seco, tomado pela emoção, enquanto ela repousa minha mão em seu quadril e encaixa a coxa entre as minhas. Nossos olhos continuam presos enquanto deslizo minha mão devagar do quadril dela até

as costas, num movimento suave. Sinto alívio por não ter machucado ela. Fico completamente abalado por essa confiança e sinceridade que ela está me oferecendo, me contando como tudo isso é difícil, me mostrando um lado novo da vida dela, algo tão íntimo.

— Eu queria poder fazer alguma coisa — eu sussurro. — Qualquer coisa para melhorar isso para você, Lu.

Tallulah me encara e sorri de leve. Pisca, afastando as lágrimas.

— Você está fazendo. Eu te falei, isso melhora. Você me entendendo, ajudando, estando aqui.

— Não parece suficiente — eu murmuro, com a voz rouca, piscando para conter minhas próprias lágrimas.

— Mas é — ela sussurra. E então fica em silêncio por um momento, os olhos examinando meu rosto. Um leve sorriso curva seus lábios.

— Seu cabelo está uma visão e tanto.

Não tiro a mão do quadril dela, nem me dou o trabalho de ver quão ridículo ele deve estar.

— Cabelo de fone. Eu estava ouvindo um audiolivro.

Ela franze a testa.

— Não conseguiu dormir?

Balanço a cabeça.

A expressão dela se fecha com incerteza.

— Talvez você queira voltar para o seu audiolivro agora. Eu não devia... não devia te prender aqui.

Encaro ela, minha mão deslizando de novo pelas costas dela.

— Você não está me prendendo. É uma releitura, de qualquer forma. Então... eu posso ficar. Se... você quiser. — A ansiedade me vence, me faz tagarelar, com medo de que o silêncio dela signifique exatamente o que eu mais temo, que ela não precisa de mim, que não me quer aqui, que eu fui

longe demais. — Além disso, faz tempo que eu não durmo no lado direito da cama. Gosto de variar, sabe? Ultimamente ando dormindo só do lado esquerdo. O lado esquerdo da cama tem uma energia muito específica, sabe como é?

Ela solta uma risadinha.

— Você está tagarelando.

Minhas bochechas queimam enquanto faço uma careta.

— Eu estou mesmo.

Ela leva a mão até meu cabelo e passa os dedos por entre os fios.

— Você faz isso quando está nervoso.

— Infelizmente, sim.

Ela segura meu olhar.

— Eu também estou um pouco nervosa. Nunca dividi uma cama com alguém. Mas... eu quero. Com você. Se... você quiser.

Abro um sorriso imenso para ela.

— Eu quero.

— Só não se apega demais ao lado direito da cama — diz ela, fechando os olhos e se aconchegando em mim.

Meu estômago aperta com a possibilidade do que ela quis dizer. Que ela não vai querer isso de novo, que é só dessa vez…

— Eu preciso trocar de lado — ela diz, mais baixo, a respiração doce e quente contra meu pescoço. — Quando eu troco o lado do corpo onde fica o CGM e o pod, eu tenho que dormir do outro lado da cama.

Um sorriso ridiculamente largo se espalha no meu rosto. Fecho os olhos e encosto o rosto no topo da cabeça dela.

— Bom, então sorte a sua de ter achado um expert em abraçar que valoriza os méritos dos dois lados do colchão.

Que quer te segurar e te consolar pelo tempo que você me permitir.

Sinto o sorriso dela contra minha pele, suave e sonolento.

— Sorte minha mesmo.

—

— Está pronto para ir? — grita Tallulah, da cozinha.

— Quase! — eu grito de volta, do meu quarto, subindo o short de futebol pelas pernas.

— A gente vai se atrasar!

Franzo a testa, olhando para o celular.

— Não vamos, não!

Tallulah aparece no corredor, batendo na minha porta. Abro. Ela me tira o fôlego. Como sempre. Calça capri cinza-claro, camiseta amarela do time colada no peito e na barriga macia, cabelo preso num coque bagunçado azul vibrante.

— Vamos sim. Nosso jogo hoje é às nove, não às dez.

— Merda. — Passo por ela correndo, até onde deixei minhas chuteiras e meiões em cima da cômoda.

— A gente vai dar conta — ela me tranquiliza, com as mãos nos quadris. — Só precisamos continuar nos mexendo.

Sinto aquela vergonha e frustração familiares de ter perdido a noção do tempo, algo que me persegue desde que me entendo por gente.

— Eu sei, mas a culpa de estarmos correndo agora é minha.

— Ei. — A voz dela me faz levantar a cabeça e olhar para ela. Tallulah entra no meu quarto, ignorando minhas pilhas esquisitas de coisas organizadas de forma... peculiar. Ela segura minha mão. — Pega leve com você mesmo. É nosso primeiro jogo às nove da manhã. Você tem estado muito ocupado ultimamente; é fácil perder uma mudança dessas quando sua

cabeça está cheia. E, além disso, fui eu quem bagunçou nossa rotina hoje cedo.

— Lula, não…

Ela põe um dedo nos meus lábios.

— Fui eu sim. Não estou julgando. Só apontando um fato. Você... — Ela busca meus olhos. — Você cuidou de mim com tanto carinho ontem à noite. E aí nós dois acabamos dormindo até mais tarde. Isso quebrou nossa rotina normal de café e organização do dia.

Olho para ela, com o peito apertado, as mãos querendo tocá-la, puxá-la para perto, beijá-la com força.

— Obrigada de novo — ela diz. — Por ter cuidado de mim ontem.

Sorrio contra o dedo dela, suave.

— Obrigado por confiar em mim para cuidar de você.

Quando o dedo dela se afasta, nossos olhos se prendem do mesmo jeito que estavam de manhã, quando acordei e vi que ela também estava abrindo os olhos, os cílios escuros piscando, os olhos cor de âmbar iluminados pela luz do sol. Ficamos ali em silêncio por alguns segundos, só nos olhando, até Tallulah se sentar devagar, apertar minha mão e sussurrar “Obrigada”, antes de sair da cama rumo ao banheiro, sem me dar tempo de responder.

— Você é um cara bom, Viggo Bergman. — Ela segura meu rosto, o polegar deslizando pela linha da minha barba. — Mesmo que não saiba usar um barbeador.

Dou uma risada baixa, encarando ela.

— Deixe a minha barba em paz.

— Nunca. — Ela sorri, doce e atrevida, com um brilho maroto nos olhos. — Agora vamos. A gente tem um jogo para ganhar.

Ganhamos o jogo da semana passada, por pouco. E eu sinto que vamos ganhar esse também.

— Vamos lá! — grita Tallulah, com as mãos em concha, antes de bater uma palma. — Faltam dois minutos, amarelinhos! Deem tudo de si em campo!

Mordo o lábio, sorrindo para ela.

Coque azul bagunçado, óculos aviador, apito no pescoço. Camiseta amarela que a faz parecer um raio de sol.

Ela é perfeita. Aqui, nesse momento. Em cada canto da minha vida.

Meu sorriso vacila. Porque é isso. O fim de semana do casamento de Charlie. O fim do nosso acordo. E mesmo assim, ela não disse nada.

Estou prestes a explodir de tanto esperar, de tanto não saber, da porra da agonia de querer essa mulher, sabendo o quanto ela significa para mim, e desejando ser importante para ela também, sem ter ideia do que ela sente.

Mesmo que tanta coisa me faça ter esperança.

As noites tranquilas, com os pés dela enfiados debaixo da minha coxa enquanto ela encara o laptop, revisando e revisando. Sorrisos por cima das xícaras de café e beijos rápidos na minha bochecha quando ela sai cedo para a terapia. Promessas de “mais uma vez” – com minha sobrinha, na próxima temporada do nosso pequeno time de futebol, mês que vem com o clube do livro de romance que ela fica rondando.

Me agarro a essa esperança, mas parece uma coisa tão frágil para me manter à tona nesse mar revolto de incertezas.

— Treinador Viggo — diz Joaquin ao meu lado, ofegante depois de sair de campo.

Olho para ele.

— Fala, Joaquin.

— Valeu por trazer a Treinadora Tallulah. A gente precisava dela.

Sorrio.

— Foi a própria Treinadora Tallulah que veio. Não posso levar o crédito. Mas concordo, a gente precisava dela.

— É isso! — grita Tallulah, passando por mim na lateral do campo, enquanto Cooper avança com a bola. — Passa — ela murmura, os olhos colados no jogo, acompanhando Maddison, que corre para o espaço livre, como treinamos, cuidando para não ficar impedida. — Passa para ela.

Cooper e eu já conversamos sobre essa mania dele de não passar a bola. Ele não se convenceu muito. Tallulah interveio naquele treino, abaixou até a altura dele e falou algo que deixou o menino de olhos arregalados, balançando a cabeça com convicção, antes de sair correndo. Acho que ela conseguiu. Espero que sim. Porque o outro time sabe que Cooper gosta de chutar sozinho, então está todo mundo em cima dele. E Maddison está completamente livre.

— Passa — Tallulah resmunga, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Coop — grito, com as mãos em volta da boca. — Jogue em equipe, cara!

Ele levanta a cabeça ao me ouvir, olha para Tallulah do outro lado do campo e arregala os olhos de novo, dá um toque na bola e chuta na direção de Maddison.

Agarro o braço de Tallulah, surpreso que funcionou, vidrado no que está acontecendo.

Maddison recebe a bola bem, dá um toque à frente e corre atrás.

— Rasteiro e no canto — murmura Tallulah, agarrando a barra da minha camisa, os olhos em Maddison. — Chuta rasteiro e no canto. — Ela

repete várias vezes, enquanto Maddison se aproxima do gol e chuta, passando pela defensora.

— Domina, apoia, bate forte — sussurro, os três passos que ensinei mil vezes para acertar bem na bola.

A mão de Tallulah escorrega para a minha e aperta com força.

Maddison domina, apoia o pé direito, e chuta com o esquerdo – rasteiro e no canto. A bola cruza a linha, passando pela goleira.

— ISSO! — grita Tallulah, pulando e me puxando junto pela mão.

O apito do juiz soa. Tempo encerrado. Fim de jogo. A gente ganhou.

— Sim! — Tallulah grita de novo, correndo para o campo em direção às crianças, que se aglomeram ao redor dela, pulando, gritando, com os braços erguidos e sorrisos tão largos quanto o próprio campo.

Normalmente, eu não sou fã de comemoração exagerada. Minha mãe sempre ensinou a gente a ser vencedor com calma e classe. Mas esse time contra o qual a gente jogou hoje... jogaram sujo, deram entrada atrasada, rasteira, puxaram camisa – e o técnico deles é um idiota. Não me sinto nem um pouco mal por comemorar.

Corro até o campo e me junto a eles. Um monte de crianças gritando felizes entre a gente, sorrio para Tallulah. Ela sorri de volta, o rosto corado, feliz, o sol batendo nos olhos dela. A vontade de beijá-la me consome.

A adrenalina da vitória dura enquanto fazemos a nossa reunião pós-jogo, elogiando o esforço e o espírito esportivo das crianças, depois colocamos as mãos juntas uma última vez, gritando o nome do time. Vejo os pequenos se dispersarem com seus pais e responsáveis, e começo a guardar o equipamento na minha mochila de técnico – luvas minúsculas de goleiro, bolsas de gelo descartáveis, kit de primeiros socorros, coletes de aquecimento, algumas garrafas extras de água.

Quando me endireito, vejo Tallulah me encarando, os olhos semicerrados contra o sol.

— O que foi, Lu? Nós estamos no horário para o voo?

Ela sorri.

— Sim, estamos tranquilos.

Sorrio de volta. Esses momentos são o que me abastecem, o que me faz seguir em frente. Planos compartilhados, caronas para casa, um voo juntos para o casamento. É uma sensação boa. Certa.

Mesmo que ainda não tenha nome.

— Vamos indo, então — ela diz. — Quero fazer uma parada rápida no caminho para o aeroporto.

— Quer ir agora? Por mim tudo bem, se for mais fácil.

— Não! — ela solta, antes de suavizar a expressão.

Franzo a testa, confuso.

Ela sorri de novo, encaixando a garrafinha dela no suporte na lateral da minha mochila, e puxando as chaves do bolso da frente.

— Primeiro, eu quero ir para casa.

Fico olhando enquanto ela caminha em direção à Vespa, a palavra ecoando no ar, aquecendo meu peito.

Casa.

VINTE E NOVE

Tallulah

Playlist: “Without You”, Lana Del Rey

Aqui estamos nós, de volta ao chalé em forma de A, fechando o ciclo.

A casa vibra com uma vida que agora está mais suave, com os pequenos sendo colocados na cama, portas fechadas com cuidado, luzes abaixadas, vozes sussurradas. Está tudo calmo e sereno, com o chão rangendo, pratos tilintando suavemente enquanto são lavados (para minha profunda irritação, fui proibida de ajudar na limpeza por ser a irmã da noiva). Uma janela é aberta; alguém ri baixinho.

Os sons de uma família encerrando o dia.

Consigo entender porque Charlie e Gigi quiseram se casar aqui, além da nostalgia de ser o lugar onde ficaram noivas. Cercados por uma família que agora é delas também, numa casa cheia de amor e memórias. Parece uma invocação, uma esperança para o futuro delas, para começar a vida de casadas num lugar como esse.

Solto um gemido ao esticar os braços para cima, um lado, depois o outro, tentando aliviar os nós do corpo por causa do voo. Viggo e eu viemos direto do aeroporto para o modo “preparativos” do casamento de amanhã, seguido pelo ensaio, que foi breve e tranquilo, e depois o jantar, que foi delicioso, barulhento, caótico e absolutamente perfeito. Essa é a primeira vez desde que chegamos que sinto que posso respirar, sabendo que minha irmã tem tudo o que precisa, tudo do jeitinho que ela queria para amanhã – eu verifiquei três vezes. Sinto uma responsabilidade única, não só porque

sempre fui protetora com ela, mas porque sou a única da nossa família aqui agora.

Harry, para meu alívio, se internou numa clínica de reabilitação. Estamos trocando e-mails desde que ele me escreveu pela primeira vez, compartilhando suas dificuldades, um pedido de desculpas pelos modos como seu comportamento me machucou e assustou. Eu me abri também, contei sobre minhas próprias lutas. Conversamos sobre como a terapia é difícil, sobre o quanto é doloroso curar partes de nós que endurecemos para nos proteger.

Mamãe e papai também não estão aqui, mas vêm amanhã. Charlie disse a eles que estavam convidados para o casamento, mas que não fariam parte dele. Não posso dizer que estou animada para vê-los amanhã, considerando como deixamos tudo, mas estou começando a aprender que coisas difíceis sempre têm que começar de algum lugar, mesmo que pequenas. Só de vê-los amanhã, compartilhar o dia da Charlie, acho que já vai ser tudo o que consigo aguentar. Espero que seja tudo o que eles vão me pedir, porque, se não for, vou ter que impor um limite firme – uma habilidade que ainda estou aprendendo a cultivar.

Mas esse é um problema da Tallulah de Amanhã. Por agora, finalmente, sinto que posso desacelerar e apenas... existir.

Precisando de um pouco de silêncio para pensar e processar, caminho pelo corredor do primeiro andar, absorvendo as fotos de família. Viggo e Oliver, cabelo escuro e claro, os mesmos olhos azul-claro, joelhos magrelos e sorriso aberto; Ziggy, com seu cabelo ruivo e sardas, espremida entre eles, olhos verdes semicerrados enquanto sorri. Elin e Alex, os pais de Viggo, no dia do casamento deles; Elin, cabelo loiro, quase branco, olhos azul-gelo, sorriso de Mona Lisa; Alex, cabelo ruivo, olhos verde-vivos, com uma expressão de quem ganhou na loteria. Freya, a mais alta, com as cores da

mãe; Axel, cabelo castanho, olhos verdes do pai, magro e quase da altura da irmã; Ren, mais baixo, mais encorpado, olhos azul-gelo, sardas e sorriso largo; Ryder, cabelo loiro despenteado, olhos verdes brilhantes, uma pá na mão, todos de pé na praia, olhos semicerrados contra o sol, um castelo de areia épico em primeiro plano, Elin ao fundo, suavemente fora de foco, barriga arredondada... esperando Viggo.

Toco o vidro da moldura, traço a curva da barriga dela. Foi aí que ele começou, como começou – com amor. Tanto amor.

Engulo o nó na garganta, sigo pelo corredor, e paro diante de uma foto espontânea de Viggo menino, em cima de uma árvore, encostado no tronco, pernas longas penduradas no galho em que está sentado, um livro nas mãos.

As lágrimas vêm aos meus olhos.

Aqui, nesta casa, com toda a família dele, na noite antes do casamento da minha irmãzinha, estou sentindo tanto. E, pela primeira vez, não me ressinto disso. Na verdade, anseio por isso, como se eu tivesse vivido minha vida prendendo a respiração, inspirando só o mínimo necessário para sobreviver, mas agora o ar está limpo, livre, pronto para eu respirar fundo.

— Ei, Tallulah.

Dou um pulo, assustada. Rooney. Alta, cabelo loiro-mel caindo pelos ombros, olhos azul-esverdeados e um sorriso amplo e ensolarado.

— Desculpa por te assustar — ela diz. — Estava voltando do banheiro e te vi aqui. Achei que podia ver como você estava.

Sorrio de leve.

— Que gentil da sua parte. Eu estou bem. — Viro um pouco, olhando a parede de fotos. — Só... absorvendo tudo.

Rooney se posiciona ao meu lado, a mão indo para a curva suave da barriga, que eu apostaria ser uma barriguinha de gravidez, considerando o resto do corpo esguio dela, mesmo sem ter ouvido nada de Viggo. Não digo

uma palavra. Já me perguntaram o suficiente sobre "pra quando é" para eu acreditar firmemente que, em hipótese alguma, se deve perguntar isso a alguém. Essa é uma notícia que a pessoa compartilha, se quiser.

— É muita coisa — ela diz, olhando as fotos. — Para absorver.

Olho para ela de lado.

— Foi para você?

— Ah, com certeza. — Ela ri baixinho. — Eu queria muito isso, o amor da família deles, essa proximidade. Mas às vezes era meio agridoce, me lembrava de tudo o que eu não tinha. Eles sempre foram muito acolhedores, e eu me sentia muito em casa com eles, mas mesmo assim, eu me preocupava que nunca fosse realmente me sentir parte disso tudo.

— Sério? — Viro de frente para ela.

Ela também se vira, me encarando.

— Absolutamente.

Engulo em seco, tentando segurar as lágrimas.

— E esse medo... passou?

— Passou. — Ela sorri. — Pouco a pouco.

— Como? — eu sussurro.

Ela olha de novo para as fotos, uma imagem de close que acho que é Axel desenhando na mesa de jantar, com a língua de fora, em concentração.

— Tempo. Me abrir para eles. Mas principalmente tempo. Até que, um dia... percebi que, pros Bergmans, eu já era uma deles. Que eles tinham aberto os braços e o coração para mim, e que, quando fazem isso, fazem de forma completa, sem reservas. Eu não tinha nada a provar, nenhum lugar a conquistar. O amor deles, esse pertencimento, sempre esteve ali, esperando que eu enxergasse.

— Assino embaixo. — Nós duas nos viramos, assustadas com a nova voz. Willa, esposa de Ryder, cabelo castanho selvagem preso no alto da

cabeça, físico compacto de jogadora de futebol, se aproxima, sorrindo sem graça. — Desculpe. Não pude deixar de ouvir. Só queria dar meu pitaco. — Ela aperta minha mão, um gesto que, há poucos meses, eu teria recusado, mas depois de tantos toques gentis e carinhosos de Viggo, eu me inclino para ele. Aperto de volta. — Rooney está certa — diz ela. — Você não tem nada a provar. Mas vou te dizer, pela minha experiência, que pode levar tempo para confiar nisso, para se sentir segura nisso. Seja gentil consigo mesma nesse caminho. Esse conforto vai chegar.

— Terceiro voto — diz uma nova voz. Nós todas giramos.

Frankie, esposa de Ren, está ali, alta, cabelo escuro preso num rabo de cavalo, um bebê sonolento num braço, a bengala na outra mão.

— Lucia! — Rooney exclama, abrindo os braços e pegando o bebê dela.

Frankie dá um passo a mais, depois se encosta na parede, a bengala apoiada entre as pernas.

— Tem alguns membros faltando, por enquanto, mas bem-vinda à ala disfuncional dos Bergmans.

— Frankie! — Willa resmunga.

— O quê? — Frankie dá de ombros, me encarando. — É verdade. Eles amam gente com bagagem, com bloqueios. Os Bergmans são diferentes. Nós somos diferentes deles, sem julgamentos, só um fato. Eles não enxergam amor como a gente, com condições e cláusulas, prazos e frustrações, e isso é um baque mental no começo. A gente entende. Você não está sozinha. Se algum dia achar que tá, a gente está aqui.

Willa e Rooney assentem, sorrindo de forma encorajadora.

Olho de uma para outra.

— É muita gentileza de vocês, mas... Viggo e eu, não é... quer dizer, não é exatamente...

Minha voz some.

Elas me encaram, expressões confusas.

Mordo o lábio.

— Quer dizer... eu queria que fosse.

O sorriso de Willa cresce. O de Rooney se abre ainda mais. A boca de Frankie se curva de leve.

— Mas... ? — ela completa.

— Bá! — grita Lucia.

Ofereço meu dedo para ela, que segura firme, os olhos verdes arregalados grudados em mim. Olho para ela, porque é mais fácil confessar isso para um serzinho que não julga, não espera nada. Só curiosidade e inocência.

— Mas... eu ainda não criei coragem para dizer como me sinto. Eu até tinha planejado um grande gesto, antes do nosso voo, mas percebi que estava tudo errado.

Frankie franze a testa.

— Como assim?

Conto para elas sobre Ashbury, meu plano de passar na Donnie’s antes de irmos para o aeroporto, como entrei em pânico no caminho e inventei uma desculpa quando chegamos lá.

Era o momento errado. Isso é algo que se faz depois de declarar seus sentimentos, não antes. Parecia perigosamente perto de fazer o que meus pais fariam – jogar dinheiro num problema em vez de conversar, comprar afeto com presentes. Quero que o Viggo tenha o carro, seja feliz com ele, mas não quero que ele pense que fiz isso esperando algo em troca, um sentimento ligado a isso.

— Isso é tão romântico — suspira Willa, sonhadora.

Pisco com a palavra, o coração disparado.

— Sério?

— Com certeza. — Rooney limpa os olhos. — Droga desses hormônios. Eu estou uma torneira.

Frankie sorri, cúmplice, para a cunhada, depois olha para mim.

— Acho que você fez a escolha certa. Vai com calma. Dá medo, mas você vai achar o jeito certo e o momento certo para contar para ele.

— Lula? — Viggo chama.

— Merda! — Willa sussurra, se enfiando no banheiro e fechando a porta atrás de si. Rooney solta um gritinho e corre atrás de Frankie com o bebê. As duas desaparecem no escuro, por uma porta no fim do corredor que eu nem sabia que existia.

Me viro bem na hora em que Viggo sai da cozinha para o corredor, uma toalha no ombro, mangas da flanela xadrez arregaçadas até os cotovelos.

— Aí está você.

Ele é tão bonito. Um sorriso suave, terno. Pele bronzeada de sol. Aquelas dobrinhas minúsculas nos cantos dos olhos cor de gelo. A barba dele parece ainda mais cheia hoje à noite, o que normalmente me frustraria, mas agora me apeguei à familiaridade dela. Acho ele lindo, mas ainda quero alisar tudo, ver seu maxilar, sua boca, beijar cada centímetro.

Um sorriso nervoso ameaça surgir nos meus lábios.

— Aqui estou.

Ele olha por cima do meu ombro.

— Vejo que encontrou as fotos da família.

— Encontrei. — Viro-me, olhando novamente para elas, meus olhos se perdendo em ainda mais fotos que não tive tempo de examinar direito, e talvez nem tenha.

Não vamos ficar muito tempo – só esta noite para o jantar de ensaio; amanhã, domingo, é o casamento; depois, voo de volta na segunda-feira, para que a loja não fique fechada por muito tempo e o casal adorável do clube do livro de romance, Arturo e Lee, não precisem passar dias demais cuidando dos nossos cachorros e gatos.

Nossos.

Hoje, desejei tantas coisas. Que fôssemos um "nós" ao voltar para a loja, acendendo as luzes, tirando o aviso na porta de vidro que o Viggo fez: "Fechado neste fim de semana pelo melhor motivo – um casamento!" Que, ao passar pela porta dos fundos da casa, fosse para um lar, meu lar com ele. Que, no futuro, eu tivesse todo o tempo do mundo neste chalé em forma de A, para explorar cada cantinho, ver fotos antigas, fuçar as estantes de livros, descobrir seus segredos e memórias.

Essa esperança se mantém firme enquanto olho para Viggo, enquanto aperto a mão dele. Ele sorri para mim, os olhos procurando os meus.

— A noiva está te procurando. — Ele olha por cima do ombro e chama minha irmã. — Achei ela!

Charlie aparece na esquina, sorrindo largo, vibrando de empolgação, como uma criança na véspera de Natal.

— Estamos indo dormir! — diz ela. Gigi acena do topo da escada. Eu mando um beijo.

— Durmam bem — digo, abraçando minha irmã com força.

— Vou ter sorte se conseguir dormir — ela responde. — Mas uma hora eu apago. Você também durma bem, Tallulah.

Exausta de forma oficial, depois de dar boa noite a todo mundo, sigo Viggo alguns minutos depois, subindo as escadas atrás dele, enquanto ele carrega minha mala.

Franzo a testa, confusa, quando percebo o que está faltando.

— Espera. Cadê sua mala?

— Lá embaixo. Vou dormir no sofá.

Paro no meio da escada.

— De jeito nenhum.

Viggo volta, segura minha mão e me puxa escada acima.

— Lu, eu adoro dormir no sofá. — Ele pigarreia. — E nosso quarto só tem uma cama.

— E daí? Vamos dormir nela.

Ele balança a cabeça.

— Não vou te fazer dividir a cama comigo.

— Você não estaria me fazendo nada; sou eu que estou oferecendo, seu bobão.

— Porque você é gentil — retruca ele, nos guiando pelo corredor.

Paro em frente a uma porta fechada.

— Desde quando?

— Tallulah, você é gentil comigo. Está sendo gentil agora.

— Porque eu... — Engulo em seco, nervosa. — Porque você é importante para mim, apesar do seu desprezível desprezo pelos métodos modernos de depilação. Agora, vá buscar sua mala.

— Não.

— Tudo bem. — Arranco minha mala das mãos dele e volto em direção às escadas. — Eu durmo no chão da sala.

— Tallulah Jane Clarke, juro por Deus... — Ele geme, correndo atrás de mim, me alcançando no topo da escada. Ele se vira dois degraus abaixo e me encara. — Lu, por favor.

Olho para baixo, o coração disparado.

— Me diz que não quer dormir naquela cama esta noite, e eu deixo para lá.

Viggo morde o lábio, os olhos se estreitando.

— E nem pense em mentir para mim — digo, gelada.

Ele engole em seco.

— Tá bom, ok? Vá guardar suas coisas. Já subo com a minha mala.

Sou um nó de nervos, sentada na cama com o e-reader na mão, sem processar uma única palavra. A porta se abre e eu levanto os olhos para ver Viggo de costas, pendurando a toalha em um dos ganchos da parede. Shorts esportivos amarelos e camiseta branca básica, o cabelo, molhado do banho, formando cachos na nuca. Uma felicidade quente percorre meu corpo ao vê-lo assim.

Ele se vira, fecha a porta atrás de si e sorri, meio sem jeito.

— Oi.

Fico olhando para ele, boquiaberta. A barba dele está... quase toda raspada. Só uma sombra rente no maxilar. Nem consigo processar o quão lindo ele é assim, com o rosto mais à mostra, os traços sutis nas bochechas, o contorno afiado e lindo do maxilar. Aquela boca farta, macia.

— Meu Deus — eu sussurro.

Viggo leva a mão ao rosto, claramente desconfortável.

— Você não gostou?

— Gostar? — Balanço a cabeça. — Eu... é...

Nem encontro as palavras. Sim, de certa forma, sinto falta do que já conhecia – aquela barba cheia. Mas estou hipnotizada com o privilégio de ver mais dele. Fico feliz que ele não tenha tirado tudo, como eu vinha enchendo o saco para fazer nos últimos dois meses. Ele ainda parece o Viggo que conheço, mas agora também se parece um pouco com o jovem

que me assustou sete anos atrás – gentil, curioso, sentado ao meu lado na aula.

Ele está tão bonito que chega a doer.

— Você está incrível — consigo dizer, enfim.

O sorriso dele se abre, radiante. Meus lábios se curvam automaticamente, porque agora é assim – como se um fio dourado ligasse o canto da boca dele ao meu. Quando ele sorri, eu sorrio.

— Obrigado — diz ele, baixinho.

Coloco o e-reader de lado e observo enquanto ele cruza o quarto, balança a cabeça uma, duas vezes, mexe o dedo no ouvido tentando tirar a água. Abre a porta do armário, conferindo se as roupas para amanhã estão prontas.

— O que te fez decidir? — pergunto.

— Raspar?

Assinto.

Ele lança um olhar na minha direção. Um calor me atravessa. Quero lamber o maxilar dele, sentir a barba raspando na minha pele.

— Achei que as noivas não mereciam ter um imitador do Pé Grande como celebrante, bem no meio das fotos de casamento. Você acha mesmo que ficou bom? Eu me sinto pelado sem a barba.

— Eu acho que ficou mais do que bom — digo suavemente.

Ele me dá outro sorriso tímido, as bochechas coradas.

— Bom. Isso... isso importa para mim.

A gente apenas... fica se olhando. Os olhos presos um no outro, o silêncio macio e o ar da noite se misturando no quarto, o zumbido dos insetos lá fora como trilha sonora.

Mordo o lábio, a garganta apertando, os dedos agarrando o lençol. Está acontecendo, é inevitável, apavorante, lindo – meu coração dispara, afeto,

alegria, desejo, necessidade, saudade, tudo se junta, se derrama em mim, uma inundação caleidoscópica que enche minha mente e meu peito com um pensamento cristalino:

Eu te amo.

Lágrimas enchem meus olhos, um sorriso irrompe no meu rosto enquanto observo ele se virar para as roupas, a testa franzida de concentração enquanto alisa a camisa. Ele está nervoso com o dia de amanhã, com o papel de celebrante que Charlie pediu. Claro que está – não por medo de errar, mas porque se importa. Ele fez a aplicação online para poder oficiar o casamento legalmente. Ensaiou o que vai dizer várias vezes – ouvi ele andando pelo quarto, a voz baixa e cadenciada.

— Como está se sentindo em ser o ministro da noite? — pergunto suavemente.

Viggo levanta o olhar, encontra o meu. Sorri tímido ao fechar a porta do armário, coçando a nuca.

— Nervoso.

— Você vai ser perfeito.

Ele abaixa a mão, me encara, a garganta se movendo. Ele está mesmo nervoso. Abro os braços.

— Vem cá. Vem para cama.

Ele não hesita, sobe direto no colchão, nos meus braços, deita a cabeça no meu peito. Enfio os dedos no cabelo dele, acariciando devagar.

— Eu amo o quanto você se importa. Amo o jeito que você ama minha irmã.

Eu te amo.

Beijo o cabelo dele, aspirando seu cheiro. Queria tanto dizer... mas, meu Deus, e se ele não quiser dizer de volta? E se ele não sente isso ainda? E se nunca sentir? E se eu disser do jeito errado, na hora errada, e for um

anticlímax? E aí, como vou encarar o casamento amanhã, olhando para o homem por quem me apaixonei, que me deu um lar, um lugar para crescer? Como vou dividir esse dia com alguém que me ensinou a amar, mas não me ama de volta?

Engulo as palavras, apertando ele contra mim, fazendo círculos em suas costas.

Viggo suspira.

— Obrigado, Lula.

Fecho os olhos, saboreando o momento, o cheiro dele – amadeirado e limpo, com um toque de açúcar e canela. Sinto Viggo esticar o braço atrás de mim e apagar a luz, depois se ajeitar, um braço ao meu redor, a cabeça aninhada nos meus seios.

Dou uma risadinha.

— Está confortável aí?

— Uhum. — Ele se aninha, o nariz roçando minha pele, o queixo tocando meu mamilo por baixo da camiseta. Mordo o lábio, minha mão se apertando no cabelo dele, os olhos se fechando de novo. O silêncio se instala, com o som dos insetos lá fora e a brisa noturna fresca entrando pela janela.

O braço dele aperta minha cintura. Sua coxa desliza por cima da minha.

— Lula — ele sussurra.

Abro os olhos devagar, piscando para ajustar à escuridão, só a luz da lua iluminando o quarto suavemente. Olho para baixo e encontro o olhar dele, brilhante, com um rubor nas bochechas.

— Eu preciso... — ele sussurra. — Eu preciso de você.

— Você me tem. — Seguro o rosto dele, acariciando com o polegar. — Eu estou aqui.

Ele balança a cabeça.

— Eu preciso te tocar. Preciso que você me toque. Se... se você quiser.

A ficha cai. Me derreto até ele, beijando sua testa.

— “Se eu quiser você.” Claro que quero. Só... queria respeitar o que você precisa…

— Eu sei que queria — diz ele, rouco, segurando minha nuca, me puxando para mais perto. — Significa muito para mim o quanto você respeitou isso, Lu.

Sorrio para ele, afastando o cabelo molhado do rosto.

— Deita.

Ele franze a testa.

— Por quê?

— Porque eu quero te tocar.

Um sorriso tímido, incerto, se forma nos lábios dele.

Sentando na cama, pressiono o ombro dele até que se deita de novo sobre os travesseiros. Subo até ficar de joelhos, montada sobre a cintura dele. Levo as mãos à barra da camiseta, meus dedos tocando de leve a barriga dele. Ele estremece ao meu toque, os músculos se contraindo.

— Tira a camisa — digo.

Viggo se senta rápido, puxa a camiseta pela gola e a joga de lado. Sorrio e o empurro de volta, até que está deitado de novo, me encarando. Suas mãos vão até minha cintura, me puxando para mais perto.

Relaxo as pernas e me acomodo sobre ele. Ele geme quando as mãos deslizam pelas minhas costas. Me inclino e o beijo – leve, suave. Depois deslizo a língua pela boca dele, arrancando um suspiro quando roço meu quadril contra o dele.

Ele afunda os dedos no meu cabelo, a boca se abrindo, o quadril subindo ao encontro do meu. Minha mão desliza pelo peito dele, traçando a

tatuagem – a paisagem deste lugar que ele ama. Meus dedos descem mais, passando pelas costelas, onde há uma linha preta que não consegui ver no escuro da livraria aquela noite. Toco as páginas abertas de livros, entrelaçadas a vinhas fortes e flores de peônia.

Ele tira um braço da minha cintura, tentando me alcançar onde estou em chamas entre as coxas, mas seguro o pulso dele.

— Lula?

Devagar, levo o braço dele acima da cabeça, pressionando-o contra o travesseiro. Faço o mesmo com o outro, e o beijo mais uma vez – devagar, fundo. Ele suspira na minha boca, a língua procurando a minha, urgente, necessitado.

— Só deixa eu te fazer sentir bem — eu sussurro, rebolando sobre ele, beijando com ternura e provocação.

Viggo geme, entrelaçando os dedos nos meus, enquanto mantenho os braços dele presos. Seu quadril se arqueia sob o meu. A respiração dele está rápida, ofegante.

— Isso é tortura.

— Tortura boa? — Beijo o canto da boca dele, o osso da bochecha, atrás da orelha, a cavidade da garganta.

Ele assente.

— Sim.

Começo a descer, beijando o peito rígido dele.

— O-o que você está fazendo? — ele pergunta, a voz tensa.

Lambo seu mamilo arrepiado, fazendo-o arfar, os quadris se erguendo contra mim.

— Tocando você. Confia em mim?

Ele olha para mim, depois assente, com outro sorriso suave e incerto.

— Eu confio em você.

— Ótimo. — Beijo suavemente ao longo da cintura do short dele e, puxando-o junto com a cueca, começo a descer pelas curvas do quadril.

A respiração de Viggo fica mais áspera conforme eu os tiro completamente, jogando as peças para o lado da cama. Não consigo ver tudo com nitidez no escuro – só um pouco da luz da lua filtrada pela noite nublada –, mas consigo ver o suficiente. Seu pau é alto e grosso, e eu o seguro pela base, levando-o à boca.

— Meu Deus. — Ele joga a cabeça para trás, a mão vindo até meu cabelo, afundando os dedos.

Eu umedeço, contente, ao redor dele, adorando o gosto, a sensação – quente e duro, mas ao mesmo tempo liso e macio.

Com calma, trabalho com a boca, traçando com a ponta dos dedos a revoada de pássaros, tatuada na parte superior da coxa até o quadril, deslizando o toque até o V em seu abdômen, por cima da pélvis.

Ele ofega, apertando mais os dedos no meu cabelo.

— Lula — ele suspira. — Isso é tão bom.

Olho para ele enquanto subo e desço com a mão, girando a língua, aprendendo o que faz seus quadris se contraírem, o que deixa sua respiração mais pesada, mais rápida.

Eu te amo, digo com o toque, com o olhar fixo no dele. *Eu te amo*.

Viggo me encara, a boca entreaberta, ofegante, o peito subindo e descendo.

— Lula, ah, porra. — A cabeça afunda novamente no travesseiro. Ele leva a mão até a cabeceira da cama e a segura com força, enquanto o recebo mais fundo na boca, acariciando as coxas, entre as pernas, bem atrás de onde ele está tenso e contraído, esfregando, provocando.

— Eu vou gozar. — A voz falha. As pernas começam a tremer. — Meu Deus, Lula, por favor.

Observo enquanto acelero o ritmo, o engulo mais fundo. Seus quadris se movem em sincronia. Os nós dos dedos ficam brancos ao apertar a cabeceira. A boca se abre enquanto ele geme meu nome de novo e de novo, até jogar a cabeça para trás, virá-la, enterrar o rosto no travesseiro e gritar meu nome. Sinto ele se derramar na minha garganta, enquanto o acompanho em cada espasmo bruto do quadril, cada suspiro desesperado do meu nome.

Na próxima lambida suave, ele estremece e solta um suspiro.

— Chega. Eu não aguento mais.

Sorrio, subindo devagar pelo corpo dele, caindo de lado, colada, com a perna jogada por cima da dele, a mão desenhando círculos sobre o coração, que bate descompassado contra as costelas.

Devagar, me inclino e o beijo. *Eu te amo*, digo com meus lábios, cantando para os dele. *Eu te amo*, digo com a mão repousada sobre seu peito.

Viggo pisca para mim, um sorriso adorável e atordoado iluminando o rosto. Ele pisca devagar, saciado, a exaustão estampada em cada traço.

— Lula — ele suspira.

— Viggo — murmuro, beijando sua testa, recuando, sorrindo para ele.

Os olhos dele se fecham.

— Você me matou.

— Morte por orgasmo. Não é a pior forma de ir.

Ele sorri, olhos fechados.

— É só uma metáfora, Clarke. Não vou a lugar nenhum. — As palavras saem arrastadas pelo sono.

Meu sorriso se aprofunda.

— Que bom. Quero você por muito tempo.

— Hmm. — O sorriso se desfaz, o sono suavizando sua expressão. Um ronco suave escapa dele.

Mordo o lábio, sorrindo tão largo que chega a doer. As lágrimas se acumulam no canto dos olhos. Eu poderia ficar aqui, olhando ele dormir assim, nu e em paz ao meu lado, para sempre.

Se as coisas acontecerem como eu quero amanhã, talvez eu consiga mesmo.

Cuidadosamente, estico o braço até o pé da cama e puxo o cobertor de algodão macio, cobrindo-o. Me acomodo de volta nos travesseiros e fico olhando ele dormir, a luz da lua projetando sombras fundas nos cílios, na linha longa e reta do nariz.

Quando sinto que já vi o bastante – pelo menos por agora –, viro devagar, fazendo o mínimo de barulho. Alcanço meu e-reader no criado-mudo, ligo o aparelho e diminuo o brilho da tela. Soltando um suspiro constante, encaro a tela, com o dedo pairando sobre o título.

Um dos romances históricos preferidos dele, segundo os adoráveis cartões “Favoritos do livreiro” que ele escreveu e distribuiu pelas prateleiras da loja. Baixei antes do nosso voo. Finalmente, toco a tela e vejo o livro se abrir.

Me aninho ao lado do homem que eu amo, com uma história que ele ama nas mãos.

TRINTA

Viggo

Playlist: “From Eden”, Hozier

A luz do sol me acorda, quente sobre minha pele. Pisquei, desorientado, uma calma profunda me prendendo ao colchão. Minha mão deslizou pela cama, ansioso para tocar Tallulah, para senti-la e puxá-la para perto.

Mas a cama estava fria. Vazia.

Me sentei de supetão, o coração disparado, enquanto as lembranças da noite passada me invadiam. As mãos de Tallulah em mim, a boca dela. Seus beijos lentos e o toque carinhoso me fazendo desmoronar. O orgasmo mais intenso da minha vida, que me derrubou, me deixou exausto e em paz, a mente vazia, o corpo saciado, de um jeito que nunca tinha acontecido antes.

Lembro de beijá-la depois, de abraçá-la bem perto. E então…

Ah, meu Deus. Eu dormi. Depois de toda a intimidade que ela me deu, eu não retribuí, não cuidei dela do jeito que ela cuidou de mim.

Com carinho.

Essa palavra ecoa na minha cabeça. Passo as mãos pelos cabelos, em pânico, respirando raso. O toque dela, o beijo, o jeito como ela me olhou – tudo pareceu carinhoso. Mas e se isso a assustou? Pior: e se ela fez aquilo por mim, me deu aquilo, mas ainda assim não sabe, não acredita, não pensa que o amor é algo que a gente possa dividir?

Amor.

Tenho mantido essa palavra à distância, trancada dentro de mim, sempre no canto dos meus pensamentos, me dizendo que não é real se eu não disser em voz alta, se eu não encarar.

Mas isso não a torna menos verdadeira.

E isso é apavorante.

Eu amo ela. Eu amo Tallulah. E me apaixonar foi... nada do que eu imaginava que seria. Não foi repentino ou dramático, não foi simples ou claro. Foi irregular e inesperado, crescendo em silêncio, como uma trepadeira que começou com um broto frágil, se enroscando em mim, até que um dia estava em toda parte – no meu coração, na minha mente, na minha vida, em cada canto dela.

Deus, eu amo ela. E eu não sei se ela me ama, se ela sequer acredita em amor.

Gemo, o coração apertado, os olhos úmidos. Não consigo respirar, nem pensar, nem processar o que fazer comigo mesmo. Afasto os lençois e visto a primeira roupa que encontro, tropeçando até meu celular. Nenhuma mensagem de Tallulah. Reviro a cama. Nada de bilhete.

Abro a porta num rompante, corro pelas escadas até dar de cara com a casa cheia de gente. Mas nada da Tallulah. O pânico apaga meus pensamentos, me deixa parado na entrada da casa, o peito arfando, sem ar.

— A-alguém viu a Lula?

Um mar de caretas, cabeças se virando, murmúrios de não.

— Tenho certeza de que ela está por aqui — diz Willa. — Talvez com a Charlie?

Minha mãe balança a cabeça.

— Acabei de ver como Charlie estava. Ela não estava lá. Mas deve ter uma explicação.

Corro até a frente da casa, espiando pelas janelas, procurando qualquer sinal de Tallulah. Nada. Viro de volta, o peito apertado, a garganta travada.

Linnea me encara de sua tigela de cereal, franzindo a testa.

— Você está bem, tio Viggo?

Balanço a cabeça.

— Eu preciso... eu...

Minha voz falha.

Oliver larga a faca que segurava sobre as ervas picadas e vem até mim.

— V, está tudo bem. Respira fundo.

— Eu não consigo — arfando, me jogo nos braços do meu irmão, que me envolve num abraço.

Sussurros enchem o ambiente, cadeiras arrastando, xícaras sendo postas sobre a mesa. Uma porta se abre. Sou guiado pelo braço forte de Oliver por um corredor até uma porta aberta.

É quando percebo onde estou, o que está acontecendo.

Estou parado à entrada do porão, vendo meus irmãos descendo os degraus, sabendo o que me espera, o que está vindo há anos, o que finalmente chegou.

Minha própria Reunião dos Irmãos Bergman.

— Bem-vindo, Viggo — diz Oliver, em voz baixa. — À sua própria Reunião dos Irmãos Bergman.

Me sento, curvado sobre uma caixa plástica, a cabeça nas mãos.

— Vai, podem rir. Digam que eu mereci. Eu mereço, depois de tudo que fiz vocês passarem ao longo dos anos.

O silêncio ecoa no porão. Levanto a cabeça, tentando respirar direito, me preparar para encará-los. O que vejo são rostos sérios, sem um pingo de triunfo.

— Bem, tecnicamente — diz Ryder —, eu ainda não ganhei uma Reunião dos Irmãos Bergman.

Todos lançam um olhar fulminante para ele.

Ryder faz uma careta.

— Foi mal. Isso não... não ajudou, né?

— Nem um pouco — Oliver dá um tapa no ombro dele.

Ryder revira os olhos.

— Eu já pedi desculpa.

Lágrimas se acumulam nos meus olhos.

Aiden corre até mim, me arrastando para um abraço.

— Não era assim que eu imaginava esse momento — murmura. — Quando sonhava em aproveitar ele.

— Foi mal decepcionar — murmuro no ombro dele.

A mão dele sobe até minha nuca, apertando de leve.

— Era minha tentativa de aliviar o clima.

Dou uma risada vazia no ombro dele, piscando para conter as lágrimas. Aos poucos, me afasto e limpo o rosto.

Ren me observa de onde está sentado, sobre uma caixa de papelão, com a expressão séria.

— Por que você não conta o que está acontecendo, Viggo?

Suspiro fundo e me jogo de novo sobre a caixa plástica, aceitando o gato de pelúcia preto que Seb estava abraçando. Aperto ele contra o peito. Axel se aproxima e aperta meu ombro.

— Nem sei por onde começar — eu sussurro.

Gavin pigarreia, se levanta e me entrega um lenço, junto com um aperto firme no outro ombro.

— Começa do começo. A gente está ouvindo.

Respiro fundo, me endireito, e conto tudo para eles. Nossa conversa de manhã cedo, ano passado, tomando café. A primeira noite na livraria. Nosso plano de dividir a casa e trocar habilidades. A promessa que fizemos de sermos corajosos, de explorar o que podíamos viver juntos, quando

percebemos o quanto nos queríamos, o quanto víamos o desejo de formas diferentes. Trabalhar juntos, na loja, no livro dela. Passear com os cachorros, abraçar os gatos. Treinar futebol. Viver a vida. Se apaixonar.

Pelo menos, eu me apaixonei.

Quando termino, encaro os olhos de cada um deles, cheios de preocupação e compaixão. Ren limpa os olhos. Oliver fungou, passando o dorso da mão no nariz.

— E essa, meus irmãos, é minha história trágica. Me apaixonei por alguém que nem acredita nisso. Que disse que ia tentar se... abrir, que me fez sentir...

Fecho os olhos, as lágrimas voltando.

— Sentir tanto. Ontem à noite, a gente... — eu balanço a cabeça. — Foi tão importante para mim, e acho que eu estraguei tudo. Acordei e ela tinha sumido.

— Então vai atrás dela — diz Ryder.

Oliver aperta o osso do nariz.

— Ainda não está ajudando.

— Não. — Ryder se levanta. — Eu estou certo. Olha, sei que não fui muito sensível lá no começo, dizendo que nunca tive uma Reunião dos Irmãos Bergman, mas não foi porque eu não precisava. Guardei minha dor para mim, escondi da família tudo que estava passando com a Willa, o quanto eu a amava, o quanto eu estava lutando, com o medo dela do meu amor, e do amor dela por mim.

Ryder cruza o olhar com o meu. Se senta ao meu lado na caixa plástica, que range com nosso peso.

— Queria ter contado para vocês. Queria ter pedido ajuda. — Ele põe a mão nas minhas costas. — E estou orgulhoso de você por ter se aberto com

a gente, mesmo que tenha demorado. Sinto muito que você carregou isso sozinho. Eu sei o quanto dói.

Eu enfio o rosto nas mãos de novo.

— Fui orgulhoso, medroso e teimoso. Me disse que podia esperar ela descobrir o que queria. Me disse que eu também tinha coisas para resolver.

— Então guardou tudo — diz Axel, em voz baixa. — Eu sei bem como é. Como isso te isola. Faz parecer que você é o único sofrendo.

— Mas você não está sozinho. — Seb apoia um braço no meu ombro, apertando com força. — A gente está aqui. E eu acredito que a Tallulah também.

Limpo o nariz e encaro os olhos dele.

— Acredita mesmo?

Ele assente, sorrindo de leve.

— Eu reconheço um gato assustado e apaixonado quando vejo um. Ela te adora, Viggo. Ela disse isso com cada olhar ontem à noite, toda vez que você disse o nome dela, cada toque nada sutil que você deu. Confie nela. Tem um motivo para ela ter sumido hoje de manhã.

— Eu também acho — Ren concorda com um aceno. — Dê uma chance para ela. Não desista dela, nem do que vocês podem viver juntos.

— Vem. — Aiden me puxa pelo braço, me levantando. Ele tenta ajeitar meu cabelo.

Me afasto, reflexo.

— Que que você está fazendo?

— Tentando te deixar apresentável — ele franze a testa. — Tentando, pelo menos.

— Agora. — Ryder bate nas minhas costas, apontando para escada. — Vai atrás da Tallulah. Conta para ela o que você sente. Você merece ser

honesto com seu coração, Viggo. E ela merece a chance de ser honesta com o dela também.

Olho ao redor, pros meus irmãos, com uma pontinha de esperança crescendo no peito.

— Tá bom. Eu vou.

Todos sorriem. Eu sorrio de volta, mas vacilo, o medo me invadindo de novo.

— Mas antes... eu podia só ter um…

Gavin me abraça apertado.

— Abraço — sussurro.

Axel vem logo atrás, a mão pesada nas minhas costas. Ryder, depois Ren, me cercam, então Seb e Aiden, e por fim Oliver, que segura minha nuca.

— Amo vocês — murmuro.

— A gente te ama — dizem eles, em coro forte, e essa força, essa verdade, me preenche, me dá coragem de me afastar e ficar em pé.

Oliver me encara com um sorriso.

— Agora, cai fora daqui.

Subindo os degraus de dois em dois, eu arrombo a porta com força. Rooney solta um grito de susto, a poucos passos no corredor, pulando para o lado.

— Rooney! — grita Axel lá de baixo.

— Eu estou bem! — ela responde. — O Viggo só me assustou.

Axel sobe correndo, empurrando os irmãos como um touro numa loja de porcelana, até que se transforma em pura calma ao envolvê-la nos braços.

— Tem certeza? — sussurra ele.

Rooney sorri contra o ombro dele e assente.

— Tenho certeza.

Ele solta o ar com força. Rooney passa os braços por baixo das costas dele e o aperta, enquanto nos conta:

— Axel anda meio tenso ultimamente.

— Tenho bons motivos — ele murmura contra o cabelo dela.

Ela levanta o rosto, segurando o rosto dele com as mãos.

— Eu estou grávida, Ax, não doente.

Nossas bocas se abrem ao mesmo tempo. Rooney olha lentamente na nossa direção, os olhos arregalados.

— Ai, caramba. Falei o que era para ficar só na minha cabeça.

Axel nos ignora, sorrindo suavemente para ela.

— Melhor você ir contar para Elin. Se ela souber que os meninos souberam antes dela, nunca vai te perdoar.

Rooney assente, um sorriso nervoso surgindo nos lábios.

— Vamos. — Ela segura a mão dele e o puxa com ela.

— Espera. — Levanto as mãos, parando os dois. Com o pânico diminuindo, meu cérebro começa a funcionar melhor, ligando os pontos daquela manhã. Quando desci, Rooney não estava lá. Ela devia estar no banheiro, se for como a Freya, lidando com o enjoo matinal que atormentou as gestações dela. — Rooney, você viu Tallulah hoje cedo?

Rooney sorri.

— Vi! Charlie acordou estressada, porque não tinha nada azul para o casamento. Sabe, “algo velho, algo novo, algo emprestado, algo…”

— Azul, certo.

— Falei para ela do campo de lupinas azuis logo depois da casa, achei que ela podia colocar umas no buquê, talvez prender no cabelo da Charlie. Eu ia me oferecer para ir lá, mas percebi que estava prestes a vomitar o café

da manhã, e antes de conseguir perguntar se alguém podia ir no meu lugar, ela já tinha saído.

— Obrigado! — Corro pelo corredor, passando por ela. Eu estou prestes a sair quando Oliver grita meu nome.

Me viro, exasperado.

— O que foi, Oliver?

Sou atingido no rosto por uma camisa de flanela xadrez, velha e macia, junto com uma calça chino leve. Olho para elas, piscando, até perceber como estou vestido. Camiseta branca. E cueca… azul. Levanto os olhos, corando.

— Tinha certeza de que tinha colocado um short. Podiam ter me avisado! — falo para todo mundo.

Frankie dá de ombros.

— A gente já sobreviveu aos seus desfiles de sunga na praia. Nada mais choca a gente.

Risos ecoam pelo cômodo.

Coloco a calça, fecho o botão, tiro a camiseta e visto a flanela. Vai esquentar mais tarde, mas ainda está fresco de manhã, e não me incomoda a ideia de parecer meio apresentável quando encontrar Tallulah — quando contar para ela o que não consigo mais guardar para mim.

— Valeu, Ollie — grito, abrindo a porta com força.

— O sapato! — grita minha mãe.

Eu paro na hora e olho por cima do ombro. Ela vem caminhando na minha direção com um sorriso no rosto, segurando minhas botas chukka nas mãos.

— Você sempre adorou correr descalço, Viggo, eu sei. Mas acho que vai querer sapatos dessa vez.

— Obrigado, mãe. — Sorrio quando ela me dá um beijo na bochecha e pego as botas dela. Coloco no chão e enfio os pés, depois me viro de novo para a porta.

— Mais uma coisa.

Levanto os olhos. É meu pai, com um sorriso de canto no rosto. Ele faz um gesto com o dedo, apontando para cima.

— Deixou a porta do galpão aberta.

Reconheço o código na hora e olho para baixo. Enrubesço quando percebo o zíper aberto e o fecho.

— *Agora* sim — diz ele, dando um tapinha na minha bochecha. — Vai com coragem, Viggo. A gente está bem aqui, atrás de você.

Aperto a mão dele e dou um leve aceno. Me viro para a porta aberta.

E então, eu corro.

TRINTA E UM

Viggo

Playlist: “Blinding Lights - Acústico”, Matt Johnson, Jae Hall

Não é uma trilha curta até o campo de lupinus. Você precisa seguir o caminho que leva à cabana de Axel e Rooney, e depois continuar por mais ou menos mais oitocentos metros. Eu conheço o caminho de cor. Amo aquele campo, brinquei nele com meus irmãos quando éramos crianças, agachando entre as flores de sessenta centímetros misturadas com a grama alta, saltando para assustar uns aos outros. Foi ali que nasceu meu gosto por um bom susto, e onde Oliver aprendeu a aparecer do nada em silêncio e fazer alguém quase infartar. Foi o primeiro lugar onde Ziggy me fez cócegas tão fortes, depois de eu ter assustado ela, que eu ri até fazer xixi. É um campo cheio de memórias: brincadeiras, provocações, aquele momento de transição da infância para adolescência.

É o meu lugar favorito em toda a propriedade. O mais nostálgico.

E quando eu viro a curva ao redor da última árvore grande e entro no campo, ele se cimenta como o meu lugar preferido de todos.

Porque ela está lá. Tallulah.

Curvada sobre as flores, usando uma blusa amarela como o sol, com um daqueles cardigãs estilosos, amarrado na cintura, enquanto colhe um punhado de lupinas azuis.

— Com licença, senhora! — chamo. — Esta é uma propriedade privada. Não pode sair pegando as flores assim, não.

Tallulah se endireita num pulo, a cabeça virando na minha direção. Olhos âmbar bem abertos, bochechas coradas. O susto se desfaz, dando

lugar a um sorriso largo, suave.

— Isso não foi legal — ela grita.

Retribuo o sorriso, atravessando o campo com passos firmes. A luz do sol beija a pele dela, brilha nos olhos. O vento brinca com seu cabelo azul, jogando-o para trás. Fico olhando, o corpo vibrando de propósito, de paz.

O coração bate forte no peito, e uma onda quente se espalha pelos meus braços, como se fosse tão essencial quanto o sangue nas minhas veias:

Eu amo ela.

Eu conheço o meu coração. A cada passo mais perto do sorriso dela que se abre, dos olhos brilhantes, tenho certeza: Tallulah conhece o meu coração também. E eu conheço o dela.

O vento dança ao meu redor, balançando a grama.

Eu amo você.

Meu sorriso se aprofunda conforme chego mais perto, segurando o olhar dela.

Eu amo você.

O sorriso de Tallulah vacila quando dou mais um passo. Ela segura o cardigã com a mão livre enquanto o vento o levanta.

De repente, ela solta as flores e corre até mim, se jogando no meu peito.

— Me desculpa — sussurra.

Envolvo meus braços ao redor dela, respirando seu cheiro.

— Não tem por que pedir desculpas.

— Tem, sim — ela insiste, me olhando com os olhos marejados. — Fiquei tão feliz de te ver ali no começo, mas aí me dei conta de que isso significava que você tinha acordado, e que tinha acordado numa cama vazia, e depois da noite passada, isso podia ter mexido com você, e era a última coisa que eu queria, é que a Charlie começou a surtar e…

Coloco um dedo sobre os lábios dela, sorrindo.

— Eu sei que você nunca faria algo para me magoar. Eu *fiquei* chateado, mas isso foi erro meu, não seu. Eu entrei em pânico. Por causa do que a noite passada significou para mim. Fiquei com medo de não ter significado o mesmo para você. Porque eu estava calado, esperando. Mas eu não quero esperar mais. Quero te dizer o que sinto e confiar que você vai ficar do meu lado, mesmo que ainda não esteja na mesma página que eu, Tallulah. Porque…

Ela me beija. Forte e demorado. Me silencia, me embriaga, com a língua acariciando a minha, as mãos se perdendo no meu cabelo. Envolvo a cintura dela, saboreando o gosto, o cheiro doce que sempre está nela, que me acalma.

Tallulah se afasta, voltando sobre os calcanhares, e segura meu rosto com as duas mãos. Os olhos presos nos meus, a luz do sol dançando no olhar enquanto ela pisca, afastando as lágrimas.

— Eu primeiro.

A encaro, o coração disparado.

— Você primeiro?

Ela sorri, lento e doce.

— Desde que te vi ano passado, prestes a cair daquela cadeira, foi você quem foi primeiro. Quem deu o sorriso, a gentileza, o lar, a amizade... o coração. — Uma das mãos desliza pelo meu ombro até parar sobre o meu peito. — Então, agora quero ser eu a ir primeiro. Quero dizer o que morri de medo até de acreditar, quanto mais dizer, mas não deixa de ser verdade. — Ela engole em seco, piscando mais lágrimas. — Eu amo você, Viggo. E eu sei que não sou especialista em amor, não do jeito que você é, mas eu conheço meu coração. E isso é verdade: eu amo você. Eu podia ter fugido dessa palavra pelo resto da vida, mas não ia mudar o que você significa para

mim. Nunca mudaria o fato de que meu mundo foi feito para ter você bem no centro dele, que minha vida é mais ampla, mais brilhante e mais doce por compartilhá-la com você. Quero sonhar, trabalhar, andar de mãos dadas e enfrentar o que vier com você. Eu não preciso da palavra “amor”, mas tenho ela, e vou usá-la. Em voz alta. Sempre. — Ela respira fundo, firme no meu olhar. — Eu amo você, Viggo Bergman. Com todo o meu coração.

Engulo seco, me agarrando a ela.

— Porra, Lu. Você tinha mesmo que ser tão boa com as palavras?

O sorriso dela vacila.

— Bom... talvez eu tenha ensaiado um pouco enquanto colhia flores.

Balanço a cabeça, a voz falhando quando tento falar. Limpo a garganta, a trago para perto, e beijo sua testa com carinho. Depois, me afasto devagar, segurando o olhar dela.

— Eu amo você, Tallulah. Minha Lulaloo, eu amo você tanto, tão fundo, que nem consigo achar palavras para descrever. O que, depois de ler mais de quinhentos romances, é meio humilhante, confesso. Mas é isso, Tallulah: eu amo essas histórias de amor, mas nenhuma é a nossa. A única história de amor que eu quero é a nossa.

Lágrimas escorrem pelo rosto dela. Com delicadeza, as enxugo com o polegar.

— Eu não sou especialista em amor, mas acho que virei especialista em amar você. Porque você foi feita para mim, Tallulah, e eu fui feito para você. Seu coração nasceu para estar com o meu, eu acredito nisso. — Aperto a mão dela, que ainda está sobre meu peito acelerado. — E meu coração nasceu para estar com o seu. Ele é seu. Sempre foi. — Me inclino e a beijo, gentil, reverente, testa colada na dela. — Meu coração foi, é, e sempre será, só e para sempre seu.

Um soluço suave escapa dela, enquanto Tallulah me puxa para mais perto, selando a boca na minha com força e urgência.

— Eu amo você — ela sussurra. — Eu amo você, eu amo você, eu amo você.

Sorrio no meio do beijo feroz, até que ele se dissolve num desejo brutal, desesperado. Minhas mãos tremem, o corpo inteiro ardendo por ela, enquanto o beijo desacelera e se aprofunda. Puxo o cardigã enrolado na cintura dela, tirando do caminho. Ela arranca a peça e joga no chão, depois volta para mim, me beijando com a boca aberta, quente, gemendo contra minha boca.

Tropeço nela, os joelhos cedendo.

— Aqui — sussurro. — Eu preciso de você aqui. Agora.

Ela assente com urgência, deitando sobre o cardigã como se fosse um cobertor.

Me arrasto por cima dela, franzindo a testa de preocupação, mesmo enquanto ela me puxa para um beijo.

— Seu cardigã. Ele é chique, não é? Vamos estragar ele.

— Dane-se o cardigã — ela murmura, baixando as calças enquanto eu a ajudo a empurrar o tecido pelos quadris. Ela puxa o botão e o zíper da minha calça. — Eu jogaria meu guarda-roupa inteiro debaixo da gente agora e estragaria tudo, se você pedisse.

Suspiro no beijo, deslizando a mão por baixo da calcinha dela e sentindo como ela está molhada.

— Deus, Lu.

— Eu quero você, caso não tenha ficado claro — ela sussurra. — Preliminar verbal... aparentemente, funciona muito comigo.

Sorrio contra sua boca.

— Te deixei excitada com as palavras. Com meu romantismo.

— Renascida — ela ofega, puxando minha calça para baixo.

— Lula, deixa eu te fazer sentir bem primeiro — peço, enquanto ela envolve a mão em mim e a desliza até a ponta. Um gemido me escapa quando ela desce de novo.

— Dentro de mim — ela implora. — Por favor.

Um gemido frustrado me escapa.

— Não tenho camisinha. Saí com pressa. Esqueci.

— Eu tomo anticoncepcional. — Ela segura meu rosto, firme. — E não fiquei com ninguém desde meu último teste. Sem ISTs.

Fico olhando para ela, o coração disparado, o desejo atravessando meu corpo com o que aquilo significa — só nós dois, pele com pele.

— Eu também. Sem ISTs.

— Então vem — ela sussurra, deslizando a mão por dentro da minha camiseta. Os dedos sobem pelas minhas costas, me fazendo arrepiar. — Eu quero tanto você. — O fôlego quente no meu ouvido, a voz rouca e urgente enquanto acaricio o seio dela, beijo o pescoço, o ombro. — Quero você dentro de mim. Agora. Por favor.

— Está pronta? — sussurro, os dedos deslizando sobre ela, macia, escorregadia, entrando devagar com um, depois dois. Um gemido sobe pela minha garganta. Ela está encharcada.

Ela sorri, a cabeça tombando para trás em prazer quando curvo os dedos dentro dela.

— Você me diz.

— Porra, Lu. — Minha mão percorre a curva da barriga dela até o quadril, onde está colado o sensor. — Seu pod... vou bater nele, se for assim? Tem outro jeito melhor?

Ela me encara, a urgência se dissolve por um instante em silêncio. O vento balança as flores ao redor, o sol aquece minhas costas, dourando os

olhos dela.

Acaricio um fio azul que caiu sobre seu rosto, esperando, bebendo sua beleza enquanto ela me observa.

Ela engole em seco.

— Você é um doce. Mas assim está ótimo, só não pode puxar nem pressionar. — Sorri de leve, erguendo a cabeça e me beijando. — Por favor, Viggo — ela sussurra. — Agora.

Retribuo o beijo, nos lábios, na pontinha do nariz, na pinta que sobe quando ela sorri. Com os olhos nos dela, seguro meu pau latejante, pressionando só a ponta contra ela. O ar sai dos meus pulmões. Um raio atravessa minhas pernas, subindo até a espinha. A necessidade me arrasta para frente, indo mais fundo.

— Cristo, Lula, você está incrível. Como pode ser tão incrível?

Ela assente frenética, me puxando, as mãos no meu pescoço, até nossas testas se tocarem, quando encaixo os quadris, me enterrando nela. Gemo, sentindo o calor, a pressão, o aperto dela me envolvendo quando recuo e volto a entrar.

Estrelas dançam na minha visão. Isso não vai durar muito.

— Quem liga? — ela ofega.

Parece que eu disse isso em voz alta.

— Quero te fazer sentir bem — murmuro contra o pescoço dela, beijando logo abaixo da orelha.

Ela estremece e se vira, tomando minha boca em um beijo forte e faminto.

— Está conseguindo. Agora... — Ela enfia a mão por dentro da minha calça frouxa, por baixo da cueca, e seus dedos afundam como garras na minha bunda nua. Me puxa contra ela e morde meu pescoço. — Me fode com todo o seu ser.

— Merda. — Meu quadril se move contra o dela, duro e urgente. Uma, duas vezes, até eu estar à beira do orgasmo, ofegando com o esforço de não me entregar.

— Me toma — ela sussurra.

Pressiono minha pélvis contra a dela, me enterrando nela, e começo a me mover, sentindo a maciez do corpo dela contra o meu. Ela ofega. Puxo o top dela para baixo, expondo o mamilo ao ar frio, e envolvo a boca nele enquanto seguro seu seio, pesado e escapando da minha mão. Passo a língua em volta, arrasto os dentes contra a pele. Tallulah grita meu nome, os dedos se enredando no meu cabelo, me prendendo ali.

Meu pau incha, e meus testículos se contraem. Aperto os olhos contra a dor gloriosa de estar na beira do orgasmo. Ela esfrega o quadril no meu, gemendo rouca:

— Viggo. Meu Deus. Isso, isso.

Arranco minha boca do seio dela, volto com força para seus lábios. Ela agarra minha bunda com força e me guia dentro dela.

— E-ei, Tallulah, eu não vou conseguir...

— Goza — ela sussurra. — Confia em mim. Só goza.

Solto um palavrão contra o pescoço dela, um grito rouco e cheio de dor, afundando os dentes na pele enquanto me derramo nela, quente e intenso, os quadris se contraindo, as pernas tremendo, me enterrando o mais fundo que consigo.

Tallulah ofega, se movimentando sobre mim, segurando meu cabelo com força, inclinando meu rosto até minha boca encontrar a dela, aberta e arfante. Seguro os cabelos dela também, me prendendo nela enquanto ela arqueia o corpo para mim – e então eu sinto. Contrações apertadas e rítmicas me cercando, arrancando de mim outra onda de prazer tão forte que me faz gritar contra os lábios dela, a testa franzida, os quadris se movendo

no ritmo do dela, juntos, rolando, até que enfim desaceleramos, peitos arfando, suor na pele, bochechas coradas.

Tallulah me encara, varrendo desajeitadamente o cabelo da minha testa. Eu também afasto algumas mechas azuis e finas do rosto dela, respirando com dificuldade enquanto a encaro.

Um sorriso lento e satisfeito se forma no rosto lindo dela.

— Eu te amo — ela sussurra. — Nunca vou cansar de dizer isso.

— Que bom — digo, me inclinando para beijá-la de novo, suave e gentil. — Porque eu nunca vou cansar de ouvir.

Inclino a cabeça, absorvendo tudo dela, salvando essa lembrança, vívida e preciosa, para sempre.

— Também te amo.

O sorriso dela se alarga.

— Eu sei. Agora — ela sussurra contra minha bochecha, beijando-a com doçura. — Odeio estragar o momento, mas acho que temos um casamento que não queremos perder.

Sorrio para ela.

— Acho que você tem razão. Contanto que eu possa garantir que vai guardar uma dança para mim depois.

— Homem bobo — ela sussurra. — Toda dança é sua. E todo número de karaokê também.

— Agora sim estamos falando a mesma língua. — Suspiro, enterrando o rosto no pescoço dela de novo. — Só tem um pequeno problema.

Os dedos dela deslizam pelo meu cabelo.

— Qual?

— Minhas pernas não funcionam.

Tallulah ri.

— Eu estou falando sério — digo, soltando o ar com força enquanto tento me apoiar nos cotovelos. — Deus, isso é euforia, né? Me sinto como aquelas vacas soltas do celeiro depois do inverno.

Tallulah pisca para mim.

— O quê?

— Na Suécia, as vacas ficam presas dentro do celeiro o inverno inteiro, e tem um dia especial, todo mundo se reúne para ver quando elas são soltas na primavera. Igual à minha performance meio rápida, aquelas filhas da mãe felizes disparam para fora do celeiro, pulando e correndo, do jeito que vacas conseguem, pela grama. — Beijo ela, meus ombros tremendo de tanto rir. — E essa é a analogia mais romântica que eu já fiz.

Tallulah me puxa de novo, me beijando fundo e doce. Quando finalmente nos separamos, e os olhos dela encontram os meus, eu solto um mugido tão alto que uma revoada de pássaros voa das árvores próximas. Ela ri, alto e por um bom tempo – e o som ecoa pelo campo.

É o som mais bonito do mundo.

TRINTA E DOIS

Tallulah

Playlist: “Whole Wide World”, Mindy Jones

— Suas pernas parecem ter voltado ao normal, Bergman. — Sorrio para Viggo enquanto ele desfila até mim, as luzinhas penduradas no deque banhando-o em um brilho dourado mágico.

— E você — diz ele, envolvendo um braço ao meu redor e me puxando para perto, a música lenta crescendo ao nosso redor — finalmente parou de andar como se tivesse sido comida num campo de flores hoje de manhã.

Arquejo. Viggo sorri com malícia e levanta as sobrancelhas.

— Eu adoro te escandalizar.

— Esse é o meu trabalho — digo a ele. — Te escandalizar.

— Então vamos ter que aproveitar e escandalizar um ao outro. — Ele se inclina para um beijo lento e doce. — Eu te amo — sussurra.

— Eu te amo — sussurro de volta. Meu sorriso está tão largo que chega a doer nas bochechas.

Os olhos dele buscam os meus.

— Como você tá?

— Tô... muito bem. E você?

Ele sorri.

— Muito bem. — Pigarreia, os olhos desviando para onde os pais dele conversam com os meus. — E como está se sentindo com isso?

Dou uma olhada nos meus pais e suspiro.

— Sentindo que... tem muita coisa que a gente ainda não resolveu, mas devia. — Minha mente volta para a foto em família que tiramos com a fotógrafa do casamento da Charlie. Meio forçada, meio estranha, mas... tentando. Charlie pediu para o meu pai tirar uma selfie também, que mandamos para o Harry, dizendo que sentimos falta dele, que o amamos, que vamos visitá-lo quando ele estiver pronto para receber visitas. Foi cru e difícil, mas também foi real. Como se, talvez, nossa família fosse começar a partir desses passos pequenos e humildes, cada um tentando ser mais saudável individualmente, entendendo como isso nos faz funcionar melhor juntos. — Mas acho que é um bom começo.

Viggo assente, segurando meu rosto, o polegar acariciando minha bochecha. Ele está quieto, o que é raro, mas não parece silêncio. O aperto ao redor da minha cintura é firme e certo, os olhos presos aos meus. Sinto o amor dele – tão real, tão visceral, tão poderoso – como nada que eu já tenha conhecido.

— Eu te amo — digo a ele.

Ele sorri.

— Eu sei. Eu também te amo, Lula.

Entrelaço minhas mãos ao redor do pescoço de Viggo, a diferença de altura amenizada pelos meus saltos altos, e olho para ele enquanto a música vai sumindo. Cheia de amor. De sonhos. De tanta esperança pelo que vem pela frente.

O sorriso de Viggo se aprofunda.

— Que foi?

— Você e eu — digo, pegando a mão dele, puxando-o em direção ao microfone —, temos um karaokê para fazer.

Pela primeira vez, sou o oposto do silêncio. Gemidos sem vergonha escapam de mim, enquanto estou nua, estendida na nossa cama no chalé vazio em formato de A. A família foi embora de manhã, nos deixando com o que precisávamos – um lugar para ficarmos juntos, para nos amarmos, só nós dois.

A luz quente do sol invade o quarto, pintando o cabelo castanho de Viggo com tons de bronze. Seguro ele com força, mordendo o lábio ao ver a cabeça dele entre minhas coxas, a língua roçando de leve meu clitóris. Um gemido escapa de mim.

— Assim? — ele sussurra contra minha pele.

Agarro o cabelo dele com mais força.

— Sim, assim.

Mais uma lambida, depois ele gira a língua, devagar.

— Ai, Deus. Assim mesmo.

Ele levanta o olhar, os olhos azul-claros brilhando como chamas, um sorriso sexy curvando seus lábios.

— É?

Assinto, frenética, segurando o maxilar dele, saboreando a aspereza da barba rala. Olho para ele com encantamento, tomada por essa certeza de que ele me ama, e de que eu também o amo.

— O jeito que você está me olhando — ele sussurra. — Se eu soubesse que você ia me olhar assim, teria aparado a barba antes.

Balanço a cabeça.

— Você sempre foi lindo para mim. Com barba de Pé Grande ou não.

Ele ri baixinho, esfregando o queixo áspero bem onde meu quadril encontra a virilha. Arquejo em direção a ele.

— Eu te amo, Lula — sussurra, dando um beijo suave na minha coxa.

Sorrio para ele.

— Eu te amo, Viggo.

Ele abaixa a cabeça de novo, doce, ansioso, me levando à beira com a língua, com um dedo longo, depois outro, curvado fundo dentro de mim.

Minhas pernas tremem. Minha respiração falha. Viggo envolve minha coxa com a mão, traçando as marcas que levam até onde a língua dele me toca, me arrastando para um pico do qual mal posso imaginar cair.

Mas eu vou. Eu vou cair, confiando que ele vai me segurar.

— Por favor — imploro, rebolando contra ele. — Por favor, não para.

Ele geme contra mim, a língua e os dedos se movendo mais rápido, me lançando longe, me fazendo voar. Arquejo, tremendo, gritando o nome dele. Ainda estou tremendo, ofegante, quando seguro o braço dele com força e o puxo para mim.

— Dentro de mim — digo. — Agora.

Ele me faz uma continência, o rosto sério como um soldado obediente.

— Sim, senhora.

Dou um tapa na bunda dele, fazendo-o rir. E eu rio junto.

Estou tão molhada – do meu corpo, da boca dele – que ele desliza dentro de mim com facilidade, me preenchendo por inteiro. Gemo, o orgasmo anterior ainda ecoando em mim, transformado em um prazer doce e duradouro.

— Porra, Lu — ele suspira no meu pescoço, o hálito quente no meu ouvido, os quadris se movendo rápido, desesperados. — Um dia desses eu ainda vou durar mais.

Rimos na boca um do outro. Nosso beijo vira dois sorrisos largos.

— A gente tem bastante tempo para isso.

Ele se afasta um pouco, os olhos nos meus. Segura meu rosto, os dedos se enroscando no meu cabelo.

— Eu te amo — sussurro, enquanto ele acelera os movimentos, os quadris perdendo o ritmo, o sorriso se transformando naquela expressão concentrada e linda, que sempre vem antes do êxtase. Ele joga a cabeça para trás, olhos fechados, a garganta trabalhando enquanto goza, depois cai sobre mim, ainda se movendo dentro de mim. Eu o aperto com força, beijo sua testa, seguro ele perto de mim, bem perto, coração com coração.

— Eu te amo — ele sussurra. — Eu te amo, Lula, com todo o meu coração.

Assinto, sorrindo, minha testa encostada na dele, e digo o que sinto nesse momento, até o fundo dos ossos:

— Eu sei.

É tarde quando voltamos para LA, o sol sendo apenas uma lasca de tangerina no horizonte. Eu conduzo a Vespa devagar, saboreando o vento na pele, os braços de Viggo apertados ao redor da minha cintura, o calor forte dele envolvendo todo o meu corpo.

Quando viro em direção à oficina do Donnie, em vez de ir para casa, o aperto de Viggo fica mais firme, revelando sua surpresa.

Sorrio enquanto deslizamos pela estrada, até finalmente parar na frente da oficina. Apoio a Vespa com o pezinho e desligo o motor. Viggo arranca o capacete, a testa franzida de confusão.

— Lula, o que a gente está fazendo aqui?

Também retiro meu capacete.

— Aquela coisa que eu deixei de fazer na ida. Vem. — Seguro a mão dele, caminhando na frente e guiando Viggo até a entrada. Donnie está lá,

como prometido, parado na porta.

Viggo dá um abraço nele e fica olhando, confuso, enquanto Donnie se afasta.

— Vou cuidar bem dela para você — ele me diz.

— Valeu, Donnie. — Sorrio de volta.

Donnie pisca, devolvendo o sorriso.

— Pode contar comigo.

Viggo coloca as mãos na cintura.

— O que está acontecendo?

— A Pandora precisa de uma revisão.

Aquela expressão confusa volta.

— Quem é Pandora?

— Minha Vespa, querido.

O olhar dele se estreita.

— Desde quando você deu nome para Vespa... — Os olhos se arregalam. — Espera... Pandora?

Dou de ombros, sorrindo de um jeito provocador.

— Ela é uma grande heroína. Independente, contra casamento com todas as forças, mas muda de ideia depois que um homem doce e determinado decide que vai dobrar o mundo dele para encontrar ela onde ela está, e amar ela para sempre. — Me aproximo dele, envolvendo o rosto do Viggo com as mãos, passando o polegar na têmpora dele. — Ela tem um cérebro criativo e ágil, como o seu. Eu amei isso nela também.

Viggo engole em seco.

— Lula... você leu um romance?

— Um romance histórico — conto, abraçando a cintura dele e olhando para cima com um sorriso. — Devorei metade na noite anterior ao

casamento, enquanto você roncava feito uma serra. Terminei o resto hoje no avião.

Ele balança a cabeça, me olhando de cima.

— Lu, não sei se eu vou aguentar isso.

— É melhor você aguentar. Eu estou viciada. Assim que a gente chegar em casa, vou direto para o corredor de romance histórico na loja, e você vai montar minha lista de leitura.

Viggo morde o lábio.

— Sério?

Assinto.

— Foi lindo. Um pouco bagunçado. Muito esperançoso. — Mexo as sobrancelhas. — Bem sexy. Me deixou toda acesa.

Um sorriso largo explode no rosto dele.

— Como se você precisasse de ajuda nesse departamento.

Dou um tapa no ombro dele.

— Com licença — digo, com ar ofendido. — Eu não tenho culpa se tenho um namorado absurdamente sexy do qual não consigo me cansar.

— Eu sou seu namorado — ele canta.

— É mesmo. — Inclino a cabeça, ainda sorrindo para ele. — E agora, namorado, tem uma coisa que eu quero te mostrar.

— Ah, é?

Estico o braço por trás dele e abro a porta da oficina.

Lá está o Ashbury, ainda daquele laranja de cegar os olhos, mas agora sem um pingo de ferrugem. Pneus novos, interior marrom-chocolate brilhando de limpo. Por fora, parece o mesmo de sempre, mas eu sei que, por dentro, ele ganhou uma nova vida.

Viggo encara o carro, respirando com dificuldade.

— Tallulah, você não fez isso.

— Defina “não fiz”.

Ele se vira, piscando para conter as lágrimas, mas uma escapa e ele limpa com a mão.

— Você gastou tanto dinheiro. Consertou ele. Mulher, como você ousa!

Aperto a mão dele com força.

— Não fique bravo.

— Não estou bravo! Eu estou furioso!

Sorrio de leve.

— Não fique furioso. Meu livro está vendendo horrores. Eu podia ter consertado dez Ashburys e nem teria sentido no bolso. E teria feito isso, cem vezes, não porque acho que dinheiro compra sentimento ou felicidade, mas porque quero te dar coisas que te tragam alegria, Viggo, e às vezes, dinheiro é a melhor forma de fazer isso. Então, por favor, aceite esse presente.

Viggo me encara, passando a mão no rosto de novo.

— É demais, Lula.

— Um carro renovado por uma vida renovada? — Enlaço os braços em seu pescoço, puxando-o para perto. — Eu diria que saí ganhando nessa troca.

Ele me aperta contra o peito, a testa colada na minha.

— Eu não renovei sua vida — sussurra.

— Eu também não renovei seu carro — devolvo no mesmo tom. — A gente só usou o que tem de melhor para ajudar um ao outro.

Viggo suspira, um sorriso suave surgindo nos lábios. Ele se inclina e me beija com carinho.

— Você podia ter sido advogada.

— Eu sei. Mas sou tão feliz por ser escritora. Agora posso passar meus dias trabalhando ao seu lado, criando mundos, fazendo planos, trocando

ideias e esperanças. Não podia pedir coisa melhor.

Viggo me aperta com mais força.

— Obrigado, Lula. De verdade.

Beijo a bochecha dele, inspirando o cheiro que é só dele.

— De nada, meu amor. Feliz aniversário adiantado.

— Como você sabe quando é meu aniversário?

— Porque a Charlie me contou, claro. — Dou um beijo no pescoço dele também. — Achou que ia conseguir esconder seu aniversário de mim? — Balanço a cabeça. — Ah, você não perde por esperar o que eu planejei para amanhã.

Viggo geme, feliz.

— Esses planos parecem promissores.

— E são — sussurro.

— Contanto que não tenha mais presente — ele diz, se afastando um pouco e olhando fundo nos meus olhos. — Isso aqui já é mais do que eu mereço.

— Você merece sim. Isso e muito mais.

Ele funga, balança a cabeça e encara o Ashbury de novo.

— Caramba, ele está lindo.

Eu encaro Viggo, me afogando nele.

— Ele está mesmo.

Viggo me lança um olhar surpreso, entendendo o que eu quis dizer com aquilo.

— Não me olhe desse jeito, Clarke. A gente está num lugar público.

— Como se isso já tivesse nos impedido antes.

Ele enrubesce até as orelhas.

— Bom — digo —, a gente não precisa continuar em público por muito tempo, se você nos levar para casa logo.

Ele levanta as sobrancelhas, apontando para si mesmo.

— Eu?

Me aproximo dele, passando os braços ao redor da cintura, olhando bem nos olhos do homem que eu amo.

— Sim, você. Pandora vai ficar fora de combate por uns dias. Parece que vamos ter que ir de Ashbury mesmo.

Viggo balança a cabeça, sorrindo.

— Lula. O que eu vou fazer com você?

— Me levar para casa. O que me diz?

Ele segura meu rosto, os polegares acariciando minhas bochechas. Aquele olhar deslumbrante e apaixonado dança sobre o meu rosto.

— Eu diria que nada me faria mais feliz.

TRINTA E TRÊS

Viggo

Playlist: “Home”, Drew Holcomb

— Ei, Bergman.

Minha cabeça se vira rápido de onde estou, regando as plantas espalhadas pela livraria. Olho para o vão entre a loja e a casa, onde Tallulah está parada, iluminada por trás, recém-saída do banho, cabelo azul-gelo ainda molhado e um vestido estilo camiseta leve. Esse é rosa claro, como o que ela usou na noite de estreia. Um desejo lancinante rasga meu peito. Faz só algumas horas que voltamos, cada um se ocupando com as tarefas de cuidar dos animais, desfazer as malas, preparar quitutes para a loja – que reabre amanhã –, tomar banho para tirar o peso do voo, fazer o jantar... e mesmo assim, eu já estava com saudade dela. Eu sou um desastre apaixonado.

E não poderia estar mais feliz.

— Ei, Clarke.

Ela sorri, mas é um sorriso nervoso.

— As plantas sobreviveram direitinho?

— Sim. — Largo o regador. — Estão bem.

— Um dia — diz ela, se afastando do batente —, a gente vai fazer uma viagem que dure mais de quarenta e oito horas, e você vai ter que confiar em alguém para cuidar da Lisa, da Beverly e da Tessa.

Coço a nuca.

— Eu sei. É que elas são meio... temperamentais. Precisam de cuidados muito específicos.

O sorriso de Tallulah se abre enquanto ela caminha até mim e envolve meu pescoço com os braços. Puxo ela para perto, minhas mãos subindo pelas costas dela.

— Você entende bem de cuidar de uma dama temperamental, né?

Dou um sorriso, então me abaixo para beijá-la.

— Talvez eu entenda umas coisinhas.

— Hmm — ela murmura contra minha boca. Quando se afasta, morde o lábio e passa os dedos pelo meu cabelo. — Eu tenho... uma coisa para te dar.

Franzo a testa.

— Eu disse que não queria mais presente de aniversário. Ainda estou me recuperando de Ashbury.

— Não é um presente — diz ela, com cuidado. — Quer dizer, pode até parecer um presente. Espero que pareça. Mas não custou nada. Na verdade, foi um presente para mim.

— Como assim?

— Vem comigo — ela diz baixinho, puxando minha mão.

Sigo ela pela loja, atravessando o vão até a casa, onde somos recebidos por Romeu e Julieta, que estão radiantes com nosso retorno.

— Senta aí — ela diz, apontando para minha cadeira de balanço.

— Por quê?

— Porque... — Tallulah pega um manuscrito encadernado que estava na beira da mesinha de centro. — Você vai ficar lendo por um bom tempo.

Pisco, surpreso, enquanto ela se aproxima, sorrindo nervosa.

— Eu terminei. E espero que você goste. Só... não me diz se não gostar, tá? Quer dizer, diz sim, mas com jeitinho?

Puxo ela pros meus braços, com o manuscrito esmagado entre a gente.

— Sério? Você quer que eu leia?

— Quero — ela sussurra.

Sorrio, apoiando o rosto na cabeça dela.

— Posso começar agora?

— Por favor! Acabe logo com essa tortura! A tensão está me matando.

— Bom, somos dois, então. Você me deixou num suspense absurdo naquela última parte. — Me afasto um pouco, olhando para o manuscrito: *Habitat. Por Z. S. Ruhig.*

Inclino a cabeça.

— Seu pseudônimo, Lula. O que significa?

Tallulah solta uma risada curta.

— É bobo. Nossa babá, a Gretchen, sempre dizia de mim: *Sie ist sehr ruhig.* É alemão, quer dizer “ela é tão quieta” ou “tranquila”, depende do contexto. Fiz uma brincadeira com isso.

Inclino a cabeça de novo.

— Você não é tão quieta ou tranquila comigo, né?

Tallulah sorri.

— Não, não sou. Você, Viggo Bergman, tem um talento especial para me incendiar.

Sorrio também, me inclinando para beijá-la.

— De nada.

Ela dá um tapa na minha bunda e ri.

— Agora senta e vai ler esse final logo.

Sou um leitor rápido, mas agora estou devorando as páginas. Totalmente fisgado. Leio o último quarto do livro de Tallulah voando, balançando na minha cadeira, com o pé apoiado na mesinha e o coração na garganta.

Tallulah anda pela casa com dois gatos no ombro, e toda vez que pisa na tábua que range perto do banheiro, eu levo um susto.

— Lu, pare de andar em círculos! — Viro a página. — Você está me deixando à beira de um infarto.

— E você acha que eu estou como? — Ela diz. — Você está lendo o meu livro. Foi a pior ideia que eu já tive…

— Shh! — Meus olhos correm pela página, o coração disparado. É o último capítulo, e eu não acredito no que está acontecendo, como essa história virou.

A esposa... ela acabou de se jogar na frente do marido, protegendo ele da faca que vinha em sua direção. Minha cabeça gira. Não acredito em quem era o vilão esse tempo todo, não acredito no que o marido estava escondendo. E não aguento que a esposa está morrendo ali, diante dos meus olhos, enquanto ele derruba o vilão no chão e corre para ela, segurando-a nos braços, vendo a luz sumir dos olhos dela.

Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto leio a última linha do ponto de vista da esposa, enquanto a escuridão engole tudo. Mas então viro a página e ofego.

Um epílogo.

Do ponto de vista do marido. E a mulher com quem ele caminha devagar, de mãos dadas, cuidadoso com o corpo dela ainda em recuperação, até uma nova casa, um recomeço...

É a esposa.

Um soluço alto, cru, escapa de mim. Olho para Tallulah, que segura os gatos contra o peito, parada a poucos passos de mim, os olhos marejados, fixos nos meus.

— Você... — engulo em seco. — Você deu um final feliz para eles, Lu.

Ela assente, enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto.

— Eles ainda têm muita coisa para resolver. Estão longe de serem perfeitos.

Procuro o olhar dela, entendendo o que ela quer dizer de verdade.

— Eu sei.

— Mas eles se amam. E querem se amar do jeito certo — ela sussurra. — Então... vão continuar tentando. Continuar se escolhendo. Sem segredos, sem reservas. Só confiança.

Puxo ela para o meu colo, colocando o livro nas pernas dela. Tallulah me olha de cima, enquanto os gatos se embolam ao nosso redor, miando felizes, pulando do livro para o chão.

— Eu amei — digo.

— Você não terminou. Ainda faltam quatro páginas.

— Mesmo assim, eu já sei que amei.

Ela sorri, suave, e me beija.

— Fico feliz.

Retribuo o beijo, terno e lento, passando o braço pela cintura dela e puxando-a mais para perto.

— Agora — bato no livro —, que tal você fazer as honras?

— Quer que eu leia para você?

Sorrio.

— Quer ler?

Tallulah cora, abrindo o manuscrito devagar.

— Tá bom.

— Perfeito. — Sorrio para ela, recostando a cabeça na cadeira. — Eu estou confiando em você para cuidar do meu coração delicado aqui. Esses dois me fizeram sofrer demais. Esse final precisa terminar com um “e viveram felizes para sempre” ou eu vou surtar.

O sorriso de Tallulah fica maroto.

— É o final de um suspense, Bergman, não de um filme da Hallmark. Posso prometer que, embora acabe bem, não termina com a frase “e viveram felizes para sempre”.

Faço uma cara de tragédia grega que faz ela rir.

— O quê?!

Tallulah se inclina e me beija, suave e doce.

— Acho que você vai ter que encontrar seu final feliz em outro lugar. Talvez em uma daquelas centenas de livros lindos da sua livraria.

— *Nossa* livraria — eu sussurro, puxando ela para mais perto. — Mas, na real, já sei exatamente onde quero encontrar meu final feliz.

Ela se aproxima, a boca tocando a minha. Os olhos brilham, cheios de amor.

— E onde seria?

— Bem aqui — sussurro contra o beijo —, com você.

EPÍLOGO

Tallulah

Playlist: “The Power of Love”, Vitamin String Quartet

Três anos depois

Primavera no estado de Washington. Existe algo melhor? Depois daquela primavera, três anos atrás, deitada num mar de flores azuis, o homem que eu amo envolto nos meus braços, eu costumava achar que não. Mas agora eu sei que, de alguma forma, cada parte da vida continua ficando melhor e melhor, porque eu a compartilho com ele…

Viggo, meu amor, meu para sempre.

Neste exato momento, estou profundamente ciente dessa possibilidade impossível – algo melhor do que o melhor, uma alegria ainda maior do que eu imaginava, crescendo dentro de mim.

A luz do sol se espalha pelo campo, aquece minha pele, ilumina os olhos dele. Uma brisa morna de final de junho balança os pés-de-lobo azuis que dançam ao nosso redor. Com as pernas sobre Viggo, encaro os olhos dele, sinto o amor dele – no olhar que prende o meu, nas mãos em meus quadris, afundando na minha maciez, me segurando como se a vida dependesse disso.

— Deus — ele geme, jogando a cabeça para trás, se contorcendo sobre o cobertor sob nós, se movendo embaixo de mim. — Me cavalga com força, Lu. Mais forte.

Um gemido escapa de mim quando agarro a camisa dele com força, me jogando sobre ele, dentes batendo, línguas dançando. Viggo nos coloca

sentados, se afasta com habilidade e me vira, depois me ergue pelos quadris, com cuidado por causa do meu sensor colado à barriga. Ele passa as mãos, apreciando, sobre a minha bunda enquanto se encaixa de novo. Um gemido escapa dele, e eu olho por cima do ombro, arrepiada com a visão: cabeça inclinada para trás, o sol dourando o cabelo e os cílios dele, brilhando sobre a pele. Ele abre os olhos e encontra os meus, um sorriso sexy e cúmplice surgindo em sua boca.

Viggo se inclina sobre mim e me prende, beija meu ombro, meu pescoço, minha bochecha. Ele vira meu rosto e toma minha boca num beijo forte e lento.

— Eu te amo — ele sussurra.

— Eu também te amo — eu sussurro de volta. Minha boca se entreabre quando ele investe em mim, daquele jeito controlado, provocante e maravilhoso que ele tem agora, que me deixa à beira do êxtase até eu implorar por alívio.

— Eu preciso — imploro, enquanto a mão dele desce, cobre meu seio, depois desliza pela barriga, contorna meu sensor, até que os dedos dele estão onde eu mais preciso: entre minhas coxas, circulando, espalhando a umidade, circulando mais.

— Eu sei do que você precisa — ele diz baixo, beijando meu pescoço, mordendo de leve.

Ofego quando sinto-o inchar dentro de mim, e empurro o quadril para trás, querendo ainda mais.

— Isso, Lu — ele geme, me tocando mais rápido, girando o quadril enquanto está fundo em mim. O calor, doce e intenso, me atravessa, enquanto ele me puxa mais para perto, minhas costas coladas ao peito dele, e sussurra, quente no meu ouvido: — Goza no meu pau, Lu. Vai. Se entrega.

Grito ao gozar e suspiro de prazer quando ele segura meu queixo, mantém minha boca na dele, enquanto pragueja e me beija, perdido, entregue. Amo ver, sentir, ouvir – o prazer estampado no rosto dele enquanto bombeia em mim, o olhar enevoado, a boca entreaberta, os sons desesperados, a respiração quente e ofegante. Ele geme meu nome, se derrama em mim e me aperta com força.

Desajeitados, afundamos sobre o cobertor, Viggo pesado sobre mim, a respiração dele no meu pescoço. Ele beija meu ombro, lento, saboreando, depois sai de mim com cuidado e cai de lado, me puxando junto até eu virar de frente para ele. Respiramos, ofegantes, enquanto nos encaramos, os sorrisos suavizando nossos rostos quando nos inclinamos para beijos mais calmos.

Suspirando, Viggo joga a cabeça para trás no cobertor e sorri para o céu.

— Caralho, Lu. Você, no meio da natureza... é selvagem.

Lanço um olhar contido para ele, apontando ao redor para as flores que nos escondem, no terreno da nossa cabana.

— Estamos isolados.

Ele bufa, virando a cabeça na minha direção.

— Não tão isolados assim.

Dou risada quando nos beijamos, e rio ainda mais enquanto tateamos pelas roupas, quando ele erra o botão da camisa e eu coloco a minha de trás para frente. Depois de vestidos, fico de pé, saboreando o vento no rosto, o sol beijando minha pele, e então estendo a mão para ele.

— Vamos. Temos um cronograma a cumprir.

Ele franze a testa.

— Temos?

— Temos.

Viggo segura minha mão e se levanta também, me acompanhando pelo campo. Caminhamos de mãos dadas, em silêncio, balançando os braços, trocando sorrisos e beijos até chegarmos à clareira em frente à cabana, onde Ashbury está estacionado, esperando por nós, ainda confiável depois de três anos e várias viagens pela costa.

— Aonde a gente tem que ir? — Viggo pergunta.

Sorrio e dou de ombros, fingindo mistério.

— Você vai ver. Agora, me entregue as chaves, por favor.

Ele estreita os olhos, mas sorri ao me entregar as chaves, depois me segue até o carro enquanto dou uma olhada rápida no app, checando se minha glicose está dentro do intervalo – como sempre faço antes de dirigir. Guardo o celular no bolso quando ele abre a porta para mim e fecha depois que me acomodo. Assim que Viggo entra também, os dois com os cintos afivelados, dou partida no carro e nos levo, com cuidado, até a estrada principal, de volta à cidade, rumo ao que espero ser o futuro que ele queira dividir comigo.

Fico quieta, porque estou nervosa. Tento disfarçar, colocando uma música animada, passando a mão na coxa dele, mas Viggo percebe. Ele me observa de perto, a mão repousando sobre a minha com carinho, cantarolando junto com a música, se conectando comigo, exatamente onde estou – como sempre fez.

Quando paramos em frente ao que era, até um mês atrás, a mercearia da Sarah – um lugar querido pelos Bergman, de uma amiga muito próxima da família –, Viggo franze a testa. Um suspiro pesado escapa dele.

Agora é minha vez de segurar a mão dele. Eu sei que ele está triste com o fechamento da loja, com Sarah se aposentando. Mas espero que, logo, ele fique feliz de novo.

— Vamos — digo, abrindo a porta.

Viggo também sai e me acompanha até a entrada da loja. É quando viro para ele, segurando a chave em mãos.

O olhar dele desce até a chave e depois volta para o meu rosto.

— Tallulah Jane Clarke. O que foi que você aprontou?

Sorrio.

— Dessa vez não gastei um monte de dinheiro pelas suas costas. Prometo. Só vim com... uma ideia. Um sonho.

Ele inclina a cabeça.

— Como assim?

Soltando um suspiro lento e firme, aperto a mão dele e seguro o olhar.

— Esse lugar é nosso, se quisermos. A Sarah... ela quer que a gente fique com ele. Para abrir a próxima Bergman’s Books.

Os olhos dele se arregalam.

— Tem uma casa nos fundos, como você sabe. É antiga e está meio acabada. Precisa de bastante carinho e trabalho. Pensei que poderíamos arrumar esse lugar juntos. Imaginei que, quando chegasse a hora de consertar tudo, eu seria um excelente segundo par de mãos, e que toda a sua família maravilhosa e habilidosa ajudaria meu marido, que lideraria o projeto, tão talentoso em construir coisas, reviver, dar vida a elas.

Viggo me encara, os olhos ficando úmidos.

— Eu... não sou seu marido, Lu.

— Não — eu sussurro, lutando contra minhas próprias lágrimas. — Mas eu quero que seja.

Ele solta o ar com força, o rosto se desmanchando.

— Lula…

— Eu te amo, Viggo. — Aperto a mão dele com força, o coração acelerado. — Quero acreditar, sonhar, ter esperança e construir uma vida com você, do que já temos até o que ainda podemos ter. Quero filhos, caos,

e uma alegria que sempre tenha a última palavra, mesmo quando a tristeza vier. Quero isso com você, só com você. Você quer casar comigo?

Ele balança a cabeça, desesperado, me puxando nos braços, me beijando forte e fundo.

— Deus, você tem um jeito com as palavras, Lula.

Sorrio nervosa, olhando para ele.

— Isso é um sim?

Ele ri baixo, depois beija a pontinha do meu nariz.

— Sua boba. É sim. Sempre foi. É você. É essa vida com você, só você e para sempre você, que eu quero. Claro que quero me casar com você.

Enlaço os braços no pescoço dele e o beijo com todo o meu coração, amando-o mais do que jamais imaginei ser possível.

Sorrio contra o beijo, cheia de alegria. Sabendo que, de alguma forma milagrosa, a cada novo dia, vou amar ainda mais – meu amigo, meu parceiro, meu coração.

Meu felizes para sempre.

Viggo

Tallulah e eu dirigimos por toda parte, porque o dia está lindo, e isso é algo que adoramos fazer juntos – passear de Ashbury, janelas abaixadas, música tocando, conversando sobre os livros que lemos, a próxima ideia de história dela, os planos para a nova livraria, sonhando com o que está por vir.

Interrompemos o passeio com um piquenique que Tallulah preparou, aproveitado sobre o capô de Ashbury, admirando a vista de tirar o fôlego das montanhas, os pinheiros verde-esmeralda e o céu cor de safira, a luz dourada e os campos salpicados de flores silvestres como pedras preciosas. Depois voltamos para casa, a luz suave do entardecer atravessando as árvores, banhando o chalé em formato de A com sombras esfumaçadas e

lampejos perolados da luz que se despede. Estou nas nuvens quando subimos os degraus da casa, de mãos dadas, eu e minha noiva.

Minha noiva.

Sorrio feito um bobo para Tallulah. Ela sorri de volta e aperta minha mão com força.

— Por que você não faz as honras? — Ela indica a porta da frente, me entregando as chaves.

Pego as chaves, sorrindo de novo para ela enquanto destranco a porta. Estou esperando que ela se abra suavemente, revelando a casa silenciosa, espaço e sossego para que Tallulah e eu preenchamos nesta semana, fazendo amor, dormindo até tarde, cozinhando juntos, lendo na varanda, tomando nosso café.

Mas o que me recebe é o completo oposto.

— Surpresa! — O som me pega desprevenido, a imagem ainda mais. Cada membro da minha família sorri para mim, tocando kazoo, com chapeuzinhos de festa na cabeça, balões flutuando no teto.

Fecho a porta atrás de mim, atordoado. Confete cai na minha cabeça, por pouco não acertando Tallulah, que milagrosamente sabia com antecedência e pulou para o lado.

Oliver gargalha, erguendo o punho vitorioso.

Reviro os olhos, mas estou sorrindo tanto que meu rosto dói. Tallulah ri de barriga cheia, se esticando na ponta dos pés para tirar o confete do meu rosto.

— Feliz aniversário, Viggo.

Balanço a cabeça, tentando – e falhando – manter uma expressão séria, enquanto estreito os olhos para ela.

— Você é ardilosa, mulher.

— Não é todo dia que se faz trinta anos — ela diz. — E eu sei o quanto você adora surpresas. Eu tinha que fazer isso.

Puxo-a para perto, sorrindo para ela.

— Também não é todo dia que a gente fica noivo. Melhor presente de aniversário da vida.

Ela pousa a mão sobre meu peito.

— Que bom que você disse sim.

— Que bom que você pediu — respondo, sorrindo ao sentir o estojo do anel no bolso, queimando feito brasa. Já sei quando vou entregar. Amanhã de manhã, só nós dois na varanda dos fundos, com um café na mão, vendo o mundo acordar, um novo dia, o começo do resto da nossa vida.

— Quando você quer contar para eles? — ela sussurra, enquanto começamos a caminhar em direção à família, ainda tocando kazoo, batendo balões uns nos outros.

Respiro fundo aquela alegria, o riso, tão vívido e bonito quanto a presença e o presente de cada um ali por mim, todos os meus sobrinhos, irmãos, irmãs, meus pais, todos no mesmo lugar.

Paro e envolvo Tallulah nos braços, e a beijo, longo e profundo.

— Tá brincando? Agora mesmo.

Mudar qualquer coisa no chalé em formato de A é um grande acontecimento. O charme do lugar é justamente sua constância – as camas sempre nos mesmos lugares, os talheres na mesma gaveta, os mesmos livros gastos na estante, o sofá que eu sei, por experiência própria, que já foi movido para transas empolgadas em frente à lareira, mas sempre volta para o lugar depois.

Só em ocasiões muito especiais é que a gente muda algo. E hoje é um desses dias.

A longa mesa de madeira que normalmente domina a sala principal, depois de muitos bufos e palavrões seguido de risada, agora está estendida na varanda dos fundos, com luzes penduradas por cima e velas espalhadas sobre a mesa, iluminando tudo com um brilho suave e aconchegante.

Olho ao redor da mesa, meu peito se enchendo com a visão de toda a minha família – e da Tallulah também –, os pais dela, o irmão, Harry, além de Charlie e Gigi. Sarah, cuja loja vamos reabrir, ri com a cabeça encostada na da minha mãe. Meu pai sorri, mergulhado numa conversa com Linnea, sentada no colo dele, contando algo que prende completamente sua atenção. Crianças batucando, colorindo, bebês balbuciando e rindo, passando de um colo amoroso para outro. Todas essas pessoas que nos amam, que estão radiantes por nós, celebrando o final feliz que eu tanto temi nunca encontrar.

Tallulah segura minha mão sob a mesa, e eu encontro seu olhar. Ela sorri.

— Feliz?

— Mais do que achei que era possível.

Ela aperta minha mão com força. Levo a dela até os meus lábios e beijo de leve seus dedos.

— Um brinde — diz meu pai, levantando-se devagar, com a taça na mão. Linnea corre até mim, tão alta e magra agora, uma menina de dez anos ocupada e brilhante, que virou minha especialista em literatura infantil, sempre me ajudando a escolher os melhores livros novos para a loja. Abro os braços para ela, aperto-a forte num abraço, antes que ela dê a volta em mim e vá até o irmão mais novo, Noah, e o levante no colo.

Noah se inclina em minha direção, e eu o pego, aconchegando-o no meu colo. Ele encosta a cabeça no meu ombro e suspira enquanto faço carinho em suas costas. Sorrio para Tallulah, que me observa, o sorriso dela iluminando a boca.

Linnea abraça Tallulah por trás.

— Lula Azul — sussurra Linnea.

Tallulah olha por cima do ombro.

— O que foi, Linnie Loo?

— Tem lenço aí?

Tallulah franze a testa.

— Por quê?

— O tio Viggo vai precisar.

Olho para as duas.

— O quê?

— Estamos aqui — diz meu pai, chamando minha atenção —, porque esta casa é, mais do que qualquer lugar, o lar da nossa família. É para cá que a gente vem nos momentos importantes — casamentos, aniversários…

As taças se erguem na minha direção, vozes doces celebrando, brindes a muitos anos mais. Sorrio, engolindo contra o nó na garganta.

— Noivados — acrescenta meu pai, sorrindo para nós.

Tallulah encosta a cabeça no meu ombro e segura meu braço.

— Embora eu esteja muito feliz por estarmos todos aqui — continua meu pai —, embora eu deseje que muitos outros momentos felizes aconteçam neste lugar, acho importante lembrar que, no aniversário do nosso Viggo, no dia do noivado com Tallulah, que amamos de todo o coração, mesmo que a gente perdesse essa casa, mesmo que nunca mais voltássemos aqui, isto — ele gesticula em volta da mesa — seria tão vibrante, tão real quanto.

Ele se vira para mim, com um sorriso e olhos cheios de orgulho.

— Viggo, você ama de um jeito que ninguém mais que eu conheço ama. Você envolve cada pessoa que tem no coração com tanto amor, mesmo quando ela não sabe o que fazer com isso, mesmo quando esse abraço é apertado demais.

Minha família ri. Eu rio, a garganta embargada, piscando para espantar as lágrimas.

— Somos tão gratos pela luz que você trouxe ao nosso mundo há trinta anos, por todas as formas com que se jogou em nos amar, nos lembrando que o amor não é uma ideia, mas algo vivo, que respira. Estamos muito felizes por você ter encontrado alguém que acredita nisso também, que vive esse amor com você.

Ele ergue a taça.

— Ao Viggo, e à Tallulah, ao casal feliz que encontrou o lar no coração um do outro. — Ele olha para minha mãe, que segura sua mão e sorri. — Conta para eles, querida. Aquilo que você sempre me disse.

Minha mãe olha para mim, sorrindo ainda mais.

— Lar não é um lugar. Lar é... isto aqui. — Ela olha ao redor da mesa. — Nossos corações, nosso amor, nos costurando juntos, onde quer que estejamos. Onde quer que a vida leve vocês, que saibam que têm um lar em nossos corações, e que seus corações sejam sempre o lar um do outro.

Ergo minha taça junto com Tallulah, e com todos à mesa.

— Amo todos vocês — digo, a voz embargada. — Obrigado.

O ronco de Noah no meu peito me faz rir na hora, seus cachinhos escuros fazendo cócegas no meu queixo, a mãozinha grudenta quente sobre meu braço. Aliso seu cabelo, beijo sua cabeça e olho para Tallulah, que me observa com tanto amor que meu coração dói.

— Como você tá, Lulaloo?

— Não podia estar mais feliz — ela sussurra, e me beija. — E você?

— O mais feliz do mundo.

Tallulah ergue o rosto e me beija de novo. Seguro sua mão sobre meu peito, firme e tranquila, em paz, certo de que meu coração encontrou seu lar, de que Tallulah vai estar sempre ao meu lado. Envolvo a mulher que amo com o braço e encosto a cabeça na dela, enquanto olhamos a mesa, cheia da minha família, a brisa quente e doce balançando as luzes e as chamas das velas, sussurrando entre as árvores.

Poderia ser mágica, dançando no ar feito vaga-lumes brilhando no escuro. Mas eu sei o que é de verdade, tecido entre nós, tão essencial quanto o vento, as marés, o sol que vai nascer e se pôr amanhã; o que me sustentou, me curou, o que me deu essa vida para compartilhar com a mulher que adoro, esse futuro que mal posso esperar para viver…

Amor.

AGRADECIMENTOS

Enquanto me sento para escrever estes agradecimentos, buscando palavras para me expressar, lembro do que Knightley diz para Emma em *Emma*, da Jane Austen; do que Axel, com palavras muito parecidas, diz para Rooney, em sua história – *"Se eu te amasse menos, talvez conseguisse falar mais sobre isso."* Eu amo essa série, esse volume final, minhas leitoras, o presente e o trabalho que é escrever, com tanta intensidade, que, se eu não amasse tanto, articular o que tudo isso significa para mim seria com certeza mais fácil. Mas essa é a beleza, o ponto, o coração do que escrevo e do porquê escrevo – que amar profundamente, se entregar de corpo e alma a quem e ao que se ama é, paradoxalmente, tanto a coisa mais fácil quanto a mais difícil que fazemos. Requer vulnerabilidade, coragem, confiança e esperança, o risco de nos expormos por inteiro – nossos passados, nossos medos, nossas feridas – que o mundo nos ensinou a proteger e esconder. Essa vulnerabilidade é difícil e assustadora... mas também nos concede o presente mais bonito que seria impossível de outra forma: quando encontramos quem nos acolhe por inteiro e nos ama por completo; quando encontramos espaços seguros com pessoas que nos veem em nossa humanidade plena e afirmam essa verdade milagrosa.

Sem risco, não há recompensa.

Então estou aqui, agradecendo a cada leitora que enxergou minha vulnerabilidade, meu coração escancarado derramando a crença de que toda pessoa merece uma história de amor, e por recompensarem esse risco, por receberem meus livros de braços abertos e os acolherem. Obrigada a cada uma que mandou mensagens, e-mails, DMs, bilhetes; que me abraçou em eventos e confiou em mim com suas palavras e seus corações para me contar que os Bergmans deram a elas um lar, uma afirmação, um encorajamento de que merecem amor exatamente como são, que existem pessoas por aí que são dignas do seu amor e que merecem a chance de conhecer e amar cada parte difícil e terna de seus passados, presentes e futuros. Obrigada por usarem suas vozes para compartilhar minhas histórias e me ajudarem a encontrar novas leitoras. Obrigada, vendedoras de livrarias e bibliotecárias, por defenderem essa série quando ela era autopublicada e

tão mais difícil de colocar nas lojas e nas bibliotecas. Estou tão feliz que agora será muito mais fácil tê-los em estoque, mas nunca vou esquecer ou ser menos grata por quanto vocês batalharam por esses livros quando era mais difícil.

Obrigada à minha editora, Berkley, e à talentosa equipe de lá, que amplificou essas histórias e lhes deu uma chance de alcançar novas leitoras, novos corações e mentes, que espero que encontrem nos Bergmans um lar longe de casa, um lugar genuinamente feliz.

Não consigo expressar o quanto sou grata por essa jornada ter me dado uma comunidade que eu nunca imaginei possível, transformando algo que começou como uma esperança pequena e privada – uma necessidade minha, como uma leitora de romances neurodivergente com condições crônicas, que ama tantas pessoas vivendo realidades semelhantes, e que ansiava ver essas realidades não diminuídas, envergonhadas ou escondidas, mas sim tratadas com amor e autenticidade nos romances. Obrigada por tornarem possível contar histórias felizes e esperançosas sobre pessoas com corpos, mentes e corações reais, com lutas e vulnerabilidades humanas – por tornarem possível que esse seja o meu trabalho, minha vocação.

Obrigada à Becs e à Sarah, que me acolheram e encorajaram enquanto eu lutava contra o burnout e todos aqueles sentimentos intensos e irritantes que a escrita insiste em arrancar das minhas emoções toda vez que me sento para escrever – mas especialmente ao escrever este desfecho dos Bergmans. Obrigada por me sustentarem com afirmação, compreensão, gentileza e cuidado.

Obrigada à Jen e à Izzy, por sua sabedoria e feedback como fontes de autenticidade para essa história – sua intenção, dedicação e atenção tornaram este livro muito melhor, e não tenho palavras suficientes para agradecer.

Obrigada à Katie e à Kayla, que incansavelmente gritaram seu amor e despejaram sua criatividade na divulgação dos Bergmans, que gritaram e celebraram comigo quando compartilhei pequenos trechos do livro durante a escrita. É raro e especial ter pessoas que amam esse mundo tanto quanto eu, e sou imensamente grata pelo espaço que criaram para compartilhar isso comigo.

Obrigada à Sam, minha agente, sem a qual eu jamais conseguiria navegar por esse caminho editorial – não só porque sou péssima em

interpretar contratos (o que, de fato, sou), mas porque há tanto esforço, estratégia, sabedoria e trabalho envolvidos em transformar minhas histórias de sonho em realidade, de uma faísca de esperança a um livro lindo nas prateleiras – e ela é uma estrela absoluta em tornar isso possível.

Por fim, obrigada aos meus filhos queridos, que aguentaram a mãe super ocupada esse ano enquanto eu concluía o universo dos Bergmans. Vocês aguentaram firmes e foram pacientes, e espero ter mostrado que às vezes a gente precisa queimar a vela dos dois lados por aquilo que deseja com todo o coração – e que vale a pena – mas que também é fundamental cuidar de si mesma depois de uma temporada tão exaustiva. Dormir, ler por prazer, brincar à toa, caminhar sem rumo e olhar para as nuvens com o mesmo encantamento simples por tudo o que sabemos do mundo e tudo o que ainda temos para descobrir. Obrigada por ficarem ao meu lado – conseguimos, enfim, chegar à piscina, comemos muitos cachorros-quentes e provavelmente Icees demais, passou rápido demais, mas eu aproveitei cada segundo, e eu amei. E amo vocês.

E por último, mas nunca menos importante: obrigada, meu Dr. B, por cada abraço longo e firme, por me lembrar que eu era capaz de escrever este livro; por me fazer rir alto e abrir espaço para que eu sentisse profundamente. Você é a dose perfeita de caos e doçura, e sou muito feliz por te amar – mesmo quando você me compara, e aos meus looks, com o Smee.

A história de Viggo e Tallulah é sobre pessoas lidando com as formas que aprenderam para se proteger da dor e do sofrimento – um instinto profundamente humano, natural – e sobre desaprender esses padrões, deixar essas armaduras de lado e, ao fazer isso, se abrirem para a complexidade bagunçada e mágica da cura e do amor. A história deles, como todas as minhas histórias, é, no fundo, sobre vulnerabilidade. Sobre como é difícil praticá-la e como é lindo vivê-la, quando finalmente encontramos quem nos faz sentir seguras para isso. Espero que, mesmo que você não tenha TDAH como o Viggo ou diabetes tipo 1 como a Tallulah, tenha se sentido vista e acolhida na jornada deles – lembrada e encorajada de que está tudo bem ter medo da profundidade e do risco que envolvem relações íntimas, ter receio de confiar sua vulnerabilidade a outras pessoas; que, se já foi machucada ou punida por essa confiança no passado, a culpa foi de quem falhou com você – nunca sua; que você merece estar cercada de amigas, família, parceiras,

uma comunidade, que conheçam suas dores, seus medos e suas lutas, que cuidem de você, que te considerem, te acolham e te amem por inteiro.

A série dos Irmãos Bergman, encerrando com este livro, retrata uma família grande e bagunçada, uma família encontrada, amigas – pessoas imperfeitas tentando amar umas às outras da melhor forma possível. Há tropeços e muitos desafios no caminho, mas, no fim, o amor delas é acolhedor, afirmativo e profundamente seguro. Algumas pessoas podem dizer que isso não é muito realista. Ao que eu respondo: eu gostaria que fosse, e é por isso que escrevo. Como Oscar Wilde disse, *"A vida imita a Arte muito mais do que a Arte imita a Vida."* Eu acredito que histórias que afirmam o valor de cada pessoa em ser amada e pertencer têm o poder de transformar vidas – de nos tocar, curar e aprofundar nossa empatia por nós mesmas e pelas outras. Histórias têm o poder de remodelar nossos corações e mentes, nossas relações e, no fim, o mundo em que vivemos.

Espero que, assim como foi para mim, esse universo dos Bergmans seja um refúgio para você, leitora, onde esses relacionamentos íntimos consigo mesma e com as outras – sejam platônicos, familiares, românticos ou além – afirmem a esperança que temos em comum: que podemos ser curiosas, de mente aberta e coração aberto, sem sermos julgadoras; que podemos acolher e abraçar umas às outras, exatamente como somos, e nos tornarmos melhores, mais sábias, mais gentis, por termos experimentado tudo o que é possível quando o fazemos.

Obrigada por embarcar comigo nessa jornada. Mal posso esperar para ver aonde ela vai nos levar a seguir.



Chloe Liese escreve romances que refletem sua crença de que todo mundo merece uma história de amor. Suas histórias são carregadas de paixão, emoção e bom humor, e frequentemente trazem personagens neurodivergentes, como ela mesma. Quando não está sonhando com seu próximo livro, Chloe passa o tempo explorando a natureza, jogando futebol e, com mais alegria ainda, em casa com sua família e seus gatos arteiros.